

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**“Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste  
nu mundo”:**

**O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)**

**Viviane Prado Bezerra**

**Fortaleza / CE  
Agosto / 2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**“Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste  
nu mundo”:**

**O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)**

**Viviane Prado Bezerra**

**Dissertação apresentada à coordenação do  
Programa de Mestrado em História Social da  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de mestre, sob a orientação da Profa. Dra.  
Adelaide Gonçalves.**

**Fortaleza / CE**

**Agosto/ 2008**

## **BANCA EXAMINADORA**

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelos seguintes professores:

1. \_\_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Adelaide Gonçalves – UFC (Orientadora)

2. \_\_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Berenice Abreu de Castro Neves  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

3. \_\_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Maria do Socorro de Abreu e Lima  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Aprovada em \_\_\_\_ de Agosto de 2008.

## **Dedicatória**

À minha mãe, por estar ao meu lado, me apoiando e fortalecendo sempre. Por ser minha fonte de inspiração para viver, estudar e trabalhar. A ela eu dedico essa conquista.

A todos que dedicaram suas vidas e sonhos ao MEB e ao Dia do Senhor. São eles a principal razão desta dissertação.

## **Agradecimentos**

Para vencer cada etapa do mestrado até chegar à dissertação, contei com a ajuda e o apoio de muita gente, com quem eu sabia poder contar, por acreditar em minha determinação, e também pessoas que foram aparecendo na minha vida em momentos difíceis da caminhada acadêmica, que me surpreenderam com gestos de doação e palavras de estímulo. É o momento de retribuir o carinho e a confiança dados a mim.

De início, agradeço à orientadora, Adelaide Gonçalves, pelos sábados e feriados dedicados a mim. Por compartilhar comigo sua experiência e conhecimento. Por acreditar no meu trabalho e me ajudar a superar as limitações. Manifesto meu carinho e admiração por ela, que se tornou para mim, referência de ser humano e profissional de História.

Agradeço aos professores da linha Trabalho e Migração da Universidade Federal do Ceará - UFC, Eurípedes Funes, Edilene Toledo e Frederico de Castro Neves, pelas aulas e ajuda na compreensão do MEB e Dia do Senhor, como movimentos para além da dimensão institucional, mas, sobretudo, na dimensão social e cultural.

Em particular, ao Prof. Dr. Eurípedes Funes e à Prof. Dra. Sulamita Vieira, agradeço as pertinentes considerações quando da banca de qualificação.

Agradeço o apoio financeiro da CAPES, imprescindível para a realização desta pesquisa.

Muito obrigada aos professores do Departamento de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA: Carlos Augusto dos Santos, Raimundo Nonato, Gleison Monteiro, Edvanir Maia e Chrislene dos Santos, pelas orientações e observações no momento que esta dissertação era ainda um projeto. Portanto, compartilho com eles, a conquista de uma vaga na seleção do mestrado da UFC, em 2006.

Agradeço aos colegas de turma pela troca de saberes em sala de aula e pela alegre convivência. Em especial, agradeço aos meus “três amores” Igor, Agostinho e Ruy, pelo carinho, companheirismo e apoio durante o ano de 2006. Neles, descobri grandes amigos.

Sou imensamente grata àqueles que se fizeram sujeitos nesse trabalho, os meus entrevistados: Padre Albani Linhares, Leunam Gomes, João Batista do Espírito Santo Justo, João Ribeiro Paiva, Manuel Linhares, Manuel Zenóbio Vasconcelos, Joaquim Severiano, Celisvaldo Pereira Lima, Vicente de Paula dos Santos, Noberto Ferreira Filho (Seu Ferreirinha), Antônio Pires, Germelina de Fátima Parente, Felisbela Parente Paiva, Hermínia Libertato, Maria Valnê Alves e Conceição Araújo. Obrigada por disponibilizarem seu tempo, pelas valiosas lembranças e, em alguns casos, por gentilmente terem cedido documentos imprescindíveis para a escrita da dissertação. A todos, minha sincera admiração.

Ao Padre Albani Linhares, por haver aberto as portas de sua casa, permitido conhecer a História do Movimento do Dia do Senhor e me apaixonar por ela. Aqui declaro meu carinho por ele. *In Memoriam*.

Aos diversos camponeses que me comoveram com suas histórias de vida. Obrigada por acreditarem e lutarem por um mundo melhor e mais justo.

À Diocese de Sobral por ter permitido acesso ao arquivo do Movimento de Educação de Base – MEB.

Ao Pedro Eymar, pela gentileza e prontidão com que me ajudou no aprontamento das fotografias aqui utilizadas.

À Dona Regina e Sílvia, pelo cuidado com nossa documentação e pela cordialidade com que sempre me receberam na coordenação.

Impossível deixar de agradecer a minha família pelo incondicional apoio. Ao meu pai, minha mãe e minha irmã, obrigada pela compreensão e pelas palavras de conforto e estímulo quando pensei que não fosse conseguir.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos Leumim e Luciana pela incondicional amizade, bem como, a turma das AMIGAS, por compartilharem comigo os risos e lágrimas dessa caminhada acadêmica.

Por fim, agradeço ao Divino Espírito Santo, por me cobrir de luz e sabedoria quando da elaboração desta dissertação. Em reconhecimento da minha fé.

## **Resumo**

Esta dissertação estuda o Movimento de Educação de Base - MEB e o Movimento do Dia do Senhor, na Diocese de Sobral – Ceará, no período de 1960 a 1980, no contexto do Concílio Vaticano II. O estudo aborda as experiências de alfabetização e evangelização de camponeses, observando o discurso de libertação e a pedagogia de Educação Popular. Aborda os Movimentos no quadro de outras experiências de trabalhadores rurais, bem como seus projetos político-pedagógicos. Ressalta-se o impacto da programação radiofônica do MEB e o material educativo produzido no âmbito dos cursos de formação e as cartas comunitárias como elementos de conquista da palavra. Como parte do projeto do Dia do Senhor, com ênfase na conquista da autonomia dos camponeses, o estudo destaca os depoimentos e a escrita dos trabalhadores, onde a conscientização e libertação dos pobres constituem a idéia-força, problematizando a fala e a escrita do povo como elementos de autonomia, “reivindicação existencial” e luta coletiva.

**Palavras-chave:** Igreja Católica, Movimentos Populares, Camponeses, Ceará.

## **Abstract**

This dissertation studies the Movement of Education of Base - MEB and the Movement of the Day of the Mister, in the Diocese of Sobral - Ceara, in the period from 1960 to 1980, in the context of the Concilio Vaticano II. The study approaches the literacy experiences and farmers' evangelization, observing the liberation speech and the pedagogy of Popular Education. It approaches the Movements in the picture of other experiences of rural workers, as well as your political-pedagogic projects. It is pointed out the impact of the programming radiofonic of MEB and the educational material produced in the ambit of the formation courses and the community letters as elements of conquest of the word. As part of the project of the Day of the Mister, with emphasis in the conquest of the farmers' autonomy, the study detaches the depositions and the workers' writing, where the understanding and the poor liberation constitute the idea-force, problematizing the speech and the writing of the people as autonomy elements, revindication and protest.

**Keywords:** Catholic church, Popular Movements, Farmers, Ceara.

## **Lista de Siglas**

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base  
CEPAL - Comissão de Estudos para América Latina  
CETRESO - Centro de Treinamento de Sobral  
CETRESO – Centro de Treinamento de Sobral  
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNER – Campanha Nacional de Educação Rural  
Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura  
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos  
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas  
EMATERCE – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará  
FASE – Federação dos Órgãos para a Assistência Social e Educacional  
GESCAP – Grupo Especial de Socorro às Vítimas de Calamidades Públicas  
JAC - Juventude Agrária Católica  
JEC - Juventude Estudantil Católica  
JIC - Juventude Independente Católica  
JOC - Juventude Operária Católica  
JUC - Juventude Universitária Católica  
MCS - Meios de Comunicação Social  
MEB - Movimento de Educação de Base  
MEC – Ministério de Educação e Cultura  
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização  
NOVA - Pesquisa e Assessoria em Educação  
PT – Partido dos Trabalhadores  
SESI – Serviço Social da Indústria  
SIRH / CE – Sistema de Informações dos Recursos Hídricos e Meteorológicos do Ceará  
SNI – Serviço Nacional de Informação  
UVA – Universidade Vale do Acaraú

## **Lista de Figuras**

Figura 1: Mapeamento dos municípios em que o MEB atuava. Relatório 1976. MEB/Sobral.

Figura 2: MEB/Sobral. Curso de Produtor de Algodão. Convênio MEB e EMATERCE. Relatório 1976.

Figura 3: Alfabetização de Adultos – Experiência com camponeses. Informações sobre o encaminhamento das aulas, 1987.

Figura 4: Comunidade Santa Luzia. Vencedora do troféu “Ação Comunitária” em 1976. Relatório 1976. MEB/Sobral.

Figura 5: Correspondências comunitárias. Sítio Estevão. Pe. Linhares. Paróquia de Massapê, 1981. Maria Assunção Cunha. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

Figura 6: Correspondências Comunitárias. Carta de Margarida Diniz. Comunidade Sítio Izídio. 1981. Arquivo MEB.

Figura 7: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Laura Messias da Costa. Acaraú. 05/ 06/ 1981. Arquivo MEB.

Figura 8: Correspondências comunitárias. Comunidade de Belém, 1981. Carta de Raimundo. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

Figura 9: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Laura Messias. Acaraú. 05/ 06/ 1981. Arquivo MEB.

Figura 10: Correspondências Comunitárias. Carta do Grupo Jovem Caminhando com Cristo. Acaraú. 30/ 08/ 1981. Arquivo MEB.

Figura 11: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade Santo Izídio. 02/ 05/ 1981. Arquivo MEB.

Figuras 12 e 13: Correspondências Comunitárias. Cartas das Comunidades de Equitós (08/ 08/ 1981) e Dourado (28/ 09/ 1981). Arquivo MEB.

Figura 14: Correspondências Comunitárias. Carta de Antônio Aduato Clarindo e Luiz Ferreira de Souza. Comunidade Pé da Serra. 04/ 07/ 1981. Arquivo MEB.

Figura 15: Correspondências Comunitárias. Comunidade Sítio São João da Baixa Grande – Meruoca. S/d. Arquivo MEB.

Figura 16: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Angelina Batista. Comunidade de Bulandeira. s/d. Arquivo MEB.

Figura 17: Correspondências Comunitárias. Carta da comunidade de Floresta. 04/ 05/ 1982. Arquivo MEB.

Figura 18: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Suzete Lira. Comunidade de Águas Belas. Maio de 1982. Arquivo MEB.

Figura 19: Correspondências Comunitárias. Carta da Comunidade Sítio Alegre. 10/ 11/ 1982. Arquivo MEB.

Figura 20: Correspondências comunitárias. Comunidade de Serra Verde, carta de Paulo Marques da Costa e Carlito Gonçalves da Silva, 1981. Arquivo MEB/Sobral.

Figura 21: Correspondências comunitárias. Comunidade de Dourado, carta de José Odino Pequeno, em 07 de novembro de 1981. Arquivo do MEB.

Figura 22: MEB/ Sobral. Em festa de seus 15 anos. Relatório 1976.

Figura 23: Movimento do Dia do Senhor. Camponeses reunidos nos “Encontrões”. S/d.

Figura 24: Evangelho dos lavradores nº. 13. As Duas Pannelas. De Antônio Pires. 1980.

Figura 25. Evangelho dos Lavradores Nº. 11. Educação e Família no Processo de Libertação. De Conceição Araújo. 1980.

Figura 26 e 27: História sobre Comunidade. Reflexões de um lavrador e Altos e Baixos neste Terreno, de Abdias Marques. 1981.

Figura 28: Comunidade de Queimadas. Como a Comunidade Ver a Luta Por Conciencia Atravez da Esperiencia. 1981.

## Sumário

### Resumo

**Abstract**

**Lista de Siglas**

**Lista de figuras**

**Introdução -----01**

**Capítulo I: Na Conquista da Palavra: MEB e Dia do Senhor**

1.1. “A Igreja está ao lado da Libertação” -----15

1.2. “Então eles se descobriram como gente, como cidadão”-----29

1.3. “A brasinha apagada, de ontem, se transformou numa grande fogueira”--49

**Capítulo II: Caminhar lado a lado: Escolarização, Evangelização e Promoção Humana no MEB.**

2.1. “Na marcha que o mundo caminha, é preciso aprender”-----64

2.2. “As pessoas não pode se agarrar só na mão de Deus, tem que se esforçar”-----76

2.3. “Prezados amigos do MEB, saudações” -----88

2.4. “Você vai ouvir aqui, o que não anda ouvindo por aí”.----- 121

**Capítulo III: “Uma grande fábrica de amor”**

3.1. “Para conhecer e entender melhor todas as palavras”-----132

3.2. “Unidos seremos fortes e fortes venceremos!”-----145

3.3. “Será que nós pobres vamos fazer que nem imbuar na areia quente?”---156

3.4. “Para abrir os olhos e a mente das pessoas”-----169

**Considerações Finais-----189**

**Arquivos----- 194**

**Fontes----- 194**

**Bibliografia----- 200**

**Anexos----- 204**

## Introdução

Apresentar o percurso deste trabalho é o que me proponho nas linhas a seguir. Meu encontro com a temática, Movimentos Sociais no Campo, fora traçado, ainda, nos caminhos percorridos na graduação. Ao pesquisar sobre a ditadura militar, na região de Sobral, no Ceará, deparei-me com a insistência de professores e pessoas contemporâneos do período, apontando os movimentos católicos, MEB e Dia do Senhor<sup>1</sup> como um caminho de pesquisa. Com a metodologia da História Oral, pude vislumbrar a riqueza das narrativas sobre os Movimentos, entendendo-os para além de alvos da repressão, na sua dimensão sociocultural.

Ao longo de dois anos, fui estreitando os laços com a pesquisa e aprofundando o diálogo com as fontes orais, criando vínculos e revigorando a admiração e o respeito pela subjetividade das narrativas. As fontes orais são pessoas e, a pesquisa histórica acaba marcada pelas relações pessoais, o que exige o trato responsável e o compromisso ético do historiador, ao passo que conhece e convive com seus narradores.<sup>2</sup>

Nessa trajetória, entrevistei a equipe MEB/Sobral, dos anos 1960 e, algumas lideranças do Movimento do Dia do Senhor. Das entrevistas, destaco a de padre Albani Linhares, como fundamental para me abrir a perspectiva do MEB e Dia do Senhor, tomando-os como objeto de estudo da dissertação, na conjuntura da ditadura militar no Brasil.

Hermínia Liberato, para o MEB, e Zenóbio Vasconcelos, para o Dia do Senhor, ao narrarem os fatos, esclarecendo dúvidas e imprimindo sua subjetividade, ajudaram-me a reavivar, imaginar, sonhar com suas vivências nos Movimentos. A proposta pedagógica, a metodologia de cursos e a produção didática se destacaram em nossas conversas, gravadas ou não.

---

<sup>1</sup> O Movimento de Educação de Base (MEB), concebido em acordo firmado em 21 de março de 1961, entre o Governo Federal e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tinha por objetivo a alfabetização da população rural, através de aulas radiofônicas, por emissoras católicas, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. O Movimento do Dia do Senhor surge em 1965, na Diocese de Sobral, capacitando camponeses para a leitura do Evangelho, na ausência de padres. A escolha de estudo dos dois movimentos populares, na dimensão político-social, sobretudo, dos discursos e práticas culturais, de leitura e escrita, vem da percepção de semelhanças em sua ação no tempo e no espaço.

<sup>2</sup> Sobre as implicações da História Oral nas relações pessoais dos historiadores e seus entrevistados, ver: AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. In: Projeto História, São Paulo, (15), 1997. pp. 145-155.

Do meu inventário de narrativas sobre os Movimentos, Germelina de Fátima Parente, entre outras, ajudou a compreender a natureza do trabalho de Educação Popular. Suas lembranças recuperam a mística da convivência entre equipe e camponeses e as estratégias de sobrevivência do MEB face à repressão e aos embargos institucionais.

Nas entrevistas de Antônio Pires e Conceição Araújo, participantes do Dia do Senhor, busquei um entendimento de sua produção escrita, os livrinhos *Evangelho dos Lavradores*, pois esse material parecia guiar a pesquisa para questões no âmbito da *História das Leituras*.

Conhecer um pouco de suas histórias de vida, o significado do Movimento, suas condições de escrita, fortaleceu minha paixão pela pesquisa e me ajudou a vislumbrar as práticas de leitura e escrita experimentadas por diversos homens e mulheres, pobres, com pouco grau de instrução, mas com imensa vontade de saber, apaixonados pelo conhecimento e requerentes do direito à palavra.

Todas as narrativas orais trazem um significado único à pesquisa, cada um dos entrevistados contribui com o seu testemunho e ponto de vista, como lembra Portelli<sup>3</sup>, *“num processo ativo de criação de significações”*, buscando sentido no passado e situando seus relatos no contexto histórico.

A História Oral é *“inesgotável”*, ao passo que nunca se consegue exaurir a memória dos entrevistados ou aproximar de *“todas”* as fontes, mas, é fundamental para destacar na narrativa histórica a voz, a cultura, os sentimentos, a vida, a existência dos *“grupos não-hegemônicos”*, humildes, pobres, renegados da história oficial. Ainda com Portelli, aprende-se que, *“o trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais é incompleto por definição”*.<sup>4</sup>

Somando-se às narrativas orais, analiso um corpus documental, bastante significativo, dos arquivos do MEB – Sobral e do Movimento do Dia do Senhor, na Diocese de Sobral, ofícios, cartas, roteiros de programas

---

<sup>3</sup> PORTELLI, Alessando. O que faz a História Oral deferente? In: Projeto História, São Paulo, (14), 1997. pp. 25-39.

<sup>4</sup> Idem, p. 37.

radiofônicos, jornalzinho do MEB (*Nosso Jornal*), programação dos cursos, avaliação e relatórios.

Dessa documentação, destaco as cartas comunitárias que, ampliou minha compreensão sobre MEB, trazendo para a dissertação, a problemática da comunicação social. Como escrita espontânea, “*nada de oficial nem de encomendado*”, nas cartas, reconhece-se a palavra viva, “*visivelmente, o coração fala*”, no dizer de Michelet, ao se deparar com cartas populares nos arquivos da Revolução Francesa<sup>5</sup>. Escritas e lidas no rádio, as cartas reforçavam a comunicação coletiva, dando visibilidade às formas de viver e agir do povo nas comunidades, experimentando o sentido da vida em “*comum união*”, constituindo uma identidade coletiva e situando-se na luta social.

As cartas, enquanto documento histórico, possibilitam ao historiador o contato com uma gama de temas que dizem muito do cotidiano do povo, contemplam a abordagem da História Social, situando a face humana e a ação política coletiva, dando voz às pessoas comuns.<sup>6</sup>

Com a mesma natureza das cartas, os livrinhos escritos por camponeses do Dia do Senhor, enriquecem o diálogo entre as fontes e situam a função social da leitura e escrita, iluminando os registros de existência das classes populares e a afirmação do povo, como sujeito da palavra. Uma palavra libertadora, porque fala do poder que oprime, que abafa sua voz.

Nos livrinhos, tem-se uma escrita enriquecida pela sabedoria popular, cheia de metáforas e esperança, falando de um coletivo, desde um lugar social comum. Neles, os camponeses partilham sentimentos e experiências de leituras, informados pela matéria concreta de suas vidas, necessidades e sonhos.

A escrita de cartas e livrinhos subverte a ordem política estabelecida e traz uma interpretação dos discursos de Educação Popular e da Teologia da Libertação, articulando-os aos problemas concretos do povo: falta de terra, injustiças, fome, seca. De acordo com Richard Hoggart<sup>7</sup>, resiste-se à idéia da recepção passiva, pois os camponeses, enquanto sujeitos de história atuam

---

<sup>5</sup> BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 209.

<sup>6</sup> CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, C.F. e VAINFAS, R. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. pp. 47-48.

<sup>7</sup> HOGGART, Richard. **Os usos da literatura**. Lisboa: Editorial Presença, 1957. Pp.176 a 225.

num mundo em que a dimensão cultural de suas experiências de vida, trabalho e sociabilidade, proporciona-lhes um saber próprio. Tem-se a valorização do conhecimento como expressão das expectativas de transformação social, pelo acesso ao saber.

A dissertação privilegia o universo cultural popular, sua escrita, sua organização, suas formas de existir e atuar no mundo, como diria Raymond Williams, *“todo um modo de vida”*.<sup>8</sup> Soma-se a uma corrente produção historiográfica que se volta à análise dos “excluídos da história”, pela compreensão da História Social.

Os conceitos *cultura* e *experiência* conferem novos significados à ação humana, entendendo Williams, como o mais importante avanço do pensamento social moderno, a transformação radical *“da noção original do ‘homem que faz sua própria história’”, para “o homem que faz a si mesmo’, pela produção de seus próprios meios de vida”*.<sup>9</sup>

O conceito de *classe*, como *“categoria histórica”*, sob a perspectiva de Thompson, é trabalhado aqui como um esforço de reconhecimento da forma de organização dos camponeses do MEB e Dia do Senhor, seus modos de viver e sua luta por direitos, justiça, demarcando seu lugar na História. Assim, o modo como essas pessoas se reconhecem diante de sua cultura e valores, a partir das experiências vivenciadas em comum, significa seu reconhecimento como classe, pois, *“conhecemos as classes porque, repetidamente, as pessoas se comportam de modo classista”*.<sup>10</sup>

Os conceitos *povo* e *popular*, adotados na pesquisa, são compreendidos à maneira de Geneviève Bollème. Em seu estudo sobre a *“literatura dita popular”*, reconstrói o itinerário conceitual, vinculando-o a uma enunciação política, a diversas formas de poder que, historicamente, oprimiu e abafou a voz do povo. A atualidade da questão está na *“tomada de consciência”* das ciências humanas e da literatura, da necessidade de reintegrar esse *“recusado”* (o povo). Suas questões lançaram luz sobre a compreensão da conquista da palavra e, a dimensão que implicou na experiência camponesa, ao passo que,

---

<sup>8</sup> WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

<sup>9</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000. p. 25.

<sup>10</sup> THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Org. Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 270.

*“É porque o poder oprime que o povo não fala. Se reconhecemos esse poder como um abuso... faremos o povo falar do poder que exercemos, sua palavra será libertadora... para nós, ela será a nossa salvação”.*<sup>11</sup>

Essa leitura abriu minha sensibilidade para compreender a importância da escrita camponesa no campo da produção historiográfica a que me propus. A escrita do povo ganha destaque ao longo dos capítulos, constituindo a mais importante dimensão da dissertação.

Compreendo a conquista da palavra como parte de um processo histórico, ao passo que os pobres, analfabetos, *“ingênuos”*, se apossam da linguagem, tomam-na de empréstimo dos cultos, eruditos, e a recriam, dando-lhe vida ao falar com o coração, dizendo de sua urgência e necessidades. Forjam uma linguagem própria, ao inverterm o *“discurso das abstrações, político e falso”*, inserindo *“coisas e fatos”* reais, corriqueiros, falando sobre si e para si.

*“A paixão subverte qualquer linguagem, reaviva a expressão, o gesto, a palavra, a língua...”*<sup>12</sup>, diz Bollème, instigando a pensar nas emoções, sentimentos e desabafos de muitos protagonistas do povo, nas inúmeras cartas à equipe do MEB. Não é preciso retornar às fontes, para trazer ao texto os nomes que tanto me marcaram com a sinceridade de suas palavras e sua visão de mundo: José Odino, Luiz Ferreira, Paulo Marques, Suzete Lira, Aparecida Dinis, Maria Laura Messias da Costa, entre tantos, que se fizeram porta-vozes de um coletivo, numa *“reivindicação existencial”*.

Analisar as cartas do MEB e os livrinhos do Dia do Senhor é acolher da gente simples, do campo, suas histórias de vida. Autenticamente, essas pessoas falam e escrevem segundo uma maneira de sentir, viver, se comunicar, de modo que, *“escrever a História deve ser restituir a palavra a esse povo de atores”*.<sup>13</sup>

Sebastião Alves de Melo, Abdias Marques, Antônio Pires, Manuel Tiago, Conceição Araújo, atores e autores do Movimento do Dia do Senhor,

---

<sup>11</sup> BOLLÈME, Geneviève. Op. Cit. p. 218.

<sup>12</sup> Idem, p. 152.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 69.

escreveram a História na língua popular e nessa dissertação, procurei ir ao seu encontro, pois “*é necessário fazer falar os silêncios da História*”.<sup>14</sup>

Na compreensão do contexto, Scott Mainwaring, Oscar Beozzo e Thomas Bruneau matizam as discussões acerca da Doutrina Social da Igreja, bem como situam as escolhas da Igreja do Brasil, no processo de renovação eclesial, com vistas às orientações da CNBB e do CELAM.

Sobre os Movimentos Sociais, e temas afins, Sindicalismo e Reforma Agrária, tem-se uma vasta bibliografia visitada, ressaltando-se os estudos de Heloísa Helena Souza Martins, Maria da Glória Ochoa, Sílvia Maria Manfredi, Maria do Socorro Abreu e Lima. Essas leituras ampliam o campo de entendimento das conjunturas, evidenciando a efervescência da luta social no período da repressão no Brasil. Em destaque, a articulação popular nos movimentos sociais, a militância sindical, a busca por direitos, a luta camponesa pela reforma agrária.

Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Conceição Raposo oferecem caminhos de compreensão da pedagogia de Educação Popular, presente no MEB, apurando meu olhar para sua dimensão libertadora. A valorização do outro, a mística dos encontros, a descoberta do coletivo, o “*aprender fazendo*”, a conquista da palavra, constituem pontos de relevo nas leituras, identificando-se na prática dos Movimentos estudados.

Os discursos dos Movimentos situam-se nos princípios da Doutrina Social da Igreja, atualizados pela eclesiologia do espírito “*servidor e pobre*”, emanado da Igreja-Povo de Deus, a partir do Concílio Vaticano II. A questão da justiça social e a busca por direitos tornam-se um estandarte dos pobres, marcando sua inserção na luta social e, a um só tempo, na História.

Na conjuntura dos anos pós-1960, reconhece-se a Igreja Católica Brasileira como uma instituição “*complexa e heterogênea*”, em “*processo aberto de transformações*”, apresentando uma visão progressista de sua missão, expressa nas concepções teológicas e no trabalho pastoral de religiosos e leigos junto às classes populares, como informa Mainwaring.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Ibidem, p.70.

<sup>15</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil. 1916-1985**. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Editora Brasiliense. 1989.

Por esse caminho, o modelo de Igreja Progressista ou Popular, como prefere chamar Dom Fragoso, “*é a Igreja dos oprimidos, dos pequenos, dos pobres, dos fracos, reunidos nos seus espaços de base que chamamos de Comunidades Eclesiais de Base. Assim, no interior da Igreja-povo, está emergindo a Igreja Popular*”.<sup>16</sup>

Sob a égide dessa Igreja popular, situam-se diversas pastorais católicas, engajadas nas lutas sociais, dedicando-se à organização, evangelização, educação, numa palavra, *libertação* das classes populares. Promoção Humana, era a norma-princípio oriunda dos documentos episcopais dos anos 1960 e a urgência de desenvolvimento para o meio rural e de reformas sociais, para o Brasil, enunciavam os discursos de políticos, intelectuais e da CNBB, aprofundando a polêmica discussão em torno da Reforma Agrária.<sup>17</sup>

No MEB, a alfabetização de jovens e adultos, foi redimensionada pelos estudos de Paulo Freire. Partindo do princípio de que a “*leitura do mundo precede a leitura da palavra*”, emprega-se na metodologia o conceito *conscientização*, amplamente difundido entre os movimentos populares dos anos 1960. No processo educativo, o MEB e o Dia do Senhor aprofundam sua proposta pedagógica, nos cursos de formação, nas práticas de reunião, discutindo conteúdos de interesse das comunidades, como sindicalismo e reforma agrária.

A partir de 1964, com a ditadura militar, os entrevistados destacam registros de perseguição política aos movimentos que, assim como todos os setores que se articulavam em torno de lutas sociais comuns, em diversas partes do país, foram caracterizados como focos de subversão. Em Sobral, o trabalho do MEB passou a ser vigiado, os programas de rádio, revisado pela polícia local e, os cursos, “visitados” por pessoas estranhas, supostamente, vinculadas ao Serviço Nacional de Informação (SNI). No Movimento do Dia do Senhor, os camponeses são conscientes da perseguição militar, por conta do trabalho pastoral. Dizem do susto, ao se verem acuados pela presença da

---

<sup>16</sup> FRAGOSO, Dom Antônio Batista. **O rosto de uma Igreja**. São Paulo: Edições Loyola. 1982. p. 59.

<sup>17</sup> Reflexões embasadas na leitura de: MORAES, João Quartim e DEL ROIO, Marcos (ORGs.) **História do Marxismo no Brasil**. Vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

polícia rondando o local dos encontros. Muitos, inclusive, se desengajam do Movimento.

Junto ao contexto da repressão, outros conflitos vividos nas comunidades dão a tônica dos Movimentos: padres que não apóiam a pastoral popular, o enfrentamento entre camponeses e patrões e a própria dinâmica das relações humanas.

A partir da década de 1970, aprofunda-se o diálogo entre História, Antropologia e Sociologia, enfatizando o cotidiano, o lazer, a cultura e a historicidade dos movimentos sociais, nos aspectos coletivos e individuais. A pesquisa destaca a singularidade do MEB – Sobral e Dia do Senhor, no estudo de sua organização sociocultural, valorizando a força do coletivo, evidenciando sua prática de leitura e escrita, instituída pela metodologia de Educação Popular, dizendo dos princípios de justiça social, libertação, autonomia, palavras-chave do vocabulário corrente das pastorais católicas, formadas no Vaticano II e reafirmadas nas Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979).

Entendendo, ainda, que as relações sociais não se desvinculam da produção cultural, é objetivo, no cruzamento de problemáticas compreender e destacar a conquista da palavra escrita, pelas cartas, livrinhos, folhetos *Evangelho e Vida* e da palavra falada, dizendo de suas necessidades, reivindicando direitos e denunciando a força do latifúndio, ao protagonizarem os programas radiofônicos dos Movimentos, transmitidos pela Rádio Educadora do Nordeste.

No âmbito cultural, a dissertação dá visibilidade à pedagogia adotada nos encontros, com destaque às dinâmicas de grupo, a ênfase no coletivo, valorizando as práticas de reunião, mutirão, trabalho comunitário, leitura e escrita. Destaca, também, o sistema radioeducativo como uma novidade nas comunidades rurais que, impulsionou a comunicação coletiva, estimulando a participação popular, encurtando as distâncias, ao possibilitar que o povo expresse seus sentimentos, suas necessidades e faça suas reivindicações. Nessa abordagem, o conceito *cultura*, cada vez mais “*se afasta de uma*

*definição estreita mas precisa de cultura em termos de arte, literatura, música etc., para uma definição mais antropológica do campo*".<sup>18</sup>

À maneira de Carlo Ginzburg<sup>19</sup>, o conceito de *circularidade da cultura*, reitera a compreensão da reciprocidade na relação entre camponeses, religiosos e leigos. Pois, assim como o MEB e o Dia do Senhor, atuaram nas comunidades rurais no sentido de fortalecer a luta social, articulando o modo de vida e visão de mundo dos camponeses à uma formação crítica, de modo recíproco, os trabalhadores rurais, suas experiências, conflitos e saberes, influenciaram a vida dos leigos e as escolhas que os Movimentos assumiram no seu fazer-se.

No Movimento do Dia do Senhor e no MEB, evidenciam-se espaços de evangelização, educação, promoção humana, mas, principalmente, espaços de organização popular, luta social e conquista da palavra.

A dissertação está estruturada em três capítulos, em que analisam os movimentos populares da Diocese de Sobral na conjuntura da ditadura militar, da Igreja pós-Concílio Vaticano II e dos quadros de organização das classes populares, se articulando em torno de diversas lutas.

No primeiro capítulo *Na Conquista da Palavra: MEB e Dia do Senhor* trata da formação dos Movimentos no contexto do Concílio Vaticano II, orientados desde os princípios da Doutrina Social da Igreja, evidenciando uma abertura da hierarquia às classes populares, abordando o contexto histórico e a dinâmica de relações que se constituíram entre sujeitos de visões de mundo e trajetórias de vida diferentes, como camponeses e leigos/ religiosos.

O capítulo está dividido em três tópicos: 1.1. "*A Igreja está ao lado da Libertação*" situa o processo de aproximação da Igreja com as classes populares, preocupada com a perda de fiéis para a doutrina comunista. Desde a *Rerum Novarum*, as Encíclicas Sociais vêm abordando as questões do sindicato, da relação trabalho/capital e da terra, mas, é na conjuntura dos anos 1960, pela Carta de João XXIII, *Mater et Magistra* que se observa um novo discurso, em torno do sindicalismo e da reforma agrária que, ganhava força diante das tensões sociais do campo.

---

<sup>18</sup> BURKE, Peter. **A Escrita da História**. UNESP: São Paulo, 1992.

<sup>19</sup> Sobre a idéia de circularidade da cultura, ver: GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 15 à 41.

A formação das Ligas Camponesas, a promulgação do Estatuto da Terra, o diálogo aberto de religiosos com o mundo do trabalho, a pobreza e a falta de assistência no campo levam a tomada de posição de setores da Igreja, que no decorrer dos anos 1960 e 1970, constituem um campo progressista do clero no Brasil, acirrando o conflito com o campo conservador e com a ditadura. Neste tópico, as variantes desse processo são observadas na ação pastoral dos bispos de Sobral e Crateús. O primeiro, “moderado” e o último, “revolucionário”. É no contexto dessa Igreja que surge espaço para pastorais populares como MEB, Dia do Senhor e CEBs.

No tópico 1.2. *“Então eles se descobriram como gente, como cidadão”*, em destaque a abertura do sistema MEB/Sobral, em 1961, pela iniciativa de Monsenhor Sabino Loyola. Nas entrevistas, as memórias dos participantes vão recuperando o início do trabalho no rádio, a metodologia de Educação Popular, a vivência com o povo nas comunidades e a tentativa da ditadura em desarticular o MEB, dificultando a liberação de verbas e de material pedagógico para o Movimento.

No terceiro tópico *“A brasinha apagada, de ontem, se transformou numa grande fogueira”* problematizo a narrativa de Sebastião Alves de Melo, sobre A História do Movimento do Dia do Senhor. A importância desta fonte está na subjetividade de um sujeito do povo, com pouco estudo, dizendo de sua experiência no Movimento e de sua formação no coletivo e na pedagogia do *Evangelho e Vida*. Um rico relato sobre a trajetória do Dia do Senhor, seus participantes, conflitos e escolhas pedagógicas. A História de Sebastião é sinônimo de conquista da palavra, porém, difere dos outros camponeses por ser autor de uma narrativa oral, gravada em cinco fitas, ao passo que os demais escreviam, em livrinhos, suas impressões do mundo.

No segundo capítulo *Caminhar lado a lado: Escolarização, Evangelização e Promoção Humana no MEB* abordo o projeto pedagógico do MEB, cursos, metodologia e material didático, destacando a dimensão da escrita popular, através das cartas comunitárias, como matéria da comunicação social, reforçada pelo trabalho radioeducativo do Movimento. O rádio, por excelência, nos anos 1960, o meio de comunicação de maior alcance entre as camadas populares, movimenta a ação do povo nas comunidades, formando lideranças e suscitando vivências de luta coletiva. Significou uma grande

novidade na vida das pessoas que se reuniam, diariamente, para ouvir a voz do campo, emanando das leituras de suas cartas, através do *Programa Encontro com o MEB*.

O capítulo está dividido em quatro tópicos. O primeiro *“Na marcha que o mundo caminha, é preciso aprender”* analiso o projeto do MEB, que visava o desenvolvimento do meio rural, através dos conteúdos em educação básica e formação profissional, organização comunitária e formação de lideranças. No segundo tópico, *“As pessoas não pode se agarrar só na mão de Deus, tem que se esforçar”*, ênfase a formação de lideranças comunitárias, no sentido da luta por direitos e justiça social. A atividade comunitária era instigada, evidenciando-se, na ação coletiva, iniciativas de construção de capelas, salões, farmácias e roçados comunitários, visando o bem comum, empreendidos em trabalho de mutirão.

No terceiro tópico, *“Prezados amigos do MEB, saudações”*, a escrita do povo é analisada. As cartas comunitárias evidenciam a conquista da palavra e a sua utilização em favor das reivindicações populares. Nelas, a vida é retratada. Os camponeses escrevem e, ao mesmo tempo, registram suas lutas e conquistas, como esforço coletivo de homens e mulheres, comprometidos em compartilhar, com a equipe MEB, e com os ouvintes do *Programa Encontro com o MEB*, a vida em suas comunidades.

O povo escreve o que sente e vivencia. Uma escrita espontânea e simples, que diz mais com o coração do que com palavras. A educação política, o sindicalismo e a problemática da seca do início de 1980, no Ceará, são os assuntos que mais se repetem nas cartas comunitárias. Porém, junto a esses temas, as pessoas escrevem sobre as festas do mês de Maria, dizem da prática das reuniões, decidindo uma ação coletiva, relatam os trabalhos comunitários, comentam sobre saúde e sua participação na escola do MEB. Diversos assuntos matizam a escrita de quem tem muito a dizer de suas comunidades. Nesse tópico o povo se faz sujeito da palavra.

Em *“Você vai ouvir aqui o que não anda ouvindo por aí”*, analiso o programa de rádio como um aliado das lutas sociais, acolhido no projeto de educação popular orientado pela Igreja Católica Conciliar. Neste item, são analisadas a censura militar aos programas do MEB e a “cautela” da equipe, como estratégia de manutenção da programação do Movimento face a

repressão. Os conflitos entre o “povo do MEB” e a direção da rádio Educadora do Nordeste, também pontuam a discussão, ao passo que nas entrevistas, destaca-se a orientação conservadora do então diretor: um padre, dono de terras na região. O ponto alto dos conflitos internos, na emissora, se dá no período de eleições, em que, no horário do programa *Encontro com o MEB*, era transmitida a propaganda eleitoral.

Tem-se o rádio como veículo de difusão cultural, meio de entretenimento e espaço de expressão do povo, que fala em pé de igualdade com outros atores sociais. É um registro da existência política “dos de baixo”. Nas cartas, no rádio, nas comunidades, os camponeses existem, pensam, falam, agem.

No terceiro capítulo, “*Uma grande fábrica de amor*”, considera-se o alcance do Movimento do Dia do Senhor, no meio rural, num trabalho de quase trinta anos, com destaque à sua *pedagogia da autonomia* e à leitura e escrita dos camponeses. A análise privilegia a conquista da palavra, a formação de um sujeito coletivo, a leitura crítica da realidade social, evidenciada nos cursos, livrinhos e programa radiofônico *Encontro das Comunidades*.

Analiso o significado do termo autonomia para o Movimento do Dia do Senhor, no discurso dos entrevistados. Em que sentido essa autonomia foi construída no Movimento e como se atava à prática dos camponeses. O capítulo se divide em quatro tópicos.

Em “*Para conhecer e entender melhor todas as palavras*”, em destaque o processo de formação, que ganha significado na vivência dos *Cursos e Encontros*. Os cursos são analisados como parte de um projeto pedagógico de evangelização e orientação dos camponeses, articulando-se ao discurso social de autonomia e libertação dos pobres. Os camponeses falam e se fazem visíveis, ampliando sua visão de mundo e concepção de direitos, de trabalho e de ser social.

No segundo tópico, “*Unidos seremos fortes e fortes venceremos!*” examino o Programa de rádio *Encontro das Comunidades*, e a inserção da voz popular nos espaços da comunicação social, conferindo força e vitalidade à ação das comunidades. Nesse programa, o “povo do Movimento” se faz sujeito da palavra. Falando aos seus, tentam romper preconceitos e recriam uma linguagem radiofônica, somando ao conhecimento empírico, o aprendizado de

novos elementos: roteiro, pauta, técnicas de locução. Ao assumirem o programa de rádio, expressavam o prazer de falar, compartilhar o pensamento, sentir-se gente.

Nos tópicos *“Será que nós pobres vamos fazer que nem imbuar na areia quente?”* e *“Para abrir os olhos e a mente das pessoas”* o objeto de análise se constitui na escrita dos camponeses, em quatro livrinhos, com destaque à palavra viva, requerente de justiça e direitos. Os assuntos são colhidos na pauta do cotidiano: reflexões sobre comunidade, religião, política, educação e família, trazem para a escrita o mote da luta por libertação social, traduzido em linguagem popular, nos escritos sobre e para si.

Constituem uma escrita de desabafo, denúncia e *“missão de acordar os que dormem”*, um esforço de união dos trabalhadores na luta contra as injustiças do mundo. Com um vocabulário rico em emoções, essa escrita situa os pobres na História, imprimindo dimensões de sua existência, do direito à palavra, à voz, emudecida pelo poder, ao longo de sua experiência histórica.

Os livrinhos são uma forma de comunicação, por isso forjam uma identificação entre os camponeses, partindo de um referencial comum: a linguagem popular, que une e torna inteligível sua mensagem, sonhos e esperança de um mundo melhor. A conquista da palavra e a prática de leitura e escrita transformam a vida das classes populares, porque constroem espaços para falar de si, contar sua história, a seu modo.

Na dissertação, a prática de leitura e escrita ganha espaço, na medida em que as cartas, os livrinhos e as narrativas da experiência radiofônica são tomados como fontes de primeira ordem para a compreensão da comunicação social e da participação popular no MEB e Dia do Senhor. A perspectiva de análise evidencia a formação do coletivo e a conquista da palavra na experiência do povo.

Até aqui, apresentei os caminhos que trilhei até a conclusão da dissertação, deixo-lhes um convite à leitura e ao encontro com histórias de vida militante e palavras fortes de homens e mulheres do povo, que comovem e movem o pensamento em direção à complexidade da experiência humana.

# DIOCESE DE SOBRAL SISTEMA

MEB

## SOBRAL - CE



Figura 1: Mapeamento dos municípios em que o MEB atuava. Relatório 1976. MEB/Sobral. (documento cedido por Manuel Linhares).

## Capítulo I

### Na Conquista da Palavra: MEB e Dia do Senhor

*Para ser-mos cristãos e um povo de fé, não é necessário a submeter-nos a dominações e determinações institucionais. A nossa independência não tira nossa fé. Inclusive aprendemos com a própria Igreja que ter fé é também querer ser independente e livre. (Antônio Pires)*

#### 1.1. “A Igreja está ao lado da Libertação”

Em face das mudanças conjunturais, na virada do século XIX para o XX, a Igreja Católica, orienta sua ação em busca da unidade e identidade religiosas, visando atingir as diferentes classes sociais, ante a emergência de doutrinas políticas opostas ao catolicismo dogmático da Santa Sé. O socialismo e o comunismo fazem com que a Instituição reflita sobre a postura secular adotada como forma de impedir a perda de fiéis, simpatizantes das doutrinas revolucionárias.

A dimensão social passou a ser uma das prioridades da Igreja Romana, voltando sua ação pastoral às camadas pobres da sociedade, principalmente, trabalhadores, que em contato com a circulação de idéias socialistas e comunistas, representavam perda significativa para o catolicismo. A reação a essas idéias consiste na formulação da Doutrina Social da Igreja que, a partir de Leão XIII, com a Encíclica *Rerum Novarum*<sup>20</sup>, passou a nortear o pensamento da Igreja frente aos problemas sociais, acirrados pelo avanço do liberalismo e capitalismo, durante a primeira metade do século XX.

Segundo Hugues Portelli, a Igreja Católica atravessou o século XIX fechada em si mesma, sem restaurar a ordem antiga, e sem aceitar a nova ordem, até que se lançou, no final do século, contra o socialismo, considerado seu principal adversário. Para este autor,

---

<sup>20</sup> A “Encíclica *Rerum Novarum*, consagrada à ‘condição operária’ e ponto de partida da doutrina social da igreja, é publicada em 15 de maio de 1891, ou seja, apenas algumas semanas antes do Congresso de Bruxelas que marca o verdadeiro nascimento da II Internacional socialista.” In: PORTELLI, Hugues. **Os Socialismos no Discurso Social Católico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. p. 20.

Foi, portanto, o socialismo que acelerou a tomada de consciência, por parte da Igreja, da ‘questão social’ e foi neste espírito que um diálogo, por muito tempo exclusivamente crítico, se desenvolveu entre eles. Tal como a propósito do liberalismo e do facismo, a Igreja julgou com severidade diferente o socialismo e o comunismo, encontrando crescentes pontos comuns entre o primeiro – à medida que se dava sua evolução reformista – e o discurso social católico, ao passo que há um século a condenação do comunismo não se modificou. Por isso, como se verá, os pontífices, até hoje, jamais concederam seu beneplácito ao ‘socialismo moderado’ bem como ao liberalismo.<sup>21</sup>

Dessa forma, passaram a fazer parte do discurso do pontificado católico questões de primeira ordem para os trabalhadores da cidade e do campo. O sindicalismo e a reforma agrária despontam como questões de relevo em documentos episcopais desde a *Rerum Novarum*. Esses temas são tratados pela Doutrina Social da Igreja, como alternativa ao projeto de sociedade do socialismo e comunismo. De acordo com a Doutrina, os sindicatos eram permitidos, sem desvio de suas “*finalidades legítimas*”: organização e reivindicação dos trabalhadores de forma pacífica, com harmonia entre patrões e trabalhadores, capital e trabalho.

Os documentos da Igreja, historicamente situados, apresentaram adaptações ou transformações profundas na concepção da missão da Igreja e no comportamento do episcopado, diante dos conflitos sociais. De acordo com Mainwaring, é fundamental que as mudanças no interior da Igreja brasileira, a partir dos anos 1960, sejam compreendidas em seu caráter *subjetivo e político*, a partir dos interesses e projetos assumidos pela Instituição, pois, “*a divisão fundamental dentro da Igreja brasileira não provém de uma oposição entre a base e a hierarquia, mas envolve, antes, diferentes concepções de missão de Igreja...*”.<sup>22</sup>

Na mesma direção, Heloisa de Souza Martins ressalta que não depende somente da Igreja a escolha na orientação, pois é influenciada pelas mudanças da sociedade como um todo.

a mudança, na verdade, deve ser analisada a partir do confronto e do conflito de diferentes concepções existentes no *interior* da Igreja, e da percepção de como as transformações que ocorrem na sociedade

---

<sup>21</sup> Idem, p. 12.

<sup>22</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. p. 10.

(no *exterior*) interferem na Igreja ou solicitam uma tomada de posição.  
23

Ressaltam-se as temáticas do sindicalismo e da reforma agrária como elementos externos que influenciaram a tomada de posição da Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II, dado o contorno progressista, e o compromisso de religiosos e leigos, com a classe trabalhadora. Como salienta Souza Martins, é importante lembrar que a mudança das doutrinas da Igreja, a formação de uma pastoral popular *“foram gestadas pelo menos durante uma década dentro da Igreja brasileira”*.<sup>24</sup>

Segundo Mainwaring, a Igreja entra em crise desde o final da Segunda Guerra Mundial, em decorrência do seu descompasso em relação às mudanças da sociedade, correspondendo a uma:

resistência à secularização, o crescimento dramático do Protestantismo e Espiritismo, declínio à assistência à missa, a crise das vocações, o crescimento da esquerda, declínio da influência entre as classes dominantes e a classe trabalhadora urbana e declínio da influência entre a elite do Estado.<sup>25</sup>

Por outro lado, as tensões sociais, diante da perda de milhares de vidas e o flagelo social observados durante a Segunda Guerra mundial, além dos contornos políticos de disputa ideológica e territorial, na Guerra Fria, influenciaram a consciência cristã pela justiça social. Tal consciência impulsiona a ação da classe média e de bispos, padres e freiras engajados na luta contra a miséria e opressão que impedia o desenvolvimento integral dos pobres da América Latina. Para Souza Martins, o que enriquece essa análise é a nova concepção de fé e da missão de Igreja, pela ação de sujeitos e movimentos sociais comprometidos com as classes populares.

Em consonância com as opções doutrinárias do Concílio Vaticano II, o trabalho pastoral dos leigos católicos se define na opção pelos pobres. O fato é observado nos quadros da Ação Católica Brasileira, e no Movimento de Educação de Base (MEB), além de outros movimentos populares que relacionam discurso e prática da Doutrina Social da Igreja, conferindo maior

---

<sup>23</sup> SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. de. **Igreja e Movimento Operário no ABC (1954-1975)**. São Caetano do Sul – SP: Editora HUCITEC. 1994. p. 41.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 43

<sup>25</sup> MAINWARING, Op. Cit. p. 33.

autonomia ao laicato. A Encíclica *Mater et Magistra*, de João XXIII, imprime novo significado à concepção de missão e de fé da Igreja Latino-Americana.

A leitura da vida à luz do Evangelho<sup>26</sup>, aliada à metodologia de Educação Popular, à maneira de Paulo Freire, a partir dos anos 1960, aproximando-se da realidade concreta dos oprimidos - camponeses, operários. Tal aproximação fortalece o compromisso leigo e favorece o ideal de transformação social, partindo da luta coletiva e da organização dos trabalhadores. Dessa forma,

A Ação Católica Brasileira, força social obrigatoriamente forjada nessas lutas, operava organicamente integrada com as forças da esquerda, ligava-se progressivamente aos setores mais ativos do movimento de massa urbano (movimento estudantil e operário) e constituía, ao mesmo tempo, a força principal (os quadros) do Movimento de Educação de Base (MEB), que agia principalmente na organização de sindicatos camponeses, visando, através da educação, a elevar o nível de consciência política das massas do campo brasileiro. Agia como uma organização política de fato.<sup>27</sup>

Assim, a Igreja Católica atua no campo de disputas pela organização e orientação político-ideológica da classe trabalhadora. A década de 1960 constitui um período de lutas e manifestações populares que atrai cada vez mais o apoio de grupos de esquerda. A atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a formação das Ligas Camponesas ajudaram na articulação dos camponeses atraindo, para o campo, a atenção do Governo e de latifundiários, que viam, na reivindicação pela reforma agrária, ameaça aos seus interesses.

Principalmente, nos anos 1950/1960, o PCB atuou na organização dos camponeses, assumindo o tema da reforma agrária como medida de transformação e justiça social. Em 1954, por ocasião da II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, que resultou na criação da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), foi aprovada a *Carta dos Direitos e Reivindicações dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas*, privilegiando medidas de reforma agrária para além da distribuição de terras

---

<sup>26</sup> Prática pedagógica instituída nos movimentos leigos desde a Ação Católica, com o método "Ver, Julgar e Agir", desenvolvido pelo padre Belga José Cardjim, na qual, partindo-se da realidade social, identificando seus conflitos, julgando-os à luz da fé, agiam no sentido transformador dessa realidade.

<sup>27</sup> BORDIN, Luigi. **O Marxismo e a Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1987. p. 53.

aos trabalhadores rurais, requerendo medidas de apoio à produção: crédito, maquinaria, garantia de preços, e contrária à exploração do trabalho no sistema de meia, terça, pagamento em produtos.<sup>28</sup>

Nesse período, diferentes forças sociais (Igreja, partidos, intelectuais) se voltam à elaboração de propostas que visavam ao desenvolvimento do país. Segundo Medeiros, a reforma agrária constituiu-se em tema polarizador dos debates. De acordo com as propostas do PCB, procurava-se sensibilizar a população na compreensão da reforma agrária como propulsão à modernização e fortalecimento da economia nacional, como apresentado no Memorial da Campanha Nacional pela Reforma Agrária.<sup>29</sup>

O PCB, na legalidade, concentra críticas ao sistema de latifúndio e busca a formação de alianças com o governo, na medida em que apresentava, nos documentos da ULTAB, o sentido da reforma agrária, como se observa no *jornal Terra Livre*, periódico de orientação comunista:

Não visa à mudança de governo e nem tão pouco abolir a propriedade privada. Visa conseguir do governo a distribuição de terras e fazer surgir milhões de novos proprietários, os quais, assistidos técnica e financeiramente, elevarão rapidamente seu padrão de vida, produzirão com abundância e muito mais barato, melhorando assim as condições de vida dos operários e do povo, o que ampliará as atividades comerciais e industriais.<sup>30</sup>

Em seu breve período de legalidade, o PCB atua também na organização dos trabalhadores em sindicatos. Segundo Santana, *“a conjuntura que vai de 1945 a 1964 pode ser considerada uma das mais importantes do movimento operário e sindical brasileiro”*.<sup>31</sup> Na conjuntura de redemocratização do Brasil, o PCB avança rumo às conquistas do movimento sindical até 1964, quando a ditadura militar, instalada com o golpe civil militar, incide *“em todas as esferas da vida sindical, principalmente naqueles setores liderados pelos sindicalistas progressistas”*.<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Cf. MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Luta por terra e organização dos trabalhadores rurais: a esquerda no campo nos anos 50/ 60. In: MORAES, João Quartim e DEL ROIO, Marcos (ORGs.) **História do Marxismo no Brasil**. Vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

<sup>29</sup> Idem, p. 220

<sup>30</sup> Terra Livre, 64, maio de 1956, p. 1, editorial. Apud MEDEIROS, Op. Cit. p 222.

<sup>31</sup> SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2001. p. 39.

<sup>32</sup> Idem, p. 143.

De acordo com José de Souza Martins, com a repressão, o PCB perde influência política, o que abre espaço à atuação da Igreja no meio rural e se fortalecem os sindicatos rurais sob orientação católica.

O partido disputava com a igreja a fundação e, mais tarde, o reconhecimento pelo Estado dos sindicatos dos trabalhadores rurais. O empenho, entretanto, do Partido parece ter se localizado mais na organização de federações e da Confederação sindical do que nas bases sindicais propriamente. Nisso se diferenciava a posição da Igreja e a posição do Partido Comunista, aquela mais envolvida na organização de sindicatos propriamente ditos.<sup>33</sup>

Nesse contexto, os camponeses organizados, no Nordeste brasileiro, lugar social de ebulição de lutas, impulsionaram o Governo Federal a promulgar o Estatuto do Trabalhador Rural, segundo a lei nº. 4.214, de 2 de março de 1963, incorporando maior legitimidade em suas reivindicações.

Lutar pelo direito à terra e por melhores condições de trabalho significava lutar pela dignidade humana e cidadania, presente na ação de determinados bispos, padres e freiras, em face dos conflitos e lutas sociais do campo, a partir de movimentos populares espalhados pelo interior do Brasil, dividindo com o laicato o compromisso de justiça social para com os excluídos.

Partilha-se a idéia de que a luta pelos direitos dos trabalhadores se evidencia no interior da Igreja como luta social, quando os próprios trabalhadores participam de movimentos de Igreja, como Ação Católica, MEB, observando a necessidade de lutar por dignidade e justiça.

A mudança de projeto teológico aprofundou a crise do clero latino-americano. Mainwaring salienta que muito da prática de pastorais progressistas<sup>34</sup> afasta setores tradicionais da elite econômica. O fato vai de encontro ao princípio católico de alcançar todas as classes sociais e de garantia da unidade e universalidade da Igreja, o que limitaria os avanços da Igreja orientada pela pastoral popular.

---

<sup>33</sup> MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 87.

<sup>34</sup> Nessas pastorais evidencia-se a opção por uma Igreja “servidora e pobre”, constituída “ao final do Concílio, no dia 16 de novembro de 1965, cerca de 40 padres conciliares, celebrando nas catacumbas de Santa Domitila, firmaram o pacto da Igreja servidora e pobre, para obterem a graça de serem plenamente fiéis ao espírito de Jesus que vos consagrou e vos enviou para evangelizardes os pobres.” In: BEOZZO, Pe. José Oscar. **A Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 96.

No Ceará, as experiências da Igreja-Povo de Deus se constituíram, no âmbito da organização dos trabalhadores em sindicatos rurais e formação de lideranças comunitárias, em diversas cidades do interior e em Fortaleza, como o Movimento de Educação de Base (MEB) e outras experiências de Educação Popular, como o Projeto Carqueija, no município de Capistrano<sup>35</sup>, bem como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A partir de 1964, as mudanças conjunturais, influenciam a Igreja Católica, no sentido de proteger o clero e os movimentos populares sob sua orientação, à medida que avança a repressão. Sem o confronto direto com os militares e, em defesa de sua autonomia, a Igreja, no Ceará, abraça a pastoral popular, conquanto não se confrontasse com o poder político e com os setores conservadores, orientada pelos postulados de João XXIII, nas Encíclicas *Mater et magistra* e *Pacem in terris*.

O temor de grandes mudanças e de rupturas, ao longo da história da Igreja Católica, esteve presente no Ceará, como se vê na atuação pastoral de Dom José de Medeiros Delgado, arcebispo de Fortaleza, e de Dom Walfrido Teixeira Vieira, bispo de Sobral, comprometidos, ao mesmo tempo, com os dogmas e com os “sinais da Igreja no mundo”, permitindo o avanço de experiências do laicato junto aos trabalhadores, à medida que, limitava e evitava choques políticos com a ditadura.

A reorientação pastoral da Igreja se evidenciou também na imprensa católica. Nos anos 1960, os Meios de Comunicação Social (MCS), orientados pela Doutrina Social da Igreja, dispensaram atenção específica aos temas da Reforma Agrária, Sindicalismo, Cooperativismo e Socialização como se vê nos periódicos católicos. No Jornal *O Nordeste*, da Arquidiocese de Fortaleza, ao mesmo tempo em que publicavam artigos de Dom Hélder Câmara, em favor das reformas sociais, demarcando postura progressista da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), viam-se também artigos que defendiam a propriedade privada como resultado da “*ordenação natural dos bens*”.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Sobre este projeto ver: ALVES, Francisco Artur Pinheiro. **O Projeto de Educação Popular e desenvolvimento comunitário da Arquidiocese de Fortaleza em Carqueija, município de Capistrano – 1965 – 1975**. Fortaleza: UFC, 1993. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

<sup>36</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 08 de julho de 1964, p. 02. “Dom Hélder fala sobre reformas” Nesse sentido, afirmava Dom Hélder: “Repetidas vezes a Conferência dos Bispos do Brasil sustentou a inadiabilidade das reformas estruturais sem as quais é impossível romper o subdesenvolvimento e manter a paz social. Sem a reforma agrária persistirá a situação quase

As diferentes visões sobre a reforma agrária, no Ceará, ora se aproximam da postura progressista da pastoral popular, ora se apóiam em discursos conservadores. Na verdade, a discussão passa pelo conflito ideológico que marcou a Igreja Católica.

Na década de 1950, o desenvolvimento esteve no cerne dos debates e, predominava, na América Latina, a “Teoria do Desenvolvimento”, elaborada pela Comissão de Estudos para América Latina (CEPAL), aliada à idéia de modernização de setores da Igreja. Como resultado da modernização, Comblin<sup>37</sup> ressalta a criação da SUDENE, em 1959, como “data simbólica” da colaboração Igreja-Estado em projetos desenvolvimentistas. Nesse sentido, as reformas de base parecem ter sido incorporadas pelo discurso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No entanto, como lembra Heloísa de Souza Martins,

A temática do desenvolvimento foi incorporada pela Igreja não só porque ela impregnava as discussões e as explicações a respeito da sociedade brasileira e latino-americana, mas porque a sua Doutrina Social propunha a reforma das instituições e dos costumes, mantendo, entretanto, o modelo capitalista da sociedade. A proposta desenvolvimentista para os países latino-americanos consistia, justamente, no aperfeiçoamento qualitativo da sociedade capitalista, com o desenvolvimento de todas as suas virtualidades.<sup>38</sup>

Por outro lado, nesse momento, o pensamento cristão estava influenciado pelas Teorias da Dependência e do terceiro – mundismo, que concebiam a miséria da América Latina como fruto da exploração capitalista sobre os países marcados por uma economia agrária, como o Brasil.

A situação social dos camponeses, o êxodo rural e o crescimento desordenado das cidades, são questões recorrentes na elaboração da Doutrina Social da Igreja, justificando a reforma agrária, de “*inspiração cristã e personalista*”, como se depreende no artigo *O homem do campo*, invocando um

---

sempre infra-humana dos trabalhadores rurais – sem a reforma bancária, os bancos pouco ajudarão o desenvolvimento do país - sem reforma dos impostos, especialmente o de renda continuarão os ricos a serem poupados, sacrificando-se os pobres – sem a reforma administrativa a burocracia continuará travando a vida pública – sem a reforma do Congresso serão inúteis maiores esforços para melhores congressistas.”

<sup>37</sup> COMBLIN, José. **A Igreja latino-americana desde o Vaticano II**, 1978. Mimeo. Apud Souza Martins, Op. Cit.

<sup>38</sup> SOUZA MARTINS, Op. Cit. p. 128.

documento pontifício para qualificar a situação de abandono do homem do campo frente “aos caprichos dos fazendeiros do asfalto”:

O homem do campo é um sofredor. ‘Não se pode negar que uma das grandes causas do êxodo rural é o fato de ser o setor agrícola subdesenvolvido, tanto no que diz respeito a produtividade da mão-de-obra, pelo que se refere ao nível de vida’. (João XXIII, *Mater et Magistra*)... Faltam-lhe meios de industrializar seu trabalho . O cultivo do campo está alheio ao processo técnico. Métodos primitivos para as colheitas. Falta de legislação, que deixa abandonado aos caprichos dos fazendeiros do asfalto.<sup>39</sup>

Nesse sentido, seguindo orientação conciliar de libertação integral do homem do campo, o artigo salienta que “o homem do campo espera e deseja a sua promoção. Aguarda emergir do marasma de abandono e incúria em que se encontra. ... A reforma Agrária é questão de sobrevivência.”<sup>40</sup>

A linha editorial do Jornal *Correio da Semana*<sup>41</sup>, da Diocese de Sobral, tem orientação similar ao jornal *O Nordeste*, de Fortaleza. O *Correio da Semana* dedicava um espaço à publicação das atividades do MEB/Sobral, na Coluna do MEB, e ao trabalho de formação de sindicatos do Centro de Treinamento de Sobral (CETRESO), na *Coluna do CETRESO: despertando para o campo*<sup>42</sup>.

Integrada a essa orientação, situam-se as emissoras católicas Rádio Educadora do Nordeste, de Sobral, apoiando os programas *Encontro com o MEB* e *Encontro das Comunidades*, do Movimento do Dia do Senhor, e Rádio Assunção, de Fortaleza, veiculando o programa do MEB estadual, *A Escola em sua Casa*, em sintonia com as propostas assumidas pela Igreja – Povo, com vistas ao desenvolvimento integral do meio rural.

---

<sup>39</sup> Jornal O Nordeste. Fortaleza, 12 de julho de 1964, p. 03. “O homem do Campo”, de Luiz P. de Freitas.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Jornal Católico, fundado em 1918, por Dom José Tupinambá da Frota. O semanário continua em circulação até os dias atuais.

<sup>42</sup> CETRESO - Centro Administrativo da Diocese de Sobral atuou na fundação de sindicatos rurais, sob a responsabilidade do padre Luís Melo. Ao que parece, foi iniciativa oficial, financiada com recursos de agência norte-americana, para neutralizar o avanço de sindicatos comunistas. Em Sobral, de acordo com a orientação de Pe. Luís recebeu contornos progressistas. A Coluna do CETRESO é publicada no Jornal Correio da Semana, a partir de 1965, sendo veiculada até 1967. Contudo não tenho dados para concluir se o fim da Coluna no Jornal coincide com o fim do período de atuação do CETRESO.

O jornal *Correio da Semana*, na Coluna do CETRESO, empenhava-se em definir as finalidades do sindicato cristão e as vantagens oferecidas aos trabalhadores associados:

O sindicato é uma associação profissional de operários da mesma categoria profissional, unidos sob a direção de chefes livremente escolhidos por eles, para estudar, promover e defender seus direitos comuns em determinadas condições de trabalho.

Sua finalidade principal é ajudar o trabalhador a desenvolver sua personalidade, em vista de uma promoção humana, onde todos sejam tratados de igual para igual perante a lei. ... Nesta atual conjuntura, o trabalhador rural, sobretudo, é muitas vezes posto em situação inferior, por isso o sindicato se apresenta como uma necessidade vital, ' pois o homem unido é forte como uma cidade', diz o papa João XXIII em sua carta *Mater et Magistra*, Mãe e Mestre.<sup>43</sup>

Ressalta-se a concepção de sindicato como instrumento de autopromoção dos trabalhadores rurais, atuando em favor da solidariedade, princípio associativo, concretizado na formação de cooperativas e outras associações:

A Igreja vem batalhando para que os operários se unam em sindicatos, para que os agricultores se sintam solidários e colaborem na fundação de cooperativas e associações profissionais, absolutamente necessária para assegurarem a defesa dos preços dos seus produtos e de seu trabalho...

Vendo isto, é preciso que o trabalhador rural tome consciência de seus direitos. Este paciente trabalho deve ser obra do próprio trabalhador rural, pois o sindicato é um órgão de auto – promoção para o operário do campo; não só os seus direitos profissionais serão defendidos, como seus próprios direitos de cidadãos.<sup>44</sup>

Um exemplo significativo de organização orientada pela Igreja libertadora se observa em Crateús, com a atuação do Bispo Dom Antônio Fragoso. O trabalho de pastoral popular de sua equipe se tornou referência à luta camponesa, tornando-se alvo da repressão militar. Dom Fragoso se destacou por defender um projeto de sociedade justo e igualitário, com os camponeses sujeitos da história e conscientes dos direitos.

A Igreja, em Crateús, lutou pelos pobres e, rendeu à Dom Fragoso o estigma de comunista. O regime militar considerava Crateús foco de subversão, e quanto mais avançava o trabalho de base na região, mais se intensificava a perseguição política, como ressalta a memória de *Seu*

---

<sup>43</sup> Jornal *Correio da Semana*. Sobral, 18 de abril de 1965. Ano 48. Nº. 1.

<sup>44</sup> Jornal *Correio da Semana*. Sobral, 24 de abril de 1965. Ano 48. Nº. 2.

*Ferreirinha, liderança de Crateús: “Eles faziam a fiscalização das atividades da pessoa. Se a pessoa trabalhasse pra Dom Fragoso, trabalhasse em qualquer Comunidade Eclesiástica, qualquer associação de bairro, aí eles marcavam o sujeito”.*<sup>45</sup>

A memória de *Seu Ferreirinha* recupera passagens de repressão aberta na Diocese de Crateús, onde *“a igreja era policiada também. Vinha um soldado para a porta da Igreja, outro para a outra porta, para escutar o que o bispo dizia. O que era que o padre dizia...”*. Ressalta a prática corriqueira da delação, a presença dos “elementos ruins, safados” que denunciavam o bispo e sua equipe diocesana aos órgãos de repressão:

Aí tinha aqueles elementos ruins, safados que ganhavam dinheiro para denunciar os amigos do bispo. Eles iam denunciar lá no batalhão. Tinha gente ganhando dinheiro para isso, para levar denúncia de Dom Fragoso e tal. Que ele tava fazendo isso e aquilo outro e tal. E que fulano de tal que trabalhava em tal parte era amigo de Dom Fragoso. Aí eles foram cortando esse pessoal. Foram perseguindo, cortando, foram transferindo... Esse Chico Mourão, Esse Francisco Buarque Mourão, era o espião maior que tinha no batalhão aqui. Para denunciar dos amigos dele e tudo”.<sup>46</sup>

Sobre as tensões do período, o Jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, informa Crateús como uma cidade *“em pé de guerra”, “com os camponeses totalmente a favor do bispo, dom Antônio Fragoso”*. Nessa entrevista do Bispo de Crateús, sua exortação à união em conformidade à norma-princípio da libertação é, ademais, um recado claro aos militares: *“não tenho medo de nada, nem de ninguém. Vamos continuar unidos. Ainda estamos no comêço. ...”*:

Os camponeses devem descobrir que são homens como os outros. Devem libertar-se... devem organizar-se em sindicatos para que possam falar alto e exigir justiça. Ninguém abafará a coragem dos camponeses. Dizem que nosso trabalho é comunizante. Quem diz isto está interessado na escravidão do camponês... No dia que eu parar de lutar pela sua libertação eu serei um traidor de minha consciência.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> Noberto Ferreira Filho (Seu Ferreirinha). Entrevista realizada em 08 de novembro de 2003. Crateús – CE. Arquivo da autora.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. 29 de novembro de 1968. “Crateús: uma cidade agitada com um bispo muito calmo”.

Na ditadura militar, as formas de expressão popular foram reprimidas. Heloísa de Souza Martins ressalta que devido à inexistência de canais de mediação política que garantissem a atuação popular, a Igreja assumiu a defesa da ação social engajada, se constituindo num “*canal possível de participação*”<sup>48</sup>, um espaço de luta para os movimentos populares, bem como para os setores de oposição ao regime. De acordo com Souza Martins, a transformação da Igreja se deveu à combinação de fatores históricos e de suas conjunturas internas:

A acentuação do antagonismo entre amplos setores das classes dominadas e o sistema político, como decorrência da intensificação do processo de exploração das classes trabalhadoras; uma escalada da repressão que, de forma violenta, reprimia qualquer manifestação de desacordo, mesmo da própria Igreja; o desenvolvimento da chamada Teologia da Libertação; as novas posições da Igreja no plano internacional, consolidando os avanços resultantes do Concílio Vaticano II e levando ao aprofundamento de posições na linha do ‘terceiro-mundismo’; a necessidade da igreja de assumir a bandeira da defesa dos direitos humanos, seja para defender-se da repressão, seja para defender a população.<sup>49</sup>

A represália dos militares aos setores progressistas foi sentida no Ceará, pela perseguição aos movimentos populares, como o MEB e o Movimento do Dia do Senhor, da Diocese de Sobral, e aos sindicatos dos trabalhadores rurais situados no interior do estado. Durante o ano de 1968, a repressão também alcançou a atuação de padres engajados no movimento estudantil, em Sobral. Dos relatórios da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), destaca-se menção ao trabalho militante de padre Oswaldo e padre Pedro Van’Oll, acusados de subversão pelo engajamento e apoio aos estudantes do Diretório Acadêmico, da Faculdade de Filosofia de Sobral. Em entrevista, padre Oswaldo conta que, como medida repressora, teve sua residência invadida, sendo interpelado pela polícia federal.<sup>50</sup>

Ao longo da década de 1960, mesmo em período de forte repressão, evidencia-se na eclesiologia assumida por uma parcela do clero cearense, um diálogo mais profícuo com estudantes, operários e camponeses. Em

---

<sup>48</sup>SOUZA MARTINS, Op Cit. p. 52

<sup>49</sup> Idem, p. 52

<sup>50</sup> Cf. entrevistas com padre Oswaldo (03/07/04) e padre Pedro (07/07/04). Arquivo da autora. Para uma discussão mais detalhada ver: PORTO, Márcio de Souza. **Dom Delgado na Igreja de seu Tempo** (1963-1969). Fortaleza: UFC, 2007(Dissertação de Mestrado em História Social). p. 166.

dissertação sobre a ação pastoral de Dom Delgado, Márcio Porto situa a Igreja em processo, com vistas à conjuntura do Concílio Vaticano II, chamando atenção para os contornos de seu novo desenho institucional, buscando uma articulação com o campo social e com a História<sup>51</sup>. Nesse contexto, o jornal *O Estado*, em 27 de novembro de 1968, noticiava: “*Crime de Dom Fragoso é ser esclarecido!*”.<sup>52</sup>

Diante das tensões e da perseguição política a Dom Fragoso, a Arquidiocese de Fortaleza, se pronunciou em favor do Bispo, demonstrando o exercício de colegialidade presente no episcopado brasileiro, além de demonstrar que a Igreja, no Ceará, defendia sua pastoral. O Jornal *Diário de Notícias*, em 26 de novembro de 1968, relatava a postura do clero diante das acusações feitas ao bispo:

Dom Fragoso viajou na madrugada de hoje, dirigindo seu próprio carro, com destino a Crateús, onde está programada uma manifestação de solidariedade do clero e do povo. O Departamento de Relações Públicas da Arquidiocese de Fortaleza divulgou nota, na qual declara que setores do clero não acreditam que o Governo brasileiro acredite em ‘insinuações de grupos interessados em indispor a Igreja contra o atual poder civil’ e que ‘qualquer ato contra Dom Fragoso originará no Brasil uma crise político-religiosa sem precedentes’.<sup>53</sup>

A posição da Arquidiocese de Fortaleza situa a resistência à ditadura. Para Heloísa de Souza Martins, ao afirmarem que, “*os bispos sabem onde têm os pés e a cabeça*”.<sup>54</sup>, afirmavam o compromisso, desde a hierarquia, com a justiça social em favor da classe operária:

Esta frase queria dizer, em alguns casos, - e a Diocese de Fortaleza era um deles – que se assumia a idéia de uma Igreja comprometida com a classe operária na realização de uma sociedade mais justa. Mas que, por outro lado, significava, também, a afirmação de que a ação da Igreja no Brasil, especialmente no que se referia a sua renovação, dependia do apoio e do incentivo da hierarquia.<sup>55</sup>

Ao observar as diferenças de ritmo e engajamento das Dioceses no Ceará, a CNBB destaca a experiência de Crateús, numa análise processual da

---

<sup>51</sup> Idem, p. 167.

<sup>52</sup> Jornal *O Estado*. Fortaleza, 27 de novembro de 1968 nº.10.711.

<sup>53</sup> Jornal *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1968. nº. 14.114. “Dom Fragoso poderá desistir do ‘Habeas’”.

<sup>54</sup> SEDOC, 1:9, col. 1.241 apud Souza Martins, Op. Cit. p. 212.

<sup>55</sup> Idem, p. 212.

direção dessa Igreja, que deve *“assumir e animar a esperança do povo”*, aos olhos da fé, articulando ação libertadora à denúncia das formas de opressão e imperialismo, construindo uma luta coletiva por justiça e melhores condições de vida numa *“terra livre”*:

Não vemos claramente para onde se dirige a Igreja de Crateús. É certo que ela deve assumir e animar a esperança do povo: tornar-se um povo de irmãos numa terra livre. A luta pela justiça, as atividades de libertação, a ação política para mudar de dentro o homem e as condições de vida, a reforma agrária (na qual os camponeses tomam parte como interessados), o desejo de denunciar todas as formas de opressão e de imperialismo, a educação de base que torna o povo consciente para se tornar criador de progresso tudo isso a Igreja de Crateús deve olhar com os olhos da fé.<sup>56</sup>

Nessa perspectiva, Crateús se destacava das demais Dioceses do Ceará, em seu projeto de mudança estrutural da sociedade. No entanto, pode-se considerar que, guardadas as diferenças, a Igreja do Ceará, de modo geral, tentava equilibrar a postura progressista, de justiça social, efetivada pelos padres, freiras e leigos no interior dos movimentos camponeses, com a prática pastoral que não partilhava da mesma visão.

Um exemplo das diferenças de ação pastoral no Ceará se evidencia nas escolhas assumidas pelas Dioceses de Crateús e Sobral. Valnê Alves compara a atuação de Dom Fragoso e Dom Walfrido, *“um era mais radical que o outro. O outro tentava contornar mais as situações e aproveitar mais”*, salientando que as pastorais em Crateús e suas equipes eram *“mais revolucionários no sentido amplo da palavra”*. A diferença entre os bispos transparece na ação pedagógica, pois,

Eles ousavam mais do que nós para ser mais correto. (...) E posso comprovar isso como, quando lhe falei anteriormente que um momento, os bispos decidiram quem quer ficar com o MEB na sua Diocese? O MEB não será mais do jeito que era... O que aconteceu, o Fragoso radicalmente disse: este não é mais MEB, então eu não quero mais MEB na minha Diocese. E Sobral disse: pois eu vou querer o MEB, com o que puder ser feito de MEB. Deu para perceber as posições.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> CNBB, A experiência Pastoral da Igreja de Crateús: as comunidades de base (documento de 23 de julho de 1973. pp. 5-6) In: GUIMARÃES OFM, Almir Ribeiro. **Comunidades de Base no Brasil**, Rio de Janeiro: Vozes, 1978. p. 41.

<sup>57</sup> Maria Valnê Alves. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

Dom Walfrido acolheu as pastorais populares em sua Diocese, agindo com a prudência que a ditadura exigia. A memória dos camponeses recuperou um bispo participante na luta pela libertação dos pobres, apoiando e incentivando o trabalho de base, mas, em seu programa de rádio mantinha um discurso contido, evitando falar em libertação, salvação, palavras-chave do enunciado progressista, marcadas pela repressão.

Sua estratégia para driblar a censura, às vezes, suscitava o questionamento das bases, que esperavam ouvir no rádio, o mesmo anúncio de libertação, ouvido nos encontros. Num esforço de recapitulação dos discursos do passado, Conceição Araújo improvisa uma interrogação de natureza similar àquelas ouvidas pelo bispo: *“Dom Walfrido, porque que a gente sabe que você é tão otimista, tão real, luta pela libertação e faz tudo pela gente, e você nos seus programas é uma coisa fraca?”*. O que definindo sua ação pastoral, respondia que *“enquanto estava fazendo aquela coisa por cima, alienada, os cordeirinhos dele, estavam fazendo o trabalho por baixo, na base”*.<sup>58</sup>

No Ceará, esteve-se experimentando nas pastorais populares, os princípios da Doutrina Social da Igreja, primando pela justiça social, dignidade humana e melhores condições de vida para os pobres. Pela prática pedagógica vivenciada no meio popular, com os movimentos Ação Católica, MEB, CEBs, a Igreja ia ao encontro do outro, recriando as relações humanas e aprendendo com a experiência concreta do *“povo de Deus”*, abrindo margem para um protagonismo popular. A face invisível dos pobres passou a configurar o *“rosto de uma Igreja”*, emprestando sentido vital à luta social, partindo das necessidades do povo, no âmbito da educação, saúde, trabalho, moradia, terra, evidenciando experiências singulares na História da Igreja Latino-Americana.

## **1.2. “Então eles se descobriram como gente, como cidadão”**

Em 1961, forma-se, em Sobral, o Movimento de Educação de Base (MEB), firmado em 21 de março de 1961, pelo decreto n. 50.370, no qual se

---

<sup>58</sup> Conceição Araújo, orientadora do Movimento do Dia do Senhor. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Comunidade de Cauassú – Acaraú – CE. Arquivo da autora.

estabelecia convênio entre Ministério da Educação e Cultura (MEC), outros órgãos da administração federal e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dispendo a realização de um programa educacional, via Emissoras Católicas. Segundo Abreu e Lima, *“este movimento carregou para a Igreja recursos estatais para esta implantar uma rede de escolas radiofônicas, formar monitores e animadores, organizar encontros, reuniões e cursos no meio rural”*.<sup>59</sup>

O MEB é parte de um processo da Igreja Católica, de aproximação orgânica com as classes populares, orientada pelas idéias conciliares de justiça social, buscando compreender o ser humano na sua totalidade, unindo fé e vida. A Igreja Rito, com seu ritual e hierarquia, abre margem à participação dos leigos, o que significava pensar a realidade dos oprimidos e agir sob a perspectiva de lutas e solução das necessidades mais imediatas.

O Movimento, de caráter nacional, objetivava a alfabetização de jovens e adultos da zona rural, em virtude das dificuldades de acesso à escolarização. O Sistema MEB/Sobral teve início como escolas radiofônicas, em rádio cativo<sup>60</sup>, com a programação da Rádio Educadora do Nordeste, cedida a monsenhor Sabino Loyola, posteriormente, de responsabilidade da Diocese de Sobral. No Brasil, a experiência pioneira se deu no Rio Grande do Norte e Sergipe.<sup>61</sup> Dessa experiência radiofônica, Monsenhor Sabino rememora que *“quando se pega um búzio, se coloca ao ouvido e diz estar ouvindo as ondas do mar. Parece que eu trouxe alguma coisa do mito, das necessidades, do grito do camponês”*, e afirma seu pioneirismo na promoção da educação pelo rádio:

---

<sup>59</sup> ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural: lutas, partidos, projetos**. Recife: Editora da UFPE / Editora Oito de Março, 2005. p. 42.

<sup>60</sup> O sistema de rádio cativo consistia basicamente na distribuição de um aparelho de rádio para os monitores do MEB em que se transmitia somente a programação de emissoras católicas. Para o caso da Diocese de Sobral, esse aparelho recebia ondas da Rádio Educadora do Nordeste, emissora que transmitia o programa do MEB: “Encontro com o MEB”. A partir desse rádio cativo, os monitores nas comunidades se orientavam e ministravam as aulas.

<sup>61</sup> “Torna-se necessária a informação de que a idéia de utilização de emissoras radiofônicas para transmissão de programas educativos não surgiu no Brasil. Ela chegou através das Experiências realizadas em Sutatenza, na Colômbia, por Monsenhor Salcedo. Sabe-se ainda que a Campanha de Educação Rural, CNER, do Ministério da Educação e Cultura, tinha anteriormente tentado desenvolver programas de educação de base no meio rural no período de 1952 a 1958; estes de certa forma, estavam influenciados pela programação desenvolvida pela UNESCO.” In: RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de educação de Base: discurso e prática – 1961-1967**. São Luís: UFMA/ Secretaria de educação, 1985. p. 31.

...na ordem do pensamento fui o primeiro a pensar no trabalho de educação pelo rádio no Brasil, mas no aspecto de execução não fui o primeiro e sim Dom Eugênio no Rio Grande do Norte e o segundo Dom José Távora em Sergipe. Assim, fomos o terceiro serviço de educação de base através de emissora. ... Eu trouxe do sertão esta idéia incubada, fazer algo pelo camponês.<sup>62</sup>

A origem de Sabino Loyola está na vida rural, realidade comum a padres e freiras da Diocese de Sobral. Parece ter trazido consigo uma dívida com suas origens, considerando-se que conhecia as dificuldades dos camponeses pobres e compartilhava experiência cultural semelhante. Na infância e adolescência, vivenciou com trabalhadores e trabalhadoras rurais a expectativa de chuvas e de melhoria de vida do sertanejo. É interessante, para a análise, compreender a participação do Monsenhor como um dos agentes que contribuiu no funcionamento do MEB em Sobral.

Sua ação destacou-se na organização de leigos para o trabalho de base. Por outro lado, sua relação com o laicato indicava ações centralizadoras ou de controle do trabalho pastoral. Isso se verifica pela atenção aos setores especializados da Ação Católica de onde, mais tarde, saíram os quadros do MEB.

Acreditei tanto que aceitei ser o assistente eclesiástico da junta diocesana da Ação Católica e com o decorrer do tempo fui quase uma espécie de ditador, pois fui assumindo uma assistência eclesiástica também da JEC, da JIC, porquanto os padres foram desistindo e não quis deixar que estes setores especializados da Ação Católica desaparecessem por falta de assistente eclesiástico. De fato, por quase 7 anos trabalhei na Ação Católica da diocese.<sup>63</sup>

Compreende-se Monsenhor Sabino Loyola, em trânsito entre traços de personalidade conservadora e aberto às demandas da modernidade. O gosto pelo progresso se apropriando dos meios de comunicação locais, como a *Rádio Educadora do Nordeste* e o *Jornal Correio da Semana*, de que fora diretor por algum tempo. No entanto, ao mesmo tempo em que colocava os meios de comunicação a serviço da educação, exercia o controle das informações e do conhecimento em circulação, nesses veículos.

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida ao Padre Fernando Frota, realizada em agosto de 1989. In: SOARES, José Teodoro (ORG.) **Vida e Ação Pastoral – Monsenhor Sabino Loyola**. Sobral – CE: Edições UVA, 1999. p.p.29-30.

<sup>63</sup> **Vida e Ação Pastoral – Monsenhor Sabino Loyola**. Sobral – CE: Edições UVA, Op. Cit. p. 27

Monsenhor Sabino tinha influência e poder de decisão interna e externamente na Igreja Católica, em Sobral. Para tanto, lembra-se a fala de Felisbela Parente Paiva, Belinha, ao referir-se ao Movimento, *“no tempo do Monsenhor Sabino”: “Inclusive, a gente tinha muito atrito com Monsenhor Sabino Loyola... a equipe... porque o Monsenhor Sabino era muito tradicional! A gente queria avançar e ele tava fechando mais as portas. (...).”*<sup>64</sup>

Da mesma forma, a memória de Valnê Alves recupera seu ingresso na equipe, instigada pela amiga Belinha, *“porque você não vem para o MEB? é tão bom, trabalhar com o povo do campo... e vai haver um curso para novas pessoas, você entra por um tempo”,* o que a interessou, constatando logo na primeira entrevista, com Monsenhor Sabino, sua postura *“rigorosa”, “porque ...a gente, como funcionária, basta eu lhe dizer, que tinha que usar roupa de manga, não podia andar de roupa sem manga”.* Destaca-se de sua memória, a força da tradição familiar nas relações sociais vivenciadas em Sobral, ao mencionar que o religioso conhecia sua história de vida e sua família, sendo *“logo aprovada”.*<sup>65</sup>

Segundo Hermínia Liberato, uma das primeiras professoras da equipe do MEB/Sobral, o sistema radioeducativo e a proposta de educação de base, era uma novidade. Daí porque a escolha da equipe, feita por Monsenhor Sabino, levava em conta a origem social e a experiência didática dos leigos.

Pelo fato de eu já ser professora o Monsenhor Sabino Guimarães Loyola... ele me convidou pra trabalhar na Escola Radiofônica. Na verdade eu não sabia nem o que era. ... E eu fui fazer um treinamento de oito dias em Aracatiassú. Eu e outras companheiras, e lá foi que eu vim saber o que era mesmo Escolas Radiofônicas, que era ensinar através do rádio, que era em cima do método do Paulo Freire. Foi as primeiras informações que eu tive sobre, não era MEB, era Escola Radiofônica. ... o início de tudo pra mim, foi nesse treinamento que eu aprendi o que era que eu ia fazer: que era ensinar os agricultores no método Paulo Freire.<sup>66</sup>

Pela lembrança de Hermínia, ressalta-se que nem só os supervisores eram convidados por Monsenhor Sabino, mas também camponeses que

---

<sup>64</sup> Felisbela Parente Paiva (Belinha), supervisora do MEB/Sobral durante os anos 1960. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>65</sup> Maria Valnê Alves, supervisora do MEB/Sobral nos anos 1960. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>66</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 25 de maio de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

atuariam como monitores voluntários, nas comunidades. O contato de Sabino Loyola com o campo se dava pela sua atividade vinculada à Missão Rural, no período, o que facilitava seu convívio com os camponeses da Diocese de Sobral. Escolhidos, os monitores passariam por treinamento com supervisores e retornariam às comunidades com o compromisso de alfabetizar o povo. Destacam-se os pontos fundamentais à dinâmica de funcionamento do MEB, em sua origem: treinamento, supervisão continuada e trabalho voluntário.

Esse pessoal, como é que eles eram convidados? Eram convidados pra serem monitores. E aí eles recebiam as instruções necessárias e nós passávamos a supervisionar uma vez por mês de quinze em quinze dias, dependendo da necessidade. Quer dizer, era um convite feito por Monsenhor Sabino, que nós continuávamos nesse trabalho de cativar, de conquistar essas pessoas para serem, até porque eram voluntários, eles não recebiam dinheiro. Eles trabalhavam porque queriam ajudar. A princípio eles não sabiam, mas depois eles começaram a se entusiasmar, se empolgar, querer ajudar a comunidade, querer ajudar seus companheiros, aí eles entravam na orientação que a gente dava.<sup>67</sup>

Com o MEB, alarga-se na Diocese de Sobral o campo de possibilidade pastoral. Uma trajetória que vinha se configurando desde a década de 1950, pela atuação da Ação Católica e ramificações, JEC (Juventude Estudantil Católica) e JIC (Juventude Independente Católica) e JOC (Juventude Operária Católica).

Porém, o processo de mudança no projeto teológico não é aceito e compartilhado homogeneamente pela hierarquia eclesial. A Igreja se vê dividida entre um campo conservador e um progressista. Em artigo, no *Correio da Semana*, a preocupação do clero conservador com relação à atuação de leigos progressistas é expressa como “*O temor do engajamento*”:

Sei que há certos bispos temerosos de que os leigos - na medida em que vão tendo consciência da necessidade de seu engajamento no mundo – comprometam demais a Igreja. É estranho que, em geral só se temem os compromissos com as esquerdas, nunca com a direita.<sup>68</sup>

Uma tomada de posição em favor dos leigos, “fiéis à sua consciência cristã”, reconhece esses temores como infundados, pois os verdadeiros cristãos “*hãõ de saber sustentar ao mesmo tempo sua lealdade em relação às*

---

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Correio da Semana, Sobral – Ce, 20 de maio de 1967 / Ano 50, n. 08, p. 03.

*tarefas do engajamento e em relação à sua pertença a Igreja*”.<sup>69</sup> Esse pensamento pode explicar a ação pastoral do MEB e do Movimento do Dia do Senhor, acolhidos pelo Bispo Dom Walfrido.

Ao longo de sua trajetória, o MEB passou por crises materiais e, mesmo, de definição do projeto político-pedagógico. O Movimento passou a depender das escolhas das demais Dioceses, do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, no plano de sua ação pastoral. Como se depreende da afirmação da supervisora leiga dos Movimentos, a principal condição de funcionamento do MEB seria a escolha dos bispos:

Nós tivemos a sorte, e eu quero ressaltar isso, de ter Dom Walfrido chegando no momento em que queriam fechar o MEB de Sobral, porque o MEB nacional... o Governo lá decidiram que o MEB ficaria nas Dioceses que os bispos assumissem. Aí, Dom Walfrido era da CDN, ou seja, Conselho Diretor Nacional, e ele aceitou e deu todo apoio ao MEB Sobral. Então, recebemos Dom Walfrido, numa época em que ele tava muito sadio, muito forte ainda, e ele foi uma lição grande de injeção e deu total carta branca.<sup>70</sup>

Essa “*carta branca*” deve ser relativizada porque, nesse momento, na ditadura militar, se dá o recuo das ações de educação política, nos movimentos sociais e de trabalhadores, rurais ou urbanos. O MEB atravessava conjuntura difícil e, em 1972, os sistemas nacional, com sede no Rio de Janeiro, e regional, com sede em Fortaleza, foram temporariamente fechados. A perseguição ao Movimento se evidencia quando, em fevereiro de 1964, é apreendida, na gráfica, como material subversivo, a cartilha *Viver é Lutar*, por ordem do então governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda. Após o golpe civil-militar, “*tanto os quadros do MEB como o da Ação Católica sofrem diretamente os efeitos da impetuosa repressão que se instaura contra todas as formas de organização popular.*”<sup>71</sup>

As variadas formas de repressão e interdição política atingiram o trabalho do MEB/Sobral, dificultando a realização de encontros e treinamentos, visitas de acompanhamento às comunidades rurais, e a transmissão do programa *Encontro com o MEB*, pela Rádio Educadora do Nordeste. Alcançou também a rotina dos supervisores, monitores e alunos, alvos da ação da polícia

---

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Ibidem.

<sup>71</sup> Teixeira, F. L. C. **A gênese das CEB's no Brasil – Elementos explicativos**. São Paulo: Edições Paulinas. 1988. p. 177.

federal, tendo suas vidas controladas, convivendo, com o medo e a possibilidade de prisão.

Apesar de não se encontrar registro de prisões, os entrevistados dão indícios de repressão no dia-a-dia do trabalho no MEB. De acordo com o padre Albani Linhares, o contexto de resistência à ditadura se articulava ao processo de conscientização. A desigualdade social e a repressão das mais variadas formas, são elementos da conjuntura que ofereciam dados concretos à pedagogia dos Movimentos e, também, afastavam os participantes que, se sentiam amedrontados pela ação repressora da ditadura ou do latifúndio:

...tomar conhecimento do jeito como a ditadura funcionava, era ótimo para explicar... o imperialismo ... do capitalismo... quer dizer, ajudou muito à consciência do pessoal e também espantou muito, também. Mas ajudou muito... porque dava os dados concretos.<sup>72</sup>

O MEB e o Dia do Senhor, ao fazerem a leitura crítica da realidade social e dos contextos nacional e local, atuaram no sentido de questionar o sistema pós-1964. O programa do MEB passava diariamente pelo crivo da censura: escrevia-se o roteiro para ir ao ar, pela *Rádio Educadora*, depois de liberado com carimbo da polícia. Havia uma relação de palavras interditas: luta, virava peleja, e não se podia dizer nem mesmo o slogan do programa: “*salvar o homem do Nordeste é libertá-lo de sua escravidão*”. Sobre as palavras proibidas e o rigor da censura, Valnê destaca seus efeitos no trabalho radiofônico:

Aí a gente era proibida de dizer esse negócio: salvar o homem do nordeste é libertá-lo de sua escravidão, não podia falar um bocado de palavras que eram proibidas. A rádio tinha essas palavras que não podia ser citadas, aqui e acolá escapava algumas, viu... a gente sabia que os programas eram gravados... Todo programa, mas a rádio sabia que todo programa era gravado, nós tínhamos consciência, por isso que escapavam algumas palavras e como saíam algumas palavras a rádio poderia sair do ar, caso infringisse isso. Aí chamavam atenção, mas... aqui eu acho que não foi tão rigoroso como em outros lugares, sabe? Por que na verdade nunca saiu do ar.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Padre Albani Linhares, secretário administrativo do MEB, nos anos 1960, se tornando, posteriormente, a principal liderança do Movimento do Dia do Senhor. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2003. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>73</sup> Maria Valnê Alves, entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

Na concepção de Valnê Alves, a censura relativa em Sobral, permitindo a permanência do programa radiofônico, deveu-se às relações sociais paternalistas que permeiam o universo cultural da cidade do interior: “...então, aqui, ainda como interior... eu acho que Sobral é uma cidade muito diferente, em que os aspectos familiares e sociais ainda pesam, vivendo aqui.”<sup>74</sup>

Em Sobral, a tática de desarticulação do MEB vinha do corte de verbas, restringindo a atuação do Movimento. A dificuldade financeira impedia que o trabalho se expandisse, dificultava as visitas da equipe nas comunidades e a realização de encontros de treinamento e avaliação. Sem verba não se tinha alimentação e material de trabalho. O acompanhamento de base era comprometido e o controle econômico significava o controle da ação do Movimento, afinal, o MEB “*tomou muito a cor de antitadura, apesar de ser mantido pela ditadura em termos financeiros*”.<sup>75</sup>

O atraso de salários e a perseguição do regime militar ao trabalho do MEB traziam instabilidade aos supervisores e monitores, habituados a lidar com a ameaça de fechamento do sistema MEB/Sobral. Hermínia Liberato conta que “*exatamente na época da ditadura que a gente tinha que (arrumar) ... como se diz a bagagem não sei quantas vezes*”, recuperando as várias versões que justificavam seu fechamento “*porque o MEB não tinha mais condições de funcionar*”, “*porque o MEB não ia mais receber, porque o governo federal tinha cortado a verba do MEB*”, “*porque o MEB representava um perigo para o governo*”. Com a emoção de reencontro com o passado, reitera sua narrativa com o riso da perseverança, evidenciada na trajetória do Movimento: “*então, minha vida inteira foi sendo assim, o MEB vai fechar e eu passei vinte anos e o MEB não fechou*”.<sup>76</sup>

De certa forma, a limitação financeira foi uma realidade do sistema MEB em plano nacional. Em seu estudo Conceição Raposo afirma a dificuldade de negociação com o Ministério de Educação e Cultura que, “*inclusive, já começava a impor condições para a renovação dos convênios*”. Com vistas à sua manutenção, o MEB “*tentou manter sua postura*”, o que, diante de uma

---

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Padre Albani, em 20 de setembro de 2003. Sobral –Ce. Arquivo da autora. Vale lembrar que desde o Governo Jânio Quadros, o MEB vinha renovando convênio com o governo federal.

<sup>76</sup> Hermínia Liberato, entrevista realizada em 08 de dezembro de 2004. Sobral – Ce. Arquivo da Autora.

conjuntura de repressão, cercado por *“todas as forças sociais conservadoras, inclusive de aparelhos de Estado”*, Raposo ressalta que a própria equipe Nacional, constatando suas limitações, passa *“por um processo de autocensura”*.<sup>77</sup>

Essas limitações, porém, parecem não ter desanimado o trabalho de educação e de organização comunitária feito por uma equipe de leigos engajados. O trabalho ultrapassava a dimensão utilitária, era feito por convicção, voluntariamente, como se constata nas memórias sobre o início dessa experiência.

A remuneração era importante na vida dessas pessoas, até porque em muitos casos, só exerciam essa atividade. Não tinham de onde tirar outro sustento. Nas entrevistas, ao se falar nesse ponto, percebe-se o peso de ter que viver com ganho tão pouco, ou do aperto de viver sem dinheiro, dependendo de empréstimos ou da ajuda de familiares e amigos.

No entanto, é ressaltado o prazer em participar do MEB, porque como afirma Leunam Gomes, *“foi coisa que serviu muito para o amadurecimento”*. Ao vivenciar experiências concretas de cunho social, no âmbito da formação, de visão de mundo e de coletivos, comumente, seus participantes afirmam o MEB como a melhor universidade por que passaram, destacando de suas memórias, a sensibilidade adquirida numa experiência que tocou a alma das pessoas, nas palavras de Leunam: *“uma experiência muito grande de coisas assim que jamais a gente pode escrever porque fica difícil até de escrever, mas que penetrou na alma da gente”*.<sup>78</sup>

Muitos assumiram o trabalho popular como prioridade em suas vidas, *“era como se... só existisse na vida pra gente o MEB. A gente só sabia conversar sobre o MEB... a gente só sabia viver em função do MEB”*. Dizem de seu compromisso militante e abnegação, ao passo que se empolgavam com o crescimento das pessoas e o *“avanço de consciência política”*:

... Era um negócio tão empolgante da gente ver, as pessoas crescendo, a gente sentia o avanço de consciência política das pessoas... que a gente só sabia viver em função do MEB. Pra nós

---

<sup>77</sup> RAPOSO, Op. Cit. pp. 50-51.

<sup>78</sup> Leunam Gomes. Entrevista realizada em 30 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora. Coordenador do MEB Sobral, posto que assumiu com a transferência de Valnê Alves para o Movimento do Dia do Senhor, e também, mais tarde, coordenador da equipe do MEB estadual, em Fortaleza.

viajar era a coisa mais simples do mundo. A gente, cada um de nós tinha um mala arrumada em casa, não tinha diária para gente viajar, a gente viajava praticamente com os recursos da gente. A gente se hospedava na casa da comunidade, levava um feijãozinho. A gente comprava um feijão, comprava farinha, comprava um arroz, chegava na comunidade comprava uma carniinha e tal e aí a gente comia o que a comunidade comia. A gente passava dois dias, três dias só visitando a zona rural e... e fazendo reuniões com as comunidades. Isso é que ajudou, assim, no amadurecimento político da gente, né?... é uma coisa fora de sério essa história.<sup>79</sup>

O amadurecimento político se dá, segundo Leunam, a partir do contato com os contrastes sociais. Comer o que a comunidade comia significava colocar-se em pé de igualdade, donde se conquista a confiança, a admiração e o respeito dos camponeses. É também uma forma de compartilhar, nas conversas de descanso do almoço, no café, como de costume no sertão cearense, o dia-a-dia dos trabalhadores rurais, a intensidade de sua cultura e de seus hábitos.

Da mesma forma, era também o momento de os camponeses conhecerem e se identificarem, ou não, com o “povo” do MEB. Ressaltem-se as sutilezas e tensões que permearam a aproximação e o convívio entre a equipe do MEB e os camponeses, forjando uma espécie de compromisso tácito, na luta por justiça social.

O convívio com realidades diferentes e os sentimentos, nessas relações, parecem comuns a muitos do MEB. No depoimento de Maria José Sousa dos Santos, do MEB/ Maranhão, encontra-se semelhanças no contato com o universo dos camponeses e com o que apreenderam. Para ela, a maior riqueza de sua formação foi a *“convivência com o mundo camponês”*. Desse contato frutuoso resultam as memórias de sementeira de valores compartilhados:

Com os lavradores do interior maranhense aprendi imensamente e costume dizer que, a eles, devo minha conversão a um sentido mais apurado do humano, da solidariedade, do acolhimento que se cultivam naturalmente entre os mais simples. Muitos de nós provenientes de uma educação urbana, nos deixamos cativar pela sensibilidade e fortaleza daqueles que trabalham diretamente a terra.<sup>80</sup>

Essa vivência se deu em período de grandes dificuldades para os movimentos populares. Com a ditadura militar cerceando suas formas de organização e sua mística libertadora, esbarravam, na prática, em muitos

---

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> RAPOSO, Op. Cit. p. 10.

entraves. No plano da pedagogia, ressaltam-se dificuldades de aplicação, devido às estratégias do governo militar em desarticular e, descaracterizar o MEB. Essa realidade pode ser constatada nos documentos do MEB/ Sobral, referindo-se à inadequação do material liberado pelo MEC, sendo o mesmo, produzido sob orientação pedagógica do Programa Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).<sup>81</sup>

Ressaltam-se do Relatório Anual de 1978, críticas da equipe de Sobral à superficialidade do material, afirmando *“inclusive, que o referido material não se adapta diretamente a realidade de nossa clientela”*, justificando a necessidade de produzir apostilas para suprir os conteúdos dos livros do MOBRAL que, *“dificulta um pouco o ensino/aprendizagem”*. Considerando *“A carência de material adequado para cada curso”* como *“uma realidade patente”*, a equipe informa:

além da não existência de recursos nas comunidades e a pouca capacitação de alguns monitores, o material não oferece conteúdo de apoio ao próprio aluno, que por sua vez também necessita deste material para o exercício de sua aprendizagem.<sup>82</sup>

Da citação, depreende-se o compromisso da equipe com a metodologia de educação popular norteando o trabalho do MEB. O material elaborado para o MOBRAL não atendia os conteúdos do MEB, que eram sistematizados em cursos, visando à promoção do homem do campo. Isso dificultava o processo de ensino-aprendizagem, de forma que se esvaziava de significado, para o camponês cearense, o conteúdo organizado para outras realidades do país.

Superando essa dificuldade, a equipe do MEB/Sobral elaborou conteúdo específico, que atendesse aos pressupostos de sua ação pedagógica junto às comunidades. Além de *Apostilas de Apoio*, utilizou-se também, como veículo de formação de monitores e alunos, *Nosso Jornal*, espécie de boletim mimeografado, de circulação mensal.

---

<sup>81</sup> O MOBRAL, programa nacional formulado segundo os parâmetros da ditadura militar, visando amortecer o avanço do MEB. Dentre o material citado no Relatório Anual de 1978, se destacou: “Livro de Leitura (MOBRAL); Livro de Exercícios (MOBRAL); Livro de Matemática (MOBRAL); Livro de Exercícios (MOBRAL); Roteiro de Orientação ao Alfabetizador (MOBRAL); Leia e Faça Você Mesmo”.

<sup>82</sup> Movimento de Educação de Base MEB. Sistema Sobral – CE. Relatório Anual MEB – Sobral, 1978. pp. 03 e 04. Documento cedido por Hermínia Liberato.

A equipe local informava sua produção, ao passo que *“tudo o que se fazia se mandava uma cópia para o MEB nacional”*. Das memórias de Hermínia Liberato, é possível supor certa autonomia na ação pedagógica do Movimento, adotando o material didático *“como uma coisa já definitiva”*, bem aceito pelo nacional, pois, *“nunca houve, uma coisa assim, esse número aqui não pode sair”*. Sempre atentos aos cuidados requeridos pela censura militar, *“inocente nas colocações”*, sem nada que *“pudesse agredir o sistema”*, Hermínia justifica o conteúdo como *“uma coisa bem direta ao campo”*.<sup>83</sup>

Acreditava-se que, com a elaboração de *Apostilas de Apoio*, o diálogo entre supervisores, monitores e alunos, fluiria com maior entendimento, posto que a produção do material resultava de processo de mão-dupla. O conteúdo a ser trabalhado, em sala de aula, partia das observações de sua própria vida. A metodologia unia a leitura do mundo à leitura da palavra, em projeto de alfabetização que primava pela dimensão múltipla da educação, evangelização e promoção humana.

Isso implica na complexidade do processo ensino-aprendizagem, nos meandros da prática de leitura, e envolve características culturais dos trabalhadores no confronto de idéias, pelas discussões nas aulas e reuniões comunitárias, engajando-se e construindo uma identidade coletiva no plano das reivindicações.

Considera-se que os conteúdos trabalhados nos encontros de treinamento, nas visitas de acompanhamento nas comunidades, em aulas radiofônicas, eram compreendidos e reorganizados pelos camponeses, de modo que melhor servissem a sua prática.<sup>84</sup>

Na dinâmica educacional do MEB, evidenciam-se as vivências comunitárias conformando um novo tipo de organização no meio rural. A memória do período destaca, com simplicidade, os elementos do fazer-se coletivo, partindo de experiências concretas dando coesão ao grupo e fortalecendo sua perspectiva de luta social, em destaque o exemplo do roçado comunitário. É de se imaginar que as conversas e as reuniões compõem um

---

<sup>83</sup>Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 25 de maio de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>84</sup> Quanto à idéia de recepção e problemas de interpretação, ver debate sobre cultura popular, no artigo de Peter Burke: <<Descubrimiento>> de la cultura popular. In: SAMUEL, Raphael. **Historia popular e teoria Socialista** (Ed.) Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

rico vocabulário de experiência social: união, cooperativa, sindicato, ajuda mútua, colheita e partilha do fruto coletivo.

Com o tempo, eles sentiram a necessidade de se sindicalizarem, de formar em grupos. Eles começaram com o roçado comunitário, eles se juntavam, faziam um roçado, e esse roçado, o nome ta dizendo, roçado comunitário, a produção era dividida entre eles. Então foi, de certa forma, fazendo uma cooperativa. Por essa intenção da cooperativa, eles começaram a descobrir que precisavam de se sindicalizar, de tornar essa união deles uma coisa mais oficial e aí eles viram que tinha o sindicato. Foi o tempo que o sindicato também entrou em contato com a gente, e nós com eles, com o sindicato e a gente passou a fazer um trabalho quase que junto. ... Eles começaram a ser sindicalizados, a ser respeitados e ter força junto de algum pedido que eles queriam fazer junto da prefeitura, junto do Estado. Então eles se descobriram como gente, como senhor, como cidadão.<sup>85</sup>

No âmbito cultural, o MEB se transformou em meio de interação das comunidades rurais, contribuindo na organização comunitária e na busca por melhoria de vida dos camponeses. O Movimento apresentou novas práticas sociais e também se apropriou de costumes e tradições populares, o que contribuiu para a identificação entre camponeses e o MEB, realizando, assim, seu sentido programático: *“suscitar, em torno de cada escola radiofônica, a organização da comunidade, despertando o espírito de iniciativa e preparando-a para as indispensáveis reformas de base, como a da estrutura agrária do país”*.<sup>86</sup>

Essa dimensão esteve presente nas diretrizes do MEB/Sobral, sendo difundida pelo rádio, conforme se observa nos cursos de *Grupalização*, em 1977, valorizando o trabalho em grupo e estimulando a união dos comunitários. Observe-se também a linguagem radiofônica, traduzindo certos conceitos do curso para a vivência do grupo, ensinando que comunidade é uma construção social possível quando atribuem sentido comum à vida vivida no trabalho (roçado comunitário, mutirão), quando na *“comum união”*, um sente as necessidades do outro e se faz solidário porque se identifica no outro.

Prezados líderes é nossa preocupação constante, ver vocês se conscientizarem do valor do trabalho em grupo.  
É através do trabalho em mutirão, que se pode sentir a união de uma comunidade, ou mesmo se pode dar a um agrupamento de famílias o

---

<sup>85</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 25 de maio de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>86</sup> Movimento de Educação de Base. **Documentos Legais**. Rio de Janeiro, 1963. p. 26-7. In: RAPOSO, Op. Cit. p. 45.

título de comunidade, que significa comum união entre os seus habitantes, quer dizer, um sentindo as necessidades do outro e procurando ajudá-los naquilo que é possível...<sup>87</sup>

Decorre da metodologia de Educação Popular estimular a participação do povo, centro da ação dos movimentos populares que se constituem no período. Nesse sentido, Clodovis Boff, destaca a força do “*espírito participante*”, afirmando uma prática democrática: “*discute-se aí tudo e toma posição junto*”. São vivências cotidianas que possibilitaram as iniciativas populares da roça comunitária, do cesto de pesca coletiva, das cooperativas de consumo, das farmácias comunitárias, do mutirão. É de se considerar o efeito subjetivo desse conjunto de práticas. Nelas está inscrita uma dimensão simbólica, um ritual de união, de ajuda mútua. É preciso saber ler esta caminhada do povo, pois se

por um lado, não colocam em questão o sistema global em que consiste a sociedade. (...) por outro lado, elas vão criando as condições desse questionamento fundamental e constituem desde já os embriões de uma sociedade alternativa igualitária.<sup>88</sup>

O discurso dos entrevistados de que a prática do MEB partia da realidade dos trabalhadores ajuda a pensar no diálogo de culturas. De um lado, a realidade letrada, urbana e, de outro, a realidade rural, com saberes apreendidos em vivência concreta. Porém, o diálogo entre os dois universos não se desenvolveu de maneira unidirecional, verticalizando o discurso letrado à absorção passiva dos trabalhadores. Partilha-se da idéia de que a condição de analfabeto não implica desarticulação política, tampouco leitura ingênua da realidade. Tanto é que as necessidades da vida no campo serviam de base para discussões das reuniões em comunidade. De acordo com Manuel Linhares, “*eram coisas assim bem elementar que vai tentando, mudando a vida das pessoas pela necessidade de vida das pessoas*”.

Manuel fala de um tempo em que “*não existia nada de organização*”. Como exemplo, ele rememora como as distâncias entre cidade e campo eram grandes. Não tinha caminhos, não havia estradas, “*só veredas*”, “*só*

---

<sup>87</sup> Roteiro do Programa “Encontro com o MEB”. Curso de Grupalização. 1977. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

<sup>88</sup>BOFF, Clodovis. A Influência Política das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). In: **Religião e Sociedade** 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp. 108-109.

*caminhinhos que passava animal e olhe lá*". Ele rememora as dificuldades para uma mulher parir em Meruoca ou Sobral, era preciso levar numa rede, pois carro não passava. A experiência comunitária praticada no MEB, segundo seu relato, tornou possível alargar as veredas, construir caminhos de participação comum. Para ele,

...São exemplos assim que, para ilustrar um pouco esse... como era a coisa, não era o macro, era o micro. O MEB trabalhou muito o micro a partir dessas experiências e conseguiu com isso é... mobilizar a comunidade e abrir estradas de mais de 4 KM de rocha, então é assim coisas dessa natureza...<sup>89</sup>

Compreende-se o MEB como espaço de transformações sociais e de realização pessoal e coletiva. Na entrevista de Manuel Linhares, percebe-se a felicidade ao lembrar sua experiência no Movimento e a importância que lhe atribui. Era um trabalho que mexia com sentimentos da juventude comprometida com o povo. Compartilhava-se a idéia de servir ao próximo, era prazeroso contribuir na educação e na formação de uma nova sociedade.

Fazia parte da metodologia da Educação Popular<sup>90</sup> o "mapeamento cultural" das comunidades. Não se chegava às comunidades alheio à realidade, fazia-se o levantamento do universo vocabular e das particularidades culturais do povo, como define uma das participantes do processo, destacando que a entrada na vida do povo, havia que respeitar seus conteúdos culturais, sua história, sua religião, suas atitudes. Para ela,

Isto foi de grande importância para que a educação popular pudesse ser pensada e assumida como uma das forças de superação da alienação do oprimido, e do papel desses educadores junto a esses oprimidos, participando do processo de descoberta e afirmação de seus valores.<sup>91</sup>

Manuel Linhares, rememorando o processo educativo do MEB, chama atenção à sua importância porque *"ele mudava o comportamento, não só da leitura, mas o comportamento do dia-a-dia, ... o comportamento humano"*.

---

<sup>89</sup> Manuel Linhares (Maneco). Entrevista realizada em 04 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>90</sup> Sobre a metodologia que norteou o trabalho do MEB ver: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. Coleção Primeiros Passos.

<sup>91</sup> ALVES, Maria Valnê. **Interferência de Educadores de Camada Média em Educação Popular**: viabilidade teórico - prática da interferência de educadores de camada média em Educação Popular a partir de uma experiência na área rural do nordeste brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. (Dissertação de mestrado em Educação). P. 06.

Destaca, em sua narrativa, as mudanças nos modos de morar e de viver dos camponeses que, descobriam novos hábitos de higiene, construindo fossas e usando filtros. Lembra que *“em vez de beber água no barreiro... dentro do pote com o pano na boca”*, as pessoas iam mudando seus costumes, bebendo água filtrada. Um trabalho educativo que *“além de levar a questão do... curricular, formação das pessoas, ele levava também... a pessoa descobrir a saúde através da escola”*. Com sua matéria colhida na vida real, Manuel afirma o diferencial da educação popular nas comunidades, *“porque a discussão era.. feita com a vida deles, não tinha nada de sonho”*.<sup>92</sup>

A educação sanitária é fortalecida no programa radiofônico *Encontro com o MEB*, pelos cursos de Saúde e Higiene, repercutindo nas comunidades. As cartas comunitárias evidenciam o interesse dos líderes comunitários em aprender, tirar dúvidas sobre doenças comuns na zona rural, para auxiliar a comunidade com relação a uma boa saúde. Era reforçada a importância de escovação dos dentes, beber água limpa, tratar as doenças com os remédios receitados pelo médico, quando os remédios caseiros não surtiram efeito.

No entanto, a aceitação de novos hábitos sanitários constituiu processo lento e variado nas comunidades. O trabalho do MEB/Sobral se efetivou em campanha, no sentido de priorizar tais orientações. Hermínia Liberato conta em detalhes, como a *“história foi longa...”*. A respeito do uso da água nas comunidades, ela lembra a dificuldade e do tempo que levou para disseminar os aconselhamentos sobre o uso da água filtrada. Ora, as comunidades desassistidas pelo poder público, esquecidas em suas necessidades, se valiam para água de beber e de cozinhar *“daquela água de poço, água de rio”*. *“A água que eles tinham era aquela que eles traziam para casa e usavam naquele sistema antigo, que era de coar sua água”*.

Filhos de um tempo em que as nascentes ainda eram cristalinas e se vivia muito mais em convívio com a natureza, seu costume só podia ser o de ir ao poço e trazer a água do pote, onde se *“botava um pano e aquela água era coada e eles acreditavam que o sujo ficava em cima e a água descia, quando não sabiam eles que o micróbio ia também”*. Se era difícil entender o que era

---

<sup>92</sup>Manuel Linhares (Maneco), entrevista realizada em 04 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

micróbio, mais difícil ainda era trocar o pote (fabricado, às vezes, ali mesmo), por um novo e desconhecido objeto – um filtro.

Conforme conta Hermínia, fruto de uma parceria com a Ematerce, se deu a campanha de distribuição de filtros quando, *“muitos ainda não acreditavam, não sabiam nem como usar”*. Lembra que *“um dia a gente chegou numa casa e eles fizeram o seguinte: o filtro se bota as velas pra cima e se acocha por baixo. Ele fez o contrário, ele botou as velas para baixo e os parafusos para cima. Nós chegamos lá, estava aquelas velas penduradas”*. A saída frente à cena inusitada? Todo mundo *“achou muita graça, brincou com eles, eles também acharam graça”*.

Hermínia, em seu papel de supervisora, só poderia achar que não aprenderam a montar o filtro devido ao fato de que *“faltou também a nossa orientação de como usar, a forma de como arrumar as duas partes do filtro”*<sup>93</sup>. Aqui se observa que, neste período, o trabalho do MEB era uma mescla de ensinamentos baseados no *“desenvolvimento das comunidades rurais”*, quando a solução dos problemas sociais, parecia ainda levar filtros e construir fossas.

De acordo com o relato, depreende-se o entrosamento que a equipe do MEB, constituiu com os camponeses. Mas também, ressaltam-se as sutilezas de resistência dos camponeses aos novos hábitos, a dúvida quanto à eficácia do filtro ou ao uso de fossas. A campanha da fossa também não foi fácil. A narrativa da memória insiste: *“me lembro muito bem, que... um dia, nós chegamos numa casa, e estava aquela fossa feita e rodeadinha de flores. Eles plantaram, fizeram a fossa, depois que fizeram a fossa eles plantaram um bocado de rosinhas”*. Diante do fato, a surpresa da orientadora – *“oh! Que coisa bonitinha, vocês já usaram?”*, ao que responderam – *“Não, isso aqui não é para gente usar não, isso aqui é para vocês quando chegarem aqui usarem...”*<sup>94</sup>.

A partir dos anos 1970, atuando em sintonia com as diretrizes do MEB nacional, os conteúdos do *Nosso Jornal*, das reuniões e dos cursos radiofônicos se direcionam, cada vez mais, à orientação da organização

---

<sup>93</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 25 de maio de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>94</sup> Idem.

comunitária e formação elementar nas áreas de saúde e alimentação, entendendo-se que tais aspectos promoveriam o desenvolvimento das comunidades rurais.

Nesse sentido, destaca-se o Curso de Enfermagem, agrupando quarenta e quatro pessoas das comunidades do Baixo Acaraú, em outubro de 1975. O curso afirma como principais objetivos formar seus participantes para que pudessem atuar frente às carências médicas das comunidades rurais, difundindo noções básicas de atendimento de urgência e de primeiros socorros. Em linhas gerais, o curso se auto-definia, como um espaço possível de instruir os participantes quanto aos princípios de defesa da saúde e “*atendimento na hora precisa*”.<sup>95</sup>

Como se observa, o trabalho de educação popular empreendido pelo MEB situava-se no contexto mais geral da educação de base, no Brasil que:

evoluiu de sua referência imediata à escolarização e ao ensino do ‘mínimo indispensável’, que não podia deixar de recorrer a um currículo disciplinar um tanto ou quanto formal e um tanto ou quanto universal (alfabetização, educação sanitária, educação cívica, técnicas agrícolas, etc.) para o concreto das situações de vida dos grupos sociais com quem lidava. Não que chegasse a abandonar totalmente a escola e o ensino, mas a escola se transformava.<sup>96</sup>

Nesse passo, os programas e currículos vindos do ensino formal se transformavam “*cada vez mais numa estrutura de participação popular, e o ensino tendia a se vincular à problemática local vivida pelos seus freqüentadores*”, como observa Aída Bezerra.<sup>97</sup>

Nesse processo, os camponeses se confrontavam com o nível de desigualdade social e de falta de recursos para assistência ao meio rural, que deveria ser garantida pelo poder público. Juntamente com o desvelamento da falta de condições mínimas de vida, como saúde e educação, partiam em busca de seus direitos, associando-se em organizações comunitárias ou sindicatos de trabalhadores rurais.

---

<sup>95</sup> “Nosso Jornal”, nº. 47. Outubro de 1975, ano v. Movimento de Educação de Base – MEB. Sistema Sobral. (Documento cedido por Hermínia Liberato).

<sup>96</sup> BEZERRA, Aída. As atividades em Educação Popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **A Questão Política da Educação Popular**. Op. Cit. p. 34.

<sup>97</sup> Idem.

Em mutirão construía-se casas, salões comunitários, roçados comunitários, fossas, campos de futebol e, dessa forma, as experiências do trabalho coletivo serviam de exemplo e motivação para as localidades vizinhas. Nessas ocasiões, o trabalho, a festa e a alegria eram compartilhados. As lembranças do período evocam os momentos de festa, partilha e solidariedade como parte da cultura tradicional camponesa. O relato de Celisvaldo é rico nesta afirmação: *“a gente já tinha uma experiência de trabalhar de mutirão”*. A forma *“mutirão”* consistia numa troca de dias de trabalho nas comunidades, quando *“todos – homens, mulheres e crianças – se juntavam para construir uma casa de taipa, que ninguém tinha condição de construir casa de tijolos naquela época”*.

Para ele, o dia de trabalho coletivo passava a ser um dia de conagração e alegria – *“a gente fazia mutirão, era uma festa construir uma casa”*.<sup>98</sup> O que era um traço característico de suas vidas – o adjutório, o mutirão, a colheita comum, a partilha entre a vizinhança da boa comida dos dias de festa – é canalizado para um sentido mais coletivo de vida em comunidade. Agora, partilhando também um vocabulário da reivindicação dos direitos e da justiça social.

As comunidades rurais se identificam para além da dimensão territorial, como espaços em que se articulam sujeitos que pensam e agem de diferentes formas. A vida em comunidade não é sempre harmônica e os moradores vivem conflitos e diferenças internas que, muitas vezes, fogem ao consenso moral da comunidade. Uma forma de dirimir ou atenuar situações de conflitos observa-se na atuação do MEB/Sobral, em seus cursos de liderança comunitária, objetivando criar núcleos em cada comunidade.<sup>99</sup>

Os camponeses se organizavam e discutiam os problemas da comunidade e encontravam brechas para o questionamento e a luta social. Se não podiam se reunir às vistas dos patrões, faziam-no na hora de trabalho, no preparo da terra, já que era, principalmente, pelo problema da terra que os trabalhadores se motivavam na busca de direitos, construindo formas de organização e luta para além da proposta político-educativa do MEB.

---

<sup>98</sup> Celisvaldo Pereira Lima. Entrevista realizada em 04 de janeiro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>99</sup> Com vistas nesse esforço, destacam-se os Treinamentos de Lideranças Comunitárias, realizados em janeiro de 1976; em novembro de 1978 e em junho de 1980.

Os cursos sobre sindicalismo, grupalização, previdência social, influenciaram seu pensamento e ação. Tais cursos podem ser pensados como estímulo às conquistas dos trabalhadores rurais. Mesmo primando pelo despertar da consciência política, a potencialidade das conquistas não dependia da vontade de lideranças do MEB, senão da base dos movimentos. Ou seja, funcionava a partir do significado atribuído pelos camponeses à luta, como se observa na fala de Celisvaldo:

Nós tivemos um momento muito forte, muito difícil. Porque nós, os trabalhadores rurais, que ainda hoje a gente tem, infelizmente, ainda tem vários companheiros, que ainda compreende, que a força do latifúndio, ela é superior a nossa organização. Então a gente tinha uma dificuldade muito grande de fazer com que as pessoas tivessem uma consciência de lutar pelo seu direito. Isso aí foi um momento muito forte, muito difícil, mas a gente começou aí, começamos a trabalhar com relação a questão das leis trabalhistas, quer dizer, com o Estatuto da Terra em mão já... ainda no regime militar, a gente não podia se expor muito, porque a gente era vigiado, era monitorado pelo pessoal do... sistema. Mas aí, a gente começou a trabalhar esse processo.... E a luta pela reforma agrária, a gente compreendeu que a questão do arrendamento era um... uma cobrança exorbitante, aí, a história da meia que ainda hoje, ainda tem na cabeça do latifúndio, a exploração da mão de obra dos trabalhadores. Então, isso foi que fez a gente partir para essas organizações.<sup>100</sup>

Celisvaldo manifesta as dificuldades das lideranças dos movimentos e dos trabalhadores engajados no processo de conscientização e de luta contra a estrutura fundiária. Como salientou o entrevistado: *“Então a gente tinha uma dificuldade muito grande de fazer com que as pessoas tivessem uma consciência de lutar pelo seu direito”*.

A classe, como lembra Thompson<sup>101</sup>, se constitui no processo de luta de classes e por isso deve ser entendida como *“fenômeno histórico”* formada na *“experiência”* e na *“consciência”* das relações sociais. No entanto, ela também é feita de contradições internas que revelam a complexidade das relações, quando se pensa em articular projetos e desejos individuais com as escolhas coletivas dos movimentos sociais.

---

<sup>100</sup> Celisvaldo Pereira Lima. Entrevista realizada em 04 de janeiro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>101</sup> THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Org. Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. “Uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si mesma. De outro modo, não é, ou não é, ainda, uma classe.” p. 279.

Porém, pensa-se a consciência como elemento que se constitui na experiência de luta coletiva, mas se manifesta de forma individual, conforme o grau de participação e, mesmo, de identificação com a luta. Talvez a dificuldade mencionada por Celisvaldo se relacione aos diferentes significados que a organização e a luta dos camponeses tiveram para cada um.

As reflexões sobre cidadania, sindicalismo e reforma agrária, alcançavam os camponeses de forma diferenciada na compreensão, pela própria vivência, de que a ação dos trabalhadores poderia modificar o quadro de dominação. A organização se constitui na relação entre discurso e ação, transformando homens e mulheres do MEB e Dia do Senhor. Transformações, como observa Raymond Williams<sup>102</sup>, na “*estrutura de sentimento*” das relações sociais dos camponeses, em quase trinta anos de atuação dos Movimentos das comunidades rurais de Sobral.

### 1.3. “A brasiinha apagada, de ontem, se transformou numa grande fogueira”

O Movimento do Dia do Senhor formou-se, em Sobral, por volta de 1965, como trabalho de evangelização nas comunidades rurais<sup>103</sup>, em face da carência de padres para atender as comunidades. A denominação Dia do Senhor tem referência no domingo, na tradição católica, o dia de descanso. Em vez de missas, eram realizados cultos dominicais como celebração da palavra de Deus. Uma iniciativa de padre Luizito Dias<sup>104</sup> e padre Albani Linhares, mobilizando homens e mulheres das comunidades e capacitando-os como dirigentes ou orientadoras do Movimento para evangelização.

Os dirigentes ou orientadoras eram pessoas que se identificavam com o trabalho da Igreja, geralmente, aqueles que ajudavam na celebração da missa,

---

<sup>102</sup> WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

<sup>103</sup> De acordo com Valnê Alves: “A experiência situa-se na área rural do nordeste brasileiro, região do sertão, litoral e serra, onde encontram-se os vários tipos de propriedades rurais-latifúndio, propriedades médias e minifúndios – cobrindo uma área de 20.000 Km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente 500.000 habitantes. Todos os que trabalham diretamente na relação produtiva desenvolvem uma economia de subsistência. Nessa área geográfica os produtos básicos são: feijão, mandioca, milho, algodão, mamona e castanha de caju.” In: ALVES, Maria Valnê. **Interferência de Educadores de Camada Média em Educação Popular...** Op. Cit. p. 7.

<sup>104</sup> Com o tempo, padre Luizito se desengaja do Movimento e, padre Albani continua o trabalho pastoral com os camponeses, abrindo espaço para a participação de outros religiosos e agentes pastorais, formando, assim, uma coordenação para o Dia do Senhor.

preparavam as crianças para Eucaristia e Crisma e tinham um bom relacionamento com o povo de suas comunidades. Do município de Groaíras, foi escolhido Sebastião Alves de Melo, que se dizia *“igual a morcego ou barata por Igreja, adorava ver um padre celebrando vestido todo paramentado. Achava muito bonito. E por isto fiquei com esta vocação muito grande”*.<sup>105</sup>

Sebastião viu nascer o Movimento do Dia do Senhor, participou de sua história, tornando-se o dirigente mais antigo. Em 1988, contou a *História do Movimento do Dia do Senhor*<sup>106</sup>, ressaltando um pouco de sua biografia e da trajetória do Movimento. Sua narrativa foi gravada em cinco fitas, transcrita pela equipe de coordenação. Constitui um rico documento, com destaque à memória de um sujeito da base, cuja única experiência escolar, se deu no início da década de 1940, ainda na juventude, tendo que se desdobrar entre o trabalho na roça e a escolinha improvisada na casa da professora, uma *“moça velha”* da comunidade.

Neste improviso, arranjaram bancos emprestados da vizinhança, *“todo dia levava pra lá e todo dia tinha que trazer pra casa de novo... que era o assento do povo também”*, e, como as aulas eram noturnas, *“precisava de luz, de claro”*, o que se resolveu com uma vaquinha e *“comprou-se farol, comprou-se querosene”*. A idéia da escolinha partiu de Sebastião, *“que tinha muita vontade de saber ler. Exatamente porque ia fazer as compras que precisava em casa, vender chapéu... e sentia assim uma pena doida de não saber de nada”*. É nesse contexto de pobreza e dificuldades de vida, mas, movido pela vontade de saber que Sebastião aprendeu a *“carta do ABC”*.<sup>107</sup>

Logo no início de sua narrativa, situa seu lugar social e de seu conhecimento, *“Foi a escola que o Sebastião teve. Portanto, nesta história que vocês vão ver, vocês não vão esperar que seja história de um doutor ou de um*

---

<sup>105</sup> MELO, Sebastião Alves de. História do Movimento do Dia do Senhor. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

<sup>106</sup> Manuel Zenóbio Vasconcelos, dirigente de Cruz, também se animou a contar a *História do Movimento do Dia do Senhor*. Organizou sua escrita em quatro páginas mimeografadas, enfatizando as conquistas dos camponeses no plano da libertação e autonomia. Zenóbio nasceu e se criou no meio rural mas, estudou e alcançou formação universitária. Sua História é contada com coerência, estruturada em tópicos que discorrem, brevemente, sobre a Formação do Movimento, Cursos, O Movimento e sua caminhada, a Frieza do Movimento, Trabalho da Nova Equipe e Movimento Atual. De maneira sucinta e com linguagem formal, sua narrativa constitui mais uma versão, mais um registro da História do Movimento.

<sup>107</sup> MELO, Sebastião Alves de. História do Movimento do Dia do Senhor. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

engenheiro. *É de um agricultor, matuto, sem letra*". Apresenta o Movimento como popular e sua história *"é popular também... porque o Movimento para muitos, e ele já tem muitos líderes, faz parte do nosso sangue"*.<sup>108</sup>

Sebastião Alves conta que o Movimento *"nasceu depois de uma preparação grande"*. Situa a atuação de Padre Albani Linhares e Valnê Alves<sup>109</sup> como pessoas que gostavam muito de lutar com os pobres, *"com os camponeses em trabalhos de orientação, de fazer com que eles entendessem e começasse a viver como gente, conhecendo os seus direitos, os deveres"*, e esclarece o objetivo do Movimento: *"libertar essa classe sofredora... de suas escravidões, as escravidões da miséria, as escravidões de injustiça social"*.<sup>110</sup>

Sua memória recupera a conjuntura nacional, ao situar o surgimento do Movimento e a preparação para seu primeiro treinamento, rememora *"aquele tempo em que tinha havido o golpe de estado... um golpe que tinha assumido a liderança, os militares... tava em revolução quente"*. Era 1965, início da ditadura militar e fim do Vaticano II, a Igreja festejava o espírito de comunidade, quando *"apareceu um convocamento de líderes por paróquia. Cada paróquia tinha que mandar uns representantes, conforme quisesse, sem escolha de cor, sem escolha de tipo, sem escolha de saber ler ou não, finalmente era livre."*<sup>111</sup>

Esse *"convocamento de líderes"* foi acolhido pelos párocos de Groaíras, Santa Quitéria, Camocim, Acaraú, Morrinhos, Marco e, também, das Serras da Meruoca e da Ibiapaba, indicando pessoas para o treinamento em Sobral, onde se conheciam e se animavam com o trabalho pastoral. Sebastião ressalta que *"houve até vigário que não quis escolher... permaneceram ausente em mandar"*, mas, valoriza a persistência do Movimento, mesmo sem a completa adesão dos religiosos locais, apontando, inclusive, a participação da mulher, um elemento novo no trabalho pastoral, *"que era já o começo da reintegração da mulher na sociedade, para ser orientadora no trabalho de celebração... com*

---

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> Jovem estudante que assumiu a coordenação do Dia do Senhor, depois da saída de Padre Luizito Dias. Valnê contribuiu com o projeto de formação do Movimento, realizando cursos, programas de rádio e acompanhamento do trabalho pastoral nas comunidades. Em meados da década de 1970, decide estudar no Rio de Janeiro e se desvincula do Movimento, permanecendo presente nas lembranças daqueles com quem conviveu. Na narrativa de Zenóbio, escreve-se "que sua história ficou gravada no coração de todos aqueles que lutam pelo objetivo do Movimento".

<sup>110</sup> MELO, Sebastião Alves de. História do Movimento do Dia do Senhor. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

<sup>111</sup> Idem

*o objetivo de também conscientizar, conversar mediante as leituras daquela celebração*".<sup>112</sup>

O conagração no treinamento inicial, o convívio com outras pessoas, a descoberta de outras possibilidades de vida e de trabalho marcaram a vida de Sebastião, sendo uma experiência lembrada com orgulho, pois se encontravam ali, *"nós todos tímidos... ainda matuto, não era acostumado nem conversar... então, vem um estágio desse, tem sociólogo, tem professores de alta categoria"* e foram-se criando os laços de amizade, conhecendo *"gente de todo lado da Diocese"*.<sup>113</sup>

Reconhecendo seu crescimento a partir do intercâmbio, da troca e da vivência com histórias de vida e de luta semelhantes, diz de sua formação pela pedagogia popular: *"vamos dizer o estilo popular, nós se formemos dentro daquilo, daqueles estágios, dentro daqueles cursos, fiquemos aptos"*, capacitados a voltar às suas comunidades e assumir a *"missão"* de fazer as celebrações do Dia do Senhor.

Como um esforço de caracterizar o trabalho pastoral realizado por quase trinta anos na Diocese de Sobral, Sebastião divide a *História do Movimento do Dia do Senhor* em três épocas, situando em sua narrativa a participação de personagens e fatos que marcam cada uma delas: a época do padre Albani e Valnê, a época do Gustavo e Lídia e a época em que as bases assumem o Movimento. Sua narrativa ganha sentido crescente em direção à autonomia e conscientização, conceitos bastante empregados. Autonomia, entendida como respeito às formas de pensar e de agir dos camponeses, à sua formação cultural. Ao longo de cinco fitas, Sebastião narra essa trajetória.

Lembra, ainda na época de Valnê, as dificuldades materiais do Movimento e o apoio da Diocese. A equipe fazia acompanhamento nas comunidades com um carro, cedido pelo bispo, Dom Walfrido Teixeira Vieira, *"era uma rural, que tinha tração, andava por todo canto"*. Servia de transporte para a equipe e ajudava à comunidade, sempre à disposição das necessidades do povo, *"muitas vezes era uma espécie de ambulância"*, pois trazia mulheres

---

<sup>112</sup> Idem

<sup>113</sup> Ibidem

para parar em Sobral ou doentes para se consultarem na cidade, *“uma espécie de comunicação entre a equipe e as comunidades”*.<sup>114</sup>

Nesse tempo também se realizaram os primeiros cursos de formação dos dirigentes e orientadoras, *“a gente fez vários cursos, cursos de linguagem e conhecimentos gerais, cursos de pedagogia popular, e curso de todo tipo. Muitas vezes aqui em Sobral, a maioria na Meruoca”*. Na Serra da Meruoca, localizava-se o Centro de Treinamento de Sobral (CETRESO), onde se realizavam as atividades pedagógicas das pastorais diocesanas, como os cursos do Dia do Senhor. Geralmente, passavam a semana reunidos na serra, estudando, planejando e experimentando o coletivo.

Como não tinham dinheiro, *“recebiam uma ajudinha da Diocese, muito pequena”*, Sebastião lembra o dinamismo da equipe de coordenação e dos dirigentes e orientadoras, na sustentação do trabalho pastoral e comunitário, ao passo que *“tinham que inventar promoção”*. A alimentação e as passagens para participarem dos cursos, na maioria das vezes, eram por conta dos camponeses, de modo que *“as comunidades ajudavam no que podiam e a equipe ajudava no que podia, e a gente ia indo. Isso tudo foi crescendo e o Movimento ganhou se espalhou por esse mundo afora...”*.<sup>115</sup>

Além das dificuldades materiais, Sebastião destaca como parte do processo de aprendizagem, *“as dificuldades no ponto de educação”*, aprendendo a superar o medo de errar e desenvolvendo confiança em si mesmo. Lembra a insegurança compartilhada com os companheiros de caminhada, Manuel Tiago, Abdias Marques, Antônio Pires que *“às vezes errava muita coisa e se arrasava mais, ficava mais chateado”*, mas não esmoreciam e *“tocavam o barco pra frente”*.<sup>116</sup>

Com o esforço coletivo, o Movimento do Dia do Senhor foi se estruturando, crescendo e se espalhando para outras comunidades, reanimando o sentido de cooperação, igualdade e unidade porque *“todos somos iguais, todos trabalham, todos colaboram”* e para Sebastião isso é o mais importante, *“é o que faz crescer, o que faz a unidade do Movimento”*.

---

<sup>114</sup> Ibidem

<sup>115</sup> Id. Ibid.

<sup>116</sup> Id. Ibid.

Unidade difícil de ser preservada, pois ao passo que muitas pessoas se engajavam, outras iam se desligando do Movimento.

Em meados da década de 1970, Valnê Alves decide estudar no Rio de Janeiro. Aos poucos, foi comunicando as pessoas sua decisão e juntamente com padre Albani, preparando uma nova equipe de coordenação. Dessa fase de transição, Sebastião lembra a colaboração de religiosas norte-americanas, Bárbara, Carolina, e Maria Alice, que permaneceu na equipe e *“teve uma dificuldade de se adaptar no começo, porque a linguagem dela era inglesa e o português ela falava muito embolado, muito difícil”*. No encontro de culturas, Maria Alice se adaptou, aprendendo a falar *“com os matutos véi, o português chato mesmo do matuto”*.<sup>117</sup>

Na História de Sebastião, o afastamento de Valnê encerra a *“primeira fase”* do Movimento, considerada importante porque, nesse tempo, *“o movimento foi assim uma espécie de grande fábrica de amor, de trabalho, de conhecimento, de técnica para todos nós. Foi uma vida, um acervo de vida para a gente”*.<sup>118</sup>

O período de participação das religiosas norte-americanas e a chegada de um casal de intelectuais, Gustavo Lyra e Lídia Ferreira, a convite de padre Albani, nos anos 1970, amplia o diálogo do Movimento com agências de financiamento para os projetos de evangelização e ação social, *“e foi criando uma situação melhorzinha através dumas associações que tem lá por fora, no estrangeiro. Foi melhorando a situação da gente”*<sup>119</sup>.

Aqui no Brasil, o financiamento vinha do NOVA, agência que apoiava as iniciativas em educação popular. Acompanhava o trabalho comunitário do Movimento, vez por outra, visitando as comunidades rurais e participando dos cursos e *Encontrões*. Para os camponeses, esses visitantes eram os *“amigos de coração”*, pessoas que só conheciam por nome, e passavam a conhecer pessoalmente. Sebastião lembra os nomes de *“João Ham, Alonso, gente do NOVA...que resolveram vim ver, vim olhar nosso trabalho”*. Nesse período, o Movimento tinha alcançado a Diocese de Itapipoca, assumindo por lá, padre Albani e irmã Maria Alice.

---

<sup>117</sup> Id. Ibid.

<sup>118</sup> Id. Ibid.

<sup>119</sup> Id. Ibid.

Da narrativa, destaca-se a metodologia de trabalho pastoral, com ênfase na prática de formação de grupos, reuniões e reflexão sobre os problemas individuais e coletivos. Sebastião lembra a formação de *“grupos de jovens, grupos de esposas, que vão fazendo o tecido geral do desenvolvimento das comunidades”*, ressaltando-se de seu enredo, palavras de relevo no contexto dos movimentos populares: *“consciência, plano de trabalho e ação”*.<sup>120</sup>

Sebastião narra historicamente, ao passo que situa o Movimento do Dia do Senhor nos quadros de outras experiências populares, de orientação católica, atuando concomitantemente no meio rural, *“sindicatos, MEB, círculos bíblicos, CEBs, movimento de jovens, movimento do meio popular”*, o que permite pensar na troca de experiências e na contribuição de pessoas de outros estados, leigos ou religiosos comprometidos com a orientação libertadora *“...sempre vinha gente lá do Sul, do Rio, São Paulo, Bahia... Talvez até curioso, mais vinha também ajudar a gente... dando experiências, dando planejamento pra gente, dando também a contribuição dele de ação.. e a gente ia fazendo amizade...”*.<sup>121</sup>

O movimento foi se fortalecendo, com um novo plano de trabalho, e ganhando espaço nos setores institucionais da Diocese de Sobral. Os camponeses conquistaram um horário na Rádio Educadora do Nordeste para o programa *Encontro das Comunidades*, um médico, para o atendimento da população rural e, instituíram um setor jurídico, para o conhecimento das leis, dos seus direitos. À época do Gustavo e Lídia, associa-se, também, a realização dos *Encontrões*, *“uma espécie assim de aniversário, onde a gente fazia aquela revisão e planejamento”*. Anualmente, durante o mês de julho, a equipe se reunia no CETRESO, para avaliação do Movimento, objetivos, metodologia, planos de ação.

A conquista de um espaço na emissora da Diocese deve-se, em parte, à atuação do bispo de Sobral, que acolheu e incentivou os movimentos de pastoral popular, contornando as tensões com a ditadura militar e a oposição de alguns padres conservadores. Sebastião recupera de sua memória o amor que Dom Walfrido dedicava ao Dia do Senhor e a esperança de libertação que nele depositava, *“ele dizia que o único meio que tinha, a única esperança que*

---

<sup>120</sup> Id. Ibid.

<sup>121</sup> Id. Ibid.

*tinha para a Diocese era o Movimento do Dia do Senhor. Que era um Movimento de autonomia, um Movimento que crescia, mesmo com todos os choques que aconteciam dos seus companheiros de presbitério*.<sup>122</sup>

No fazer-se do Dia do Senhor, sua proposta original, de aproximação dos camponeses com a liturgia católica, recebeu nova conotação pela orientação progressista. A discussão *Evangelho e Vida*, uma leitura da realidade vivida nas comunidades, à luz do evangelho<sup>123</sup>, passa a compor a metodologia das celebrações do culto dominical, o que amplia a compreensão das pessoas, instigando-as a questionar a desigualdade e as injustiças. Nesse diálogo, os trabalhadores encorajavam-se a reivindicar, a protestar e a se indignar contra o poder – os patrões.

A formação crítica não agradou aos donos de terras, nem aos padres conservadores<sup>124</sup>, que identificavam o Movimento como subversivo, “... e aí criou uma certa celeuma que o Movimento é como um Movimento de esquerda, um Movimento agitador. Quando não é. É um direito que nós temos... São exatamente as pessoas mais opressoras que vemos com estes olhos”.<sup>125</sup>

A associação do Movimento com a atuação de esquerda, não vinha somente de parte do clero de Sobral. Na narrativa de Sebastião, também constituem matéria de sua memória, as tensões advindas da ditadura. Conta um episódio de aflição, quando “... a gente tava no encontrão, ... lá no Cetreso.

---

<sup>122</sup> Id. Ibid.

<sup>123</sup>Essa prática marcou a geração de religiosos e leigos de formação progressista. Assim como no Dia do Senhor, Clodovis Boff aponta como característico das CEBs, “confrontar sempre a palavra de Deus com a realidade. O povo fala em comparar Evangelho e Vida. Aí a realidade se adensa e se expande em círculos concêntricos até atingir o nível do sistema social. No início aparecem apenas os problemas pessoais, depois, os familiares, em seguida os problemas da vizinhança, do bairro, da cidade, depois do país, da sociedade em geral, por fim, tudo se amarra no sistema capitalista.”IN: BOFF, Clodovis. *A Influência Política das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Religião e Sociedade 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 99.

<sup>124</sup> Nas narrativas de memória do período, mencionam-se a oposição do pároco de Bela Cruz, “No começo todo padre era doidinho por aquilo porque ajudava eles, porque celebravam no lugar deles nas paróquias, então... Eu me lembro muito bem do Odéssio... que era vigário de Bela Cruz, ele levava o jipe dele, que era um jipão grande cheio de gente para os cursos. Aí quando nós começamos a entrar em linha de conscientização, de realidade, alguns se opuseram, ele por exemplo, é típico ele. Ele deixou de dar apoio. ... Só um exemplo, né, não foi só ele não, tinha resistência em alguns padres que... porque eram reacionários. ... E ao mesmo tempo, os dirigentes como eram ligados a paróquia, a religião começaram a criticar também... o comportamento dos padres, sabe? Porque eles tomavam consciência de que o Evangelho pedia justiça e a justiça não aparecia...” Padre Albani Linhares (17/ 12 /04). Na entrevista de Zenóbio Vasconcelos (26/ 10/ 04) foi ressaltada a resistência do pároco de Morrinhos. Arquivo da autora.

<sup>125</sup> MELO, Sebastião Alves de. *História do Movimento do Dia do Senhor*. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

... *fechado por lá*”, e perceberam a polícia rondando *“chegou por ali naquelas duas picapes arrudiu muito o Cetreso, mas nós tava tudo fechado lá dentro,... mas a gente percebeu tudo armado, tudo de fuzil e pelejando”*. A presença militar pretendia desarticular a concentração popular e a mensagem foi levada ao grupo por um seminarista: *“rapaz tem um pequeno ali no pé da serra esperando a decida de vocês porque não quer reunião e estavam sabendo que vocês estavam reunidos aqui”*. *“Um disparato”* foi a expressão usada por Sebastião para vislumbrar o susto dos camponeses, ao se perceberem em confronto com a ditadura.

O enredo destaca a estratégia dos participantes para driblar a censura ao trabalho de base. Padre Albani teve uma idéia de *“marcar uma missa pra nós celebrar a meia noite”*, contornando a situação e acalmando os ânimos, para facilitar o retorno dos camponeses a Sobral porque, *“quando chegamos lá já tava era as passagens compradas, divididas pra cada um...”*. Orientados *“pra sair de dois em dois... descemos a serra, já tinha descido muita gente e se espalhavam iam embora”*. Chegando a Sobral, *“ninguém queria mais conversa”*. A norma *“era ir embora todo mundo pra não ir pegado...”*.<sup>126</sup>

Transparece na narrativa a responsabilidade e o cuidado dos religiosos e leigos em proteger os participantes e, ao mesmo tempo, de não espantá-los do Movimento ao saberem dos riscos. No entanto, a partir de então, algumas pessoas se desligaram do Movimento, inclusive, aqueles comprometidos com o anúncio da libertação e engajados na luta social. Sebastião Alves lamenta o afastamento do companheiro Orácio que, *“nunca mais no mundo deu as caras no Movimento”* e ressalta que, *passaram a trabalhar com mais cuidado, porque “ficou este medo que atrapalhava muito e que foi um choque muito grande”*.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> Idem.

<sup>127</sup> O episódio foi significativo para despertar a atuação política dos participantes do Movimento, pois, a partir de então, entenderam-no como instrumento de organização popular e descobriram-se dentro de uma realidade mais ampla e mais complexa que as questões do latifúndio e desigualdade social, no interior do Ceará, se viram no centro da questão política de âmbito nacional. Pe. Albani Linhares e Zenóbio Vasconcelos, também narram o episódio.:*“umas duas vezes nós tivemos medo, teve um tempo que nós tava lá ... na serra , nós tava fazendo um curso e chegou a notícia que era arriscado que baixassem lá, então nós tivemos que, num dissemos o pessoal pra apavorar mas nós ficamos acordados, prevenidos e resolvemos descer todo mundo de manhã, no primeiro horário que era de madrugada , e todo mundo se dispersar e cada qual buscar seu destino. Então quando foi de manhã cedo, nós reunimos e explicamos... alguns ficaram meio espantados, outros não.... eles todos tiveram consciência de que podia acontecer uma coisa em cima deles... mas nunca teve nada de concreto, sabe?”* Padre Albani Linhares (17/12/ 04). Sobral – CE. Arquivo da autora.

Outro fato “desagradável”, marcante para a História do Movimento, emerge da narrativa de Sebastião: o assassinato do companheiro Benedito Tonho, da comunidade de Queimadas. Lembrado como “*um dos mártires do Movimento*”, Sebastião retrata o companheiro “*como um homem assim como eu, que não tinha nenhuma leitura adequada, sabia ler, sabia escrever, mas muito pouquinho*”. Porém, admirava Benedito Tonho porque era “*sábio nas decisões dele*”, “*trabalhador no cabo da foice, no machado, na enxada e trabalhador no trabalho de conscientização do homem todo, dos seus direitos e deveres*”. A saudosa lembrança de Sebastião revela a desenvoltura de Benedito Tonho, ao conversar com o Bispo, padres, advogados, doutores, sempre “*dentro dessa linha de se libertar*”.<sup>128</sup>

A tragédia de Queimadas tem como cenário, o conflito iniciado em 1983 quando o fazendeiro Luís Mariano de Aguiar requer a propriedade do terreno, “*uma terra devoluta, terra que não tem documentação de ninguém*”. Durante a década de 1980, nessa comunidade moravam nove famílias de posseiros. Diziam os moradores, que as terras vinham sendo cultivadas por seus familiares, desde 1912, marcando várias gerações de trabalhadores, o que reitera Sebastião, dizendo que “*formou-se um grupozinho de gente, que ainda hoje tem um bocado deles lá pra contar a história, estão todos vivos, só quem morreu foi o Benedito Tonho mesmo*”.<sup>129</sup>

O conflito ganha dimensão judicial, quando o grileiro Luís Mariano forja a escritura do terreno no cartório do 2º Ofício de Coreaú. Recusando-se a abandonar as terras, os posseiros, apoiados pelos Movimentos populares, Dia do Senhor, MEB e pastorais católicas, “*foram procurar a justiça*”, movendo ação de manutenção de posse, contestando liminar que assegurava a propriedade ao fazendeiro. Na luta pela posse legal de Queimadas, os trabalhadores são ameaçados, as terras invadidas e suas plantações destruídas.

---

<sup>128</sup> MELO, Sebastião Alves de. História do Movimento do Dia do Senhor. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

<sup>129</sup> Depois do conflito em que resultou a morte de Benedito Tonho, com a conquista da terra na justiça, em 1986, apenas cinco famílias permaneceram no lugar. Sobre o conflito em Queimadas ver: CARNEIRO, Maria de Fátima. **A luta pela posse da terra na comunidade de Queimadas – (Coreaú / CE) 1980-1990**. Sobral – CE. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Monografia de graduação).

O desfecho fatídico é narrado em detalhes. Sebastião parecia reviver a dor e a indignação com a injustiça contra os trabalhadores de Queimadas: *“Quando chegou um dia, chegou lá dois pistoleiros, eles estavam trabalhando, se apresentaram cinco que estavam trabalhando, a arma que tinha era as foices, e aí a bala comeu... Benedito Tonho levou o tiro bem no peito, primeiro tiro”*. A comunidade reagiu com *“as armas”* que possuía, seus instrumentos de trabalho. Na luta, outras pessoas saíram feridas e os pistoleiros, *“fizeram até aquele sinal de covardia”, fingindo-se de mortos, “eles caíram no chão, os dois pistoleiros”*.

A luta de Queimadas conquistou solidariedade e apoio de trabalhadores rurais e movimentos populares de toda região norte, manifestando-se em favor da causa e enviando abaixo-assinados à comarca de Coreaú, exigindo justiça. Ganhou repercussão na imprensa, inclusive, da capital.<sup>130</sup> Em 1986, o juiz da Comarca, Francisco Bezerra Cavalcante, torna legítima a posse da terra aos moradores. Uma vitória coletiva na luta por libertação. No Movimento, o exemplo de Queimadas reforça o sentido de união da classe trabalhadora, por isso Sebastião ressalta que, *“eles não esmoreceram. A comunidade continua bem organizada, projetos bem feitos e estão dominando a terra em mutirão, eles juntos tão trabalhando, tirando o alimento”*.<sup>131</sup>

A impunidade prevaleceu mais uma vez na história de luta dos trabalhadores. A comunidade ganhou a posse da terra, mas os assassinos de Benedito Tonho permaneceram livres. O crime abalou o coração de todos do Movimento do Dia do Senhor, acostumados a conviver com o jovem de vinte sete anos, símbolo da luta e da esperança camponesas, que morreu defendendo o sonho da posse coletiva da terra. Sebastião lamenta por Benedito Tonho que, *“sofreu, lutou, quando tava perto de contar a vitória aconteceu essa barbaridade”*. Um tiro rasgou o coração de Benedito Tonho, *“o coração da gente também ficou rasgado com aquilo, o coração de todo Movimento”*.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> O conflito agrário foi noticiado pelo *Jornal O POVO*, em 08 de agosto de 1986. Nº. 18715. Fortaleza – CE.

<sup>131</sup> MELO, Sebastião Alves de. História do Movimento do Dia do Senhor. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

<sup>132</sup> Idem.

A relevância do fato está na luta concreta pela terra, por libertação. A norma-princípio que movia os camponeses de Queimadas se manifestava na busca por direitos, era uma questão de justiça. Esse conflito é compartilhado pela memória narrativa do período, aparecendo em todas as entrevistas, como evidência da experiência de luta social. Celisvaldo Lima situa a luta de Queimadas nos quadros de outros conflitos da região, observando o embate de forças entre o poder opressor e arbitrário da ditadura e do latifúndio, contra a ação dos trabalhadores rurais. Perseguições, prisões e ameaças de morte matizam a história de luta cotidiana dos pobres do campo.

A repercussão do conflito, ela é uma... uma questão muito ... dolorosa... aqui na região teve vários conflitos de terra. O caso da fazenda Ipueirinha, que hoje é um assentamento, um dos mais antigos aqui na região, teve o conflito de Queimadas, no município de Coreaú, aonde a gente perdeu um companheiro, Benedito Tonho e que a gente fazia parte também da organização lá, contribuía. Ajudava como em outras regiões, outros municípios... Houve perseguição tanto na justiça, como da polícia, água envenenada, trabalhador foi preso, ameaçado de morte... Isso aí a gente, a gente tinha era uma lista, das pessoas e que a gente tinha que andar com muito cuidado.<sup>133</sup>

Sebastião segue sua história, discorrendo sobre a luta de sobrevivência do Movimento, diante das “*trapalhações*” da censura e do poder do latifúndio, ressaltando as “*coisas boas*” de um Movimento popular em formação, “*um movimento que já tem voz*”. A conquista da palavra falada, pelo programa de rádio, ou da palavra escrita, nas cartas, nas folhinhas *Evangelho e Vida* e livrinhos, nos escritos do “*povo do Movimento*” são o principal destaque na pedagogia praticada nessa “segunda fase”, quando se estimulou e valorizou as iniciativas de escrita popular.

No vocabulário de Sebastião Alves, padre Albani, Valnê, Gustavo e Lídia eram “*a cabeça*” do Movimento e os camponeses, “*o corpo*”, mas com o tempo, conquistaram a cabeça, assumindo a coordenação do Dia do Senhor. Em meados dos anos 1980, Gustavo e Lídia se desengajam, abrindo espaço para o Movimento “*caminhar com seus próprios pés*”. A memória do Movimento lembra, com amor e gratidão, a contribuição do casal.

Nesse assumir, os camponeses constituem uma coordenação com cerca de quarenta pessoas que se reuniam anualmente, durante os *Encontrões*,

---

<sup>133</sup> Celisvaldo Pereira Lima. Entrevista realizada em 04 de janeiro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

*“para fazer o orçamento e planejamento do outro ano e as revisões do ano que passou”, mas “com muita gente as decisões se tornavam difícil”. Sentiram a necessidade de formar grupos menores, um “grupo central”, com revezamento anual, no sentido de “dar a vez a todos”.*

Da narrativa, percebe-se a forma organizativa que ganhou o Movimento em sua “terceira fase”, a dinâmica de reuniões e de articulação entre os grupos de trabalho. Sebastião diz que *“é bacana a gente ver esta função. A gente se reúne, o Grupo Central, um mês e outro não, e quando há necessidade convoca a Nata e todo o Movimento e se reúne imediatamente para resolver os problemas”*.<sup>134</sup>

A responsabilidade de tudo passou para as bases, que organizavam os *Encontrões*, avaliavam o Movimento, elaboravam os projetos e administravam os recursos. Sebastião salienta como o *“problema mais sério de a gente assumir, era o medo de lutar com o dinheiro que a gente arrumava, e distribuir”*.

Recupera o processo de reuniões e discussões coletivas até se acharem *“capaz de assumir tal coisa”*, se dizia *“acostumado só com o cabo da enxada, cabo da foice, do machado”*, que foi preciso *“a sombra”* do padre Albani como secretário, assessorando até o *“assumir totalmente”*. Depois do afastamento de Gustavo, padre Albani encerra o trabalho pastoral em Itapipoca e volta à Diocese de Sobral, como secretário executivo do Movimento, *“começou como cabeça e desceu como corpo”*.<sup>135</sup>

No Dia do Senhor, os camponeses da Diocese de Sobral vivenciaram experiências de organização comunitária, formação política e sociabilidades várias, criando um jeito próprio de atuar em comunidade, pregando o evangelho e lutando pela libertação dos pobres. Constituíram-se sujeitos coletivos, lutaram também pela conquista da palavra e da autonomia de falar e de pensar.

Sebastião situa o Movimento como um marco social em sua vida. No Movimento conheceu outras pessoas, viajou por outros lugares, vislumbrou novas perspectivas de vida. O Movimento encurtava a distancia entre o campo e a cidade, via meios de comunicação. Pelo telefone, sabia notícias dos

---

<sup>134</sup> MELO, Sebastião Alves de. História do Movimento do Dia do Senhor. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE, 1988.

<sup>135</sup> Idem

companheiros, em Caruaru, Pernambuco, *“numa visita de amigos para amigos”*. Envolto na narrativa, matuta suas conquistas, *“a uns dez anos atrás, uma pessoa como eu não tinha uma chance desta. Não sabia nem o que era telefone”*. A conquista da palavra e a importância do ato de falar constituem a principal matéria das conquistas do *“povo do Movimento”*, destacando-se como *“a grande lição”* aprendida: *“hoje este Movimento deu a gente...esta grande lição de a gente aprender a conversar, de a gente aprender telefonar, de a gente aprender a falar em rádio, de a gente aprender fazer história, a gente aprender a fazer tudo”*.<sup>136</sup>

Em sua narrativa, Sebastião Alves se identifica com o Dia do Senhor, não se separa do Movimento, ele e seus companheiros são o Movimento, assumindo-o como seu. *“Por isto que a gente diz: somos filhos do Movimento. A ele devemos nossa vida, porque é um Movimento de promoção só dos camponeses mais pobres, dos populares que lutam pela sua independência...”* e destaca como é bom trabalhar no Dia do Senhor, mesmo com todas as dificuldades, *“a gente passa por riba de tudo”, “porque foi o único Movimento que começou, que deu e continua dando o que o pobre camponês precisa mais, que é conscientização, que é acreditar em si mesmo, acreditar no outro irmão pobre também”*.<sup>137</sup>

Situando-se como parte de um sujeito coletivo, Sebastião narrou a *História do Movimento do Dia do Senhor* ressaltando-o como espaço de organização de classe, luta social, valorização do saber popular e conquista da palavra. Tornando-se autor de sua história, finaliza seu enredo deixando bem claro que *“não é só doutor, não é só engenheiro, não é só empresário, não é só senhores deputados constituintes que sabem fazer uma história”*, ele, um matuto, um pobre camponês *“também é digno de fazer a história”*. Valorizando a força do coletivo, finaliza sua narrativa *“apresentando milhões de camponeses com ele que são engajados, que estão espalhados por este mundo afora”*.<sup>138</sup>

Escrever, falar, pensar e agir constituem dimensões articuladas da prática pedagógica do Movimento do Dia do Senhor. Em 1988, quando Sebastião se

---

<sup>136</sup> Ibidem

<sup>137</sup> Id. Ibid.

<sup>138</sup> Id. Ibid.

anima a narrar a história do Movimento e os traços auto-biográficos, várias experiências de escrita popular desabrochavam nas comunidades. Muitos livrinhos sobre educação, terra, comunidade, e historinhas *Evangelho e Vida* empolgavam o trabalho de formação e o auto-esclarecimento do “*povo do Movimento*”. Sebastião se diferencia dos demais e se torna autor de um livro falado, resguardando para a posteridade a história do Movimento a que dedicou grande parte de sua vida.

Os movimentos populares da Diocese de Sobral são, para os camponeses, muito mais que espaço de expressão política ou religiosa, espaço de luta, de conquista da palavra por pessoas que agiam e refletiam sobre a “*realidade*”. A relação entre lideranças e camponeses passava pelo encontro de culturas, sobretudo, pela resignificação mútua do que era visto e vivenciado, pelos religiosos, leigos e camponeses. Modifica-se a visão de mundo dos camponeses e a concepção de lugar social ocupado por esses leigos e religiosos no sistema eclesiástico. Conforme se evidenciam nas transformações por que passaram os participantes do Movimento do Dia do Senhor e, também, do MEB.

## Capítulo II

### Caminhar lado a lado: Escolarização, Evangelização e Promoção Humana no MEB

*Nós não queremos ficar mais oprimidos pois o povo fala que Deus quer tudo igual e não desigual.  
(Carta comunitária, Massapê/CE.)*

#### 2.1. “Na marcha que o mundo caminha, é preciso aprender”

Para compreensão da proposta do Movimento de Educação de Base – MEB é preciso que se entenda o contexto, nos anos 1950/60, em torno da problemática de desenvolvimento nacional. O progresso dos povos da América Latina se tornou objeto de relevância, e, no âmbito da Igreja Católica, emergia a questão do “*desenvolvimento integral da pessoa humana*”, como se observa na abordagem das Encíclicas *Rerum Novarum*, de Leão XIII, *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*, de João XXIII e, a *Populorum Progressio*, de Paulo VI.

Publicada em 1967, a última Encíclica defendia relação mais igualitária entre as nações ricas e os países do cone sul. Influenciada pelos discursos que têm a justiça social como estandarte da nova eclesiologia latino-americana, sustentava a idéia de um capitalismo mais humanizado, com direito à vida digna, com maior participação dos oprimidos no processo político.<sup>139</sup>

Nesse contexto, o MEB traçou diretrizes de ação junto às populações rurais: escolarização e grupalização. Ao mesmo tempo em que, pelas escolas radiofônicas, trabalhavam-se alfabetização e supletivo (1º grau), estimulava visitas de acompanhamento e treinamento de monitores e a formação de lideranças comunitárias visando ao desenvolvimento das comunidades rurais. Segundo relatório anual do MEB nacional, de 1978:

Nas atividades grupais comunitárias busca-se, a nível de objetivo mais imediato, suprir as necessidades ou resolver os problemas mais iminentes da comunidade. A nível de objetivo mais amplo e a longo prazo, as atividades funcionam como complemento educativo por excelência, na medida que é uma atuação sobre a realidade,

---

<sup>139</sup> Segundo Mainwaring “A mais importante encíclica de Paulo VI sobre o desenvolvimento, *Populorum Progressio*, sustentava que as nações ricas eram relativamente responsáveis pelos problemas do Terceiro Mundo, fazia uma crítica contundente ao colonialismo e à tendência do capitalismo em promover o lucro a um valor supremo, subordinando o direito à propriedade à necessidade de justiça social.” In: MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 23.

planejada, sistematizada e executada pelos próprios comunitários, proporcionando-lhes uma consciência de sujeitos capazes de interferir na própria realidade: sujeitos da história.<sup>140</sup>

Pela metodologia dialógica de Paulo Freire, em que a *“leitura do mundo precede a leitura da palavra”*, o processo educativo assumido pelo MEB partia da realidade dos camponeses, no sentido de trazer, para a aprendizagem, a identificação dos educandos com seus conteúdos. A conscientização como processo libertador é característica marcante no modelo de educação popular. No contato com a realidade, percebia-se que os problemas de trabalho, moradia e sobrevivência se articulavam à questão da terra: a reforma agrária, os investimentos em técnicas agrícolas e maior justiça na divisão da produção.

É fundamental que se compreenda a linha de ação do MEB/Sobral integrada ao MEB nacional<sup>141</sup>. Seu programa educativo tem relevância para os setores de organização comunitária, orientação religiosa, agropecuária, saúde, suplência/acompanhamento e lazer. Tais setores abordavam os problemas cotidianos dos camponeses e tentavam contribuir no esclarecimento e organização dos sujeitos, como mediadores na superação dos problemas. É o que se verifica nos roteiros do programa *Encontro com o MEB*, transmitido diariamente pela Rádio Educadora do Nordeste:

Todos reconhecem a validade dos ensinamentos prestados no curso de produtor de forragem. Foi com grande satisfação que recebemos a visita de Sr. Vicente Alves, um dos cursistas na oportunidade em que declarou ter realizado um plantio de capim dentro da técnica conforme havia aprendido no curso. Também nos falou Sr. Vicente Alves que provavelmente aparecerá trabalho para ele pois a pessoa que lhe chamou para realizar o plantio, gostou imensamente do trabalho. Portanto, minha gente isto nos conforta porque o nosso ideal é formar mão de obra qualificada, pois a agricultura brasileira precisa de braços fortes mas qualificados profissionalmente, pois não basta só a força do homem, é necessário também o conhecimento.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup>MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base 1978. Brasília – DF: SAN Artes Gráficas LTDA. 1978. p. 15.

<sup>141</sup>A integração entre o sistema nacional e os sistemas locais pode ser evidenciada a partir da memória de Felisbela Parente Paiva, em entrevista realizada em 01/12/04. Arquivo da autora. “Foi criando-se toda uma equipe que trabalhava, que estudava, que pesquisava. Uma equipe do estado do Ceará, uma equipe nacional. E aí então houve muita troca de conhecimento. A equipe nacional vinha e treinava. A equipe do estado, a equipe reunia todos os municípios, todas as Dioceses que tinha o MEB, como Itapipoca, Sobral e Fortaleza. Me lembro muito bem dos três.”

<sup>142</sup>Roteiro *Encontro com o MEB*. Em 19 de agosto de 1977. Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE

O curso foi realizado na localidade de Boqueirão, em Sobral, em convênio com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará – EMATERCE, o que se fez diversas vezes, sempre que a área de atuação e interesses de formação técnica coincidiam. No entanto, se por um lado, os ensinamentos contribuíam para especialização de mão de obra, suprimindo a falta de conhecimentos técnicos, facilitando o aumento da produção e satisfazendo interesses do patrão, por outro lado, observa-se interferência nos modos de trabalho camponês, na relação do agricultor com a terra e com seu conhecimento empírico.

À procura de melhor compreensão de tais convênios, buscou-se, em depoimentos, a versão dos participantes, em Sobral. Compreende-se que as aproximações fazem parte da própria dinâmica de sobrevivência do MEB. No entanto, os convênios implicavam em ressignificações porque, embora, cada organismo partilhasse o mesmo público, os trabalhadores, apresentavam projetos e metodologias específicos que ora se aproximavam, ora se distanciavam dos princípios assumidos pelo MEB. Hermínia Liberato, supervisora do MEB/Sobral, por vinte anos, esclarece que a relação do MEB com entidades ampliava as possibilidades de ação, no sentido de angariar recursos técnicos ou materiais para melhorar a vida no campo:



Figura 2: MEB/Sobral. Curso de Produtor de Algodão. Convênio MEB e EMATERCE. Relatório 1976. (Documento cedido por Manuel Linhares)

Não era propriamente trabalhar em equipe. Fazia parte da programação delas, por exemplo, da Campanha da Vacinação, a Saúde tinha as suas Campanhas, a gente ia, pedia, e eles... quer dizer, a gente levava as pessoas até o local para vacinar. Até as comunidades. Agora, o que eles ganhavam? Eles ganhavam que eles executavam o plano deles, o plano de ação. E nós ganhávamos porque nós achávamos que estávamos ajudando aquelas pessoas que não tinham muita oportunidade de vir a Sobral pra se vacinar. Certo? Quer dizer, o que essas entidades ganhavam era cumprir a sua meta, cumprir o seu programa, realizar sua programação. E a gente ficava muito satisfeito com isso. É tanto que a gente vivia atrás do MOBREAL, do SESI pra saber o que eles tinham. Da Campanha do filtro, da Campanha da vacinação. A gente corria atrás...O MEB ia atrás dessas coisas pra beneficiar o campo.<sup>143</sup>

Com o objetivo de efetivar seu programa para o campo o MEB permeou diversos âmbitos da vida no meio rural. Com base no discurso do progresso e melhoria de vida dos camponeses, cursos sobre Saúde, Sindicalismo, Previdência Social e Lideranças Comunitárias foram realizados pelo MEB/Sobral, por exemplo, o de Parteiras Curiosas<sup>144</sup> que, supostamente, haveria de suprir a falta de conhecimentos e contribuir no aprimoramento de práticas antigas da zona rural. *Nosso Jornal*, informativo mensal produzido pela equipe de Sobral, esclarece seus objetivos:

Dar noções de técnicas corretas de assistência a parturientes (mulher que vai ter bebê) e, inclusive de acompanhamento no pré-natal. (...) Todas as explicações foram dadas à base de dramatizações para melhor compreensão dos ensinamentos junto à prática. O treino foi muito bem participado por todas as parteiras curiosas. ... Na avaliação final disseram que se achavam preparadas para dar uma melhor assistência às suas parturientes e ajudar assim, sua comunidade, evitando mortes maternas, de recém nascidos; oferecendo-lhes melhores condições de saúde.<sup>145</sup>

Pelos cursos, a organização comunitária, os hábitos de alimentação e higiene, o modo de trabalho, os valores familiares e comunitários passaram pela influência de discursos e práticas do Movimento, transformando a cultura camponesa, em que ressignificavam conhecimentos tradicionais com novas informações do mundo letrado, realidade cultural diferente da sua.

---

<sup>143</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 25 de maio de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>144</sup> Curso em convênio com o Serviço Social da Indústria de Sobral - SESI/Sobral realizado no mês de novembro de 1975, no Centro de Treinamento de Sobral, na Serra da Meruoca. Contou com a participação de parteiras dos municípios de Meruoca, Alcântaras, Mocambo e Sobral

<sup>145</sup> “Nosso Jornal” – Movimento de Educação de Base de Sobral – Nº. 48 – ANO V – Novembro/1975. Documento cedido por Hermínia Liberato.

Sobre a troca de conhecimentos, Manuel Zenóbio Vasconcelos, monitor do MEB e dirigente do Dia do Senhor, no município de Cruz, lembrou a mudança não só dos costumes, mas também de saberes da medicina popular praticada pelas rezadeiras e parteiras, práticas sociais de relevância entre as populações camponesas. Pela falta de assistência médica no campo, o MEB atuou na capacitação da medicina popular, procurando mesclar o conhecimento popular com o saber científico, sobretudo, valorizando o saber do povo. Nos cursos, as mulheres expunham experiências e apreendiam umas com as outras. Na entrevista de Zenóbio Vasconcelos, a contribuição do Movimento é destacada como estímulo para o fortalecimento da auto-estima das mulheres.

O MEB tinha esse trabalho também muito forte, a questão das rezadeiras. Porque a questão das rezadeiras era, e ainda é muito forte na zona rural. E até nas cidades ainda tem também a questão das rezadeiras. Foi e ainda é tão forte que eles fizeram alguns seminários, o MEB fez algumas oficinas, reunindo rezadeiras, aprofundando, essa coisa toda. Não era todas que vinha, claro que vinha uma boa parte. Mas, aquelas que, aonde aqueles jovens que participavam do MEB, nas escolas, que tinham uma certa facilidade de conquista, eles aos poucos iam trazendo aquelas pessoas e era bom porque elas se encontravam e iam discutindo as idéias delas, umas com as outras. Isso foi muito forte, foi uma coisa muito boa. ... Ajudou, Ave Maria, foi muito forte isso daí. Ajudou muito e, veja bem, e hoje ainda existe muito forte essa questão, isso não parou não. Eu acho que foi uma semente muito forte que ficou, que até elas se aperfeiçoaram mais também e acreditaram muito mais nelas... e elas foram se conscientizando que o trabalho delas era importante e tinha valor, alguém acreditava. E até chegou também alguns médicos participarem desses encontros... Foi muito bom também, com certeza.<sup>146</sup>

Em 1978, alguns cursos foram transmitidos pelo programa *Encontro com o MEB*: Grupalização, Conhecimentos Gerais, Juventude em Ação, Orientação Familiar, Momento Evangélico, entre outros, com recepção livre, de modo que os comunitários podiam ouvir e se “*instruir*” a partir das informações.<sup>147</sup> O aproveitamento era avaliado pela equipe quando das visitas às comunidades,

---

<sup>146</sup> Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007. Arquivo da autora.

<sup>147</sup> Ainda neste ano, realizaram-se cursos de “Noções de Agricultura e Noções de Horticultura” e “Curso de Produtor de Algodão”, com o apoio técnico da EMATERCE, além dos de cozinheiro, em convênio com o SESI e de Educação Sanitária, conveniado com a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UVA e Delegacia de Saúde de Sobral. Tais cursos fizeram parte da programação radiofônica da Rádio Educadora do Nordeste e, ao final, os participantes recebiam certificados. Para avaliação da participação e do aproveitamento dos camponeses, a equipe do MEB elaborava frequência e relatórios.

ou mesmo, por meio de cartas enviadas à sede do MEB, em Sobral. Do Relatório Anual de 1978, salienta-se a “*mudança de comportamento*” dos camponeses a partir da aprendizagem nos cursos:

A capacidade de aprendizagem dos ouvintes, constatamos através das cartas e dos relatórios que constantemente chegam ao nosso escritório, bem como, depoimentos pessoais enquanto observávamos uma mudança de comportamento. Convém ressaltar que a divulgação de notícias é feita em linguagem simples, própria do meio rural.<sup>148</sup>

O MEB baseava seu projeto educativo na tríplice dimensão: educação, evangelização e promoção humana. A suposta mudança de comportamento e visão de mundo dos camponeses aparecia como expectativa de resultados da equipe do Movimento, conforme se observa na reflexão de *Nosso Jornal*, em que o discurso do MEB esclarece seu projeto de “*desenvolvimento integral do homem*”, evidenciando as palavras-chave de sua ação: saber, participação, comunidade, trabalho e conscientização.

Dizer que os objetivos do MEB se resumem na Escolarização, Evangelização e Promoção Humana é dizer que, a preocupação, o trabalho do MEB gira em torno do desenvolvimento integral do Homem. Por isso, nos esforçamos para caminhar lado a lado com o nosso homem rústico, procurando mostrar-lhe a importância do saber mais, e, do participar sempre mais, no crescimento de sua comunidade...

Partindo do princípio de que, o homem como o mundo, é um ser inacabado, é que, temos orientado o nosso trabalho numa linha de conscientização deste homem, tentando não lhe dar o peixe, porque alimenta apenas por um dia, mas, ensinar-lhe a pescar porque o alimentará para a vida inteira.<sup>149</sup>

O meio rural de Sobral passou por transformações, nos anos de atuação do MEB, no modo de vida e de trabalho do camponês, que levava para seu cotidiano orientações dos discursos e práticas vivenciadas no Movimento. Novos hábitos de saúde, higiene e alimentação, como vacinação, uso de filtros, construção de fossas e prevenção de doenças, passaram a fazer parte do cotidiano de famílias do campo. Bem como transformações no modo de trabalho também, a partir do uso de novas técnicas apreendidas nos cursos.

---

<sup>148</sup> MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base 1978. Brasília – DF: SAN Artes Gráficas LTDA. 1978. p. 32.

<sup>149</sup> “Nosso Jornal” – Movimento de Educação de Base de Sobral – ANO VI – Nº. 69- Fevereiro de 1978. p. 01. Documento cedido por Hermínia Liberato.

Manuel Zenóbio Vasconcelos ressalta os conflitos, quanto ao aprendizado e à aceitação dos costumes, e destaca a importância que o aspecto sanitário assumiu no trabalho de formação nos movimentos populares da Diocese de Sobral. Mesmo constatando a resistência e o conflito cultural, seu discurso, aponta esse aspecto como fator importante do trabalho do MEB, pois, na sua concepção, contribuiu na conscientização dos camponeses e no desenvolvimento das comunidades rurais.

O MEB tinha um setor que chamava setor de Saúde. ...Nos encontros mais selecionados de pessoas que vinham, existia também um momento muito forte nessa questão da formação, nessa área da educação dentro dessa área da saúde. Eu me lembro que lá na Meruoca, no CETRESO, que era o Centro desses encontros de Linguagem e Conhecimentos Gerais se tratava desses assuntos também ... foi que se bateu muito forte, a equipe de coordenação dos cursos, eles batiam muito forte pra quando que as pessoas... de usar o aparelho sanitário porque tinha gente que usava botando os pés em cima. E a gente tinha uma equipe que era chamada de equipe fiscal da saúde. Então essa equipe, ela ia lá naqueles banheiros, naqueles dormitórios, pra identificar na verdade se... cada encontro que tinha ia diminuindo mas ainda aparecia. Foi muito forte porque existia uma resistência muito grande, ninguém queria usar aparelho sanitário sentado... Mas aí se colocava pra eles os perigos que tinha daquilo se partir, era fatal alguém se cortar. Então isso foi uma das coisas muito forte que ajudou pra que eles fossem se conscientizando. Mas veja bem, cinquenta por cento das pessoas conseguiram mudar, cinquenta por cento não mudou. ...Eu estou falando só na questão do aparelho sanitário, porque existiam outras coisas também. Mas isso aí foi uma coisa muito forte, a resistência foi muito grande, não foi fácil não.<sup>150</sup>

Em 1978, no *Nosso Jornal*, a coluna “*Como vai a saúde?*”, volta-se à orientação da população rural, a partir de práticas acessíveis, com o intuito de informar acerca da necessidade do saneamento e da prevenção de doenças.

É lamentável se constatar que a nossa realidade ainda é ‘pobre’ de saneamento. Pela falta de conhecimento, pela falta de ajuda dos órgãos competentes, pelo descaso de muitos, enfim, por uma série de razões. Esta é a nossa realidade, principalmente rural. (...)  
Embora não possamos solucionar todos os problemas de uma só vez, vejamos um por um. E se vamos começar iniciemos por um de real interesse... Começemos pela água, usando tampa, limpando as cacimbas, fervendo a água, usando o filtro. (...)  
E para vivermos precisamos de SAÚDE. CONSERVE A SUA SAÚDE BEBENDO ÁGUA SADIA.<sup>151</sup>

---

<sup>150</sup> Manoel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>151</sup> “Nosso Jornal”. Movimento de Educação de Base de Sobral – ANO VIII – Nº. 77 – nov/dez. 1978. p. 6 Documento cedido por Hermínia Liberato.

As orientações eram enfatizadas nos cursos radiofônicos, no programa *Encontro com o MEB*, e nos treinamentos de monitores e lideranças comunitárias. Os participantes voltavam às comunidades, com o desejo de praticá-las, compartilhando-as em comunidade, conquistando o apoio e a colaboração da população na transformação de velhos hábitos do meio rural, convocando-os à participação no processo de desenvolvimento local.

Ressalta-se que o MEB/Sobral esteve integrado ao sistema nacional e aos sistemas estaduais do Brasil. Dessa integração, compreende-se o destaque do aspecto sanitário vinculado à idéia de progresso comunitário, nos cursos e instrumentais pedagógicos produzidos. De acordo com o relatório anual do MEB Nacional, de 1978:

Os cursos de saúde foram desenvolvidos nos locais de carências médicas e de precárias condições higiênicas, onde se constataram valiosos efeitos na mudança de comportamento dos comunitários que foram levados a tomar medidas preventivas para a conservação da saúde e higiene do lar...

Deu-se muita ênfase as atividades e cursos após verificarem as precárias condições de higiene e saúde, o alto índice de mortalidade infantil por falta de orientação, a multiplicação de doenças infecto-contagiosas, a insuficiência no aspecto de saneamento básico, o descuido, a displicência e a própria indigência do homem do campo.

152

Com a mudança de conjunturas, evidenciada na passagem da década de 1970 para os anos 1980, outras questões, ganham força nos documentos do MEB/Sobral. A partir do trabalho com o povo, alargam-se as discussões nas comunidades para além da educação sanitária, emergindo as temáticas do sindicato, reforma agrária e educação política.

As cartilhas do MEB/Sobral eram elaboradas com base na fala dos camponeses, *“eles falavam muito da seca, falavam da enxada que eles utilizavam como ferramenta de trabalho, falavam da questão da alimentação”*. Na metodologia do Movimento, o processo de alfabetização e de conscientização se reforçava com questionamentos *“porque que o trabalhador não tem a terra pra plantar? Porque que o trabalhador mora e trabalha na terra e não tem o que comer?”*, e a forma como essas questões eram apresentadas pelos camponeses, comoviam sinceramente os supervisores *“porque era com*

---

<sup>152</sup>MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base 1978. Brasília – DF: SAN Artes Gráficas LTDA. 1978. pp. 28-29.

a profundidade de conhecimento, de sentir, da existência mesmo deles ali naquela escola”. Conforme salienta Germelina de Fátima:

O material era elaborado pela própria equipe do departamento, a gente elaborava as cartilhas com as palavras que eram sugeridas pelo próprio grupo. Não éramos nós que chegávamos com aquelas dez palavras da cartilha e dizíamos: está aqui vocês vão estudar em cima disso. Mas, a gente levantava com eles, tinha toda uma sondagem do que pra eles era mais importante e a partir dali a gente elaborava. Então, eles falavam muito da seca, falavam da enxada que eles utilizavam como ferramenta de trabalho, falavam da questão da alimentação. E a partir desses temas que eram os temas que eles tinham mais dificuldades de encarar por conta da ... da pobreza que eles viviam a gente, a partir dali formava um alfabeto, tanto de alfabetização porque a gente trabalhava o processo de alfabetização mas em cima, principalmente, do processo de conscientização. Porque que o trabalhador não tem a terra pra plantar? Porque que o trabalhador mora e trabalha na terra e não tem o que comer? Então, era um trabalho assim muito interessante. Que eles gostavam, assim colocavam naquela simplicidade deles era uma riqueza de conhecimento profunda. Tudo o que eles diziam era pra gente assim, a gente ficava assim boquiabertos porque era com a profundidade de conhecimento, de sentir, da existência mesmo deles ali naquela escola.<sup>153</sup>

Pelo material de *Informações sobre o Encaminhamento das Aulas* elaborado pelo MEB/Sobral, em 1987<sup>154</sup>, tem-se a metodologia trabalhada com os monitores e alunos do Movimento. As reuniões de monitores e alunos eram denominadas *círculos de cultura*. Tal nomenclatura e procedimentos metodológicos eram norteados pela pedagogia de Paulo Freire. Dessa forma, liam-se três pontos considerados importantes ao círculo de cultura: palavra geradora, codificação e descodificação<sup>155</sup>.

A escola do MEB se tornou meio de organização das comunidades. Acontecia de os próprios camponeses solicitarem a presença do MEB, como reivindicação do crescimento comunitário. Muitos gostavam de participar desse

---

<sup>153</sup> Germelina de Fátima Parente. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>154</sup> Alfabetização de Adultos – Experiência com camponeses. Informações sobre o encaminhamento das aulas, 1987. Departamento MEB/Sobral – CE. Documento cedido por João Batista do Espírito Santo.

<sup>155</sup> Palavra geradora “é aquela palavra que, ao ser decomposta em sílabas, possibilita, pela combinação delas, a criação de outras palavras”. É a palavra que tem significado para o camponês, que não deveria ser imposta pelos supervisores e monitores, mas deveria surgir da observação da realidade feita pelo grupo. A codificação representava um desafio ao grupo, como sendo “a representação de um aspecto da realidade. Assim, na codificação da palavra POVO temos um grupo bem grande de pessoas reunidas, caminhando para o trabalho.” O último passo do processo educativo é a descodificação, ou seja, momento de o grupo fazer a “leitura da realidade”.

processo e costumavam dizer que a escola do MEB era a escola em que mais aprendiam, pois se valorizava o saber do povo. Era considerada pelos camponeses como uma escola diferente, porque discutiam sobre a vida do trabalhador, organizando-se e vivenciando o coletivo.



Figura 3: Alfabetização de Adultos – Experiência com camponeses. Informações sobre o encaminhamento das aulas, 1987. (Documento cedido por João Batista do Espírito Santo).

É o que diz a carta de Maria Aparecida Dinis, que reivindica uma escola que ultrapasse o aprendizado da leitura e da escrita, e estimule a organização e a efetivação de trabalhos comunitários. A escolha de pessoa engajada em trabalhos comunitários, para monitor, foi ressaltada como importante para o fortalecimento da escola, além disso, sugeriu-se que as aulas iniciassem depois do inverno, pois salienta que é período muito “*sacrificioso*”, posto que o trabalho do camponês se intensifica, e as estradas de acesso às escolas ficam difíceis:

Santo Isidrio

Querida equipe do meb meu abraço esta é para lhes contar como foi a nossa reunião sobre escola. Contou com a participação de 22 pessoas e todos falaram sobre a importância de uma escola. Então foi feita a pergunta como você gostaria que fosse a escola?

O povo respondeu que fosse uma escola de conscientização para que as pessoas conheçam seus direitos e que o monitor reúna o povo para fazer planos de trabalhos comunitários para o povo não só ler/nem escrever, que conheça a sua situação de viver. Também ficou certo para uma pessoa da comunidade mais engajada nos trabalhos da comunidade ser a monitora porque facilita muito. Ainda se falou também que seria bom se estas aulas comessem em junho a janeiro

porque no período invernos e muito sacrificioso. Aqui terminou a reunião com um cântico e muito frio.  
Assina M. Aparecida <sup>156</sup>

Conforme lembra a supervisora Gé, nas escolas MEB, era vivenciado *“aquele momento mais lúdico assim com a comunidade, pra não ser aquela coisa só do... do saber letrado, só aquele saber formatado”* e a metodologia dos cursos e treinamentos, era recriada pelos monitores e líderes comunitários, ao trabalharem na base, o que estimulava a organização comunitária. No processo de aprendizagem, as práticas coletivas passavam a fazer mais sentido para a luta do povo, ao passo que *“eles já se organizavam, eles já sugeriam fazer abaixo-assinado... eles vinham à cidade. iam ao extremo... ameaçavam a prefeitura”*.

O MEB, como outras organizações populares, contribuiu para que os camponeses assumissem sua luta por direitos. A memória de Gé recupera a efervescência de pastorais populares no meio rural: Cáritas, Dia do Senhor, Pastoral da Juventude, realizando um trabalho de mesma natureza, *“era um trabalho, assim, muito de conscientização”*. Em sua argumentação, desconstrói o discurso paternalista, reproduzido corriqueiramente pelo censo comum, *“o trabalhador é preguiçoso, é muito folgado, ele não trabalha, não tem o que comer porque ele não quer, porque ele tem preguiça de trabalhar”*, pondo em questão o sistema de opressão em que vivem os trabalhadores.

Pela vivência nesses movimentos, o povo pensava e agia de acordo com seus interesses, *“não tinham mais medo assim tanto de enfrentar as coisas de frente”*, conforme expressa em suas memórias:

... com o tempo e que hoje a gente ver que, não só o MEB, porque outros trabalhos eram feitos dessa natureza, a Cáritas mesmo fazia um trabalho parecido, a pastoral do Dia do Senhor, a Pastoral da Juventude, o meio popular também. Tinha, era um trabalho assim muito de conscientização, então isso aí, foi muito trabalhado com eles e o resultado assim hoje a gente ver, que eles não são mais tão abastados, como o povo dizia que eles eram, assim entre aspas. Não, o trabalhador é preguiçoso, é muito folgado, ele não trabalha, não tem o que comer porque ele não quer, porque ele tem preguiça de trabalhar, quando na verdade a gente estava perto deles e a gente sabia que não era isso. Era toda uma questão do sistema, o sistema que eles eram obrigados a viver. (...) Então isso aí foi um processo muito interessante e antes da gente sair a gente viu muitos

---

<sup>156</sup> Carta de Maria Aparecida. Santo Izídio, Alcântaras. S/d. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE. Tal reunião contou com a participação de 22 pessoas e todos falaram sobre a importância da escola para a comunidade.

resultados, mesmo nas eleições no município, a gente via que eles já votavam naquelas pessoas que defendiam os interesses deles, não tinham mais medo assim tanto de enfrentar as coisas de frente.<sup>157</sup>

Mesmo diante de muitos entraves, o MEB caminhou durante trinta anos, na Diocese de Sobral. Ressaltam-se as dificuldades materiais<sup>158</sup>, a repressão durante a ditadura militar e o conflito dos camponeses, quando do contato com novos hábitos e valores. No entanto, o trabalho comunitário e a ênfase no processo de transformação cultural foram sustentados durante seu fazer-se. A formação de lideranças comunitárias se tornou o principal mediador de fortalecimento do Movimento, pois eram os líderes quem mais se engajavam e se comprometiam em assumir as escolas do MEB, posto que, na maioria das vezes, eram eles os monitores.

No entanto, não se apresentava tarefa fácil, para monitores e líderes, assumirem o compromisso com a alfabetização e desenvolvimento cultural de sua comunidade. Nem era fácil para a equipe do MEB / Sobral a expansão e o atendimento às escolas, pelo baixo nível de escolaridade que apresentava a população rural. Na entrevista de João Ribeiro Paiva, supervisor do MEB nos anos 1960, foi ressaltada a intensidade das transformações culturais por que passaram os monitores e líderes, influenciando sua postura política e trajetória de vida:

E pessoas que também revolucionaram sua vida. Nós temos hoje, pessoas que foram alfabetizadores, que foram alunos, que fizeram já cursos superior. Outro dia eu me contactei com um alfabetizador lá do Baixo Acaraú, que hoje é doutor, já está com o livro lançado em Portugal. E era um rapazinho na época, ele era alfabetizador lá do Baixo Acaraú, em Jijoca. Então, isso aí, mostra que teve um peso na vida das pessoas. As pessoas ingressaram em sindicatos rurais. O sindicato rural, naquela época era algo de muito significativo, muito respeitado, era temido, por que era uma força mesmo. E tudo isso partia do nosso trabalho. Então eu digo que coletivamente e individualmente nós temos vários exemplos de pessoas que mudaram.<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> Germelina de Fátima Parente. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>158</sup> Segundo o Relatório Anual do MEB/Sobral de 1978, são dificuldades consideradas pela equipe: más condições de funcionamento das escolas: lugares inadequados, pouca iluminação, pouco material didático, baixo nível de escolarização dos monitores, e burocratização dos sistemas MEB, dificultando o acompanhamento às comunidades.

<sup>159</sup> João Ribeiro Paiva. Entrevista realizada em 29 de março de 2006. Sobral – CE. Arquivo da autora.

Pelo contato com a diversidade de informações, hábitos e valores os camponeses conquistaram uma nova forma de viver em sociedade, valorizando o coletivo, a partilha e a justiça, como ressalta Valnê Alves, “*uma visão de mundo diferente*”:

Eu acredito que onde, no lugar que teve MEB pessoas ficaram diferentes. Eu não digo uma coisa tão ampla, mas o modo de pensar, o sentido de que história é mutável e que aquela coisa de culpabilizar o pobre pela situação de pobreza. O pobre é o preguiçoso, ou então de achar que as coisas não podem mudar, quem nasceu pra ser pobre e uns nasceram pra ser rico. Aquelas pessoas descobriram que ser pobre era uma situação imposta. Ninguém nasceu pra ser miserável nem pobre. O sentido de justiça... a questão da solidariedade, a partilha, uma visão de mundo diferente.<sup>160</sup>

Acredita-se, portanto, que o MEB em sua prática, colaborou na formação técnica e política da classe camponesa. Durante trinta anos, em contato com a população rural, consolidou-se a luta social, a participação popular e a camaradagem entre equipe e participantes, principalmente, entre as lideranças comunitárias. A formação de lideranças constitui ponto de relevo no projeto do MEB que, estimulando a ação dos comunitários, observava o crescimento das comunidades e formação crítica dos camponeses, organizando-se, falando em nome do coletivo, reunindo-se e reivindicando direitos.

## **2.2. “As pessoas não pode se agarrar só na mão de Deus, tem que se esforçar”**

Em consonância com as diretrizes do MEB nacional, além do setor da Saúde, o MEB/Sobral investiu no setor de Organização Comunitária e Formação Religiosa<sup>161</sup>. Nesse sentido, realizavam-se Encontros Intercomunitários e Treinamentos de Lideranças com o intuito de proporcionar integração entre participantes de diferentes localidades, fomentar a troca de experiências entre os grupos que, à luz do evangelho, experienciavam conceitos de partilha e justiça social.

O trabalho de organização comunitária, a troca de experiências e a vivência dos camponeses transformavam o modo de pensar e de viver em

---

<sup>160</sup> Maria Valnê Alves. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>161</sup> No âmbito da Formação religiosa, destacou-se os encontros ocorridos em agosto de 1976 e em novembro de 1978, organizados por Pe. Albani Linhares.

comunidade. Joaquim Severiano, monitor e líder comunitário, no município de Alcântaras, ressalta a influência do trabalho comunitário no cotidiano dos camponeses, aprendendo a viver em grupo, valorizando a experiência coletiva do trabalho em mutirão:

eu acho que uma das grandes influências do MEB foi a questão do trabalho comunitário. Porque com o MEB, ele tinha esse trabalho voltado para o trabalho de comunidade e o trabalho comunitário ajudou muito as pessoas a perceber a importância de que não se deve trabalhar só, se produz melhor, se vive melhor quando se trabalha em comunidade e também os trabalhos de mutirão. A gente fazia também um trabalho de mutirão com os alunos, onde eles desenvolviam trabalhos comunitários, como construção de fossas... e também o próprio roçado. Em vez da pessoa trabalhar sozinho no seu roçado, um dia iam seis, oito homens para o roçado de um, no outro dia para o roçado do outro e a produção era bem melhor.<sup>162</sup>

Nos encontros de organização comunitária, trabalhavam-se alternativas para a comunidade encontrar caminhos próprios de superação dos problemas mais imediatos. O relatório anual do MEB nacional, de 1979, concluía que, *“com a realização desses cursos, os comunitários se motivam e se integram, formando grupos que promovem atividades relacionadas com os mesmos, ou seja, campanhas, mini-postos, ambulatórios, farmácias e outros”*.<sup>163</sup>

Como ponto de partida para o trabalho comunitário, o planejamento de reuniões com o objetivo de movimentar a comunidade, na solução de problemas comuns: aquisição de bancos para a escola, construção do prédio comunitário, roçado comunitário, farmácia comunitária, construção de fossa e compra de filtro comunitário.

A mística da Educação Popular era destaque na metodologia dos cursos e treinamentos. As opiniões dos participantes eram levadas a plenário como exercício de participação popular, essa mística era reproduzida pelas bases em reuniões, onde iam (re)descobrimo a força do coletivo e compondo novo vocabulário. Palavras como grupo, comunidade, libertação, fé, política ultrapassavam a esfera do discurso abstrato, adquiriam sentido próprio e assumiam sentido concreto de luta diária.

---

<sup>162</sup>Joaquim Severiano. Entrevista realizada em 28 de março de 2006. Alcântaras – CE. Arquivo da autora.

<sup>163</sup>MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base 1979. Brasília – DF: SAN Artes Gráficas LTDA. 1979. p. 34.

A ação dos líderes comunitários era incentivada pela equipe do MEB, em encontros, programas radiofônicos, e em visitas às comunidades. Os trabalhadores, que assumiam essa função eram fundamentais, na promoção das comunidades. O mecanismo de ação comunitária foi objeto de distinção, com prêmio para a comunidade que mais se destacasse, como se observa na notícia de *Nosso Jornal*:

Com o objetivo de melhor dinamizar as atividades realizadas pelos representantes de grupos e de comunidades, é que o MEB/Sobral, pretende no mês de fevereiro, após as férias coletivas da equipe, ofertar um troféu a uma comunidade. O troféu terá o nome de AÇÃO COMUNITÁRIA. E fará jus a esse troféu aquela comunidade que mais desenvolveu trabalhos comunitários, servindo estes de crescimento a seu povo.<sup>164</sup>

No *Nosso Jornal* de dezembro de 1978, no sentido da organização comunitária, destaca-se a coluna *Ação dos Nossos Comunitários*, em que se valorizavam iniciativas de lideranças, ressaltando os principais trabalhos desenvolvidos em grupo. A colaboração dos líderes comunitários e dos monitores, na produção do informativo, aparece como fundamental, posto que as notícias partiam de experiências das bases, relatadas à equipe em cartas e relatórios, além de observadas quando das visitas de assessoria.

Verifica-se em exemplares de novembro e dezembro de 1978 que, a equipe intensificava as mensagens de estímulo ao trabalho do líder, enfatizando, cada vez mais, a importância do seu papel. O estímulo era reforçado para que, no mês de janeiro, férias da equipe MEB/Sobral, a atuação das lideranças e experiências comunitárias não fossem prejudicados. Desta forma, a coluna *Ação dos Nossos Comunitários* finalizava parabenizando as comunidades “*pelos êxitos obtidos em todas as atividades realizadas em 1978, ao mesmo tempo em que, desejamos muito sucesso nas ações planejadas para 1979*”.<sup>165</sup>

No entanto, o trabalho de base passou por entraves, devido à resistência dos comunitários em assumir conjuntamente a missão de promoção humana e

---

<sup>164</sup> Movimento de Educação de Base de Sobral. “Nosso Jornal” – ANO VI – N.º. 68 – Nov/Dez. de 1977. (documento cedido por Hermínia Liberato). Durante o ano de 1976, a comunidade Santa Luzia, em Sobral mereceu o Troféu Ação Comunitária pelo desempenho constatado durante todo o ano.

<sup>165</sup> Movimento de Educação de Base de Sobral. “Nosso Jornal” – ANO VIII. N.º. 77 – Nov/Dez 1978. p. 03. (documento cedido por Hermínia Liberato)

de desenvolvimento cultural, a que se propunham as lideranças. Também, do Relatório Intercomunitário de 1978, destacam-se uma diversidade de problemas: “os associados não compareciam às reuniões e aos trabalhos, falta de terra, falta de consciência do povo, inexperiência e falta de conhecimento”.<sup>166</sup>

Tais problemas eram vivenciados pelos monitores e lideranças comunitárias. Acredita-se que o trabalho comunitário se desenhava com muita variação de uma comunidade para outra. O objetivo dos Encontros Intercomunitários e dos Treinamentos de Lideranças, considerando a realidade de cada região, de buscar a unificação das atividades comunitárias e valorizar a ação das lideranças, como elemento básico do processo de desenvolvimento, na prática, nem sempre foi alcançado.

Do roteiro do curso radiofônico Grupalização, salienta-se queixa da equipe pela falta de mobilização em algumas comunidades rurais. Parecia incompreensível, para a equipe do Movimento, que, diante de tantas orientações e exemplos de comunidades com experiências bem sucedidas, ainda se encontrassem comunidades resistentes ao trabalho do MEB e pouco mobilizadas politicamente. Assim, se expressava a equipe, através do programa *Encontro com o MEB*:

... Hoje, graças ao esforço tremendo de muitos líderes, muita coisa já se tem notado que mudou no meio rural. Nós sentimos que muitas comunidades já se preocupam com uma organização; muitas comunidades já estão seguindo o exemplo daquelas que se organizaram, que descobriram o valor do trabalho em mutirão e logo partiram para a ação. Ouvintes amigos não é moleza, a gente ensinar tanta coisa boa para vocês, e muitas vezes visitamos comunidades que nem sequer possuem planos para um trabalho grupal. Porque que essa gente não segue o exemplo de muitas comunidades, que já construíram prédios, roçados comunitários, fossas, caixas comum enfim, um mundo de coisas que só servirão para o bem da comunidade.<sup>167</sup> (Grifo meu)

---

<sup>166</sup> Movimento de Educação de Base – MEB/Sobral. Relatório Encontro Intercomunitário. Op. Cit. p. 05. (documento cedido por Hermínia Liberato)

<sup>167</sup> Trecho retirado do roteiro do programa “Encontro com o MEB”, de 20 de abril de 1977. Curso de Grupalização. Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE.



Figura 4: Comunidade Santa Luzia. Vencedora do troféu “Ação Comunitária” em 1976. Relatório 1976. MEB/Sobral. (Documento cedido por Manuel Linhares).

Como comunidades modelo, a equipe do MEB/Sobral <sup>168</sup>, considerou Santa Luzia e Boqueirão, em Sobral; Lages, em Mucambo; Equitós, em Santana do Acaraú; São João das Almas, em Meruoca; São Benedito, em Bela Cruz; Borges, Aranaú e Lagoa da Volta, em Acaraú, pelas atividades coletivas nas farmácias e roças comunitárias, clube de mães, hortas, times de futebol, grupos de jovens, caixas comunitárias e grupos de casais.

Num trabalho popular o pouco se torna significativo. Há que se considerar a pluralidade de escolhas individuais e coletivas que se delineiam de acordo com a ação de diferentes agentes sociais. Mesmo com o efetivo trabalho de formação de lideranças, o processo comunitário e a transformação do modo de vida e visão de mundo dos camponeses nem sempre se desenvolveram de acordo com os objetivos do Movimento. No entanto, muitos exemplos são lembrados pelos participantes, como prova da importância e da dimensão que o MEB alcançou no período.

Nas entrevistas, sobressai a seriedade das lideranças comunitárias com as metas propostas, como também, o orgulho com o trabalho de base. Para Joaquim Severiano, o trabalho de organização comunitária, reforçado pela atuação do MEB e de outros Movimentos, influenciou a visão crítica dos camponeses. Para o entrevistado, ainda hoje se podem observar marcas desse trabalho na Diocese de Sobral.

Olha, eu citaria o exemplo das comunidades. Se você for fazer um estudo mais aprofundado com relação à Alcântaras, as comunidades que são mais organizadas hoje, foram comunidades que tiveram MEB, certo. Que tiveram CEBs. Então você percebe assim rapidamente a diferença que existe, aonde o MEB passou, deixou seu

---

<sup>168</sup> Movimento de Educação de Base de Sobral. “Nosso Jornal” – ANO VI – N.º 68 – Nov/Dez. de 1977. Op. Cit.

ensinamento, deixou as pessoas, conscientizou e tem um trabalho bem mais fundamentado, mais organizado ao invés dessas comunidades onde não teve MEB.<sup>169</sup>

Celisvaldo Pereira Lima, sindicalista e ex-aluno do MEB, destaca a importância dos programas radiofônicos, cursos de formação e organização dos trabalhadores em sindicatos, como também sua contribuição na formação de consciência política de resistência dos camponeses ao latifúndio a que estavam e, ainda estão, submetidos. Para ele, muitas pessoas que vivenciaram o MEB, na sua mística e concepção política, ainda trazem sua marca e compartilham com as novas gerações os valores de sua formação política:

A experiência do MEB em toda sua história com relação, tanto ao programa radiofônico como as escolas na zona rural, os cursos que eram dados, não é? Foram muito importante, isso contribuiu muito com a organização com a permanência dos trabalhadores no nosso semi-árido. Hoje as famílias que passaram por esse processo, passaram a multiplicar toda essa experiência. O MEB, por conta de todo esse... esse processo de conscientização e que o MEB deu a sua grande contribuição é que hoje nos assentamentos, as pessoas, as lideranças, as pessoas que estão lá, a maioria são pessoas que vieram, fruto dessas experiências, dessas organizações e que... contribuiu muito, com relação a formação das pessoas nas comunidades, contribuiu muito.<sup>170</sup>

Em consonância com este raciocínio, João Ribeiro Paiva, supervisor do MEB/Sobral, nos anos 1960, ressaltou as mudanças por que passaram as comunidades em ação nos movimentos populares, como também as mudanças individuais dos camponeses engajados. Considera que, pela experiência do MEB, *“houve uma verdadeira revolução nessas pessoas”*:

... Pessoas simples, do sertão, então tiveram um contato com uma realidade diferente, com pessoas pensando diferente, com visões diferentes. Estas pessoas, nós temos, nós conhecemos comunidades que mudaram totalmente. Houve uma, saiu daquela situação de marasmo, de falta de visão. Foram comunidades que se desenvolveu, que passaram a exigir mais do poder público para melhorar a situação, água, luz. Eles passaram a fazer movimentos exigindo direitos. Isso aí aconteceu. Isso aí, nós temos vários exemplos... Aqui em Santana do Acaraú, por exemplo, onde nós tínhamos várias comunidades, Santana do Acaraú é hoje o município do Brasil que mais fez reforma agrária. E isso tudo partiu da luta do povo

---

<sup>169</sup> Joaquim Severiano. Entrevista realizada em 28 de março de 2006. Alcântaras – CE. Arquivo da autora.

<sup>170</sup> Celisvaldo Pereira Lima. Entrevista realizada em 04 de janeiro de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

organizado, e essa qualidade eles adquiriram através do nosso trabalho com o MEB, foi quem primeiro chegou lá.<sup>171</sup>

Reconhece-se, na ação das lideranças comunitárias, o compromisso político com a transformação social, partilhado pelos camponeses do MEB, ou que integravam outros movimentos populares, como o Movimento do Dia do Senhor. É comum aparecer, no discurso dos entrevistados e documentos do MEB, o nome de líderes, alunos e monitores, vinculado ao avanço político de suas comunidades. A eleição de candidatos de oposição, inclusive, ligados ao Partido dos Trabalhadores - PT e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais em municípios como Santana do Acaraú, Meruoca e Massapê é considerada avanço pelas lideranças. Nesse sentido, o crescimento profissional e o compromisso dos sujeitos com a comunidade foram ressaltados por Felisbela Parente Paiva, Belinha, supervisora do MEB nos anos 1960:

Olha, hoje a gente encontra os líderes que a gente chamava os monitores, a gente encontra ensinando na faculdade, sendo mestre na faculdade, professores aqui da faculdade. É... encontra sendo contadores. A gente encontra, quase todos eles cresceram, muitos deles continuam nas suas comunidades, mesmo que não estejam mais na sua própria comunidade, no seu sítio mas está no seu município. É muito interessante isso, mesmo aqueles que saíram do seu município são ligados ao desenvolvimento daquele município.<sup>172</sup>

Do trabalho de monitoria, Joaquim Severiano ressalta como fundamentais para sua formação, os aspectos da organização e partilha do grupo, o *“saber trabalhar com o povo”*. A dimensão cultural, de valorização do saber popular e vivência teatral, estimulava a participação dos camponeses, perdendo o medo de opinar diante dos problemas e de se impor diante das autoridades, na cobrança dos direitos, tendo *“iniciativas para trabalhar pelo bem comum da comunidade”*. De sua vivência no Movimento, Joaquim traz em sua formação:

Ah, trago muita coisa. Uma delas é a questão do saber trabalhar com o povo, eu não vou dizer que eu sei bem, mas eu procuro trabalhar com o povo. A questão de não ter vergonha de participar dos eventos, também coordenar projetos, projetos sociais, a ter iniciativas

---

<sup>171</sup> João Ribeiro Paiva. Entrevista realizada em 29 de março de 2006. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>172</sup> Felisbela Parente Paiva, Belinha. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

pra desenvolver algo pelo bem comum da comunidade... Eu sou muito grato até o MEB por isso.<sup>173</sup>

O MEB se tornou espaço de vivências individuais e coletivas, no comprometimento com valores morais e sociais. A idéia de que o contato com o povo proporciona trocas culturais está no discurso de quase todos os entrevistados, ressaltando também o aprendizado dos religiosos e agentes pastorais.

Felisbela Paiva, Belinha, ao falar da importância do MEB para sua formação, ressalta a postura política dos participantes, como traço comum. Para ela, no MEB, foi possível expressar um compromisso religioso e político de forma concreta, lugar de vivência da Teologia da Libertação e de pastoral social:

Minha formação é mebiana. Minha formação é a linha social da Igreja. É a Teologia da Libertação. Então, o MEB foi a minha vivência da Teologia da Libertação. ... Se você conversa com todo o pessoal que trabalhou no MEB, caminhou sempre com aquela postura da vida, a defesa da vida, a defesa do ser humano, a busca da igualdade, a busca de que esse Brasil seja para todos. Ah, você conversa com Ruth Cavalcante, com Leunam, com Mirtes, com Valnê, com Hermínia. Com todo esse povo, tem sempre essa postura. Não é uma pessoa que ficou na linha capitalista mesmo. Não é assim de aceitar privilégios, mas sempre na defesa da igualdade. Então, eu acho que o MEB, ele foi muito forte pra todo mundo que trabalhou lá. É na linha de... de criar uma nova postura.<sup>174</sup>

O compromisso dos leigos com a justiça, com a libertação dos oprimidos, com o desenvolvimento integral do ser humano, é fruto do discurso social da Igreja, nesse período, principalmente, partindo do contato com outras realidades socioculturais. O convívio com a miséria e problemas de moradia, de trabalho e de acesso à terra, serviam de base concreta para a luta por melhores condições de vida e por democracia.

Nesse sentido, fazia parte do programa do MEB, oferecer informações sobre os direitos dos trabalhadores, em torno das questões sindicais e da previdência social<sup>175</sup>. A ação das lideranças comunitárias girava em torno da associação dos trabalhadores em Sindicatos e de sua organização na luta pela

---

<sup>173</sup> Joaquim Severiano. Entrevista realizada em 28 de março de 2006. Alcântaras – CE. Arquivo da autora.

<sup>174</sup> Felisbela Parente Paiva, Belinha. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>175</sup> Em “Nosso Jornal”, de novembro de 1976, na coluna *O que você deve saber* referente à orientação dos trabalhadores com relação ao sistema de Previdência Social, os assuntos abordados eram o PIS, Acidente de Trabalho e Fundo de Garantia (FGTS).

terra. A participação dos trabalhadores, nos cursos de Previdência Social, oferecidos pelo MEB, era estimulada para maior consciência de direitos.

Na marcha que o mundo caminha, é importante que estejamos atualizados para não nos tornarmos marginalizados. Se não procuramos nos atualizar, também não participamos do progresso e dos benefícios que o mesmo nos traz. Pensando assim, é que, resolvemos criar uma coluna em 'Nosso Jornal' para oferecer informações sobre aquilo que se diz nosso. Quando dizemos nosso, é porque estamos pretendendo falar sobre os benefícios que foram criados para nós brasileiros. Hoje, por exemplo, falaremos sobre o PIS – Programa de Integração Social.<sup>176</sup>

Em consonância com o conteúdo do Jornal, o tema dos direitos sociais marcou a programação radiofônica do Movimento, no ano de 1977. De acordo com o programa *Encontro com o MEB*, as orientações aos participantes do curso eram apresentadas como forma de atualizar o público trabalhador (os ouvintes do programa) quanto à legislação previdenciária. O projeto de desenvolvimento e de promoção humana também estava explicitado nos cursos de Previdência Social:

Prezados ouvintes, é trabalhando e dando algo de si que vocês poderão crescer e fazer crescer a comunidade que vocês moram. A medida que trabalhamos, estamos contribuindo para o melhor funcionamento e maior desenvolvimento de nossa terra. Portanto, caros ouvintes, é pensando em vocês que elaboramos esses programas instrutivos/informativos, visando acima de tudo, uma maior promoção do homem rural no meio em que vive. As informações que aqui trazemos, acreditamos ser do interesse de cada um, uma vez que são informações atuais e estão de acordo com as leis atuais da Previdência Social.<sup>177</sup>

Na realidade, à proporção que a relação entre a equipe MEB e os camponeses foi se aprofundando, o projeto pedagógico do MEB passou por adaptações. Deste modo, os assuntos do *Encontro com o MEB* ou do *Nosso Jornal*, acatavam sugestão dos camponeses. Gé rememora que de acordo com as mudanças conjunturais e, em decorrência do processo educativo, alguns temas foram se destacando, por exemplo, “o sindicato, era uma coisa que aparecia muito pelo fato deles serem trabalhadores e trabalhadoras que tinham interesse em participar do sindicato”.

---

<sup>176</sup> Movimento de Educação de Base de Sobral. “Nosso Jornal”. ANO V. Nº. 59. Novembro 1976. p. 03. (documento cedido por Hermínia Liberato)

<sup>177</sup> Trecho retirado do roteiro do programa “Encontro com o MEB”, de 14 de setembro de 1977. Curso Previdência Social. Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE.

Relembrando a metodologia de trabalho, a supervisora detalha que, além das aulas, nos fins de semana, realizavam, nas comunidades, encontros sobre sindicalismo, educação política, saúde, *“que eram áreas que eles tinham mais dificuldade e que queriam maior aprofundamento”*. Esses encontros alcançavam maior número de pessoas, *“juntava de sessenta, setenta pessoas num prédio comunitário daqueles, às vezes, na casa de um líder da região... e aí havia todo esse envolvimento nessa parte também social”*. Sua narrativa reitera que *“eles mesmos sugeriam os temas que eles queriam pros encontros”*, situando uma época *“que o MEB estava quase que não trabalhando mais com a questão da alfabetização, mas muito mais essa questão dos temas.”*<sup>178</sup>

As orientações dos cursos de Sindicalismo e Educação Política tornaram-se relevantes. O processo de alfabetização deixou de ser o centro da proposta do MEB, para ser consequência do trabalho político. Manuel Linhares conta que com a *“abertura política”*, em 1979, a equipe de Sobral *“toma uma posição muito interessante”*, decidindo parar as escolas e aprofundar o trabalho de formação política e sindical. *“A linha de trabalho do MEB/ Sobral foi vinculada a essas duas vertentes: a questão do fortalecimento sindical, levando a luta da reforma agrária e a educação política”*.

Mesmo que a conjuntura evidenciasse uma abertura política, o supervisor lembra: *“embora, nós não pudéssemos dizer que éramos partidário, éramos de esquerda”*. Pela narrativa, percebe-se a articulação da orientação política da equipe com o trabalho educativo. Manuel ressalta que através dos cursos conseguiram o fortalecimento do Partido dos Trabalhadores (PT), em Sobral, e em diversas comunidades. Como exemplo destaca *“Ipueirinhas, na zona rural, teve 42 votos em uma eleição em 82, quando o PT teve 87 votos”*, complementando: *“só uma comunidade, que votou lá no Caracará, teve 42 votos nessa eleição”*.

Em destaque, na entrevista, o sonho de mudança social e a esperança, compartilhada por uma geração que acolheu e fortaleceu o PT em Sobral.

---

<sup>178</sup> Germelina de Fátima Parente. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

Manuel diz do trabalho abnegado da equipe: *“o MEB conseguiu mobilizar e treinar as pessoas no sentido de descoberta dessa nova vertente de luta”*.<sup>179</sup>

A identificação da equipe do MEB com a luta por justiça social se tornava cada vez mais visível ao clero e à classe patronal. Com o avançar dos anos 1990, esse fato acabou por dificultar a atuação do Movimento nos municípios marcados por política “de cabresto”, a ponto de lideranças políticas impedirem o trabalho do MEB, por considerá-lo *“incentivador da política de esquerda”*. Manuel Linhares lembra que *“Morrinhos foi o que mais complicou a situação”*. O prefeito *“achou que o MEB estava ganhando terreno... e impediu ou agiu de modo equivocado”*.<sup>180</sup>

Embora a política partidária apareça com freqüência nas narrativas sobre os anos 1980, alguns entrevistados enfatizam, como característica do MEB, a desvinculação dos partidos políticos. *“O MEB fazia questão de ser apolítico”*, afirma Hermínia Liberato, lembrando que a orientação da equipe, nos anos 1960 e 1970, valorizava o coletivo. Recupera de sua memória o tipo de mensagem difundida nas comunidades: *“Escolha aquele que você acha que é melhor pra comunidade, não pense só em você, mas pense na comunidade e faça o que a sua consciência manda...”*.

Nesse período, a linha do Movimento primava pela cidadania, trabalhando a importância do voto consciente e a identificação dos interesses dos trabalhadores com os projetos dos candidatos. Hermínia explica a concepção política do MEB, no seu tempo de supervisora: *“a nossa política era preparar o agricultor para ser um cidadão, para ter direito ao voto e saber votar bem e ajudar para o crescimento da população, da sua comunidade. Era isso que a gente queria.”*<sup>181</sup>

Felisbela Paiva, Belinha, lembra a forma de trabalho nas comunidades, em época de campanhas municipais, salientando a intenção da equipe: *“então a gente queria mostrar pra eles os critérios de uma pessoa para administrar, até conversando com eles como é que eles achavam que deveria ser”*. Em destaque, de suas memórias, a norma-princípio da democracia, *“o valor do*

---

<sup>179</sup> Manuel Linhares. Entrevista realizada em 04 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>180</sup> Idem.

<sup>181</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 08 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

voto, o valor do povo”. Belinha chama atenção para a repercussão desses assuntos junto aos camponeses, ao passo que, *“nem todo mundo recebia do mesmo jeito, porque aí depende da compreensão de cada um”*, observando, em sua narrativa, a importância da educação política para *“a organização deles, como eles começavam a se juntar e a conversar”*.<sup>182</sup>

Na mesma entrevista, Belinha detalha a forma como trabalhavam a questão agrária, *“ela é muito mais assim: você está na terra, então Deus não fez testamento para ninguém. Deus não deu terra a ninguém. Ele deu para todos. Porque que o da cidade é o que tem a terra e o que está na terra não tem?”*. Partiam de questões elementares, instigando o pensamento dos camponeses através de perguntas.

Evidenciando a metodologia partilhada nas pastorais populares, a supervisora reforça que o mote das conversas comunitárias, era colhido no cotidiano do povo, *“nem trazendo teorias, nem nada, coisas práticas mesmo.”* Num exercício de memória, vai narrando algumas vivências de aprendizado coletivo nas comunidades, unindo trabalho e formação. Belinha salienta: *“a renda da farinhada, pra onde é que ia? Todo esse aspecto, a gente chegava lá, estava o pessoal na casa de farinha, chegava lá e participava, conversando com o povo em cima daquilo ali.”*<sup>183</sup>

Os discursos e ação efetiva de pastorais da Igreja, na prática da Teologia da Libertação, aproximavam-se da teoria marxista e traziam para os debates, problemas de ordem estrutural que balizavam a atuação do MEB no campo. Na formação de lideranças, muitos discursos da Igreja progressista eram assimilados, servindo de base para o trabalho de organização comunitária. Observa-se, então, a junção do discurso religioso ao político, principalmente, no aprofundamento da questão da terra. Conforme corrobora as memórias de Belinha.

Esse raciocínio pode ser percebido em diversas entrevistas com participantes do MEB e do Movimento do Dia do Senhor. A leitura da realidade foi uma característica que marcou a nova doutrina assumida pela eclesiologia popular. Assim como nos discursos dos religiosos e agentes pastorais, os

---

<sup>182</sup> Felisbela Parente Paiva, Belinha. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>183</sup> Idem.

camponeses redimensionavam o sentido que davam ao acesso à terra, ao passo que compreendiam que a terra era de quem nela mora e trabalha.

Diante da ação de lideranças e do engajamento de trabalhadores rurais, homens e mulheres, jovens e adultos, percebe-se que as comunidades que participaram deste processo vivenciaram novas formas de organização que marcaram sua visão de mundo. Ressalta-se a busca dos trabalhadores pela cidadania e por direitos, a reivindicação de uma sociedade mais humana e mais justa, organizando-se e lutando efetivamente por sobrevivência, pela conquista da terra.

A força de sua organização aparece nas conquistas da comunidade, expressa em cada roçado, capela, farmácia, construídos em mutirão. Está na reunião, na reivindicação, na prática de abaixo-assinado. Assim como, percebe-se na escrita coletiva de cartas ao Programa *Encontro com o MEB*, registrando a movimentação das bases. As cartas aproximavam equipe e comunidades, evidenciando a conquista da palavra e a construção de sujeitos coletivos.

### **2.3. “Prezados amigos do MEB, saudações”**

Palavras mal escritas e um rádio cativo davam forma e som à vida nas comunidades. Na época do MEB, a carta era o principal artifício de comunicação popular, sendo largamente utilizado. Diariamente, chegavam à sede do Movimento, em Sobral, dezenas de cartas comunitárias, vindas de vários lugares e trazidas de diversas formas. Dificilmente, essas cartas chegavam pelos correios, sendo comum, um líder comunitário ou um motorista da prefeitura se responsabilizar pelas correspondências. Eram os portadores que levavam e traziam as encomendas do povo, facilitando o contato com a cidade.

Longe do modelo oficial, as cartas eram entregues, pessoalmente, evidenciando a subjetividade nos meios de comunicação das comunidades rurais. Chegavam à equipe, sem envelopes, muitas vezes, dobradas, amassadas, incompletas na forma, mas inteiras na escrita. Cheias de vida, as cartas traziam o registro do povo, sua existência no mundo, fazendo-se ouvir pelo programa radiofônico *Encontro com o MEB*.

Escritas nos anos de 1981 e 1982, cinqüenta cartas constituem significado ímpar à pesquisa, pois se considera uma escrita, eminentemente, popular contando o dia a dia do trabalho comunitário, a vida nas comunidades, as dificuldades, as alegrias. As pessoas relatavam o que consideravam relevante para ser lido no rádio e repercutido entre si.

Um simples recurso de comunicação social, mas que confere aos camponeses a possibilidade de se fazerem visíveis no lugar de onde falam e, principalmente, fora dele. Numa linguagem direta, alguns se destacam como porta-voz das necessidades, das dores, das alegrias, da palavra viva, de modo que um fala em nome de todos.

Algumas comunidades se faziam mais presentes do que outras e escreviam mais assiduamente, principalmente, as de organização comunitária mais fortalecida. A escrita se tornava o principal meio de comunicação entre os camponeses e a equipe MEB. Comumente no final das cartas, aparecem recadinhos para os amigos das comunidades ou para a equipe, expressando o carinho e admiração que sentiam por Gé, Tânia, Núbia, José Osmar, Manuel Linhares.

As cartas expressam a linguagem do coração, com vocabulário simples e palavras sinceras, iniciavam quase sempre com a mesma saudação: *“Querida Equipe do MEB”*, *“Queridos amigos que fazem o MEB Sobral”*, *“Prezada Equipe MEB”*, seguido de um abraço da comunidade. Escreviam livremente, sem preocupação com forma ou estilo, importava o ato de escrever, expressar a palavra conquistada, transmitir sua mensagem pelo rádio e, assim, afirmar sua existência no mundo.

Algumas cartas são longas, outras curtas. Na maioria das vezes, apresentam mais de um assunto, por isso nem sempre eram lidas por inteiro. A matéria de sua escrita era recolhida na vida real, em linhas mal escritas, aventuravam-se, confessando suas mágoas com o mundo de injustiças, reivindicando direitos e exigindo contas com o poder.

Com posse da palavra, tomavam gosto pela escrita, discorrendo livremente, sobre a movimentação nas comunidades. Não se preocupavam se suas cartas seriam lidas por inteiro, às vezes, os próprios comunitários, compreendendo o curto tempo do programa, diziam que fossem lidas pela metade, mas, o ato da escrita, da fala, da denúncia não se restringia por conta

das formalidades da programação radiofônica. Sua escrita propunha informar, reivindicar algo, fazer-se presente e, lidas ou não, suas cartas estavam ali, existiam.

Pelo que se depreende das cartas, em 1981, a Igreja Católica lançava a Campanha da Fraternidade com o tema *“Saúde e Fraternidade”*. Como de costume, na Diocese de Sobral, a responsabilidade da Campanha ficava a cargo do MEB. Pondo em prática o lema da Campanha, *Saúde para todos*, o MEB ofereceu o curso sobre Saúde Popular, pelo que lideranças comunitárias, passaram a direcionar atenção maior a este assunto nas reuniões, como destaca a carta da comunidade de Padre Linhares, Massapê.

Nas reuniões, os camponeses recriavam, com as bases, a dinâmica de aprendizado, vivenciada nos cursos. Dessa forma, a linguagem e ações do povo iam agregando novos sentidos. Suas lutas e conquistas assumiam valor coletivo e compromisso com a libertação, nas várias formas como entendiam esse termo. Pela carta de Miriam Aleluia, a libertação era pensada no zelo da água, prevenção de doenças e conquista da dignidade humana. Ao passo que iam se libertando de beber água suja de *“sabão e sabunete”* iam conquistando dignidade. Miriam conta que reuniu doze famílias para discutirem a importância de beber água limpa. A reunião resultou na criação de um projeto comunitário, em que se criou a lei: *“um lugar só pra lavar e outro só pra beber”*. Pela sua escrita, percebe-se o compromisso da comunidade de Padre Linhares com o trabalho de base, pois salienta a formação de *“grupinhos para planejar outros trabalhos”*:

Sítio Estevão, Pe. Linhares, 04/ 09/ 81

Paróquia de Massapê.

Querida Equipe do MEB o nosso abraço.

Comunico-lhe que estou voltando a escrever para dizer que eu e Maria Assunção, recebemos as cartinhas nos convidando para o encontro em Meruoca, não sei se será realizado lá, pensamos que seja.

Nós ficamos contentes com o estimado convite mas nós daremos as resposta é que não pudemos ir participar, por motivo de cair no mesmo período da festa religiosa daqui, do Padroeiro São Luís de Gonzaga.(...)

Eu gostaria de acrescentar que em nossa comunidade nós realizemos um trabalho de libertação junto com o povo, tem um olho d'agua que ali se lavava e se bebia, muitas vezes era obrigado a beber água de sabão e sabunete.

então depois que a Terezinha Cunha foi o curso de saúde popular em Meruoca, nós reunimos umas 12 famílias fizemos reunião o tema

saúde, zelar a água criemos o projeto a todos aceitarem apresentamos os documentos do MEB falamos das boas orientação que ele nos ajuda em nossas lutas, tudo isso demos conhecimento ao povo. A água serve a duas comunidades, e nós criemos a lei, um lugar só pra lavar e outro só pra beber, a comunidade se comprometeu de providenciar homem e mulheres, com estes trabalhos peguemos muita críticas alguém teimava ia lavar no lugar de beber, dizendo aqui nem o governo não impata lavar, mais porque? Falta de educação nós pensamos de buscar o José Osmar para nos ajudar mais no momento o diácono João Batista estava com agente como mensageiro de cristo enviou uma bela mensagem a todos a través de uma celebração a fim de nos ajudar, graças a Deus que obedeceram a água de beber não tem sujeira, as famílias que tem filtro bebe água filtrada as que não tem não bebe mais água suja. Neste ponto estamos libertos.

Estamos formando grupinhos para planejar outros trabalhos. Peça para ser lida no programa só mesmo a metade porque está muito longa.

Assina

Dirigente: Mirian Aleluia Brito

Monitora: Maria Assunção Cunha <sup>184</sup>.

Sítio Estevão, P. Linhares, 04/03/81.  
Paróquia de Massapê.

Querida Equipe do MEB o nosso abraço  
- comunico-lhe que estou voltando a escrever para dizer que eu e Maria Assunção recebemos as cartas das nossas comunidades para o encontro em Olinda, não sei se sera realizado lá ou não sabemos que seja.  
- nós estamos contentes com o estímodo enviado mais nos daremos as respostas e que não podemos ir participas, por motivo de falta no mesmo período de festa religiosa do querido Padroeiro São João de Gonçalves.  
- pois sera realizada de 17 a 20 de Setembro e nós precisamos estar presente lá para o dia 18 e 19 de Setembro acontecimento, também não poder atender o convite e participas certo maravilhoso encontro intercomunitário, que será mesmo logo de nos trazer um bom presente para nossa comunidade, se for possível trazer para nós em alguma presente, portanto desculpe nos das faltas ai.  
- a vontade de acrescentar que em nossa comunidade nos realizamos um trabalho de educação junto com o povo, tem um olho da água que ali se lava e se bebe, muitas vezes era dirigida dos beber água de Salva e Salva-matê, então graças que a Terapêutica Cunha foi a nos de Saúde Popular em Olinda, nos tem mos umas 12 famílias fizemos reunião e lá ai a água criemos o projeto e todos aceitaram apresentamos o os documentos do MEB falamos das orientações que ele nos ajuda em nossas lutas, tudo isso demos conhecimento ao povo. a água serve a duas comunidades, e nos

de educação nós pensamos de buscar o José Osmar para nos ajudar, mais no momento o Diácono João Batista estava com agente como mensageiro de cristo enviou uma bela mensagem a todos a través de uma celebração a fim de nos ajudar, graças a Deus que obedeceram a água de beber não tem sujeira, as famílias que tem filtro bebe água filtrada as que não tem não bebe mais água suja. Neste ponto estamos libertos.  
- estamos formando grupinhos para planejar outros trabalhos, não para ser lida no programa só mesmo a metade porque está muito longa.  
- sim, a Maria Assunção vai muito ocupada então pediu que eu escrevesse para ela, quando ela tiver o tempo da escrita.  
Assina  
Dirigente: Mirian Aleluia Brito  
Monitora: Maria Assunção Cunha.

Figura 5: Correspondências comunitárias. Sítio Estevão. Pe. Linhares. Paróquia de Massapê, 1981. Maria Assunção Cunha. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

Em consonância com a comunidade de Padre Linhares, a carta de Maria do Socorro conta da reunião sobre Saúde Popular, em que seu Odino, líder comunitário, apresentou à população os altos índices de mortalidade infantil. De acordo com a explanação, Maria do Socorro compreendeu que “a causa desta mortandade é a fome”. A leitura que fazia sobre a fome desnudava a realidade social do Brasil. Para ela, a fome chegava até o povo através “da falta de emprego, salário justo, falta de terra para trabalhar rendas caras, e falta de um povo concentrizado”. Dessa forma, os trabalhadores não garantiam

<sup>184</sup> Correspondências comunitárias. Sítio Estevão. Pe. Linhares. Paróquia de Massapê, 1981. Maria Assunção Cunha. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

saúde, nem vida digna para suas famílias, “*pois o povo não sabe procurar o que é nosso*”.

Conta ainda que, seu Odino orientou as pessoas sobre a importância de tratamento das doenças, esclareceu que muitas eram comuns no meio rural e que, como era difícil o acesso a médicos e hospitais, os comunitários confiavam nos rezadores, mas, na reunião, foi apresentado um livrinho com o nome de várias doenças que podiam ser curadas com remédios caseiros. Maria do Socorro afirma que ficou certo “*que antes deveria osar estes remédios caseiros*”. É o que se lê na carta do “*ouvinte certo*”, da comunidade de Dourados:

Dourado 05 - 08 – 81  
Queridos amigos que fazem o Mebe Sobral  
O meu abraço.

Mais uma vez estamos escrevendo para contar como vai nossa comonidade. No dia 30 de julho estevemos reunidos contamos com mais de 50 pessoa e o assunto foi Saúde Popular. Seu Odino fez uma expranação sobre a crise da saúde no Brasil até disce que morria uma criança por minuto achamos incrível, e a causa desta mortandade é a fome e a fome vem até nós através da falta de emprego, salário justo, falta de terra para trabalhar rendas caras, e falta de um povo concentizado, pois o povo não sabe procurar o que é nosso.

Em nossa comonidade também a muitas doenças e a causa e a mesma e o pior é que o povo só corre para os rezador. O seu Odino mostrou-nos um livrinho com vários nome de doenças e no qual vários remédios caseros e no final muitas pessoas ficou certo que antes deveria osar estes remédios caseiros. Falamos sobre o curço de infermazem, pois a falta de uma pessoa que intenda, é a causa de muitas doenças e ficou certo de ir uma pessoa esta era seu Odino mas por questão do tempo ser muito longo ele não pode perder todo este tempo, não é tanto as despesas e sim o tempo. Nada mais abraço ouvinte certo.

Maria do Socorro Lourenço <sup>185</sup>

Enquanto as pessoas mais envolvidas nos movimentos se esforçavam para participar de cursos de enfermagem e saúde popular, reivindicando a presença de médico para suas comunidades, compreende-se, na realidade do meio rural, que parte da população ainda conservava forte relação com costumes da tradição popular, curando-se à base de medicamentos caseiros ou recorrendo a rezadores. Dessa forma, Maria de Jesus Costa, de Acaraú, escrevia ao programa para reivindicar um médico ou um especialista que, orientasse as mães de sua comunidade, pois, na sua concepção, “*em vez da*

---

<sup>185</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Dourado, em 05 de agosto de 1981. Maria do Socorro Lourenço. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

*mãe levar a um médico, ou cuidar com um remédio, permanece na ilusão de que o menino está com ventre caído”.*

Para os mais velhos, o rezador representa figura respeitada no meio rural, pelos conhecimentos e mística de sua espiritualidade. Ao rezador, atribuía-se o dom de cura pela reza e uso de plantas medicinais, características da região. Os jovens, com acesso a outras informações, abertos a conhecimentos e orientações científicas (sintomas, remédios e formas de tratamento), se tornavam descrentes das práticas de cura de rezadores. De acordo com a jovem Maria de Jesus, *“quando a doença não é de morrer o menino se recupera, mas se for mais grave ele acaba morrendo a míngua”*, por isso era preciso conhecimento médico para evitar a mortalidade infantil. Assim escreve à prezada equipe:

Acaraú 5, 6, 81  
Prezada equipe  
Um abraço

Resolvi escrever ao programa, para descrever um tipo relatório, que é realidade em nosso povo, especialmente naquelas famílias mais pobre, onde as crianças brincam descalços, com latinhas de areia, comem coisas que acham no chão etc

Estas crianças, não podem ter saúde. E adocece. Em vez da mãe levar a um médico, ou cuidar com um remédio, permanece na ilusão de que o menino está com ventre caído. E leva a criança ao rezador quando a doença não é de morrer o menino se recupera, mas se for mais grave ele acaba morrendo a míngua. Então por esta causa eu solicito a presença de um doutor ou alguma pessoa para dar explicações a estas mães, para que elas não deixem seus filhos morrerem. Termino com um abraço a todos como: José Osmar, Aucélio, Pergentina, Núbia, Tânia, Ger e Manuel Linhares.

Assina a jovem Maria de Jesus Costa<sup>186</sup>

Em 1980, veiculava-se a coluna no *Nosso Jornal: A nossa saúde onde não há médicos*. Paralelo às orientações do jornal, o programa radiofônico abria espaço para um médico que orientava as pessoas sobre medicamentos caseiros e dicas de primeiros socorros. A carta de Margarida Dinis, por exemplo, destaca a presença do *“dotor Davi”*, que, segundo ela, vinha *“desperta ainda mais as comunidades dos interiores”*, compartilhando com os ouvintes o conhecimento oriundo do povo.

As cartas enriqueciam o programa de rádio e dinamizavam a participação comunitária. Margarida Diniz contribuiu com uma receita de

---

<sup>186</sup> Correspondências comunitárias. Acaraú, 1981. Maria de Jesus Costa. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

remédio caseiro, com aproveitamento de plantas como eucalipto, jaborandi e manjerioba, na cura de gripes e febres, doenças comuns nas comunidades. Pela escrita, percebe-se o prazer de Margarida em escrever, pois declara que “adora este programa” e, além de contribuir com a receita, aproveita para pedir música, oferecendo ao grupo jovem de Santo Isídio, Alcântaras:

Margarida Diniz

Escreve da comunidade de:

Santo Izídio Alcântaras

Primeiramente envia uma boa tarde para a equipe do MEBE

Adora este programa e acha mais importante é a presença do doutor Davi poiz da força e coragem e desperta ainda mais as comunidades dos interiores

Por-isso resolve escreve-la para da notícia das doenças que são mais apresentada na comunidade, e que são curada quando aparecem, logo imediatamente, são gripe e febre, é minha mamãe é a chefe para cura-la logo que aparecem, ela é chamada, cura sempre, com os remédios mateiro, cura-se com os seguintes: remédios. Ela torra a coronha, a mostarda, a manjiriobra, e faz o café, na folha do jabrandir, eucalipto, etc. estas são as muticias, não sei se vai ser valido, mas espero que sim.

Termino pedindo uma muzica bem-te-vir oferecendo a turma do grupo de jovem (...).

Agradece Margarida Diniz da comunidade Santo Izídio <sup>187</sup>

Figura 6: Correspondências Comunitárias. Carta de Margarida Diniz. Comunidade Sítio Izídio. 1981. Arquivo MEB.

Pelas cartas, verifica-se a satisfação de monitores e líderes comunitários escrevendo sobre o que entendiam como crescimento das comunidades e sobre a força do coletivo. Sentiam-se parte do Movimento e acreditavam que o conhecimento era um caminho de libertação. Faziam questão de participar de treinamentos e comunicar à equipe de supervisão o andamento do trabalho comunitário. O envio de cartas ao programa parece ser uma das formas de se

<sup>187</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Santo Izídio, município de Alcântaras, 1981. Margarida Diniz. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

sentirem valorizados no Movimento, registrando sua existência e repercutindo suas experiências, junto aos ouvintes da Rádio Educadora do Nordeste, de Sobral.

Maria Laura faz questão de dizer: “*estou sempre em sintonia com este programa, e me sinto muito feliz, por que já me beneficiei em muitas coisas*”, como o uso do filtro ou de fossas, medidas benéficas para a saúde da comunidade e da família. Expressando o desejo de compartilhar com o povo os benefícios que encontrou, Maria Laura deixa seu exemplo para que muitas pessoas “*saibam o quanto é importante essas coisas em nossa casa*”.

Acaraú 5/6/81  
Prezada equipe do meb  
Boa tarde

Quero dizer que estou sempre em sintonia com este programa, e me sinto muito feliz, por que já me beneficiei em muitas coisas.

Sobre o assunto deste programa, se as pessoas souberem aproveitar, vão colher bastante coisa sobre saúde.

Vou repartir minhas experiências com as pessoas das outras comunidades que escutam este programa. É sobre o valor de fossas em nossa casa. Depois que consegui uma para minha casa, notei que as crianças tiveram mais saúde, que outrora eram doentes.

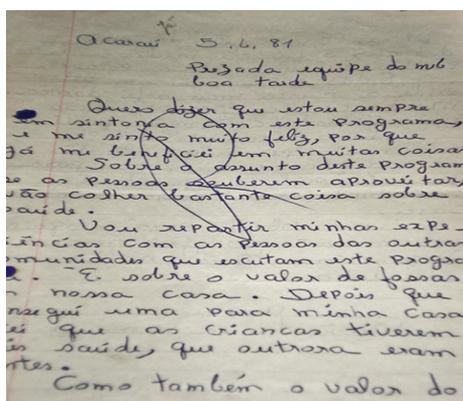
Como também o valor do filtro. Eu sofria de uma doença, e fui ao médico. Ele proibiu eu tomar água potável.

Então consegui um filtro desde aí nunca mais sofri doença. Me tratei e continuo tomando água filtrada com minha família.

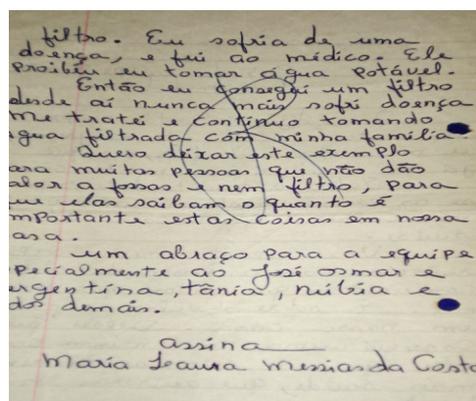
Quero deixar este exemplo para muitas pessoas que não dão valor a fossas e nem filtro, para que elas saibam o quanto é importante essas coisas em nossa casa.

Um abraço para a equipe especialmente ao José Osmar e Pergentina, Tânia, Núbia e todos demais

Assina Maria Laura Messias da Costa. <sup>188</sup>



Acaraú 5.6.81  
Prezada equipe do meb  
Boa tarde  
Quero dizer que estou sempre em sintonia com este programa e me sinto muito feliz, por que já me beneficiei em muitas coisas. Sobre o assunto deste programa as pessoas colherem bastante coisa sobre saúde.  
Vou repartir minhas experiências com as pessoas das outras comunidades que escutam este programa. É sobre o valor de fossas em nossa casa. Depois que consegui uma para minha casa, notei que as crianças tiveram mais saúde, que outrora eram doentes.  
Como também o valor do



filtro. Eu sofria de uma doença, e fui ao médico. Ele proibiu eu tomar água potável. Então eu consegui um filtro desde aí nunca mais sofri doença. Me tratei e continuo tomando água filtrada com minha família.  
Quero deixar este exemplo para muitas pessoas que não dão valor a fossas e nem filtro, para que elas saibam o quanto é importante essas coisas em nossa casa.  
Um abraço para a equipe especialmente ao José Osmar e Pergentina, Tânia, Núbia e todos demais.  
Assina  
Maria Laura Messias da Costa

Figura 7: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Laura Messias da Costa. Acaraú. 05/ 06/ 1981. Arquivo MEB.

<sup>188</sup> Correspondências comunitárias. Maria Laura Messias da Costa. Acaraú, 1981. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

Em 1982, quando do encerramento da Campanha da Fraternidade, a comunidade São Benedito, município de Alcântaras, se reuniu para avaliar o trabalho de base, realizado durante o ano. Sua carta conta que três comunidades trabalharam o tema da Campanha e cada responsável, de acordo com suas possibilidades, mesmo os que não sabiam ler, como dona Maria Marculino, semeou sua semente, reunindo “*o povo de comunidade para resar o terço nas casas de famílias*”. Em algumas comunidades, os trabalhos não foram bem aceitos e as lideranças comunitárias eram mal entendidas e taxadas de comunistas, como se vê na escrita de Maria Araújo que, mais uma vez escrevia para dar notícia de sua comunidade:

São Benedito 06 de maio de 1982.

Prezada equipe que faz o programa encontro com o MEB.  
Meu cordial abraço.

Mais uma vez volto a escrever para dá notícia de nossa comunidade que vai caminhando bem graças a Deus. Nossa comunidade está trabalhando bastante e se entrosando com outras que são: Bom Prinsipio, Boa fé, e Santo Izídio. Estas comunidade se entrosaram com São Benedito para a realização da Campanha da Fraternidade. Fizemos uma reunião no encerramento da Campanha da Fraternidade para colher uma semente que nós tinha semeado nestas três comunidade, foram feito perguntas como dona Maria Araújo perguntou, o que tinham feito com a semente que nós tinha semeada. Então dona Maria Marculino respondeu que ela não sabia ler mais reuniu o povo de comunidade para resar os terço nas casas de famílias da sua comunidade. E dona Margarida respondeu que em sua comunidade ela não cultivou a semente porque o povo eram ignorante, condo nós chegava na comunidade o povo dizia logo lasevem os comunistas, e ela nada pode fazer. E agora vou ficando por aqui até outra oportunidade eu volto a falar outras coizas.

Nada mais.

Agradece

Maria Araújo dos Santos. <sup>189</sup>

A primeira metade da década de 1980 foi rica em matéria de educação sindical. Os sindicatos mais organizados passaram a atuar através de departamentos de educação e cultura, efetivando programas de formação sindical. <sup>190</sup> O setor de sindicalismo do MEB, em reuniões e programas de rádio passou a orientar os camponeses de acordo com as diretrizes do “*novo*

---

<sup>189</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de São Benedito, 1982. Maria Araújo dos Santos. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

<sup>190</sup> Dentre esses programas, destaca-se “a contribuição de quatro entidades que foram significativas como núcleos irradiadores, tanto para a implantação de experiências específicas e isoladas, como mais tarde, quando da constituição das Centrais Sindicais. Referimo-nos: ao DIEESE, Casa do Trabalhador, Fase e Contag.” In: MANFREDI, Sílvia Maria. **Formação Sindical no Brasil: história de uma prática cultural**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 117.

*sindicalismo*” e os camponeses escreviam ao Programa do MEB, pedindo orientações sobre as funções do sindicato e sobre como combater o modelo assistencialista que persistia.

Raimundo, ao ouvir o programa do MEB, explica que não estava “afastado do Movimento”, e sim “cada vez mais ligado”. Sua carta exprime o desejo de que “explicar-se o verdadeiro papel do sindicato”, discernindo sua função combativa, da intenção de programas governamentais, como o Funrural, prática que restringia a ação sindical à assistência médica e seguridade social. Pede, inclusive, que se explique o que é pelego:

Belém 9 – 5 – 81

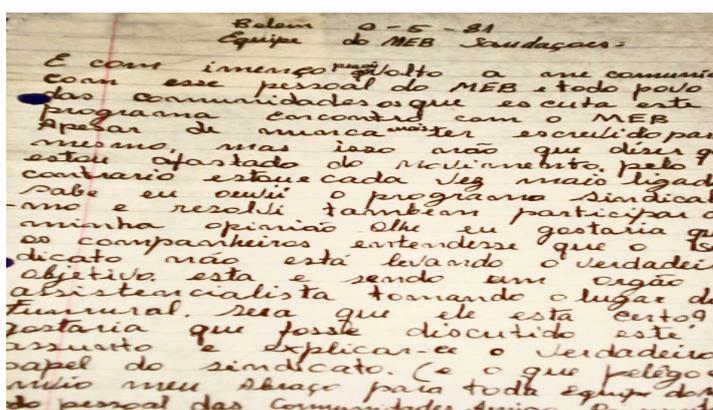
Equipe do MEB saudações

É com imenço prasêr que volto a me comunicá com esse pessoal do MEB e todo povo das comunidades os que escuta este programa Encontro com o MEB.

Apesar de nunca mais ter escrito para o mesmo, mas isso não quer dizer que estou afastado do Movimento, pelo contrário estou é cada vez mais ligado.

Sabe eu ouvi o programa sindicalismo e resolvi também participar dá minha opinião. Olhe eu gostaria que os companheiros entendesse que o sindicato não está levando o verdadeiro objetivo, está é sendo um órgão assistencialista tomando o lugar do Funrural, será que ele está certo? Gostaria que fosse discutido este assunto e explicar-se o verdadeiro papel do sindicato. (e o que é pelego etc)

Envio meu abraço para toda equipe e todo pessoal das comunidades. Amigo Raimundo <sup>191</sup>



Belém 9-5-81  
Equipe do MEB saudações:  
É com imenço prasêr a a me comunicá com esse pessoal do MEB e todo povo das comunidades os que escuta este programa Encontro com o MEB. Apesar de nunca mais ter escrito para o mesmo, mas isso não quer dizer que estou afastado do Movimento, pelo contrário estou é cada vez mais ligado. Sabe eu ouvi o programa sindicalismo e resolvi também participar dá minha opinião. Olhe eu gostaria que os companheiros entendesse que o sindicato não está levando o verdadeiro objetivo, está é sendo um órgão assistencialista tomando o lugar do Funrural, será que ele está certo? Gostaria que fosse discutido este assunto e explicar-se o verdadeiro papel do sindicato. (e o que é pelego etc) Envio meu abraço para toda equipe e todo pessoal das comunidades. Amigo Raimundo

Figura 8: Correspondências comunitárias. Comunidade de Belém, 1981. Carta de Raimundo. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

Maria Laura, escrevendo pela primeira vez, diz que, “descobriu os valores do sindicato”, pois em seu município, “os dirigentes dos sindicatos reúnem-se sempre com os operários”. Nas reuniões, os camponeses

<sup>191</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Belém, 1981. Carta de Raimundo. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE.

conheciam as vantagens de associação aos sindicatos na busca de direitos. Também se questionava o papel do sindicato, por entenderem que não se cumpriam os benefícios prometidos. Conforme a escrita, o cumprimento de benefícios não se efetivava devido à “fraqueza dos associados”, pois não pagavam em dia o imposto sindical:

Acaraú 5, 6, 81  
Prezada equipe  
Boa tarde

Esta é a primeira vez que eu escrevo a este programa, para dá notícias do Sindicato de nossa cidade.

Aqui os dirigentes de sindicato reúnem-se sempre com os operários.

Foi através de reuniões que descobri os valores do Sindicato, e fiquei sabendo quais são os direitos que os associados tem.

Só uma coisa, é que estes direitos não são realizados por fraqueza dos associados. Pois estas pessoas não vivem em dia com os seus pagamentos.

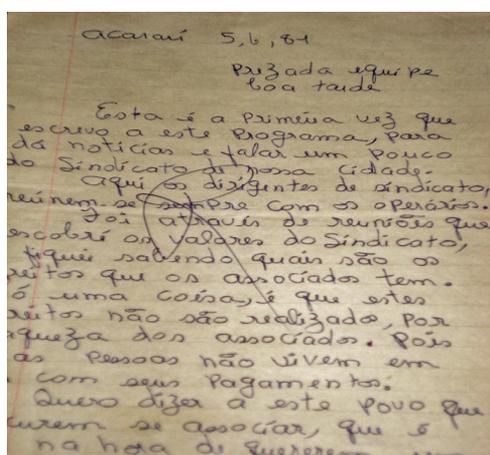
Quero dizer a este povo que procurem se associar, que é pra na hora de quererem um benefício já terem direitos.

Aqui acontece muito, só procuram sindicatos em épocas de aposentadorias, receitas médicas.

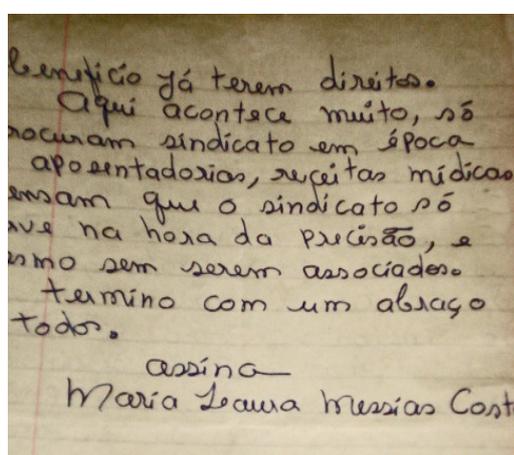
Pensam que o sindicato só serve na hora da precisão, e mesmo sem serem associados.

Termino com um abraço a todos.

Assina Maria Laura Messias Costa.<sup>192</sup>



Acaraú 5, 6, 81  
Prezada equipe  
Boa tarde  
Esta é a primeira vez que  
escrevo a este programa, para  
dá notícias e falar um pouco  
do Sindicato de nossa cidade.  
Aqui os dirigentes de sindicato  
reúnem-se sempre com os operários.  
Foi através de reuniões que  
descobri os valores do Sindicato,  
fiquei sabendo quais são os  
direitos que os associados tem.  
Só uma coisa, é que estes  
direitos não são realizados, por  
fraqueza dos associados. Pois  
estas pessoas não vivem em  
dia com seus pagamentos.  
Quero dizer a este povo que  
procurem se associar, que é  
na hora de quererem um



benefício já terem direitos.  
Aqui acontece muito, só  
procuram sindicato em época  
de aposentadorias, receitas médicas.  
Pensam que o sindicato só  
serve na hora da precisão, e  
mesmo sem serem associados.  
Termino com um abraço  
a todos.  
Assina  
Maria Laura Messias Costa

Figura 9: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Laura Messias. Acaraú. 05/ 06/ 1981. Arquivo MEB.

A carta do grupo jovem de Acaraú, *Caminhando com Cristo*, argumentava que o sindicato não atuava de modo a garantir os direitos, por isso os trabalhadores não pagavam sindicato, “quando não estavam vendo

<sup>192</sup> Correspondências comunitárias. Carta de Maria Laura Messias Costa. Em 05 de junho de 1981. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE.

resultado nenhum” e, mesmo “com o tal de registro”, não se via melhoria nas relações de trabalho, nem no modo de vida.

Acaraú 30, 8, 81

Prezada equipe

boa tarde

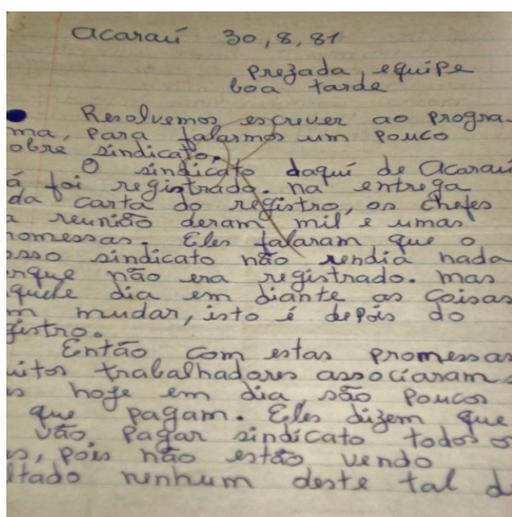
resolvemos escrever ao programa, para falarmos um pouco sobre sindicato.

O sindicato daqui de Acaraú já foi registrado. Na entrega da carta do registro, os chefes da reunião deram mil e umas promessas. Eles falaram que o nosso sindicato não rendia nada porque não era registrado. Mas daquele dia em diante as coisas iam mudar, isto é depois do registro. Então com estas promessas muitos trabalhadores associaram-se mas hoje em dia são poucos os que pagam. Eles dizem que não vão pagar sindicato todos os meses, pois não estão vendo resultado nenhum deste tal de registro de sindicato.

Terminamos com um abraço de paz e amor, aos nossos amigos: José Osmar, Pergentina e a nossa coordenadora M<sup>a</sup>. de Jesus aqui em Rodagem e ao grande locutor Genaldo Azevedo.

Assina o grupo jovem Caminhando com Cristo

Bairro Rodagem<sup>193</sup>

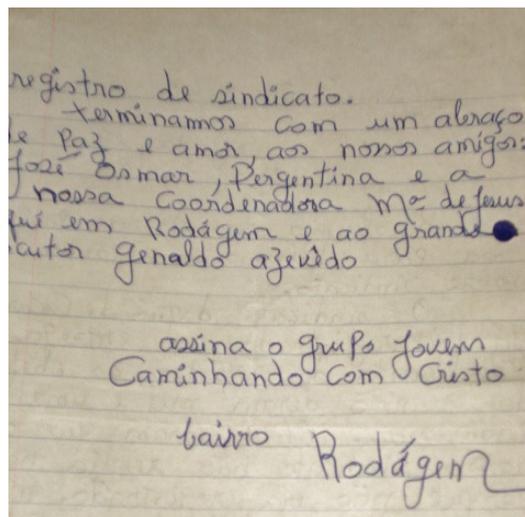


Acaraú 30, 8, 81  
Prezada equipe  
boa tarde

Resolvemos escrever ao programa, para falarmos um pouco sobre sindicato.

O sindicato daqui de Acaraú já foi registrado. Na entrega da carta do registro, os chefes da reunião deram mil e umas promessas. Eles falaram que o nosso sindicato não rendia nada porque não era registrado. Mas daquele dia em diante as coisas iam mudar, isto é depois do registro.

Então com estas promessas muitos trabalhadores associaram-se mas hoje em dia são poucos os que pagam. Eles dizem que não vão pagar sindicato todos os meses, pois não estão vendo resultado nenhum deste tal de



registro de sindicato.

Terminamos com um abraço de paz e amor, aos nossos amigos: José Osmar, Pergentina e a nossa Coordenadora M<sup>a</sup>. de Jesus aqui em Rodagem e ao grande locutor Genaldo Azevedo.

Assina o grupo Jovem Caminhando com Cristo

Bairro Rodagem

Figura 10: Correspondências Comunitárias. Carta do Grupo Jovem Caminhando com Cristo. Acaraú. 30/ 08/ 1981. Arquivo MEB.

Os sindicatos, de modo geral, orientados pela Contag e os de orientação católica, eram apresentados aos trabalhadores como alternativa de melhoria de vida, garantindo os direitos trabalhistas e fortalecendo a luta pela terra<sup>194</sup>. Não

<sup>193</sup> Correspondências comunitárias. Município de Acaraú, 1981. Carta do Grupo de Jovem, bairro Rodagem. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE.

<sup>194</sup> ABREU e LIMA ressalta publicações da Igreja Católica, explicando e esclarecendo aos trabalhadores rurais, seus direitos. “Folhetos ‘ABC do Arrendamento’, ‘ABC da Parceria’ são exemplos de críticas ao fato de que as leis ficavam mortas, no papel, só adquirindo existência de fato na medida em que os trabalhadores, conhecendo-as, exigissem os seus direitos. E assumia uma postura crítica em relação ao papel dos sindicatos”. IN: ABREU E LIMA, Op. Cit. p. 135.

se vendo amparados, os trabalhadores, se desiludiam com os órgãos de classe. Mesmo com pouca expressão do sindicato de Acaraú, e de outras localidades, acredita-se que a ação sindical tenha sido significativa nos conflitos de terra, ocorridos em Jaibaras, Taperuaba, Queimadas, como em outras localidades da Diocese de Sobral.

Nas cartas, vê-se a importância da linha sindical no projeto do MEB. É comum os entrevistados afirmarem que ainda nos anos 1960, os supervisores do MEB estimulavam e orientavam sobre os direitos e como o sindicato poderia contribuir com os interesses da classe trabalhadora. Com o tempo, os próprios camponeses procuravam os sindicatos, por acreditarem na sua proteção, com esperança de conquistar vida melhor.

Nessa busca, acreditava-se que o povo esclarecido sobre seus direitos lutaria com mais força e união para a transformação social. Em clima de anistia (1979) e com o regime militar cada vez mais pressionado por agentes favoráveis à redemocratização, como a Igreja Católica, os grupos de apoio aos Direitos Humanos e a opinião pública internacional, tudo isso contribuía para a formação de nova conjuntura política no Brasil. Com isso, a educação política ganhou novo sentido para o MEB e para os movimentos populares, no início dos anos 1980.

Em muitas cartas se tem notícias de reuniões de educação política, nas comunidades. Algumas orientadas pela equipe de supervisores, porém, na maioria das vezes, as lideranças comunitárias mobilizavam os camponeses e assumiam a responsabilidade organizativa. Em algumas comunidades, as reuniões contavam com muitos participantes, cinqüenta, sessenta, setenta pessoas.

Nesses momentos, as reflexões eram estimuladas a partir de textos sobre a realidade dos camponeses: falta de terra, seca, pobreza, ausência de políticas públicas. Muitos camponeses se sentiam à vontade para falar, expor idéias, assumindo-se como sujeitos de história e afirmando um compromisso de ação coletiva.

A carta de Maria Aparecida, contava a leitura em reunião do livro *Vida de Pobre é Assim*. Sua escrita, rica em detalhes, pontua a participação de vinte e sete pessoas, discutindo sobre diversos assuntos de interesse comum. A questão da terra aparece na discussão como problema de primeira ordem, pois

se falou que *“com as terras cercada ninguém pode mais plantar”*. O sistema de o trabalho *“alugado”* também foi destaque na reunião, sendo questionado pelos trabalhadores que, se sentiam desprotegidos, dizendo *“quando a gente adoecer o jeito é pedir esmolas”*. Ponto a ponto, Maria Aparecida ia contando as dores de sua gente, traduzindo em palavras, o sentimento de injustiça plantado no coração dos pobres que, *“até na festa é desvalorizado porque não tem dinheiro”*.

Na reunião, as pessoas falavam livremente, algumas vezes, concordando uns com os outros, noutras não. O importante era a participação, o exercício da fala e o desejo coletivo de buscar soluções imediatas para os problemas. Assim, falavam dos direitos que o pobre tem e *“os meios com que possa sair da escravidão”* do rico, pois, *“as pessoas não pode se agarrar só na mão de Deus”*, tinham que agir em defesa de seus direitos.

Como, em 1981, passavam por tempo de seca, a emergência foi outra questão importante na reunião. Reivindicou-se justiça na distribuição de renda do *“tísouro”* nacional. Apontando para a solução dos problemas, a criação de empregos, a reforma agrária e crédito para os pobres do campo, pois diziam *“que só terra e outro disse ora se eu possuíse terra fazia a minha casa”*.

Vinda do Sítio Santo Izídio, Maria Aparecida termina sua carta com a notícia de união de duas comunidades em um abaixo-assinado, esforço coletivo de reivindicação, pois *“se o governo financiare terra dinheiro aí era o mais importante”*. De destaque ainda, a qualidade da escrita, tornando viva a palavra da comunidade.

Reunião do dia 2 de maio que contou com a participação de 27 pessoas. Foi feita uma leitura da quarta parte do livro Vida de Pobre é assim.

1º que falou foi que com as terras cercada ninguém pode mais plantar.

2º falou que alugado não dar quando agente adoecer é o jeito pedir esmola.

3º disse que as pessoas não pode se agarrar só na mão de Deus tem que esforçar aí Deus ajudará.

4º falou que pobre não tem valor até na festa é desvalorizado porque não tem dinheiro.

5º disse que agente nunca consegue tomar o que é do rico e outro disse não é tomar, é fazer meio com que possa si sair dêle e da escravidão.

6º também se falou na emergência que só serve para o patrão o pobre só leva de malandro.

7º falou que só se fosse emprego e outro respondeu que só se fosse para as mulheres pois quando dar o verão uma parte dos homens vão para o sul.

8º disse que o tísouro nacional dispença tanto e tantos milhões para o rico podia muito libertar os pobres

9º falou que só terra e outro disse ora se eu possuisse terra fazia a minha casa.

Então a reunião foi muito movimentada todos falaram e depois de toda converça agente foi procurar uma destas pistas para ver se encontrava uma solução para o problema e a que nós encontramos foi se o governo financiava terra dinheiro aí era o mais importante. Estamos resolvido fazer a baixa assinada com a participação de 2 comunidades. Mais isto contando com o apoio da equipe do MEB.

Por Maria Aparecida Dinis foi relatada esta no dia 2 de maio de 1981 no Sítio Santo Izídio m. de Alcântará <sup>195</sup>

Reunião do dia 2 de maio que contou com a participação de 27 pessoas. Foi feita uma leitura da quarta parte do livro. Vida de Polze e assim.

que falou foi que com as terras cercada ninguém pode mais plantar.

falou que o alagado não das guardo agente adoece e o zulo Pedir esmola.

disse que as pessoas não pode se agarrar o na mão de deus tem que esforçar ai teu judasa.

alou que o Polze não tem valor até na festa desvalorizado Por que não tem dinheiro.

se que agente nunca consegue tomar o que é rico e outro disse não é tomar, é fazer me que possa se sair dele e da escravidão.

além se falou na emergência que só serve a o Polze o Polze só leva de malandro.

que se fosse emprego e outro respondeu só se fosse para as mulheres pois quando verão uma parte dos homens vão para o sul.

que o tísouro nacional dispença tanto milhões para o rico podia muito libertar os

Figura 11: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade Santo Izídio. 02/05/1981. Arquivo MEB.

Em geral, nos movimentos populares, a forma mais comum de organização em ação coletiva se manifestava na elaboração de abaixo-assinados, como expressão da união, construindo a experiência de democracia direta vivenciada nos Movimentos. Conforme se observa na carta, o apoio do MEB era requerido, nos embates com os donos da terra ou com as autoridades.

Desde 1977, o MEB vinha incentivando a organização dos jovens. Em março desse ano, tem início o programa *Juventude em Ação*, pela Rádio Educadora do Nordeste, uma vez por semana. A equipe avaliava o sucesso do programa em meio à juventude. <sup>196</sup> Nas cartas de 1981 e 1982, observa-se a

<sup>195</sup> Correspondências comunitárias. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade de Santo Izídio, Alcântaras. 02 de maio de 1981. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE.

<sup>196</sup> Informações de acordo com *Nosso Jornal*. Nº. 64. Maio/1977. Documento cedido por Hermínia Liberato.

participação de jovens, nos encontros de Educação Política. As cartas relatam seu entendimento da política como potencial de transformação social e cultural do povo. Buscavam a libertação dos pobres e, acreditavam que tais informações transformariam sua compreensão de mundo, conforme se escreve na carta da comunidade de Equitós, em que o grupo pede “uma orientação sobre Educação Política para mudar a idéia do povo”:

Equitós 8 de agosto de 1981

Querida Equipe que faz o programa Encontro com o M.E.B. paz e bem É pela primeira vez que escrevo palavras desta comunidade somente para dar nossas notícias. Aqui tudo bem graças a Deus so que nós queremos um emcentivo da equipe para nós ajudar. aqui na comunidade nós fazemos a celebração do dia do senhor nos domingo e as reuniões al mesmo tempo na casa de família da comunidade e por isto rezovemos formar um grupo de prejoovem para futuramente estarmos mais preparados para o movimento. E nós daqui queremos uma visita da equipe para animar o povo principalmente os participantes do grupo prejoovem... e nós queremos uma orientação sobre Educação Política para mudar a idéia do povo e nada mais<sup>197</sup>

Dourado 28-09-81

Estimada Equipe do Mebe Sobral

... Quero falar também sobre o encontro de educação política a qual veio despertar muito a nossa gente esperamos que logo tenhamos continuidade, ou outro qualquer assunto que interece a comonidade Foi maravilhoso a visita do Meb principalmente a gé que pela 1ª vez veio em nossa comonidade.

Peço um boa tarde para meus pais

José Teixeira e Gerarda, meus irmãos Natal e Maria, e Sr. Odino

Ateciosamente asina

Maria do Socorro Teixeira<sup>198</sup>

Equitós 8 de agosto de 1981.  
Querida Equipe que faz  
o programa encontro com  
o M.E.B. paz e bem É pela  
primeira vez que escrevo palavras  
desta comunidade somente para dar  
nossas notícias. Aqui tudo bem  
graças a Deus so que nós queremos  
um emcentivo da equipe para nós  
ajudar. aqui na comunidade nós  
fazemos a celebração do dia do senhor  
nos domingo e as reuniões al mesmo  
tempo na casa de família da  
comunidade. e por isto rezovemos  
formar um grupo de prejoovem  
para futuramente estarmos mais  
preparados para o movimento. e a  
daqui queremos uma visita da  
equipe para animar o povo principal-  
mente os participantes do grupo  
de prejoovem que dão estas  
Apa. Doralice [redacted] carnei  
Maria Santa Lisa ETC.  
Rosa Maria Leira ETC.

Dourado 28-09-81  
Estimada equipe do mebe Sobral  
Muito cordial abraço.  
Pela a primeira vez estou escrevendo e  
se muito para enviar notícia de nos  
comunicado a qual vai caminhar do  
aço como como adivina n. pois o teu  
Vida está muito difícil. há 5 anos  
dar boa noite mesmo assim não pa-  
reço um pouco mais lento. sentjan  
na da Bíblia dia 27 para a política  
Bella Velas e Jesus. Vamos falar  
na pequena leitura da Bíblia háte ap-  
Muito gente.  
Quero falar também sobre o encontro  
de educação política a qual veio despertar  
muito a nossa gente esperamos q  
logo tenhamos continuidade, ou outro  
qualquer assunto que interece a como  
oi Maravilhoso a visita do Meb. prici-  
ge que pela 1ª vez veio em nossa com-  
teco um boa tarde para meus pais  
os Texuro e Gerarda, meus irmãos  
Maria, e Sr. Odino. Maria do  
Socorro muito a sua Maria do  
Teixeira.

Figuras 12 e 13: Correspondências Comunitárias. Cartas das Comunidades de Equitós (08/ 08/ 1981) e Dourado (28/ 09/ 1981). Arquivo MEB.

<sup>197</sup> Correspondências recebidas. Comunidade de Equitós. Carta de Raimundo Bernardo dos Santos, dirigente da comunidade. Em 08 de agosto de 1981. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

<sup>198</sup> Correspondências recebidas. Comunidade de Dourado. Carta de Maria do Socorro Teixeira. Em 29 de setembro de 1981. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

As cartas vão compondo um rico inventário de temas, de formas de reunião, de construção de metodologia de trabalho no meio popular, além de constituírem uma forma de escrita em nome do coletivo. Longe do estilo oficial de relatório ou de prestação de contas ao MEB, as cartas parecem ser um exercício escrito individual e coletivo do ato de falar, de reivindicar.

José Valdir e Aduino, do grupo jovem de Pé da Serra, município de Massapê, relatam *“nós continuamos se reunido aos domingos a noite, para discutir os nossos problemas”*, buscando os caminhos da libertação, palavra-chave que move o pensamento e a ação do povo. Principal objetivo da luta social, nesse período, a libertação do oprimido constituía o mote de quase todas as reuniões, sendo requerida pela igualdade de direitos, justiça, terra. *“Nós aqui não queremos ficar mais oprimidos”*, escrevem José Valdir e Aduino, pondo em destaque o sujeito coletivo, falando em nome da comunidade. Portavoz do povo, expressam na escrita, o desejo de todos: *“o povo aqui nas reuniões falam que Deus quer tudo igual e não dizigual”*.

Sítio Pé da Serra 06-11-81

Querida equipe do meb.

Volto mais uma vez para escrever para este programa que é seqüência das comunidades para falar de nossa comunidade que caminha bem.

Nós continuamos se reunido aos domingos a noite, para discutir os nossos problemas.

Nas reuniões falamos dá libertação, que uns dizem que é difícil outros dizem que se reunindo um dia chegará uma conclusão.

Diante desta situação com tanta gente oprimido não se pode ficar assim.

Pois nós aqui não queremos ficar mais oprimidos, pois o povo aqui nas reuniões falam que Deus quer tudo igual e não dizigual.

Vou ficando por aqui.

José Valdir Clarindo e Aduino.<sup>199</sup>

As cartas também evidenciam a conjuntura política de redemocratização, no início dos anos 1980. Nesse período, os movimentos populares se identificam com ideologias e partidos de esquerda, bem como com os projetos que representam os interesses do povo trabalhador. Entre os jovens, evidenciava-se identificação com o recém fundado Partido dos Trabalhadores – PT.

---

<sup>199</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade Sítio Pé da Serra, Município de Massapê. Carta de José Valdir Clarindo e Aduino, em 1981. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

Nesse sentido, destaca-se a atuação do grupo de jovens do município de Massapê, organizando campanha de filiação partidária. Luiz Ferreira, um dos responsáveis pelo grupo, escreveu ao *Programa Encontro com o MEB*, compartilhando com a equipe, a conquista de um espaço de luta para os trabalhadores do município, salientando: *“nós também aqui já podemos falar sobre política partidária”, porque “nós já temos um núcleo do partido do PT”, formando um grupo “de vinte um jovens”.*

Na carta, o grupo de jovens se afirma empenhado em *“conscientizar”* o povo sobre a importância do sindicato, tomando como meta principal a reivindicação dos direitos, *“que aonde nós temos direitos nós devemos é exigir os nossos direitos”.* Na escrita coletiva de Aauto Clarindo e Luiz Ferreira, afirma-se que o grupo de jovem *“é quem mais luta e trabalha”* por essa conquista, atuando em união e valorizando a força do trabalho em grupo, *“aonde ninguém quer ser o mais sabido, e ninguém quer ser, maior do que outro”.*

Pé da Serra, 04 de julho de 1981.

Saudações

Presado amigo, José Osmar, é com imenso praser que, eu escrevo para êste maravilhoso programa Secrência Sindicalismo Rural, aqui em Pé da Serra na nossa comunidade nos encontros e, nas reuniões com o povo de nossa comunidade nós procuramos, consentizar o povo o quier que nós precisamos para sermos sindicalismo. E de chegar a nossa meta principal que nós temos direitos e que reivindicar nossos direitos. Que aonde nós temos direitos nós devemos é exigir os nossos direitos. E o grupo de jovem daqui é quem mais luta e trabalha sobre os nossos direitos...

Nós também aqui já podemos falar sobre política partidária. Porque todos somos uma união só, é que nós temos que saber em quem votar, votar no PT partido do trabalhador. O nosso grupo também com a orientação do presidente do sindicato, nós já temos um núcleo do partido do PT grupo quier formado de 21 pessoas ou seja de vinte um jovens. É que nós trabalhamos todos unidos aonde ninguém quer ser o mais sabido, e ninguém quer ser, maior do que outro.

Termino enviando um boa tarde para todos os ouvintes dêste programa. Somente Antônio Aauto Clarindo e Luiz Ferreira de Souza.<sup>200</sup>

---

<sup>200</sup> Correspondências comunitárias. Carta de Antônio Aauto Clarindo e Luiz Ferreira de Souza. Município de Massapê, comunidade de Pé da Serra. Em 04 de julho de 1981. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

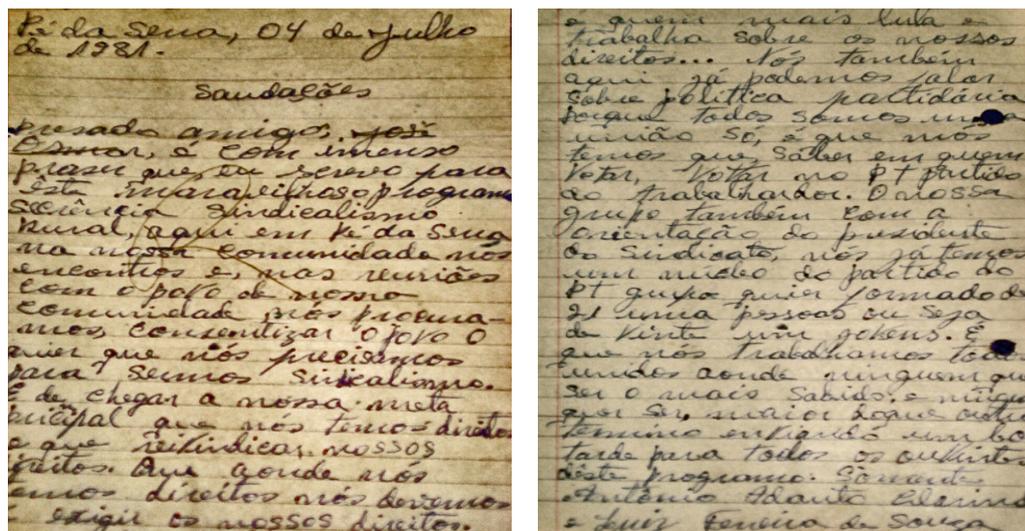


Figura 14: Correspondências Comunitárias. Carta de Antônio Aduato Clarindo e Luiz Ferreira de Souza. Comunidade Pé da Serra. 04/ 07/ 1981. Arquivo MEB.

Com a aproximação da eleição municipal de 1982, as cartas de Luiz Ferreira indicavam o esforço de organização política dos jovens trabalhadores e o sentido inovador da política partidária: a construção de núcleos dos filiados ao Partido dos Trabalhadores, evidenciando auto-organização. Sua escrita explicita a movimentação dos jovens de Pé da Serra, em campanha aberta, cujo objetivo *“é de fazer com que cada membros dos núcleos, se concientize e procure a concientizar, os outros”*. A estratégia era conquistar um a um, *“até cobrir todas as camadas”*, pois, como prova de esperança, os jovens trabalhadores afirmavam o dever de votar no seu partido. *“Não podemos cruzar os braços”*, era a mensagem de Luiz Ferreira aos companheiros do MEB, reforçando a importância das reuniões para a luta do dia - a - dia:

Pé da Serra, 15 de Setembro de 1981

Saudações

Caro companheiro José Osmar:

Venho por meio desta, comunicar-lhe o seguinte... E ao mesmo tempo para falar sobre política. Como estão se organizando às bases, de todo o município de Massapê, é que, no município de Massapê nós já temos o núcleo, do partido do PT partido do trabalhador. Os núcleos são formados de 21 pessoas. Pois o nosso objetivo sempre, é de fazer com que cada membros dos núcleos, se concientize e procure a concientizar, os outros, conquistar mais um e trazer, para os nossos grupos. Até cobrir todas as camadas. Além dos 10 núcleos, que já temos formado, temos também 15 em formação, ou seja estamos procurando formar mais quinze. Pois quem é trabalhador, o dever é de votar no seu partido. Pois cada qual deve zelar pelo que é seu. Já que, não podemos cruzar os braços nós, com a nossa luta, do nosso dia-a-dia. Continuamos com as reuniões do nosso grupo, e também do sindicato, e estamos

caminhando bem. Finalizando despeço-me com atenção.  
Atenciosamente subscrevo-me Luiz Ferreira de Souza<sup>201</sup>

Durante o ano de 1982, observa-se um aprofundamento do trabalho do MEB, com relação à Educação Política. Delfino Lopes, numa escrita simples, expõe o trabalho de base e as linhas de orientação assumidas em sua comunidade *“a qual caminha mais omeno”*. Ressaltou que, nos meses que antecederiam às eleições, trabalhou mais a importância do voto consciente para as pessoas não o venderem em troca de favores, como *“uma corrida de carro”*. Como bom líder comunitário, conversava com o povo de São João da Baixa Grande para escolher um candidato, *“uma pessoa que soubesse adiministá o município”*.

Delfino complementa sua carta, dizendo do plano de ação comunitária, trabalhado depois das eleições. Expõe a decisão coletiva de discussão sobre terra *“porque da terra e de onde todo os nosso alimentação e aonde a gente vive”*. A compreensão de injustiça social e divisão da sociedade entre ricos e pobres aparece como distinção entre o direito dos homens, se contrapondo ao direito de Deus. Delfino diz que Deus deixou a terra para todos e os homens ambiciosos tomaram para si o que era de todos e *“hojem em dia só que pisui as terra e os rico ele acho que só eles pesijo”*.

Dividindo os homens em ricos, com tanta terra, e pobres *“com tanta presisão de um teremo para prantá o seu roçado”*. Suas palavras traduzem o desejo do coração de todos os camponeses: terra, para plantar e morar, evidenciando o singular desejo de viver. Assim, Delfino escreve sua carta, mesclando o tom epistolar ao de relatório anual do trabalho comunitário:

Sítio S. João da Baixa grande Meruoca  
Prezada equipe de faz o progama do Meb  
O meu cordial abraço  
Venho através deste relatório somente para dá alguma notícia da comunidade que a qual esta caminha mais omeno.  
Aqui vou falar sobre os trabalhos realizado de maio até novembro. De maio até setembro, o assunto que era mais debatido erra sobre política. Cosientizado como erra que as pessoa erra de vota para que as pessoa desse o seu voto conciente não vendesse o seu voto pelo uma corrida de carro que as pessoa escolhesse uma pessoa que

---

<sup>201</sup> Correspondências comunitárias. Município Massapê, comunidade Pé da Serra. Carta de Luiz Ferreira de Sousa, em 15 de setembro de 1981. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

soubesse adiministá o municípe. De setembro endiante o pessual achou que erra bom que mudase de asunte que erra bom que debatese outra coisa e ai agente achou por bem falar sobre terra. Porque da terra e de onde todo os nosso alimentação e aonde a gente vive. Falara que deus deixou a terra pra todo (mundo)pais cristão. Então sai os enbisioso e foram se aposando das terra e vendendo e o hojem em dia só que pisui as terra e os rico ele acho que só eles pesijo. Os enbisioso com tanta terra e os probe com tanta presisão de um teremo para prantá o seu roçado. Ou ate mesmo para fazer uma casinha porque muita pessoa não acha nem que deu uma morada e que dirá para planta o seu roçado.<sup>202</sup>

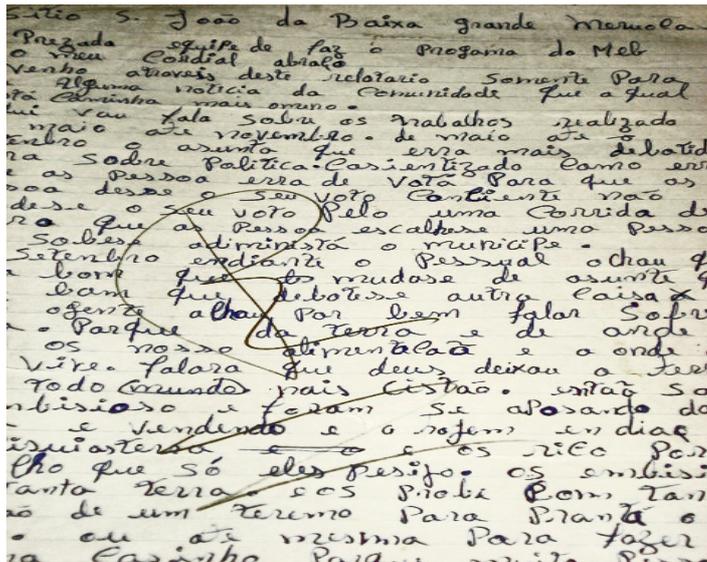


Figura 15: Correspondências Comunitárias. Comunidade Sítio São João da Baixa Grande – Meruoca. S/d. Arquivo MEB.

Durante esse ano, quase todas as cartas faziam menção à política eleitoral, denunciando o assistencialismo como característico da política no interior do Ceará. A carta de José Odino Pequeno, ouvinte assíduo do *Programa Encontro com o MEB*, contava a visita dos candidatos em sua comunidade. “Cada qual com um médico oferecendo consultas e remédio, mostra grátis”, para o povo, dizia ele. Nesse período, a preocupação com o voto consciente, era uma constante nas reuniões de educação política, sendo compartilhada pela equipe, lideranças comunitárias e grupos de jovens.

Reunidos, os comunitários discutiam formas coletivas de melhorias de vida, decidindo as linhas de trabalho. A comunidade de Dourado escolheu debater “*Coperativismo, Saúde e Educação pulítica*”. Como relata Seu Odino, sua comunidade continuava se movimentando em torno do trabalho de base,

<sup>202</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de São João da Baixa Grande, município de Meruoca – CE. Carta de Delfino Lopes, em 1982. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

comprometendo-se com a criação de cooperativa, farmácia comunitária e construção de capela.

Pelas cartas, as comunidades se comunicavam com a equipe, marcando os dias e os horários das visitas, sugeriam temas para as reuniões e, pelo rádio, recebiam um retorno do MEB. Pela confirmação das visitas, as comunidades se organizavam para receber a equipe, em clima de festa, ansiosos por reencontrarem os companheiros de Sobral. Em sua carta, José Odino pede *“mandar dizer pelo programa”* a hora da chegada da equipe na comunidade:

Dourado 03 – 5 – 82

Meus caros amigos do Mebe

Meu cordial abraço.

Mais uma vez estamos escrevendo para dar notícia de nossa comunidade. A mesma continua como sempre, só que os políticos já começa a nos visitar, tanto do PDS, como do PMDB, cada qual com um médico oferecendo consultas e remédio, mostra grátis, aqui não existe outro partido. Apenas 2, sendo que o MDB vem ganhando do 58 até agora com pequena vantagem de votos e agora 3 ex-prefeito e o próprio candidato aderiram para o PDS, e de política é só. Nossa comunidade sempre tem se reunido, ontem dia 02 fizemos uma reunião para saber qual as linhas de trabalhos seguiremos este ano, ficamos certos em 3, Cooperativismo, Saúde e Educação política. Vamos criar uma cooperativa, uma farmácia comunitária, dar continuidade o trabalho da capela, outros. Estamos certos da reunião dia 13 será a noite a partir de 7 horas peço mandar dizer pelo programa a hora que chegam aqui, o povo estão querendo que a reunião seja Ed. Política.

Nada mais abraço povo do MEB Sobral

José Odino Pequeno<sup>203</sup>

Na carta de Maria Angelina, observa-se a crítica à política partidária em prejuízo do trabalho comunitário. Vê-se ainda o tom coloquial da carta, aproveitando o programa de rádio para cumprimentar seu marido e filho, além de *“dona Aparecida lá do Santo Izídi”*. Mais uma vez, as cartas expressam função singular de comunicação entre os comunitários:

Bulandeira

Prezados amigos que fazem o MEB Sobral o meu abraço fraterno

Volto a escrever para este maravilhoso programa para dar as notícias de nossa comunidade que não está se movimentando muito o motivo é que alguém deixou de agir as atividades comunitária e se voltou para a política

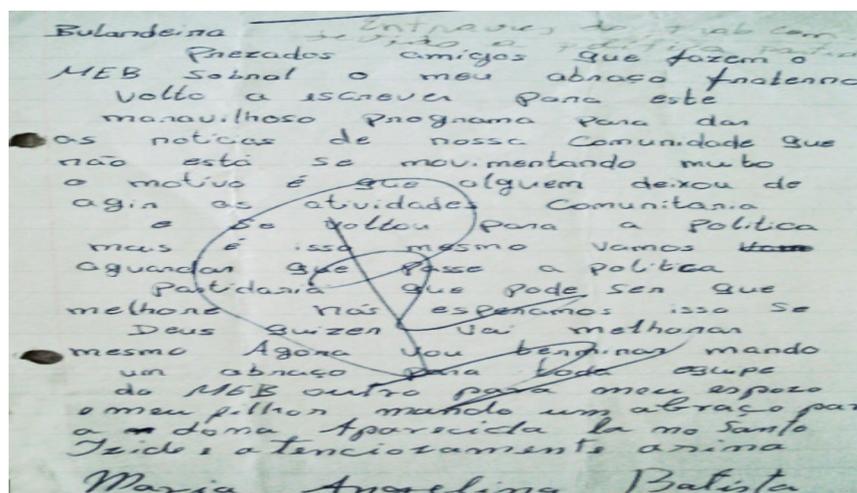
---

<sup>203</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Dourado. José Pequeno, em 03 de maio de 1982. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE.

Mais é isso mesmo vamos aguardar que passe a política partidária que pode ser que melhore nós esperamos isso se Deus quiser vai melhorar mesmo

Agora vou terminar mando um abraço para toda equipe do MEB outro para meu esposo e meu filho mando um abraço para dona Aparecida lá do Santo Izide e atenciosamente asina

Maria Angelina Batista<sup>204</sup>



Bulandeira  
MEB Sobral o meu abraço fraternal  
Volto a escrever para este  
maravilhoso programa para dar  
as notícias de nossa Comunidade que  
não está se movimentando muito  
o motivo é que alguém deixou de  
agir as atividades Comunitária  
e se voltou para a política  
mas é isso mesmo vamos  
aguardar que passe a política  
partidária que pode ser que  
melhore nós esperamos isso se  
Deus quiser Já melhorar  
mesmo Agora Vou terminar mando  
um abraço para toda equipe  
do MEB outro para meu esposo  
e meu filho mando um abraço par  
a dona Aparecida lá no Santo  
Izide e atenciosamente asina  
Maria Angelina Batista

Figura 16: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Angelina Batista. Comunidade de Bulandeira. s/d. Arquivo MEB.

Na maioria das cartas, percebe-se que a formação política era o tema mais solicitado nas reuniões. Ressalta-se que o tema compunha as diretrizes do Movimento para aquele ano. A carta abaixo indica três questões, como base para a reflexão dos camponeses sobre o processo eleitoral. Nesse sentido, “o que significa política”, ou “o que o povo tem a ver com política partidária” instigavam o pensamento coletivo, na comunidade de Santa Bárbara.

Muitas vezes, reunir-se constituía nova realidade no cotidiano dos camponeses, não pelo ato em si, mas pela forma das reuniões: todos em círculo, com oportunidade de falar, dizer o que pensa e, também, pelo tipo de assunto, estimulando a participação e despertando sentidos de luta e de direitos nos camponeses. Pelo escrito, justifica-se que não tinham “costume de debater estes assuntos”, sendo “a primeira vez” que a comunidade se reunia para refletir sobre política partidária.

A carta, bem escrita, expressa a compreensão coletiva de que a participação popular era fundamental no processo político “porque a política

<sup>204</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Bulandeira. Carta de Maria Angelina Batista. s/d. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE.

*pertence mais a nós do que os grandes*". Entendiam que, embora um dos "grandes" estivesse no poder, era o povo quem o elegia. Daí a compreensão de que conversa de política não é só dos poderosos, mas diz respeito aos pobres, conforme expresso na carta comunitária: "*porque os grandes apenas dominam e nós é quem fazemos a política*":

Stª. Bárbara 16/ 4/ 82

Presado amigos da Equipe do MEB

Recebemos a sua carta que foi de muita importância para nossa comunidade.

Também temos as perguntas que nós debatemos para responder em grupo, que não foi bem respondida porque nós não tínhamos costume de debater estes assuntos. Esta foi a primeira vez.

E nós da comunidade o que podemos fazer nestes sentido?(Política)

Devemos debater na comunidade o que significa política.

Será que temos alguma coisa a ver com política partidária?

Sim, temos porque a política pertence mais a nós do que os grandes.

Ou será que conversa de política é só para os grandes?

Não: porque os grandes apenas dominam e nós é quem fazemos a política.<sup>205</sup>

Da mesma forma que debatiam os questionários enviados do MEB, as cartas fazem menção ao estudo de cartilhas nas reuniões. As Pastorais Sociais da Igreja Católica contribuíam na orientação popular, nesse período, ministrando cursos e elaborando Cartilhas de Educação Política, realidade comum a várias Dioceses do país<sup>206</sup>, como em 1982, a Arquidiocese de Fortaleza veiculou a *Cartilha de Educação Política*, com apresentação do Arcebispo Aloísio Lorscheider, justificando sua necessidade: "*com o desejo de colaborar no cumprimento de um dever cristão, o da participação política livre e consciente, os bispos do Regional Nordeste I, abrangendo o Estado do Ceará, prepararam esta cartilha de Educação Política*".<sup>207</sup>

---

<sup>205</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Santa Bárbara. Em 16 de abril de 1982. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE.

<sup>206</sup> Tais reflexões foram sistematizadas a partir da leitura de MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p.188.

<sup>207</sup> CNBB – Regional NE I. **Cartilha de Educação Política**. Fortaleza, Ceará. 1982. Dividida em cinco capítulos, aborda a organização partidária no Brasil, os interesses do povo e a importância do voto consciente. Com linguagem popular, no estilo de uma conversa na comunidade, reproduzia situações comuns em que o povo se deparava durante as campanhas eleitorais: compra de votos e favoritismo político.

Na carta comunitária de Floresta, percebe-se a comunidade em festa, em homenagem a Nossa Senhora e, evidencia-se o estudo da Cartilha da Arquidiocese de Fortaleza, pois a pergunta que norteou a discussão comunitária: “*Em qualquer candidato que seu Cardoso apresentar eu voto nele?*” constitui a primeira reflexão da Cartilha. Mulheres como Maria, Lúcia e Ana deram voz à reunião e mostraram consciência de que votar no candidato do patrão era fortalecer o sistema de escravidão a que o pobre estava submetido. Conforme lição da Cartilha, respondiam que “*seu Cardozo*” queria “*cada vez escravizar mais o pobre*”. Na linguagem popular, diziam que “*não comia nem manga com febre*”, ou seja, não votariam em candidato que só se aproximava do povo durante as eleições.

Luzia Miguel, além de contar a reunião, finaliza sua carta em forma de verso, refletindo sobre o tempo de eleição e, traduzindo a realidade em ditos populares, comuns ao vocabulário do povo, rico em metáforas. Em sua composição, no tempo de eleição “*todo político é bom e promete tudo ao pobre*”, que acreditando nas promessas “*cai na cantada*”. Passada a eleição, os políticos “*avoa e vai embora*”, deixando o pobre no sofrimento. No versinho, o pobre é comparado à besta que “*fica na peia*”:

Floresta 4-5-82

Queridos equipes que faz o programa do MEB

Aqui vou lhe escrevendo para este programa alegre

Para falar de minha comunidade, estamos festejando o mês de maio que é o mês de N. Senhora mês de grande alegria, aqui vou mudando de assunto para outro assunto que é o da Cartilha Política fizemos uma reunião combatemo vários assunto sobre a Cartilha 1º assunto foi este Em qualque candidato que seu Cardoso apresenta eu voto nele? Resposta a Maria respondeu que assim está muito errado

Lúcia falou que do jeito que seu Cardozo está fazendo ele que cada vez escravizar mais o pobre

Ana falou que não comeu nem manga com febre para votar em qualquer candidato que eles só quere aproveitar de nosso voto, tudo que passa as eleição eles faz tipo bola de assopro avóa e vai embora.

Aqui vou finalizando mandando um boa tarde para todos pessoal bom de Floresta Córrego bacha Fria Serrote Chato Água Bela

Aqui assina a amiga Luzia Miguel Marques.

Floresta, Santana do Acaraú.

Aqui vai um versinho quando é tempo de Eleição todo político e bom promete tudo ao pobre

Eles vai cai na cantada depois que eles ganha avoa e vai embora

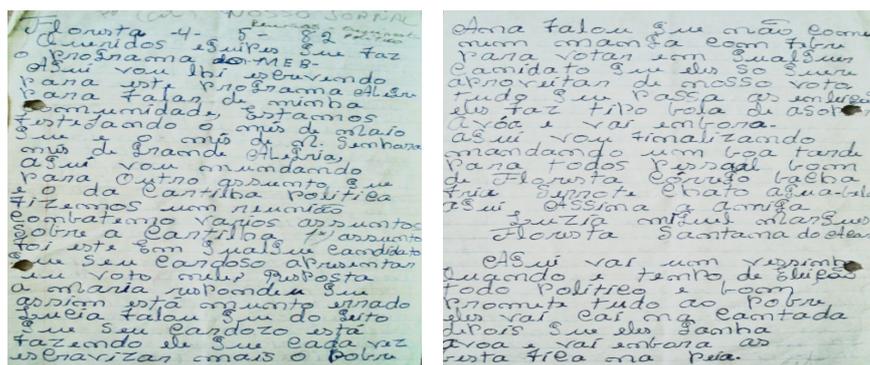


Figura 17: Correspondências Comunitárias. Carta da comunidade de Floresta. 04/05/ 1982. Arquivo MEB

As cartas evidenciam a sintonia entre as comunidades, em torno do trabalho de base no mês de maio. As comemorações do mês de Maria e o estudo da *Cartilha de Educação Política* são notícias que se repetem, como na de Maria Suzete, contando a movimentação nas comunidades de Águas Belas e Alvaçã, nas festas de Nossa Senhora com “boa participação”, já que “as famílias são freqüente”. Sobre a *Cartilha de Educação Política*, diz que: “demos a Cartilha para muitas pessoas lerem”, o que estimulou o grupo reunido a falar durante duas horas de reunião:

Estimada Equipe que faz o Proveitoso Programa encontro com o MEB  
 Meu cordial abraço  
 Volto novamente a escrever para dar notícia: foi feita a reunião da Cartilha Educação Política a qual saiu muitas opiniões: demos a Cartilha para muitas pessoas lerem, todo falaram deste assunto onde incluíram o Sindicato foi uns 2 horas de Palestra e todos falaram. Sobre o encontro neste mês na Meruoca irá participar 2 pessoas: mudando de assunto aqui estamos festejando o mês de maio onde estamos trabalhando dentro de Águas Belas e Alvaçã comunidade vizinha tem boa participação. As famílias são freqüente, estamos esperando a vizita da Núbia no dia 13.  
 Abraço para toda equipe MEB.  
 Como para meus pais Pedro Lira e Conceição. Toda turma de Floresta, um abraço para toda família que participa das novenas.  
 Abraço da irmã em Cristo  
 Maria Suzete Lira. Águas Belas.<sup>209</sup>

<sup>208</sup> Correspondências comunitárias. Carta de Luzia Miguel Marques. Comunidade de Floresta, município de Santana do Acaraú. Em 04 de maio de 1982. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

<sup>209</sup> Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Suzete Lira. Comunidade de Águas Belas. Maio de 1982. Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE.

Estimada Equipe que faz o Proveloso  
Regrouma encontros Com o MEB.  
meu Cordial Abraço

Volto novamente a escrever para dar  
noticia: foi desta a reunião da Cartilha  
Educação política a qual saiu muitos  
o primos: deuses a Cartilha para  
muitas Pessoas Lerem. todo falaram  
deste assunto onde incluíam o Gíndieste  
foi uns 2 horas de Palestra e todos  
falaram. Sobre o encontro neste  
mês já mecase já participam 2  
Pessoas: mudando de assunto Aquí estamos  
festando o mês de maio onde estamos  
trabalhando dentro de Águas Belas e  
Alvaça Comunidade vizinha tem boa  
Participação. As famílias são frequente.  
estamos esperando a visita da Nubia  
no dia 13.

Abraço para toda equipe MEB.  
Como para meus pais Pedro bira e  
Conceição. toda turma de Floresta,  
um abraço para toda família que  
Participa das novenas.  
Abraço da irmã em Cristo -  
maria Suzete bira Águas Belas

Figura 18: Correspondências Comunitárias. Carta de Maria Suzete Lira. Comunidade de Águas Belas. Maio de 1982. Arquivo MEB.

Outra questão recorrente, nas cartas, é o problema da terra, onde se ressalta a leitura crítica sobre o sistema político e a estrutura fundiária. Na carta de Raimundo Nonato, líder comunitário de Meruoca, vê-se a comunidade sempre se reunindo. Dessa vez, como mote da reunião, discutiram “*as atuais administrações que existe em nosso país*”. Contando o sofrimento de sua gente, Raimundo escreve “*somos totalmente desprezado pelos donos do poder*” e, reconhecendo a dura realidade dos pobres, chama atenção para a injustiça e a desigualdade vivenciada pelos trabalhadores do campo e da cidade.

Sua escrita fala do que sente e vive, “*proprietários com léguas e léguas de terra*”, “*moradores plantando pequenos roçados e pagando renda até 50 por cento*”, “*colheita estragada pelo os animais do patrão*”, compõe a dinâmica do mundo dividido, que conhece de dentro, por ser pertencente dele. Suas palavras testemunham o que vê “*pouca gente com a barriga cheia. E muita gente passando fome, sem tê nem uma solução*”.

Numa reivindicação, eminentemente, existencial, Raimundo fala das necessidades do povo. Um sujeito coletivo subtende-se em sua escrita: “*estamos sentindo falta de terra para trabalhar falta de emprego e vendo a carertia aumenta cada veis mais*”, concluindo que, com tanta injustiça e exploração, “*...estamos sendo escravizados igualmente aqueles tempos passado*”. Sua carta afirma a força do coletivo, pois, unidos, venceriam a

dominação. Raimundo finaliza sua carta pedindo a Deus força e coragem para deixarem de “cê escravizados”:

Sítio Alegre 10 de 11 de 82

Prezada equipe que fais o programa encontro com o MEB, meu abraço.

Mais uma veis estou escrevendo para da noticia de minha comunidade que vai caminhando bem. Sempre estamos se reunindo e discutimos os problemas da comunidade.

Fizemos uma reunião e discutimos sobre as atuais administrações que existe em nosso país. Vemos que somos totalmente desprezado pelos donos do poder, que não olham para o nosso sofrimento. Segundo conta a história do Brasil, que em (1888) A princesa Isabel libertou os escravos. Mas na nossa opinião, nus dias de hoje é que vivemos escravizados.

Veja! Há proprietários que possui léguas e léguas de terra, com tantos moradores plantando pequenos roçados e pagando renda até 50 por cento, e muitas vezes a colheita é estragada pelo os animais do patrão.

Há indústria firmas etc. que tem milhares de empregados ganhando um salário tão pequeno que muitas vezes não dá nem pra sobrevivencia do empregado! Há pouca gente com a barriga cheia. E muita gente passando fome, sem tê nem uma solução.

Estamos sentindo falta de terra para trabalhar falta de emprego e vendo a carertia aumenta cada veis mais.

Por isso foi que pensamos que estamos sendo tão escravizado, igualmente aqueles tempos passado.

Mais vamos pedir a Deus que nuis dê força e coragem, para que com a nossa união a gente deixe de cê escravizados.<sup>210</sup>

Sítio Alegre 10 de 11 de 82  
Prezada equipe que fais o programa encontro com o MEB, meu abraço.  
Mais uma veis estou escrevendo para da noticia de minha comunidade que vai caminhando bem. Sempre estamos se reunindo e discutimos os problemas da comunidade.  
Fizemos uma reunião e discutimos sobre as atuais administrações que existe em nosso país. Vemos que somos totalmente desprezado pelos donos do poder, que não olham para o nosso sofrimento. Segundo conta a história do Brasil, que em (1888) A princesa Isabel libertou os escravos. Mas na nossa opinião, nus dias de hoje é que vivemos escravizados.  
Veja! Há proprietários que possui léguas e léguas de terra, com tantos moradores plantando pequenos roçados e pagando renda até 50 por cento, e muitas vezes a colheita é estragada pelo os animais do patrão.  
Há indústria firmas etc. que tem milhares de empregados ganhando um salário tão pequeno que muitas vezes não dá nem pra sobrevivencia do empregado! Há pouca gente com a barriga cheia. E muita gente passando fome, sem tê nem uma solução.  
Estamos sentindo falta de terra para trabalhar falta de emprego e vendo a carertia aumenta cada veis mais.  
Por isso foi que pensamos que estamos sendo tão escravizado, igualmente aqueles tempos passado.  
Mais vamos pedir a Deus que nuis dê força e coragem, para que com a nossa união a gente deixe de cê escravizados.

do nosso grupo jovem, que sempre esta se movimentando. Todas as reuniões nos temos sempre terminando a construção de nossa sede para nossos atividades.  
sempre estamos trabalhando um pro de nossa comunidade.  
Quero manda um abraço para todo pessoa que participaram do encontro de educação em Meruoca de 02 a 04 de outubro. Quero pedir a Música O Tópico com o Padre Zezinho para o recê as seguintes comunidades: Baixa Grande, Santo Isidoro, Santa Barbara, São Vicente e Amiz, e todos as comunidades que esta se movimentando em Procura de nossa liberdade.  
muda mais do ovinete cento  
aimundo Maluiza dos santos.  
Nonato.  
que Meruoca Ceará

Figura 19: Correspondências Comunitárias. Carta da Comunidade Sítio Alegre. 10/11/1982. Arquivo MEB.

Os conflitos em torno da terra se agravavam em períodos de seca. Não bastasse a falta de terra, na estiagem, não aparecia plantio nem nas terras dos grandes proprietários da região. Sem chuva e sem trabalho, a fome e a miséria

<sup>210</sup> Correspondências comunitárias. Carta de Raimundo Nonato dos Santos. Comunidade de Sítio Alegre, Meruoca. Em 10 de novembro de 1982. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE.

dificultavam a vida do trabalhador rural, e várias famílias se viam obrigadas a emigrar em busca de trabalho, drama encontrado em várias cartas de 1982.

Nessa conjuntura, a Diocese de Crateús, na seca de 1980, elaborou a cartilha do *ABC da Emergência*, “*como uma intervenção da Igreja no interior dos projetos oficiais*”<sup>211</sup>. Conforme a pedagogia dos movimentos populares, apontava questões, “*Como está sua situação nesta seca?*”; “*E os projetos do Governo, na Emergência, que valor têm?*”; “*E que é que propuseram ou propõem ao Governo?*”, como reflexão em que se confrontava a realidade da seca e o direito dos trabalhadores.<sup>212</sup>

Algumas cartas descrevem a mobilização de comunitários reivindicando ajuda ao poder público para amenizar a situação, em outras, ressaltam localidades, em que a situação parecia controlada, ao passo que, nas frentes de trabalho, sobravam vagas. As condições de trabalho nas emergências e a desigualdade social pontuavam a escrita.

Maria Aparecida escreve que a comunidade de Santo Isídio se reunia pela segunda vez, buscando soluções para enfrentar a falta de chuva. A reunião começa com uma reflexão sobre comunidade, entendida por “*Amor união e diálogo*”. A seca representava um forte motivo, de interesse comunitário, por isso a reunião contou com a presença de trinta cinco pessoas, inclusive, o dirigente e o assessor paroquial.

Seguindo o modelo, evidenciado em tantas outras reuniões do período, Aparecida conta que a discussão foi instigada pela leitura de um livro, e que “*se falou muito no direito que o pobre tem e nas igualdades que nós somos*”. Orientados pela leitura, descobriam as leis trabalhistas, concluindo “*que os patrões não querem que os moradores saibam destas leis*”. A falta de terra, de emprego e a seca constituem os pontos de destaque na discussão, descobrindo que “*toda miséria do pobre é falta de terra*”.

A carta de Aparecida se assemelha a tantas outras, no período de seca, reiterando a necessidade das comunidades e a urgência do problema, uma

---

<sup>211</sup> FRAGOSO, Dom Antônio Batista. **O Rosto de uma Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1982. p. 81.

<sup>212</sup> Tais conteúdos partiam de dados colhidos junto às bases, no interior de sindicatos e CEBs, portanto, para Dom Fragoso, “não podemos dizer que foi a Igreja oficial – bispos e clero do Ceará – que dirigiu o processo de conscientização dos camponeses. Embora a conscientização dos camponeses, no interior de sua realidade e na luz do Evangelho, seja também missão da própria Igreja.” In: FRAGOSO, op. Cit. pp. 81-82.

reivindicação se repete: *“para o presente nos achemos que uma frente de trabalho resolvia melhor pois quando agente não esperava sêca dinovo”*. É o que se observa em sua escrita:

Esta é a segunda Reunião que nós ficamos comprometido para nós decidir. Como faser realizou-se no dia 6 de junho as 7 hora da noite com muita participação contou com 35 pessoa. Tivemos a presença do assessor paroquial que é sr. Gentil e o dirigente Chico Delfino. Primeiro de tudo foi dado uma explicação do que era comunidade. Amor união e diálogo  
Se falou muito no direito que o pobre tem e nas igualdades que nós somos  
Foi feita uma leitura do livro na lei 4.504, onde encontramos os artigo 16-17-18. foi muito debatido este tema e importante! É que os patrões não querem que os moradores saibam destas leis mais tem a mãe Igreja para nos advirtir  
Então se descobriu que toda miséria do pobre é falta de terra e também a gente falou que presizamos muito de terra mais para o presente nos achemos que uma frente de trabalho resolvia melhor pois quando agente não esperava sêca dinovo.e a emergência que sempre beneficiou o rico agora sim. pois só vai trabalhar quem tem propriedade grande e os pequeno si quiser morra. isso ta certo?  
aqui termino com abraço amigo a toda equipe do meb.  
Maria Aparecida Dinis Santo Izídio 6 de junho de 81<sup>213</sup>

A carta de Paulo Marques e Carlito Gonçalves se destaca pela forma, reproduzindo na escrita, a sonoridade da fala do povo e evidenciando a força da dialética reflexão/ação. As lideranças ressaltavam as conversas em grupo, refletindo sobre *“como nois vê a situação do inverno que em nosça comunidade i como foi a safra des Ano”*. Nesse exercício, trinta trabalhadores foram esclarecendo que o feijão, arroz, milho e a farinha colhidos eram poucos, concluindo que *“a safra dêes Ano não dá nem para come”*.

A realidade constituía grave crise para a comunidade de Serra Verde. Buscando soluções para o problema, relata-se o silêncio entre os trabalhadores que refletiam, coletivamente, sobre formas concretas de ação, o que resultou em *“muitos planos”* como a reivindicação de emprego junto ao prefeito *“i diser a onde esta doeno”*. Paulo e Carlito marcam uma data para agir, porque *“si nós não agir o pudê não sabi si nós isiste nu mundo”*:

Serra Verde 2 de julho de 1981  
Povo do movimento.  
O meu abraço para todos

---

<sup>213</sup>. Correspondências comunitárias. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade de Santo Izídio, Alcântaras. 06 de junho de 1981. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE.

Hoje mais uma vez passo a escrever para este programa encontro com o mel e somente para dar notícia de uma Reunião que fizemos aqui em nossa comunidade. A Reunião tinha 30 trabalhadores. Foi iniciada com uma pergunta assim como nós vê a situação do inverno que em nossa comunidade é como foi a safra des Ano

Resposta feijão tem muito pouco milho também e pouco aros não deu nada o algodão vai da pouco. Farinha também não tem. Pergunta será que este legume tão pouco vai dar para trevesa esta seca daí deu muitas resposta. A primeira foi assim a safra des Ano não dá nem para come i agente precisa do vestir do calçado do remédio e outras coisas mais. i diante de tudo isto, o que nós vamos fazer daí deu um pouco de silêncio (silêncio) daí teve muitos planos daí chegamos um conclusão de nós todos i zauluridade (solidariedade) como nu prefeito, de ir procura emprego i diser a onde esta doeno. Então só falta nós marcar a data de nós Agir

Porque si nós não agir o pude não sabi si nós isiste nu mundo

Vou terminar enviando um abraço para a equipe do mebi i asino. Paulo Marques da Costa  
Carlito Gonsalves da Silva<sup>214</sup>

Serra Verde 2 de Julho de 1981  
Porto do movimento,  
O meu abraço. Para todos  
Hoje mais passo a escrever. Para este Programa  
encontro com o mel e somente para dar  
notícia de uma Reunião que fizemos aqui em  
nossa comunidade. A Reunião tinha 30  
trabalhador. Foi iniciada com uma pergunta  
assim como nós vê a situação de inverno  
que em nossa comunidade é como foi  
a safra des Ano  
Resposta feijão tem muito e pouco milho  
também e o algodão vai da pouco. Farinha também  
não tem. Pergunta será que este legume  
tão pouco vai dar para trevesa esta seca  
daí deu muitas resposta. A primeira foi  
assim a safra des Ano não dá nem para  
come i agente precisa do vestir do calçado  
do remédio e outras coisas mais.  
i diante de tudo isto, o que nós vamos  
fazer daí deu um pouco de silêncio (silêncio) daí  
teve muitos planos daí chegamos um  
conclusão de nós todos i zauluridade, como  
nu. Prefeito, de ir procura emprego i diser  
a onde esta doeno, então só falta nós  
marcar a data de nós agir  
porque si nós não agir o pude não  
sabi si nós isiste nu mundo  
Vou terminar enviando um abraço para  
a equipe do mebi i asino  
Paulo Marques da Costa  
Carlito Gonsalves da Silva

Figura 20: Correspondências comunitárias. Comunidade de Serra Verde, carta de Paulo Marques da Costa e Carlito Gonçalves da Silva, 1981. Arquivo MEB/Sobral.

A rotina de trabalho e as irregularidades de órgãos estatais, como o GESCAPE <sup>215</sup>, apareciam nas cartas. A intensa jornada de trabalho e o sofrimento dos trabalhadores são denunciados numa carta de Santana, “para dizer que em nosso município o gescape está muito descordenado”. Mais uma vez, escreviam para dizer da falta de justiça na divisão das tarefas, ao passo que homens trabalhavam de forma “anormal”, “que o pobre não consegue

<sup>214</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Serra Verde, carta de Paulo Marques da Costa e Carlito Gonçalves da Silva, 1981. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE.

<sup>215</sup> GESCAPE - Grupo Especial de Apoio às Vítimas de Calamidades Públicas, órgão responsável pelas construções na zona norte do Ceará. Instituído na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado, pelo Decreto Nº. 9.537, de 31 de agosto de 1971.

*terminar nunca no período de um dia*”, e reivindicavam tarefas e horas de trabalho iguais para todos.

Esta carta chama atenção pela sensibilidade da escrita. Ressalta-se a dura realidade de trabalho e o cansaço dos pais de família que, saíam de casa cinco horas da manhã para retornarem às dezoito horas, tendo que *“viajar 2 a 3 vezes para apanhar água a distância de 3 km”*, de modo que ao fim de um dia de trabalho, tornava-se *“a noite muito curta para o repouso”*.

A leitura dessa carta no rádio evidenciava a existência de homens invisíveis. A denúncia do sofrimento, da exploração e do descaso com os trabalhadores constitui a força da escrita comunitária. Movidos pelo senso de justiça, falavam em nome do coletivo e escreviam ao MEB, reivindicando auxílio para o problema:

Santana, 15 – 11 – 81  
Caros amigos do MEB Sobral  
Felicidade

Mais uma vez estamos escrevendo de nossa comunidade para dizer que em nosso município o gescapê está muito descordenado enquanto alguma turma trabalha até 10 horas ou meio dia outros são obrigado a trabalhar o dia inteiro, dizem é por tarefa, mas enquanto a tarefas normal, a outros é anormal que o pobre não consegue terminar nunca no período de um dia, achamos que estas tarefas devia ser iguais conforme a distancia barreiros o que mais triste, os pais de família tem que sair 5 horas da manhã viajar 6 km a pés iniciando o trabalho 7 da manhã até 11,30 e 12,30 – 16 horas estado de voltar a casa as 18 horas tendo ainda que viajar 2 a 3 vezes para apanhar água a distância de 3 km. Tornando-se assim noite muito curta para o repouso.

Mado abraço comunidade de Santana ce <sup>216</sup>

José Odino escreve ao programa radiofônico para dar boas notícias de sua comunidade, pois mesmo com agravamento da seca, dá *“Graças a Deus todos os home já estão impregado, no prano de emergência, até mesmo rapaz e criança”*. Entendia que a Emergência não salvava a situação, mas, reconhecia uma melhora, pois amenizava a falta de serviço e evitava o abandono do meio rural. Noticiava que *“13 familia já tinha saído, mas com o trabalho 3 já voltaram”*. Conta que com a seca, a construção da capela comunitária de Dourado perdeu impulso, mas, explicava, *“...estamos trabalhando não sei é se poderemos terminar pois a situação está difícil”*.

---

<sup>216</sup> Correspondências comunitárias. Município de Santana, 1981. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE.

A escrita das cartas apresenta formato parecido. Começa com as saudações à equipe do MEB e termina pedindo música e mandando beijos e abraços para as comunidades, ouvintes do Programa. José Odino segue o modelo e se despede com um “*abraço para todos*”:

Dourado 07-11-81

Queridos amigos do mebe Sobral meu abraço

Mais uma vez estou escrevendo para dar noticia de nossa comonidade, a mesma vai indo mais oumeno. Graças a Deus todos os home já estão impregado, no prano de emergência, até mesmo rapaz e criança, agora mesmo andei pro hiscritório da gescape e injeitei 25 vagas porque não tinha mais gente dizimpregado portanto não é que isto salva a situação mosço (nossa) melhora um pouco, trabalhamos 3 dia o resto da semana cada qual volta para sua casa fazer seus seviço.

Devido a falta de serviço 13 familia já tinha saído, mas com o trabalho 3 já voltaram, não sei se os outros voltarão ou não.

Sobre os trabalhos da igreja estamos trabalhando não sei é se poderemos terminar pois a situação está difícil. O mais todo bem

Nada mais abraço para todos

José Odino Pequeno<sup>217</sup>

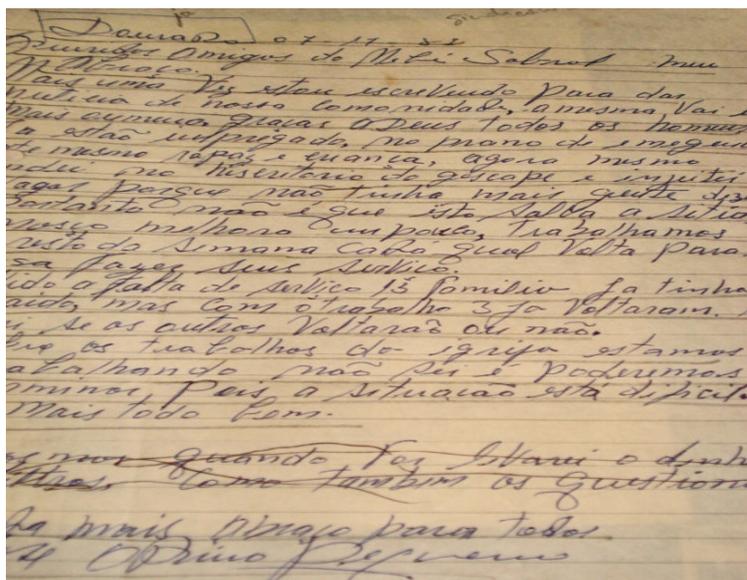


Figura 21: Correspondências comunitárias. Comunidade de Dourado, carta de José Odino Pequeno, em 07 de novembro de 1981. Arquivo do MEB.

As cartas evidenciam a prática de escrita individual e coletiva nas comunidades e um reforço à comunicação popular, tendo como aliado o programa radiofônico *Encontro com o MEB*. Através delas, o povo expressava, suas reivindicações e organização na luta cotidiana, sua alegria de viver, fé em

<sup>217</sup> Correspondências comunitárias. Comunidade de Dourado, carta de José Odino Pequeno, em 07 de novembro de 1981. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

Deus, esperança de justiça e igualdade social e, muito mais. Aprendia a falar por escrito, para ser lido no rádio.

Entrava no ar uma palavra simples, dita do jeito popular. Os trabalhadores existiam nas ondas do rádio, porque existiam nas reuniões e nos grupos de discussão que queria mudar o mundo, ainda na terra. Contudo, o espaço conquistado pelo povo, diariamente, no horário do Programa do MEB, trouxe embates com a direção da Rádio Educadora do Nordeste, pois, tentava-se cercear a expressão popular, conforme se observa a seguir.

#### 2.4. “Você vai ouvir aqui, o que não anda ouvindo por aí”.

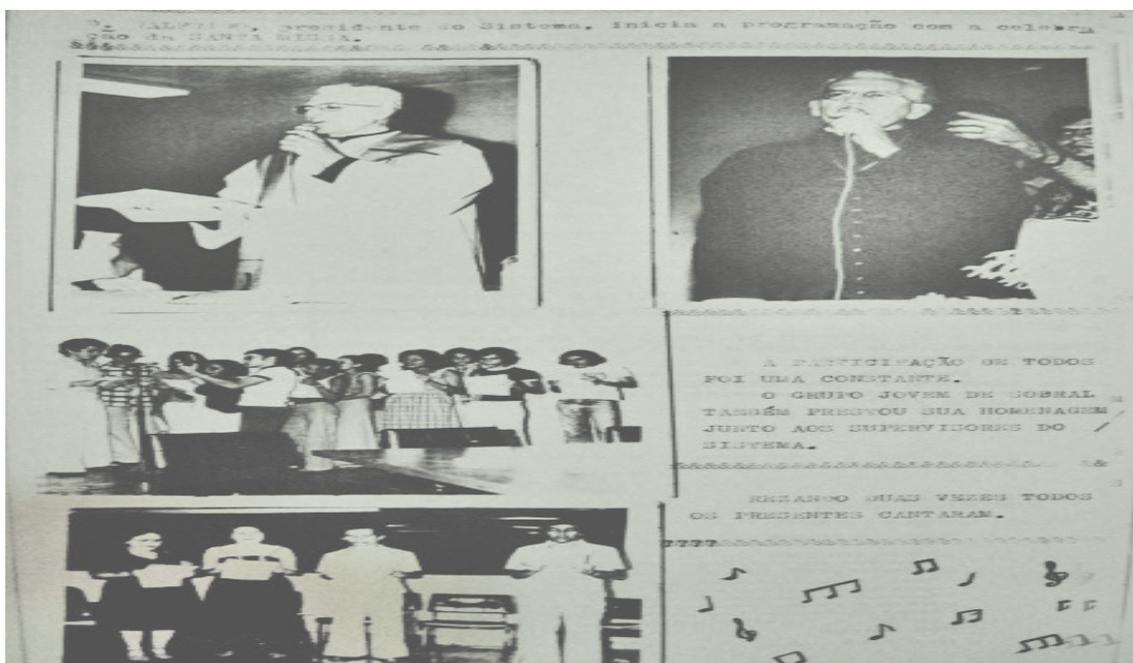


Figura 22: MEB/ Sobral. Em festa de seus 15 anos. Relatório 1976. (Documento cedido por Manuel Linhares).

O MEB utilizava o rádio pelo sistema de ondas cativas, transmitindo a programação das emissoras católicas, com o propósito de alfabetizar e evangelizar as comunidades rurais do Brasil, nos anos 1960. O sistema MEB/Sobral tinha programação transmitida pela Rádio Educadora do Nordeste, da Diocese de Sobral. Nesse período, a Igreja Católica dispensava atenção especial aos chamados *Meios de Comunicação Social* (MCS), como elemento

de força na catequese e de aproximação com as classes populares, pois “o rádio e a televisão precisam ser meios de educação popular”.<sup>218</sup>

A linha de ação do MEB, privilegiando a participação popular, fez com que, desde o início da ditadura militar, se tornasse alvo de perseguição política. A memória de Leunam Gomes recupera um episódio marcante em sua vida. Compondo a equipe de Fortaleza, nos anos de 1971 e 1972, lembra que durante uma visita de acompanhamento à comunidade de Assunção, município de Itapipoca, “o rádio começou a avisar: equipe do MEB, voltar imediatamente para Fortaleza”. O que suscitou logo um pensamento referente à ação repressora da ditadura, pois “naquela época, acontecia muita invasão”. A polícia invadia os escritórios em busca de “documentos que eles supunham suspeitos... procuravam livros, procuravam relatórios...”.

Recompondo o cenário do passado, Leunam narra o clima de tristeza que encontrou quando de volta ao escritório do MEB, “estava o pessoal em volta das mesas ali, tudo cabisbaixo, chorando”. Fora demitido. Ele e outro colega de Fortaleza. A ordem vinha do sistema nacional, expressa pelo “secretário nacional, que era Padre Vicente (Hadamó)”. Lembra que, ao procurar informação com a equipe do Rio, descobriu que “toda a equipe do Rio de Janeiro tinha sido demitida e mais essa de Crateús, porque eles informaram”.<sup>219</sup>

De sua narrativa, observa-se a força do rádio nas comunidades rurais, pois ressalta: “todo mundo dava notícia de que a gente estava sendo chamado...”. O MEB estadual possuía o Programa A Escola em sua Casa, transmitido pela Rádio Assunção, da Arquidiocese de Fortaleza. “A Rádio Assunção tinha uma audiência incrível...”, ressalta o supervisor. Segundo sua interpretação, o episódio marcou a história do MEB estadual, interferindo na ação de uma equipe dedicada e no sucesso do programa radiofônico.

---

<sup>218</sup> Maria Valnê Alves. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>219</sup> Leunam Gomes. Entrevista realizada em 11 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora. Confrontando essas lembranças com os escritos de Dom Fragoso é possível que essa integrante do MEB Crateús que fora demitida seja Maria Teresa Nodari, uma assistente social italiana. Em O Rosto de uma Igreja, Dom Fragoso esclarece que receberam “do arcebispo-presidente do conselho diretor nacional do MEB um telegrama que comunicava a demissão sumária de Maria Teresa”. Considerando essa medida arbitrária, Dom Fragoso decidiu por fechar o MEB de Crateús. In: FRAGOSO, Dom Antônio Batista. **O Rosto de uma Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

Em Sobral, a repressão se inicia com a censura ao programa *Encontro com o MEB*, somente transmitidos após o carimbo da polícia local. A Rádio Educadora nunca saiu do ar. Mas, segundo depoimentos, eram constantes as ameaças de fechamento, devido ao conteúdo dos programas. Hermínia Liberato lembra os momentos de tensão e as diversas vezes que tiveram que fugir de Sobral, para proteger-se da ação da polícia, quando percebia a presença de estranhos no estúdio, vigiando o programa:

Nós tínhamos os programas no rádio, por exemplo, e nós éramos muito vigiados... Nós elaborávamos os programas e nós tínhamos que mandar pra polícia... pra alguém da polícia ler e aprovar ou não. Uma vez lido e aprovado era que nós íamos pra rádio. E enquanto a gente fazia o programa, a gente também era vigiado... Eu por exemplo, algumas vezes, eu cansei de estar na Rádio Educadora fazendo o programa, quando eu olhava tinha alguém, a mando de quem eu não sei, mas me observando vendo meu programa... E algumas vezes também nós tivemos de sair de Sobral, enquanto melhorava, porque a gente sabia que nós iríamos ser presas... nós estávamos sendo acompanhados, vigiados e aí nós tínhamos que defender a nossa pele é claro porque senão nós perdíamos a oportunidade de ajudar o camponês e foi isso que aconteceu. Não chegou a ser coisas graves, aqui em Sobral, porque nós fomos muito ponderados...<sup>220</sup>

Em meio a tantos sinais de repressão e tantas evidências de perseguição e censura, é de se supor que, a continuidade das ações do MEB/Sobral, enquanto equipe e enquanto projeto popular deve-se, em parte, às atitudes de ponderação, doravante, adotadas. Como analisa Scott Mainwaring, após o golpe militar, a experiência de educação popular efetivada pelo MEB, teria sido a única sobrevivente. E sobrevive, em maior medida, graças à proteção da Igreja. *“Entretanto, a sobrevivência tinha um preço: o MEB foi obrigado a moderar suas atividades”*.<sup>221</sup>

Nas entrevistas recolhidas, a cautela da equipe e a postura conciliadora do Bispo Dom Walfrido aparecem como ponto comum nos discursos de religiosos e leigos. Hermínia Liberato avalia que, com a censura, os programas tiveram que ser mais suaves, *“tinha que manejar um pouco”*. Tempos difíceis aqueles em que *“a gente mordia a língua um pouco pra poder sempre ter a vez”*.

---

<sup>220</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 08 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>221</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 89.

Os nossos programas, antes nós tínhamos toda liberdade, escrevíamos o programa, os nossos programas eram baseados naquilo que a gente via no campo, naquilo que a gente observava do camponês, na vida que o camponês levava, aí a gente pegava aquela vida dele como fundamento e fazia nossos programas voltando pra ele como se fosse um resgate daquilo que ele vivia. E voltava numa linha de consciência pra eles... Mas, antes a gente tinha liberdade. ... Depois dessa perseguição, por causa da ditadura militar, nossos programas passaram a ser vigiados porque foi visto que os programas do MEB eram programas que atiçavam o agricultor. Como foi dito que nós estávamos mexendo com a mentalidade do agricultor, que nós estávamos ensinando o agricultor coisas que não devia, que nós estávamos preparando o agricultor para uma possível reação na frente, essa coisa toda. Aí nós passamos a fazer os programas mais suaves, pra que eles pudessem autorizar a apresentação do programa no rádio. Embora no campo a gente tivesse mais liberdade de falar, mas nos programas a gente maneirava um pouco, a gente mordida a língua um pouco pra poder sempre ter a vez, senão a gente perdia a chance.<sup>222</sup>

Mesmo evitando entrar em choque com a ordem, a equipe do MEB e de outros movimentos populares da Diocese de Sobral, viveu em constante tensão. Ao se instaurar o golpe militar em 1964, o trabalho de base foi muito visado e as pessoas comprometidas com a linha social da igreja, marcadas com o estigma de comunistas. As lembranças do medo estão presentes nas memórias de quase todos os entrevistados.

Entretanto, se o clima era de tensão, medo e perseguição, as narrativas sobre o período destacam, com vigor, os exemplos de camaradagem e as teias de solidariedade, às vezes, tecidas por mãos invisíveis, vindas de vários lados e praticadas de muitos jeitos.

Um exemplo se dava na relação das pastorais com as prostitutas da cidade. Discriminadas, num meio conservador, se organizavam, pelo trabalho pastoral do *Ninho*. Os agentes e informantes da polícia federal chegavam à cidade pelos seus desvãos e a zona de meretrício era um dos primeiros lugares de sua estadia. Ao primeiro sinal da presença policial, *“elas, as meninas”*, avisavam a equipe que o perigo rondava por ali. *“Era assim, a gente recebia [o aviso] e diziam: olhe tem que sair já já. Aí a gente saía da cidade e ficava num lugar escondida, assim uns dias, e depois voltava”*. Conforme rememora Valnê Alves, as relações pessoais, em Sobral, limitavam a ação efetiva dos supostos agentes do SNI, pois, os laços de amizade falavam mais alto:

---

<sup>222</sup> Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 08 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

É bom dizer que, a gente sabia quando a Polícia Federal chegava em Sobral porque ela não se apresentava assim nas ruas, onde a gente hoje roda, anda. Mas aparecia na zona de prostituição, e as prostitutas avisavam. Existia um trabalho do Ninho e a gente tinha uma certa relação com algumas prostitutas. Isso era uma fonte. Outra fonte é que, ele até morreu, seu Carlos Soares, não sei nem como é que pode se citar esses nomes em termos de documento, mas eu estou dizendo aqui. Ele era ligado ao SNI, tudo indica que era porque ele sabia quando a Polícia Federal chegava... E o seu Carlos, morando perto da minha casa, avisava. Teve essas fontes. Como Padre Albani recebeu avisos, Dom Walfrido, era assim a gente recebia e diziam: olhe tem que sair já já. Aí a gente saía da cidade e ficava num lugar escondida, assim uns dias, e depois voltava. Nunca eu fui inquirida mesmo, não sei muito porquê.<sup>223</sup>

Se havia perseguição na cidade, nas comunidades não era diferente. Numa noite em que toda a equipe discutia o planejamento do trabalho de base, apareceram de surpresa *“três pessoas estranhas”*. Aparentemente afáveis, aproximavam-se do grupo para colher informações, causando pronta reação da equipe no sentido de proteger o grupo da interferência dos *“visitantes”*. Ali se tomava consciência da materialidade do aparelho de repressão. Era gente da Polícia Federal, *“era o que a gente chamava de SNI”*, com seus gravadores escondidos nas bolsas e a disposição de vigiar e desmantelar os grupos que realizavam trabalho de educação popular no Nordeste do Brasil.

Era um treinamento, porque a gente chamava de treinamento, mas na verdade era um planejamento. E uma determinada noite, apareceu lá na Serra da Meruoca, nós estávamos todos no CETRESO, na capela onde existiam as reuniões, conversando e fazendo o planejamento das escolas. E apareceram três pessoas estranhas... Eles entraram assim de uma vez no salão, onde a gente estava reunido, planejando e... queriam conversar com as pessoas, eles eram pessoas muito educadas, muito extrovertidas, bem falantes e queriam falar conosco, que eram exatamente os monitores que tinham vindo das comunidades rurais... E aí a equipe do MEB, que estava lá presente tomou a palavra... e que naquele momento não desse oportunidade pra eles conversarem com todo mundo porque estávamos naquele treinamento e preferiram que eles conversassem com eles, que eles eram os professores que estavam ali para orientar e planejar juntamente com os alfabetizadores... E eles insistiram muito para conversar com a gente e a gente notou que eles andavam, as mulheres, a bolsa delas era aberta e dentro tinha um aparelho que poderia ser um gravador... e aí pediram( a equipe) pra gente cancelar todo o estudo. No dia seguinte, foi que eles contaram que as pessoas queriam exatamente conversar, ter informações do que a gente estava fazendo ali, naquele encontro. E para nós, foi assim uma surpresa muito grande porque, e eles explicavam que estava havendo assim um movimento de repressão do Governo...Mas essas

---

<sup>223</sup> Maria Valnê Alves. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

peessoas, depois a gente descobriu que eram da Polícia Federal, era o que a gente chamava de SNI...<sup>224</sup>

A programação radiofônica do MEB privilegiava a discussão dos temas de cunho sociopolítico, como sindicalismo e reforma agrária. O programa *Encontro com o MEB*, a partir de sua pauta definida, principalmente, pelos comunitários e de sua agenda aberta à discussão dos problemas da vida de todo dia: injustiças, poder do latifúndio e falta de tudo, passou a ser um incômodo, inclusive à direção da Rádio Educadora do Nordeste, na figura de padre Egberto Dias Rodrigues.

João Batista rememora as dificuldades da época, a censura ao programa de rádio e as contradições internas da Igreja. Um exemplo marcante se deu numa audição do programa, em que João Batista denunciava o despejo de um trabalhador, morador das terras do padre Egberto. A denúncia dizia do morador *“lá na beira da estrada, debaixo de lona, esperando as providências da justiça”*, e como fundo musical, o impacto da canção *Terra de Ninguém*, nas vozes de Elis Regina e Jair Rodrigues. Ora, o desfecho não se fez esperar, o diretor/padre/ proprietário da terra, entrou no estúdio para tirar o programa do ar. João Batista, num drible, muda de assunto e o programa vai até o fim, mas, o fato se transforma em denúncia contra ele e acarreta graves mudanças no uso do rádio como meio de mobilização popular na região.

A partir dali, o imprevisto, os programas feitos na hora, acolhendo a participação de muitos trabalhadores, em passagem pela cidade, foram cortados. Tudo, agora, teria que ser previamente gravado. Este, um dos muitos exemplos do funcionamento articulado dos vários níveis de censura e arbítrio, verificados no período. Afinal, se tratava de calar a voz do povo que, buscava por meios diversos “a conquista da palavra”.

Teve momentos realmente muito difícil. Difícil porque houve, vamos dizer assim, da questão da censura. Houve, vamos dizer a reação patronal. Eu mesmo, vamos dizer que, cheguei a ser ameaçado dentro dos estúdios da rádio. Teve, aconteceu casos típicos, assim, que a gente não esquece nunca porque, vamos dizer, que a rádio era da Diocese e na direção da rádio, o diretor que era um padre, padre Egberto, mas que de certa forma era também um proprietário, um latifundiário e, houve na época um despejo de um trabalhador, que coincidentemente era morador da... do diretor da rádio. E no

---

<sup>224</sup> Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 26 de outubro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

programa, quando eu fazia alusão ao despejo, ao morador que estava lá na beira da estrada, vamos dizer que há uma semana, debaixo de lona esperando as providências da justiça, então fazia alusão a esse fato e no mesmo programa eu colocava aquela música de Elis Regina e Jair Rodrigues, terra de ninguém. E isso deu o que falar, o diretor chegou na hora querendo tirar o programa do ar e se eu continuasse falando no assunto, tirava o programa do ar e tal. E aí tudo bem, eu cortei o assunto, continuei o programa até o fim. Mas, vamos dizer, que o assunto foi pra advogado e por conta disso eu fui denunciado e tal. Mas aí pronto, o assunto foi pra Diocese, eram duas pessoas do mesmo setor, e aí o Conselho da Diocese se reuniu e depois de muita discussão, depois de muitas reuniões, aí então ficou decidido que os programas passariam a ser gravados e se ainda alguma coisa acontecesse, então não era o diretor que ia resolver mas, que o Conselho da Diocese iria analisar, iria resolver.<sup>225</sup>

A música de fundo do programa tocava nas feridas abertas dos pobres do campo: falta de terra, fome e migração. Com esse apelo, contrapunha tais problemas à nova concepção doutrinária, pastoral e secular, em consonância com a busca de libertação e de condições dignas de trabalho e moradia. Letra e música instigavam a criar coragem para lutar pela terra, pois *“quem trabalha é que tem, direito de viver, pois a terra é de ninguém”*:

Segue nessa marcha triste /Seu caminho aflito /Leva só saudade /E a  
injustiça que só lhe foi feita /Desde que nasceu /Pelo mundo inteiro  
/Que nada lhe deu  
Anda, teu caminho é longo /Cheio de incerteza /Tudo é só pobreza  
/Tudo é só tristeza /Tudo é terra morta /Onde a terra é boa /O senhor  
é dono /Não deixa passar.  
Para no final da tarde /Tomba já cansado /Cai um nordestino /Reza  
uma oração /Prá voltar um dia /E criar coragem /Prá poder lutar /Pelo  
que é seu.  
Mas... /O dia vai chegar /Que o mundo vai saber /Não se vive sem se  
dar /Quem trabalha é que tem /Direito de viver /Pois a terra é de  
ninguém<sup>226</sup>

O programa *Encontro com o MEB* sobreviveu à censura da direção da rádio. De acordo com depoimentos, o trabalho de educação política incomodava a ala mais conservadora da Igreja de Sobral e aos proprietários de terra. Para eles, a organização dos camponeses em sindicatos e a busca de seus direitos era um desaforo. Segundo Germelina de Fátima, Gé, eram várias as dificuldades de sustentação na grade de programação da Rádio Educadora. Nos períodos eleitorais, o horário era cedido *“para os programas chatíssimos*

---

<sup>225</sup> João Batista do Espírito Santo Justo. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2004. Santana do Acaraú – CE. Arquivo da autora.

<sup>226</sup>“Terra de Ninguém”, composição de Marcos e Paulo Sérgio Valle, interpretada por Elis Regina e Jair Rodrigues.

do horário eleitoral”. Mas eles não desanimavam e o programa ia em frente, superando estes entraves.

Mas, aconteciam muitos entraves. Na época de eleições, por exemplo, os programas nossos que eram levados ao ar às 17:00 horas, geralmente eles botavam o horário político no horário dos nossos programas, por exemplo, a gente passava o período todinho sem programa, porque estavam os programas chatíssimos do horário político. Eles botavam mesmo no nosso horário. A gente já sabia, quando estava perto de uma eleição a gente já sabia que o nosso horário ia ser tomado para o horário político. Aí nesse momento, a gente conversava com o Carlito, com o próprio padre Egberto, mas era uma dificuldade isso aí, essa veiculação.<sup>227</sup>

Os entraves decorriam do conflito de posições ideológicas entre a equipe do MEB e a direção da Rádio Educadora. A pedagogia libertadora era alvo de críticas e, mesmo, de deboche por parte daqueles que não se identificavam com a pastoral popular do Movimento. Segundo o relato de Gé, verifica-se o quanto a organização dos camponeses e seu fortalecimento como classe, incomodavam às elites locais. A entrada no estúdio da rádio, de convidados identificados com o pensamento de esquerda, que assumiam uma postura mais combativa e de enfrentamento com o poder, despertava a atenção da direção, a ponto de se sentirem “pastorados”.

As vozes contrárias estavam ali, bem perto do controle do som, sondando o programa. A ameaça era real: *“Algumas vezes a rádio ficava fora do ar no horário do nosso programa. Teve assim essa repressão mais nesse ambiente da rádio... mais ou menos assim de preconceito mesmo.”*

Tinha assim, a gente sentia que a própria direção da rádio que era da Diocese, Rádio Educadora, a direção mais as pessoas leigas, mais os leigos que coordenavam a rádio estavam sempre assim pastorando, entre aspas, o que a gente dizia. A gente percebia que eles passavam, por exemplo, o Veveu que foi uma pessoa que trabalhou muito com a gente, ele como advogado mesmo, e a gente levava o Veveu para os programas, ele era entrevistado a respeito das leis do trabalhador rural e a gente percebia que no dia que a gente levava o Veveu ou outra pessoa, assim, mais combativa mesmo, mais de esquerda, o pessoal ficava passando, parava ali perto do controle, do controle de som. ... E eles ficavam por ali e a gente percebia que eles estavam querendo escutar o que a gente estava dizendo. A gente notava que eles não aceitavam muito o tipo de trabalho. Mas isso assim, a nível da emissora porque era uma emissora assim, que apesar da Diocese, era uma emissora que tinha assim um cunho capitalista também. Então, os coordenadores lá, os

---

<sup>227</sup> Germelina de Fátima Parente, Gé. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

diretores, eles iam muito pela linha da direita mesmo... Até sorriam quando a gente falava do PT, que era um partido assim que os trabalhadores começaram a se identificar também e a gente percebia. Algumas vezes a rádio ficava fora do ar no horário do nosso programa. Teve assim essa repressão mais nesse ambiente da rádio... mais ou menos assim de preconceito mesmo.<sup>228</sup>

Havia clara compreensão da ação da censura e dos limites impostos ao uso do rádio. O alcance do programa, sua repercussão e a audiência, no campo e na cidade, tudo era motivo para tentar pôr um freio nesta perspectiva de comunicação popular que alcançava “corações e mentes” galvanizando, via “estrutura de sentimentos” dos ouvintes, sua atenção para os problemas ressaltados no programa. Era como se de dentro do estúdio – como uma caixa de ressonância – ecoassem muitas e múltiplas vozes realizando um coro de promessa, redenção e esperança. As memórias do período são fortes em dizer como usavam o rádio, as sutilezas e os cuidados na escolha da palavra, alvo de perseguição, como nesta memória de Gé:

... No rádio, a gente falava assim, muito sutilmente. Até porque, se a gente fosse mais fundo, eles cortavam realmente. É aquela história, eles ficavam vigiando o que a gente falava. E às vezes, a rádio saía do ar. A gente estava no meio do programa assim mais quente, aí de repente, a rádio saía do ar... Porque a direção da rádio era muito conservadora, como ainda hoje é.<sup>229</sup>

No processo de redemocratização, em 1982, a conjuntura político-eleitoral se torna mais evidente nos discursos do movimento popular. *Cursos de Educação Política* foram realizados pelo MEB, em nível nacional, atualizando os conceitos de justiça e igualdade social. Nesse contexto, o trabalho de base exigia da política, coerência com os interesses das maiorias sociais, a classe trabalhadora. O desperdício de dinheiro público e a fome, também eram questionados. Conscientes de seus direitos e do jogo político, os camponeses expressavam, pelo rádio, sua insatisfação e suas reivindicações.

A carta de Aparecida Dinis mostra uma escrita indignada. Conta ela que gostaria de falar sobre outro assunto, mas no momento, a política “*muito mal organizada muito egoísta*”, movia sua escrita. Denunciava a injustiça e o descaso com as necessidades do povo, pois, “*enquanto os políticos gasta as*

---

<sup>228</sup> Idem.

<sup>229</sup> Germelina de Fátima Parente. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

*criança passa fome e nuesa, tanto dinheiro queimado no ar fazendo falta a tanto pai de família que não tem o nessecario para manter sua família.”*

Sua carta levava ao rádio uma reflexão sobre o que observava em seu município, instigando o pensamento dos ouvintes: *“será que isto é política gente? Comício e mais comício festa e mais festa e povo se divertindo e depois?”*.<sup>230</sup> A leitura das cartas, sua repercussão nas comunidades reforçava a função social do rádio.

Diante da dimensão que o trabalho do MEB, e de outros Movimentos, alcançava no cotidiano do meio rural, o nível de organização e participação política dos camponeses se tornou mais expressivo, significando conquista comum a várias comunidades rurais. A carta de Maria Shirlene é exemplar, no sentido da compreensão acerca do uso do rádio. Além de *“dizer que todos os programas do MeB é muito bem ouvido aqui em nossa comunidade”*, ela almeja que sua carta seja lida no programa.

Contava uma fábula, bem ao gosto da oralidade do mundo camponês, em que os bichos se representam na divisão do mundo. Shirlene enreda a história da onça e do bode:

os bode são os pobres que sempre vive fugindo comedo e as onças são os ricos que so procura devorar os pobres, mais os pobres sempre vive lutando para que fique liberto dos que procuram devorar, os ricos são fortes na grossura e os pobres são fortes na coragem.  
<sup>231</sup>

Nas décadas 1960 e 1970, o rádio era o principal meio de comunicação. Mesmo condicionado à programação de uma única emissora, com *“direção conservadora”*, o rádio significava elo entre o rural e o urbano. Além disso, deve-se levar em consideração a dimensão lúdica da proposta radioeducativa e da pedagogia popular, trabalhadas como método de aproximação com o pensamento concreto, questionando a estrutura de poder, e realizando uma pedagogia do exemplo a partir da observação cotidiana.

No programa transmitido diariamente, os comunitários, cada vez mais, sentiam-se à vontade na escrita. Escrever se constituiu em costume e

---

<sup>230</sup> Correspondências Comunitárias (1981/1982). Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade de Santo Isídio, município de Alcântaras. s/d. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

<sup>231</sup> Correspondências Comunitárias. Município de Massapê, comunidade Pé da Serra, em 20 de outubro de 1981. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral.

mecanismo de propagar sua fala. Utilizavam o rádio para se comunicar com a equipe: pedir músicas, transmitir recados, anunciar aniversários e notas de falecimento, compartilhando suas lutas e conquistas em comunidade. Era grande a satisfação das lideranças comunitárias e monitores, quando recebiam um aparelho de rádio. *“Na casa do meu avô ele reunia a família, muito interessante, ele reunia a família, os filhos e os netos, para ouvir o programa do MEB”*, conta Joaquim Severiano, lembrando que *“aquilo ia mudando, ia conscientizando, ia informando porque, naquela época, não tinha televisão, era só rádio. Então, as informações vinham diretamente através do programa do MEB”*.<sup>232</sup>

O *Programa Encontro com o MEB* aproximava as pessoas, proporcionava intimidade e, mesmo, afetividade mútua, fortalecida a cada curso e visita às comunidades. Era comum aparecer no cantinho das cartas, como observação, um recadinho carinhoso aos supervisores. Geralmente, eram mulheres pedindo a presença das supervisoras, Gé, Pergentina e Núbia, para conversarem e se conhecerem melhor. Nas festas, era demonstrado o vínculo que se formava entre os participantes dos Movimentos populares. A alegria do reencontro e a satisfação dos comunitários, festejando a vida coletiva no trabalho de base, eram comemoradas pela equipe como sucesso do trabalho do MEB.

A comunicação popular foi estimulada a partir dos programas do MEB. O programa de rádio tinha destaque nas comunidades, em que entretenimento e informação, articulavam-se como aliados às reivindicações dos trabalhadores, nas notícias das comunidades, nas cartas comunitárias e no trabalho de base.

Neste capítulo, o povo se fez sujeito, participando de cursos, se organizando em sindicatos, fazendo reuniões, escrevendo e falando, a partir do rádio, o que fortalecia sua luta e estimulava a busca por direitos. Pessoas simples, invisíveis aos olhos do poder, se descobriram fortes, capazes de transformar a realidade de injustiça em que viviam, e, compartilhando experiências singulares de união, solidariedade, conquista da palavra, realizando uma ação concreta no sentido de mudar mundo.

---

<sup>232</sup> Joaquim Severiano. Entrevista realizada em 28 de março de 2006. Alcântaras – CE. Arquivo da autora.

### Capítulo III “Uma grande fábrica de amor”

*A gente vive na esperança. A vida passa e a esperança fica para a continuação da História.*  
(Abdias Marques)

#### 3.1. “Para conhecer e entender melhor todas as palavras”

Visando suprir a carência de padres da Diocese de Sobral, formou-se o Movimento Dia do Senhor que, em sua proposta original, capacitava homens e mulheres das comunidades rurais para assumirem, em suas localidades, compromissos pastorais. Aos domingos, os dirigentes e orientadoras, assim chamados, se reuniam com a comunidade para a leitura do Evangelho, na celebração da palavra de Deus. Face ao compromisso pastoral, o Dia do Senhor foi ampliando sua proposta de evangelização, com discussões acerca da realidade sociopolítica do Nordeste do Brasil.

Os participantes do Movimento costumam contar a História do Dia do Senhor dividindo-a em três fases, iniciando-a em 1965 e estendendo-a até o início dos anos 1990, quando, em meio às mudanças conjunturais e, internamente, à Igreja Católica no Brasil, observa-se seu enfraquecimento, com a dispersão dos participantes em outras pastorais, CEBs, sindicatos.

No fazer-se do Movimento, evidenciam-se mudanças de coordenação e de propostas pedagógicas. Os cursos de *Linguagem e Conhecimentos Gerais*, as Folhinhas *Evangelho e Vida*, o programa radiofônico *Encontro das Comunidades*, os *Encontrões* e os livrinhos *Evangelho dos Lavradores* matizam o programa de formação dos camponeses do Dia do Senhor. Ao longo de trinta anos, a metodologia assumida pelas equipes, encaminha-se para a proposta de autonomia. Essa autonomia significava certa independência dos camponeses em relação à equipe de coordenadores e, de certo modo, do Movimento em relação à própria Igreja Católica<sup>233</sup>, ao passo que com o

---

<sup>233</sup>Segundo Mainwaring, a Igreja Católica do Brasil apresentou um aspecto “singular” diante das características da Igreja católica Internacional. Essa singularidade pode ser notada com a relativa “autonomia” que setores da Igreja Progressista alcançaram diante do contexto político e sócio-econômico do Brasil entre as décadas de 1960-1980. Para este autor, as transformações por que passaram a Igreja do Brasil com o processo de secularização cada vez mais fortalecido pela ação do laicato, deve ser compreendido a partir da dialética entre a concepção de uma nova doutrina assumida pela Igreja, comprometida com a justiça social,

fortalecimento do trabalho de base, fora se tornando autônomo sob o ponto de vista orgânico e material.

Os cursos de *Linguagem e Conhecimentos Gerais*, foram as primeiras iniciativas de formação dos camponeses, com conteúdo religioso e político, eram ministrados por Padre Abani Linhares e Maria Valnê Alves. Nos anos 1970, o Movimento se expandiu pela Diocese de Sobral e, alcançou a Diocese de Itapipoca. Nesse período, Valnê Alves decide estudar no Rio de Janeiro e abre mão de suas funções no Dia do Senhor, preservando o vínculo com a equipe e com os camponeses. Com sua saída, Padre Albani convida Gustavo Lyra, filósofo, e Lídia Ferreira, socióloga, para colaborar na coordenação. O casal de intelectuais atuou no Movimento por dez anos, introduzindo mudanças na estrutura organizacional, a partir de sua concepção de Movimento popular, e na proposta de libertação dos pobres.

Em meados dos anos 1980, Gustavo e Lídia se desengajam do Movimento, que passa a ser assumido pelas próprias bases. O planejamento de cursos e encontros, a preparação de material de estudo (folhinhas *Evangelho e Vida* e livrinhos escritos pelos camponeses), responsabilidades materiais, elaboração de projetos às Agências Financeiras Internacionais, ou mesmo, Agências nacionais, como NOVA (Pesquisa e Assessoria em Educação), fazia parte da responsabilidade dos participantes.

Segundo os relatos do período, os camponeses que assumiam o Dia do Senhor e se dedicavam ao trabalho de evangelização e conscientização, eram considerados “*a nata do Movimento*”, formando uma equipe que conquistou a coordenação, composta por homens e mulheres que se destacaram, nas comunidades, buscando construir uma dinâmica de trabalho coletivo.

---

juntamente com as condições políticas sociais e econômicas que o Brasil apresentou durante a segunda metade do século XX. Mainwaring reconhece certa independência da Igreja do Brasil e considera a “autonomia” dos movimentos de base como uma conquista da Igreja Progressista, desde que, controlada e legitimada pela hierarquia. Segundo o autor, os progressistas só sobreviveram dentro da Instituição porque evitaram opções sectárias. Para ele: “movimentos leigos só poderiam emergir havendo receptividade institucional, e foi só a partir do momento em que a hierarquia passou a apoiar ativamente a transformação que a Igreja passou a defender energicamente a causa dos direitos humanos. Dada a estrutura hierárquica da Igreja Católica, movimentos que não recebem o apoio dos bispos permanecem relativamente isolados e são incapazes de modificar as tendências dominantes.” In: MAIWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. pp.28-29.

Antônio Pires, Manuel Tiago, Sebastião Alves de Melo, Gerardo Maciel, Abdias Marques e Conceição Araújo, entre outros, atuaram e refletiram sobre sua função no Movimento e seu papel na sociedade, questionando e lutando pela transformação da realidade. São atores e autores do Movimento do Dia do Senhor, na Diocese de Sobral.

O assumir do Movimento estimulou a reflexão das bases em torno da responsabilidade assumida. Nesta fase, o grupo se reunia com freqüência, para definir os caminhos e a estratégia de ação do Movimento. A sustentação material e operativa pode ser considerada a principal preocupação dos dirigentes e orientadoras nesse momento.

Em entrevista, Antônio Pires, rememora a preparação da equipe, com vistas à autonomia dos camponeses, pois, *“na medida que o Movimento foi caminhando... as pessoas mais intelectualizadas... foram saindo do meio e deixando a gente assumindo”*. Nessa caminhada, aponta os passos das bases em direção ao assumir, recuperando cada responsabilidade conquistada, *“aí apareceu a nata, depois veio grupo de visitantes, teve uma época que... a gente é quem fazia tudo”*. Dessa época, o dirigente lembra a preocupação do grupo, tendo que decidir os rumos do Movimento: *“quando os meninos saíram, a equipe, nós quebramos cabeça demais”*.<sup>234</sup>

É de se notar, em sua narrativa o compromisso com que enfrentaram o desafio, pois recupera um rico exercício de formação coletiva, *“muitas reuniões, muitas reuniões, porque a partir dali era nós que ia assumir, em todos os sentidos, até no sentido de finanças mesmo”*. *“Houve muitas discussões, muito debate”*, reitera Antônio Pires, reforçando a importância de um marco na história do Movimento e na vida de muitos que, entendiam esse passo como a conquista de um sonho de autonomia e libertação.

As funções dos dirigentes e orientadoras, em torno dos compromissos pastorais (preparação de crianças para a eucaristia e crisma), se articularam, de modo mais decidido, à perspectiva de organização popular em vista dos problemas vividos na realidade do campo. As discussões em torno das iniquidades do sistema econômico adotavam como método de análise, a leitura histórica do evangelho de Cristo. A proposta do Movimento do Dia do Senhor

---

<sup>234</sup> Antônio Pires. Entrevista realizada em 18 de abril de 2008. Itapipoca – CE. Arquivo da autora.

se dirigia ao intento de organização autônoma dos trabalhadores, superando uma visão providencialista, como se observa na pedagogia dos cursos de *Linguagem e Conhecimentos Gerais*, abordados como “*cursos de realidade*”.

A proposta programática dos cursos partia dos conteúdos de História do Brasil, conservando uma forma de abordagem bastante comum aos círculos de formação no período – uma visão da História em etapas, ciclos econômicos, privilegiando a formação econômica do Brasil, guardando relação com a historiografia de Nélson Werneck Sodré. Valnê Alves recupera do período, os conteúdos e a metodologia de formação, como parte do planejamento coletivo da equipe dirigente e a escolha da História como disciplina de base, pois, “(na) *História entra a política, e foi muito importante*”.<sup>235</sup>

Os cursos de Linguagem e Conhecimentos Gerais enfatizavam as discussões sobre desenvolvimento/subdesenvolvimento, riqueza/pobreza e imperialismo/nacionalismo, temas recorrentes no debate dos anos 1960<sup>236</sup>. São as primeiras iniciativas do Dia do Senhor na formação política, restrita, inicialmente, aos dirigentes e orientadoras.

Organizados com a colaboração dos participantes, destacam-se as equipes de coordenação, administração, liturgia, recreação, disciplina, serviço de segurança, saúde pública, sociometristas, dicionaristas, avaliador, programador, relações humanas e animador. Essa estrutura ampliava a

---

<sup>235</sup> Idem. De acordo com os relatórios do Dia do Senhor, observa-se que tais cursos atendiam uma diferenciação dos conteúdos referentes ao 1º e 2º Grau. Três etapas caracterizaram o programa de 1º grau. Na 1ª. Etapa o tema abordado foi o Colonialismo e a República velha, realizado durante 12 a 18 de dezembro de 1969. Na 2ª. Etapa do curso foi enfocada a Era Vargas (1930-1945), no período de 14 a 19 de fevereiro de 1970. A 3ª. Etapa trabalhou os conteúdos de 1945 a 1964. O curso aconteceu de 14 a 20 de agosto de 1970. E por último, com caráter de 2º Grau, foi realizado durante 03 a 08 de janeiro de 1972, um curso que enfocava as desigualdades entre as nações e os imperialismos. Tudo indica que este curso, ao contrário dos demais, tenha sido ministrado por Pe. Albani Linhares

<sup>236</sup> Segundo Caio Navarro de Toledo: “Nos anos 50/60, conservadores, liberais, nacionalistas, socialistas e comunistas formulavam publicamente suas propostas e se mobilizavam para defender seus projetos sociais e econômicos. (...) nos anos 50 e no pré-64, o debate ideológico e intelectual era intenso e acalorado”. No bojo desse debate estava o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, fundado em 1955. O ISEB se tornou um dos principais espaços de produção e difusão de uma “ideologia do desenvolvimento nacional”. Influenciado pelos estudos da Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL defendia que o Estado deveria ter maior autonomia na vida político-econômica e social do país. Assim como Nélson Werneck Sodré, boa parte dos intelectuais que integravam o ISEB partilhava das teorias que compunha o ideário do que se convencionou chamar de nacionalismo-desenvolvimentista, defendendo que o principal entrave para o desenvolvimento do Brasil residia no “conservadorismo do latifúndio”, e no “imperialismo internacional”. Ver: SILVA, Marcos (Org.) **Nélson Werneck Sodré na historiografia brasileira**. São Paulo: FAPESP, 2001.

participação, nivelando a atuação dos agentes de pastoral e dos dirigentes e orientadoras, pois todas as funções eram consideradas relevantes na construção da proposta de formação.

A metodologia dos cursos agregava dimensões de estudo, liturgia e lazer, privilegiando a discussão em pequenos grupos, para que todos se expressassem no debate coletivo. Um exercício que propiciava a desinibição, valorização do saber individual, vivência coletiva, superando limitações e aprendendo a relacionar diferentes formas de compreensão.

Nos cursos os participantes ouviam, escreviam e, sobretudo, falavam, destaque na experiência dos movimentos populares do período, seja quando apresentavam suas experiências comunitárias, ou socializavam a síntese de encontros ou reuniões do Movimento. Na metodologia de Educação Popular se destacava também o processo continuado de avaliação, quando sugeriam e comentavam a organização e atuação da equipe.

Em torno da mística *Fé e Vida*, articulavam-se os conteúdos de História do Brasil e a leitura da Bíblia, relacionando-os às suas vivências. Diariamente, faziam uma redação sobre as atividades gerais de formação, comentando o andamento do curso. Uma forma de estimular a escrita e o entrosamento no grupo.

Nas avaliações, uma narrativa subjetiva, fala da alegria e do acolhimento, indicando o fortalecimento dos laços afetivos. Nonato Silva ressalta o prazer do reencontro com os companheiros de outras comunidades que, *“saudavam-me com tanta alegria. Senti emoção de alegre ao me encontrar com tantos abraços que parecia-me me fortificar cada vês mais”*.<sup>237</sup>

Nesta prática de escrita do coletivo, os participantes registravam suas impressões, ressaltando elementos do convívio e da formação em comunidade, motivando o trabalho em cooperação e, minimizando, os possíveis conflitos, como se observa em Manoel Zenóbio, cuja tônica de escrita destaca as qualidades que animam o coletivo: espírito de solidariedade, alegria, paciência, dedicação.

---

<sup>237</sup> Curso de Linguagem e Conhecimentos Gerais – 2º Grau. Meruoca, realizado de 03 a 08 de janeiro de 1972. Avaliação de Nonato Silva, em 05 de janeiro de 1972. Arquivo Movimento Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

Falo sobre José Maria Alves porque é gente amiga, gente muito relacionada com todos e um rapaz de educação geral com todos, vêjo que ele parece que tem um Espírito de Solidariedade, porque depois que comecei a me relacionar com ele, nunca vi José Maria com a cara fechada, sempre é alegre suporta tudo com paciência, acolhe a todos com alegria, e a gente vê que todos participantes do curso gostam imensamente dêle por causa da grande gentilêsa que ele se dedica para com todos.<sup>238</sup>

De outro modo, Sebastião Alves de Melo manifestou preocupação com o auto-isolamento de “*Seu Edmilson*”, destacando a dificuldade de estabelecer diálogo. Triste, calado e fechado, Seu Edmilson parecia “*aleio as coisas deste curso*”:

Eu gostaria muito de intender o seu Edmilson Aguiar; já tenho feito diálogo com ele, e nem mesmo assim descobri quase nada; É um homem triste, calado, fechado, dá uma impreção que está aleio as coisas deste curso.<sup>239</sup>

A preocupação de Sebastião é característica das lideranças do Dia do Senhor, pois, sem identificação com o curso, o camponês abandonaria o Movimento. Conforme esclarece Manuel Zenóbio, observa-se uma diferença no ritmo de adesão à linha social do Dia do Senhor. Quando descobriam “*que não era só a leitura da bíblia*”, alguns deixavam de freqüentar os cursos, enquanto outros assumiam de modo efetivo os conteúdos da libertação e orientavam seu trabalho em direção à construção de um movimento popular, fincado nos ideais de luta social, porque “*iam descobrindo onde era que estava seu lugar*”.

O curso de Linguagem e Conhecimentos Gerais foi um momento de conscientização, as pessoas foram se conscientizando e, porque a própria história que era repassada, dentro da própria história do Brasil, por exemplo, as pessoas iam se descobrindo e iam descobrindo onde era que estava seu lugar. Então, eu me lembro muito bem que esse grupo que participou dessa capacitação, que foi mais de um ano, foram dois anos, por aí assim, muitos deles seguiram exatamente esse rumo da reflexão sobre os problemas sociais, sobre a questão dos direitos, essa coisa toda. E esse outro grupo que veio ele ia saindo, quando chegava na próxima etapa ele não voltava mais... A primeira etapa, estava todo mundo, na segunda etapa, quando o pessoal ia descobrindo que não era só a leitura da bíblia, que tinha outras coisas mais: ‘não, não vou pra lá não, porque não me interessa isso aqui’...No final desse curso, talvez, ficou

---

<sup>238</sup> Relatório dos Cursos de Linguagem e Conhecimentos Gerais (3ª Etapa; 1º Grau), realizado no período de 14 a 20 de agosto de 1970. Meruoca – Ce. Redações diárias. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

<sup>239</sup> Idem.

cinquenta por cento, não sei nem se ficou cinquenta por cento dos participantes.<sup>240</sup>

Segundo os relatos, o Movimento acolhia as diferentes formas de atuação dos participantes. Havia espaço para quem *“ficava só na celebração da palavra de Deus”* e para aqueles que *“iam conversar sobre a situação do país, sobre os problemas sociais, sobre a questão dos direitos”*. A diferença de engajamento do povo fez com que, no Movimento, os participantes se identificassem como: *“aquele grupo só que rezava e o grupo que rezava e que refletia”*:

Primeiro no Movimento do Dia do Senhor, quem ia descobrindo que o Movimento, aquele grupo que ia avançando nessa área da discussão sobre os problemas sociais, os direitos e tal, ele ficava só na celebração da palavra de Deus e não fazia parte daquele outro grupo. É porque existia o momento da celebração e o momento da reflexão. Essas pessoas não participavam da reflexão, terminou a celebração, iam embora. Ficavam só aquelas pessoas que iam conversar sobre a situação do país, sobre os problemas sociais, sobre a questão dos direitos. Então... ficou separado, aquele grupo só que rezava e o grupo que rezava e que refletia...<sup>241</sup>

No engajamento das bases, os grupos mais atuantes em sindicatos, cooperativas e associações comunitárias, se distinguiam dos grupos que não avançavam nas reflexões sobre os problemas sociais, o que motiva nos anos 1970, a formação de *“grupos de visitantes”* nas comunidades, com quatro participantes, buscando fortalecer a perspectiva de reflexão e de debate coletivo.

Conceição Araújo, orientadora da comunidade de Cauassú, município de Acaraú, Ceará, explica o trabalho de visitação como um momento em que, os dirigentes e orientadoras tentavam identificar pessoas comprometidas com a *“luta pela libertação do homem todo”*. Nesse propósito de identificar novas lideranças, criou-se, na linguagem do Movimento, a metáfora dos *“patos e gansos”*, definindo como patos, os dirigentes que se prendiam somente à leitura do evangelho, e gansos, os comprometidos com a reflexão articulada entre *evangelho e vida*.

Patos e gansos, eu lembro que quando a gente saía para fazer um trabalho de visita...foi criado quatro visitantes para dar uma

---

<sup>240</sup> Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>241</sup> Idem.

assistência a essas duas Dioceses, era Sobral e Itapipoca, me lembro que era eu, meu pai, o Antônio Pires e o Abdias. Aí dentro do trabalho da salvação e libertação, dentro da realidade, a gente foi descobrindo que no trabalho de visita, a gente tinha aquelas pessoas que só queria rezar, só queria lê a bíblia sem sentido. E aí a gente foi denominando de pato e o outro foi ganso, quer dizer, aqueles que tinham uma visão, tinham uma pinta, que primeiro chamaram pintados, os pintados, aí depois surgiu os patos e os gansos, porque ganso é diferente um pouco de pato. Nas visitas, a gente já ia com esse objetivo, de procurar gansos lá nas comunidades. Pra quê? Pra trazer, pra juntar essas pessoas, não só pra fazer um trabalho com a gente, mas fazer um trabalho lá dentro da comunidade né”. E surgiu daí, da necessidade de criar um movimento maior de pessoas que tivessem essa luta pela libertação do homem todo. Não só uma luta só pra rezar, rezar, rezar, mas que tivesse a experiência de viver, de se descobrir.<sup>242</sup>

Não se sabe ao certo quem criou a metáfora “patos e gansos”, no entanto, Conceição acredita haver partido de Antônio Pires ou Manuel Tiago, seu pai.<sup>243</sup> Outra versão é narrada por Sebastião Alves de Melo, em sua *História do Movimento do Dia do Senhor*, lembrando a metáfora como uma comparação feita por Valnê para explicar a autonomia do Movimento em relação à Igreja. Conta que ela desenhou uma ninhada de patos, que chocavam gansos e marrecos, atentando para a diferenciação da criticidade entre os participantes. Sebastião conta que “*Isto foi uma imagem que eu não pude me esquecer, porque foi uma imagem retratada. Isto é real mesmo na vida do Movimento*”.<sup>244</sup>

As diferenças de engajamento se tornam mais visíveis a partir de 1976, quando Gustavo Lyra e Lídia Ferreira propõem nova linha pedagógica. Com o encerramento dos cursos de *Linguagem e Conhecimentos Gerais*, os conteúdos de História do Brasil foram perdendo espaço para questões do tempo presente, privilegiando a discussão em torno da conjuntura política e, nesta, a situação dos trabalhadores rurais.

Em meio às opções metodológicas de reorientação do trabalho de base, uma nova forma de escrita (para a reflexão) é construída. Acolhendo as possibilidades das distintas perspectivas de engajamento, desde os princípios do *Evangelho e Vida*, passam a circular as folhinhas com esta denominação.

---

<sup>242</sup> Conceição Araújo, entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, Acaraú – CE. Arquivo da autora.

<sup>243</sup> Conceição conta que seu pai escreveu o livrinho *Quente, Morno e Frio*, apresentando uma linha de raciocínio metafórica em que “os quente era mesmo as pessoas forte que estavam na busca pela libertação e a salvação do homem”.

<sup>244</sup> MELO, Sebastião Alves de. *História do Movimento do Dia do Senhor*. Diocese de Sobral, 1988.

Era a fase do “escrever, produzir textos”, “pra ir trazendo coisas novas pra não ficar só na celebração”.

...Mas aí foi que apareceu exatamente os textos bíblicos, que chamava-se de Evangelho e Vida, que se via trazer coisas novas. Não era somente a palavra de Deus e a Homilia. Então, tinha um texto que era um fato da vida, por exemplo, você falava de um fato que aconteceu lá na comunidade tal, e aquele fato ele era comparado com o evangelho.<sup>245</sup>

As folhinhas *Evangelho e Vida* refletem o propósito da formação de agentes pastorais, em meados da década de 1970. O material produzido resulta da prática de leitura e escrita no Movimento. Inicialmente, eram escritos pela equipe, em forma de parábola bíblica, seguido de uma história colhida da realidade dos camponeses. Com o passar do tempo, os camponeses se apropriam da palavra e escrevem as histórias vivenciadas em suas comunidades.

Podem ser entendidas também como estratégia pedagógica na dinâmica da celebração e nas reuniões das comunidades a cada domingo. Começam a circular em 27 de novembro de 1977, e se mantêm, com freqüência semanal, até 20 de outubro de 1985, constituindo, ao longo de oito anos, uma rica experiência de escrita para a reflexão.

De acordo com Pedro Garcia<sup>246</sup>, estudioso do Dia do Senhor, na perspectiva pedagógica das folhinhas *Evangelho e Vida*, o sagrado é o cerne da reflexão do Movimento, a articulação entre o sagrado e a vida, como realidade social. Para ele, o tempo, nas reflexões dos camponeses, remontava ao tempo da vida de Cristo, atualizado na ação pastoral. A analogia com o tempo dos apóstolos era freqüente: “Cristo ressuscitou dos mortos e disse que seus discípulos continuassem fazendo aquilo que fazia, que ele estaria até o fim dos tempos. ...Naturalmente os discípulos de hoje somos nós”.

A f. (folhinha) tinha, em cima da página, uma citação bíblica e, logo após, uma carta de um camponês, um relatório de reunião, alguma história da região e, no final, algum tipo de questionamento que

---

<sup>245</sup> Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>246</sup> Pedro Garcia tinha experiência no campo da educação popular e, no momento de sua pesquisa de doutorado, vinculado ao NOVA (Organismo de Pesquisa e Assessoria em Educação), o que contribuiu para que durante a década de 1980, projetos do Movimento do Dia do Senhor fossem apoiados por essa instituição. Em seu relatório de pesquisa ressalta que durante doze anos (1980-1992) estreitou relações e conheceu a atuação do Movimento.

pressupunha a relação entre o texto bíblico e o tipo de questão proposto para a reflexão.<sup>247</sup>

As folhinhas recriavam o Evangelho. Os camponeses apropriavam-se das escrituras sagradas como justificativa da luta por direitos, pois *“o reino de Cristo, é justiça, paz e harmonia, terra e pão e moradia. Por isso Cristo se fez homem e viveu entre nós (f. VIII, 33)”*, ou mesmo, por entenderem que *“o Deus que quer que o povo tenha terra é o verdadeiro Deus. (f.1,16)”*<sup>248</sup>. No Movimento, essas interpretações eram acolhidas como um dom do Divino Espírito Santo. Os dirigentes e orientadoras assumiam sua missão de apostolado, como homens de *“pouca ciência”* que continuavam a cumprir, na terra, o *“plano”* e o *“sonho”* de Deus, configurados na justiça e na paz social.

Os camponeses se surpreendiam com o resultado de seus escritos. Para eles, a inteligência popular era dom de Deus, dom profético. Gerardo Maciel salienta que seu saber vem desse dom e do que aprendeu no Movimento, pois, *“não estudou intelectualmente, mas estudou pessoalmente com a mesma classe”, “com a vida”* e com o *“sofrimento das pessoas”*. Valoriza seu saber, porque é um saber de baixo para cima, calcado nas experiências de vida, diferenciado do intelectual que estudou e por isso não recebeu dom profético, reconhece o valor do intelectual, mas *“acredita que vale muito mais a pena o dom de Deus”*:

A inteligência dentro da classe popular só sendo um dom de Deus. Porque eu, pelo menos, não tenho um conhecimento avançado intelectualmente, porque não estudei. Se sei alguma coisa aprendi dentro do Movimento e o dom de Deus, como se diz, um dom profético. Porque, quem não estudou e sabe de alguma coisa, por que sabe? Se não estudou? Naturalmente, não estudou intelectualmente, mas estudou pessoalmente com a mesma classe, com a vida, com o sofrimento das pessoas, acompanhou de perto a vida de si próprio e a vida dos outros, procurando um caminho de resolver...dar uma solução para os problema difíceis de resolver. Eu digo dom profético pelo seguinte, porque existe muitas pessoas sabidas sem ter estudado, porque recebeu o dom de Deus. Literatura não é um dom profético, se literatura fosse saber Rui Barbosa teria sido o maior profeta do mundo. Na verdade, ele foi um homem muito sabido, mas ele nunca pensou na sabedoria que nós temos hoje no meio popular, porque ele pensava nas coisas profundas e nós pensamos nas coisas de baixo para cima. Eu sei que o intelectual

---

<sup>247</sup> GARCIA, Pedro. **O Dia do Senhor. Vozes & Movimento**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Tese de Doutorado. 1991. p. 23.

<sup>248</sup> Trechos das folhinhas Evangelho e Vida, discutidas por GARCIA, Pedro. Op. Cit, p. 24.

vale a pena, mas eu acredito que vale muito mais a pena o dom de Deus.<sup>249</sup>

A associação entre a missão evangelizadora do Dia do Senhor e a missão dos apóstolos de Cristo, resulta da interpretação que faziam da sagrada escritura e dos discursos elaborados pelos agentes pastorais. No *Treinamento de Dinâmica de Grupo*, em 1972, tal comparação norteou o estudo, “*O que se entende por História da Salvação?*”, quando se reiteram noções de tempo e de história, dos profetas de ontem e dos continuadores de hoje, como missão.

É a história dos profetas e Jesus Cristo no mundo.  
É a Bíblia porque é nela que todos nós cristãos procuramos nos afirmar seguindo os exemplos dos homens do passado.  
É fazer boas obras e ajuda os outros a se descobrirem.<sup>250</sup>

Em contexto mais amplo, a missão profética do Dia do Senhor, representava o compromisso de uma parte da Igreja Católica, depois do Concílio Vaticano II. Segundo Bruneau<sup>251</sup>, a literatura sobre profecia e evangelização, nesse período, fez com que grande parte do clero progressista se identificasse com a missão, como projeto de libertação social.

Nessa análise, as tensões sociais e políticas motivaram o clero a assumir o “*papel de falar, de denunciar e de pregar a verdade*”. Diversos padres em confronto com a ditadura, na defesa da justiça e dos direitos humanos, foram associados aos profetas do tempo de Israel. Entende-se que, no Dia do Senhor, a relação do tempo vivido pelos camponeses com o tempo de Cristo era parte da orientação que crescia no interior da Igreja Católica.

Na construção do Movimento, como se viu, a prática de escrita se combinava aos efeitos da discussão, quando a palavra ganha sentido na pedagogia dos movimentos populares. Em torno da proposta de que “*todos precisam dizer alguma coisa*”, a reflexão se encaminha para um conceito de

---

<sup>249</sup> Depoimento de Gerardo Maciel, dirigente do Dia do Senhor, concedido a GARCIA, Pedro. Op. Cit. p. 27.

<sup>250</sup> Relatório do Treinamento de Dinâmica de Grupo da Periferia Sede 1 e 2. Uruoca – Ce. Treinamento para dirigentes e orientadoras realizado durante 29 de novembro a 02 de dezembro de 1972. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

<sup>251</sup> Segundo o autor, “Se a sociedade não estivesse sob coação, se os canais de mobilidade social estivessem abertos, se a política fosse democrática e a situação das massas estivesse melhorando, é provável que a missão profética não fosse assumida. Não é isso, porém que se verifica. As declarações de Dom Helder, Dom Fragoso, Dom Waldir, os sacerdotes de São Luís, São Paulo e os dominicanos presos, tornam evidente que a situação social é horrível e que a injustiça parece imperar.” In: BRUNEAU, Thomas C. **O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974. p. 410.

participação que, opera originalmente com os sentidos da fala. “Fazer as pessoas perder o medo de falar” era a máxima repetida nos relatórios de dinâmica de grupo, quando se destacava que

É preciso dá atenção aos que falam pois tudo o que dizem tem importância. Devemos aproveitar o máximo as contribuições. Só nos sentimos bem numa reunião quando participamos dela. Para isto é preciso que o dirigente valorize, dê vez, principalmente se for acanhado.<sup>252</sup>

O trabalho em grupo valorizava o caráter coletivo do Movimento. Joana de Jesus diz, “*eu mim sinto feliz nos meus trabalhos de orientadora porque eu já entendo muitas coisas que eu não entendia ainda. A minha felicidade fica em mim i nas outras pessoas*”, valorizando a troca de conhecimentos entendia que, “*a gente trabalhando só deixa muitas palavras sem discuti*”, e afirma sua sede de conhecimento ao pretender “*conhecer e entender melhor todas as palavras*”.<sup>253</sup>

Esse trabalho é ampliado nos *Encontrões*. Assim chamados pelo número de participantes, reunindo em torno de cem pessoas, homens, mulheres, jovens, adultos e velhos, realizados anualmente, na Serra da Meruoca. Previamente planejados pelos agentes de pastoral e comunitários mais atuantes, definiam-se temáticas relacionadas à questão agrária, aos problemas da seca e aos direitos negados aos trabalhadores rurais.

Os *Encontrões* trabalhavam a mística dos grupos envolvidos, sensibilizando o coletivo para as idéias de partilha, justiça e solidariedade. Aqui se pode firmar que, o ato de falar em grupo, como prática, fortalecia o conceito de participação e o ampliava no sentido de viver uma experiência de democracia, como se depreende nas entrevistas realizadas.

O encontrão, eu considerava como ponto culminante do Movimento do Dia do Senhor, era uma oportunidade aberta, quer dizer, tinha a abertura, eu considerava, pra mim, é o que eu chamo de democracia. Aquilo que a gente chama democracia hoje, que não existe, só tem no papel, no encontrão existia democracia. Porque ali as pessoas que vinham, muitas vezes, na sua comunidade, eles não tinham aquela oportunidade de expressar, de colocar o seu pensamento, porque o encontrão era aberto, falava quem queria falar e, claro que tinha também um limite, onde tinha cem pessoas, cento e vinte pessoas,

---

<sup>252</sup> Diocese de Sobral. Arquivo do Dia do Senhor. Relatório do Treinamento de Dinâmica de Grupo da Periferia Sede 1 e 2. Uruoca – Ce. Op. Cit.

<sup>253</sup> Redação referente ao Exame de Consciência de Joana Maria de Jesus, realizado em 01 de janeiro de 1972. Atividade de avaliação do Treinamento de Dinâmica de Grupo. Op. Cit.

oitenta pessoas se todo mundo falasse de uma vez só, tinha também um limite, existia um trabalho de educação para aquelas pessoas, tinha um limite de minutos pra você também falar.<sup>254</sup>

Valorizando as múltiplas dimensões da experiência coletiva, nos *Encontrões* se fortaleciam os vínculos de amizade e companheirismo nos momentos de lazer, em que a conversa corria solta, se contavam causos, evidenciando que, “o *encontrão* era muito aberto, o pessoal dançava, contava história, tinha um dia também só pra passeio, eles iam visitar a serra, as bicas da serra, tinha o banho. Era um momento muito de descontração.”<sup>255</sup>

Nos *Encontrões*, a forma de avaliação parecia mais livre, eram momentos de avaliação do próprio Movimento e, o resultado escrito nos relatórios dos participantes, sistematizava um panorama geral, compondo um balanço do Movimento. Mais tarde, essa documentação passaria a compor parte da história do Dia do Senhor, uma história de pessoas simples que, no coletivo, se descobriram fortes, ao conquistarem a palavra, escrevendo e falando no rádio, utilizando-o como aliado de suas lutas, no programa *Encontro das Comunidades*.



Figura 23: Movimento do Dia do Senhor. Camponeses reunidos nos “Encontrões”. S/d.

---

<sup>254</sup> Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>255</sup> Idem.

### 3.2. “Unidos seremos fortes e fortes venceremos!”.

Nos anos 1960, parece consenso, a força do rádio como importante meio de comunicação popular, em sua dimensão educativa. A partir de experiências bem sucedidas de educação pelo rádio, na Colômbia, a CNBB estimulou largamente este meio de comunicação social, como reforço da mensagem cristã. Os agentes pastorais do Movimento do Dia do Senhor se utilizaram do rádio em seu programa de evangelização e orientação às comunidades rurais.

O programa *Encontro das Comunidades* representava inovação para o Movimento. A partir dele, muitas pessoas se sentiam estimuladas a participarem do Dia do Senhor. O dirigente Antônio Pires relembra que sua primeira participação, foi pelo rádio, como ouvinte, escrevendo para o programa. Conta que se sentia incentivado, à medida que ia “*escrevendo e recebendo resposta*”, foi se engajando nesse Movimento.

E existia um programa no rádio, até feito pela Valnê, na Rádio Educadora de Sobral, e eu assistia né?... Aí, eu escrevi, ela me respondeu a carta, leu minha carta no programa, aí me incentivou muito, essa carta que eu fiz, essa resposta dela e tudo, me incentivou muito né, pra que eu começasse a participar. Aí pronto. Aí eu não abandonei mais, eu me engajei né? Fui escrevendo e recebendo resposta dela. Nesse tempo era ela e o padre Albani, essas pessoas mais assim que comandavam o Movimento do Dia do Senhor... Aí pronto, a gente se engajou, e eu fui me integrando também, engajando com outros movimentos, outras pessoas, em outras comunidades, outras localidades e tudo, sabe?<sup>256</sup>

Ao longo de sua existência, o programa *Encontro das Comunidades* se tornou mais acessível aos camponeses, na medida em que os dirigentes e orientadoras assumiam sua produção e apresentação. A abertura do Programa, em 1972, trazia como lema: “*Salvar o homem do Nordeste é libertá-lo de sua escravidão*”. Posteriormente, a mensagem de abertura foi elaborada pelos próprios camponeses: “*Unidos seremos fortes e fortes venceremos*”.

O programa aproximava as comunidades, espalhadas no interior da Zona Norte do Ceará, que diziam, com orgulho, que o Movimento atingia a praia, a serra e o sertão. Ali, se sentiam mais próximos, ao passo que duas

---

<sup>256</sup> Antônio Pires. Entrevista realizada em 18 de abril de 2008. Itapipoca – CE. Arquivo da autora.

vezes por semana, ouviam suas vozes e compartilhavam suas notícias. Como disse Sebastião Alves de Melo, primeiro dirigente a falar no rádio, “*com o programa a gente encurtava os caminhos, a gente chegava mais perto das pessoas, foi um estouro essa criação do programa*”.<sup>257</sup>

Pode-se dizer que as comunidades se encontravam no estúdio da Rádio Educadora do Nordeste. No horário do programa, estavam ali, como locutores ou convidados. O *Encontro das Comunidades* representou para o Movimento uma de suas maiores conquistas. A partir dele, a voz do campo se estendeu às comunidades e chegou à cidade. O latifúndio, as más condições de vida e de trabalho, educação, assistência médica, as secas e a realidade injusta dos programas emergenciais do Governo, formavam a pauta do programa que entrava no ar pelas manhãs de segundas e sextas-feiras.

As comunidades enviavam ao *Encontro das Comunidades* cartas e relatos de seu trabalho de base. Segundo Sebastião, “*o programa fez estourar o conhecimento de todos*”, ao passo que instigava o povo a treinar a escrita, “*fazer seu nome, fazer suas mensagens, seus relatórios, contar suas histórias do que estavam fazendo, as dificuldades que estavam encontrando*”.<sup>258</sup>

Conceição Araújo, orientadora da comunidade de Cauassú, em Acaraú, conta que, com o tempo, a coordenação decidiu que a apresentação do programa ficaria a cargo de dois participantes do Movimento que, revezando-se de acordo com o calendário, planejado mensalmente, construía também a pauta em torno dos assuntos comentados nas cartas.

Conceição entende que a escrita passou a ser praticada pelo povo que se sentia valorizado, ao ouvir suas cartas e idéias discutidas no rádio. Isso motivava a escrita e, mesmo, os que não escreviam corretamente, sentiam-se à vontade para enviar cartas ao programa.

As cartas, a gente ia ler, comunicado para o programa, ninguém sabia de nada. Aí ia lendo, passava dois, três dias naquela carta, pra poder descobrir o que era que eles queriam dizer naquela mensagem deles né... No início, muita gente escrevia, o povo das comunidades. Quando eu ia fazer programa, dez, quinze pessoas mandavam cartinhas, porque sabiam que todas as cartas eram lidas né, eles se sentiam valorizados. Com a mensagem mesmo, a gente tinha um trabalho danado para lê, porque o povo não sabia lê, mas eles se

---

<sup>257</sup> Sebastião Alves de Melo. História do Movimento do Dia do Senhor. 1988. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

<sup>258</sup> Idem.

sentiam valorizados, porque sabiam que aquela besteira que eles tinham escrito estava saindo no rádio. Muita gente escrevia mesmo.<sup>259</sup>

Falar no rádio foi prática conquistada progressivamente. A participação efetiva da produção e apresentação do programa de rádio se tornava um exercício e um desafio, ao mesmo tempo, *“todo mundo queria falar, até para quebrar o medo. Às vezes tinha gente tremendo, mas ia e falava, se comunicava”*.

O rádio desafiava as pessoas a pensar. Quando as pessoas iam a Sobral, para resolver qualquer coisa, eles iam para o rádio debater. Isso fazia com que eles desasnassem ainda mais, porque aí, de repente, o rádio não era mais um mito. Naquele programa se conversava mesmo. Às vezes, quando o pessoal passava por Sobral para ir a um encontro na Meruoca, iam 13, 15 caras para falar no rádio.<sup>260</sup>

Sentiam-se valorizados com a oportunidade de falar no rádio, assumindo um lugar social coletivo, falando em nome de *“todos aqueles que estão espalhados por este mundo afora”*, entoando as mensagens da luta de sua gente. Em tom de satisfação, Sebastião Alves ressalta a importância da fala para o camponês: *“Você já pensou? Um camponês falando num microfone de um rádio? Falando pra todo lado?”*, ressaltando como é significativo para perder o medo da situação.

Recupera de sua memória a primeira vez que fez o programa, *“pra mim, quando eu chegava lá no stúdio que via aquele microfone, era igualmente quando eu andava caçando lá pelo mato e via uma onça, eu ficava todo arrepiado, embora estivesse armado”* e era como se sentia, armado com as cartas, os relatórios, a pauta do programa e, afirma *“eu tinha um medo absurdo daquilo, entrava sugestionado, todo trêmulo, todo nervoso”*.<sup>261</sup>

O medo e o nervosismo foram compartilhados *“por todos que sucederam na rádio, contam essa mesma história”*, que Sebastião faz questão de registrar porque *“ela é muito significativa para o Movimento”*.<sup>262</sup>

---

<sup>259</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú – CE. Arquivo da autora.

<sup>260</sup> Lyra, Gustavo. **Agora o mundo não é só o nosso lugar**. Cadernos de Educação Popular / 11. Petrópolis, RJ: NOVA / VOZES. P. 63.

<sup>261</sup> Sebastião Alves de Melo. História do Movimento do Dia do Senhor. 1988. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

<sup>262</sup> Idem.

O Programa *Encontro das Comunidades* tornava-se um espaço de comunicação popular, reproduzindo e ampliando o vocabulário das comunidades. Não havia preocupação com o dizer correto ou com o discurso formal dos meios de comunicação. O programa trazia a marca da pedagogia popular, valorizando seu público ouvinte / participante. A identificação do público com a mensagem do programa partia principalmente desse diferencial, posto que se direcionava às comunidades rurais, produzido e apresentado pelos participantes do Movimento. Escrever cartas e relatos para o Programa é indicativo de comunicar mais amplamente as experiências comunitárias, expressando o poder de decisão do povo e seu saber próprio:

Buscamos fazer do rádio um espaço onde os camponeses pudessem ser livres para expressar o seu pensamento usando a sua linguagem. O programa deveria servir para a formação dos camponeses estimulando-os a pensar sobre a realidade que viviam. Inclusive a fala era a do próprio camponês. O programa era feito num português errado porque as pessoas escreviam errado e os locutores, que eram os camponeses, falavam errado. Isso teve uma oposição muito grande e sempre havia muito choque com o pessoal técnico da emissora. De repente aqueles matutos invadindo um 'santuário de comunicação'... a pessoa se sentia gente. Era capaz de falar no rádio, de se dirigir aos outros. Então começou o despertar das pessoas para a vida, para poder decidir, para executar. O complexo de inferioridade era uma coisa muito forte no camponês. Ele não falava porque 'não sabia de nada'. Então era todo o esforço de quebrar essa idéia, de provar que o povo tem um saber próprio.<sup>263</sup>

Esse modelo de comunicação não agradou a direção da Rádio Educadora por seu caráter inovador e experimental. O diretor da Emissora permitia a apresentação do Programa apenas por duas pessoas, mas, os entrevistados lembram que, geralmente, dez, quinze pessoas ocupavam o estúdio. Conceição Araújo compreende que a direção da rádio criticava o programa do Dia do Senhor porque era apresentado por pessoas simples que, *"não sabiam ler nem falar direito"*.

Isso foi mais no fim, porque aí foi se abrindo o programa para outras pessoas e, como eu já disse, tinha pessoas que não sabiam ler, que não sabiam escrever, que também não sabiam falar. Aí foi, vamos dizer, o programa era eu e outra pessoa que ia fazer, aí surgia pessoas das comunidades pra fazer o programa. Aí como tinha pessoas que não sabiam ler, nem falar direito e o programa de rádio era um programa público, então eles foram começando a colocar

---

<sup>263</sup> Lyra, Gustavo. **Agora o mundo não é só o nosso lugar**. Cadernos de Educação Popular / 11. Petrópolis, RJ: NOVA / VOZES. P. 63.

defeitos, foi colocando empecilhos, uma burocracia lá para impedir o trabalho da gente né.<sup>264</sup>

O programa de rádio, desde a origem, foi pensado como instrumento de comunicação entre as várias comunidades rurais da região. Também se concebe a criação do programa como um instrumento prático da pedagogia da autonomia, onde o roteiro, a pauta, a apresentação, o formato eram frutos da criação coletiva.

Valnê Alves ministrou o *Curso de Produção e Técnica Radiofônica*, em 1972, para onze dirigentes e orientadoras<sup>265</sup>, aproximando-os do universo da comunicação em seus aspectos de funcionamento e técnica radiofônica<sup>266</sup>. O contato com essa realidade ajudou a quebrar o medo e a timidez dos participantes e fez com que se sentissem preparados para assumir o Programa. Um dos argumentos centrais do Curso era o domínio da fala. O exercício da fala como aprendizagem (e direito), porque cada ser humano tem algo a transmitir, tem “*dentro de si reservas a transbordar*”. O direito da fala (e neste caso, em público) não é exclusivo do intelectual, pois o analfabeto fala de sua experiência e de seu saber:

A fala é o resultado de tantos fatores que é preciso zelar por ela com o máximo de cuidado. Falar já é algo de fabuloso. Falar bem requer um aprendizado, um contínuo aperfeiçoamento, porque falar bem representa ser bem, sentir bem, querer bem, fazer bem, ter dentro de si reservas a transbordar. Para isto não é preciso ser um intelectual ou um cientista. Mesmo uma pessoa analfabeta. Até uma pessoa analfabeta, pode transmitir algo que nos enriqueça em experiência ou conhecimento. Cada ser humano tem uma dimensão infinita, profunda, que pode entrar em expansão e sintonia.<sup>267</sup>

Trabalhar essa dimensão do ser humano tornou-se um dos principais pontos do curso. Ressaltava-se o ato de falar com alma e a convicção no seu

---

<sup>264</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú – CE. Arquivo da autora.

<sup>265</sup> Valnê já havia participado de um curso radiofônico oferecido pela Arquidiocese de Olinda e Recife, em Pernambuco. Em entrevista, indica que o uso do rádio e a proposta dos programas populares, daquele período, traziam um teor crítico, voltados para o “despertar” do povo enquanto sujeitos históricos.

<sup>266</sup> Como *critérios para uma boa emissão de programa*, ressaltava-se, entre outras coisas, “ter boa dicção, saber o que diz, ensaiar o programa, evitar monólogos, viver o programa, ser vibrante, estar motivado e acreditar na possibilidade de falar melhor, dentro de suas condições individuais” In: Relatório do Curso de Produção e Técnica Radiofônica, realizado durante os dias 20 a 24 de novembro de 1972. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

<sup>267</sup> Relatório do Curso de Produção e Técnica Radiofônica, realizado durante os dias 20 a 24 de novembro de 1972. Sobral – CE. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

dizer. A fala deveria envolver sentimento, com o propósito de mexer com as emoções dos ouvintes. Era necessário conhecer/viver o assunto compartilhado entre locutor e ouvintes, porém somente o domínio do conteúdo não garantiria boa comunicação. A maneira de expressar o pensamento contribuía para que a mensagem fosse compreendida/sentida pelos ouvintes, desde jovens a idosos. A chave estava na sensibilidade. Era preciso *ser para falar* com simplicidade, e *“a gente ser a gente mesmo”*:

Para falar de um tema qualquer é preciso dominar o assunto a ponto de torná-lo de uma simplicidade quase alarmante e dar uma impressão ao auditório que o estamos desvendando juntos, realizando uma agradável excursão intelectual ou humana, participando os dois, nós e o ouvinte, do que vai surgir. O que vale mais é a gente ser a gente mesmo.<sup>268</sup>

No programa de Rádio foram valorizadas as qualidades de cada um, todos tinham algo a acrescentar e compartilhar. A crença na potencialidade dos participantes influenciava sua auto-estima, fazendo com que se sentissem capazes de se comunicar entre si e com o público. Sebastião Alves comenta como perdeu o medo de falar e aprendeu a dizer o que pensava:

Foi começando a tirar aquela timidez da gente, e a gente também ajudando os outros, nossos irmãos de cada comunidade do interior a também ir perdendo aquele medo de falar com uma pessoa mais sabida. Aí nós já passava por gente sabida... Os pobre, muitos deles sem saber ler, como no meu caso, era muito pouco o meu saber, e tinha outros ainda pior do que eu, não sabia de nada, e fazia sermões, fazia homílias, dava entrevistas, dava orientações perfeitamente bem. A gente via que ele estava com medo, mas fazia. Fazia e a gente via que tinha fundamento.<sup>269</sup>

A apropriação da fala parecia ser o argumento central de muitas reflexões sobre a experiência comunicativa e se sentiam à vontade para se expressar de acordo com o próprio entendimento. Estavam conscientes de que não precisavam acertar sempre, por isso assumiam suas limitações e, quando criticados, rebatiam sem medo:

Aquilo, quando alguns zombavam, porque muitas vezes apareciam alguns bichões sabidos, ignoravam, zombavam, mas com tudo isso a gente foi perdendo o medo. A gente se amarrava naquele ditado véi: ‘a gente dar o que tem’. Se eu não sei muito, eu só dou aquilo que

---

<sup>268</sup> Idem

<sup>269</sup> Sebastião Alves de Melo. História do Movimento do Dia do Senhor. 1988. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

sei. Se eu não sei nada eu dou o meu nada que eu não sei. Mas dou alguma coisa.<sup>270</sup>

A conquista da fala foi relevante nesta prática de organização popular. O valor dado ao ato de falar e o respeito à opinião de todos é prática comum na pedagogia de Educação Popular, destacando-se no aprendizado, a superação dos limites. O programa de rádio era uma oportunidade de falar em público, de si e do coletivo.

Segundo Abdias Marques, estavam “descobrimdo” como se faz um programa de rádio: pauta, introdução, locução, e isso ajudava a jogar fora a “inibição e falta de segurança”. Nesse aprendizado, Abdias afirmava: “já está bem mais fasso de um de nós prepara um programa”:

1- Primeiro é que eu estou me corregido pois no começo eu não descobria que havia balta (palta) nos programas e agora eu já sei que existe. Eu não sabia o que era locução e introdução e produção e agora eu já sei.

Os pontos negativos são meus é porque eu ainda não me descobri mais eu vou me descobri esta falta de segurança esta inibição vou jogar fora de mim eu vou espanta isto porque está me atrapalhando.

2- o relacionamento está bom porque agente está se descobrimdo. Esta critica está ajudando agente a crêser porque nós vamos aprendendo a se corrigir e isto é um modo de relacionamento.

3- Sim porque tudo que agente aprende serve para a pessoa se afirma cada vez mais.

Pelo menos eu acho que agora já está bem mais fasso (fácil) de um de nós prepara um programa e depois corrigi: prispalmente a locução e a introdução, e até mesmo a produção.

4- Sim. Eu acredito na medida que a pessoa vai crescendo vai se afirmando também o seu crescimento de cristão.

5- Muito pruveito se Deus quiser e eu fiser por donde aprende as tecnicas que é pra depois osalas (usá-las) ...<sup>271</sup>

Manoel Tiago se destacou, como um dos mais atuantes dirigentes, lembrado como grande pregador que deu tudo de si pelo Movimento, superando até mesmo sua deficiência física na divulgação do Evangelho de Cristo nas comunidades. Para ele, aprender a fazer um programa de rádio ajudou muito como prática coletiva e como entendimento “do campo vasto da comunicação”.

- a. as teqnas (técnicas) de elaborar o programa
- b. as gravações dos programas
- c. as tecnas de como se aprende-criticando

---

<sup>270</sup> Idem

<sup>271</sup> Avaliação de José Abdias Marques, dirigente da comunidade de Sítio Alegre, em Morrinhos – CE. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

d. os esforços de cada participante em aprenderem  
e. e colaborarem e a oportunidade dada no programa do ar  
f. a montagem técnica do encontro, feita pela equipe  
negativos da 1ª pergunta.

(...)

3º- sinto perdendo a timidez e a inibição penetrando no campo vasto da comunicação através da imprensa falada.

4º- porque estamos crescendo no relacionamento com as outras pessoas

Estudando para servir melhor aos outros crescendo em conhecimento de melhor comunicação a fim de dar valorização aos outros.

5º- Espero me firmar melhor, como divulgador do Evangelho, em qualquer parte pela pronúncia. Leitura e apresentação. (...) <sup>272</sup>

Além da valorização do aprendizado de novas técnicas, torna-se evidente a valorização do conhecimento em si, fazendo-os se sentir “gente”. Ou seja, o acesso a um instrumento de comunicação, a decodificação da linguagem radiofônica fazia com que se “afirmassem como pessoas”, ressaltando que, “através do rádio poderemos ser mais unidos aos que de nós estão distantes”. <sup>273</sup> O rádio era percebido e apropriado como um meio de encurtar caminhos, de unir.

Com a ditadura militar, a liberdade de expressão foi suprimida e culminou na implantação de mecanismos de censura à imprensa escrita e falada em todo o país. O programa *Encontro das Comunidades* também sofreu pressões da censura. A repressão esteve presente no cotidiano do Movimento do Dia do Senhor.

A experiência na Rádio Educadora implicava em constante risco para os participantes. A ditadura estava presente na vida e no trabalho desses camponeses, como se observa no relato de Valnê Alves sobre a presença real da repressão, no estúdio da rádio, ao perceber “umas pessoas estranhas”, tendo que mudar a mensagem do programa, para a leitura de uma homilia, como forma de evitar sua prisão. Situações como essas, serviam de alerta para as pessoas do Movimento porque “sabiam que podiam pagar caro pelo comprometimento delas, que a libertação passa também por um sacrifício de vida seu.”

Uma vez eu estava fazendo um programa do Dia do Senhor, na Rádio Educadora do Nordeste, aí o técnico de mesa... ele deu um

---

<sup>272</sup> Avaliação de Manoel Tiago Araújo, dirigente da comunidade de Curral Velho, em Acaraú – CE. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

<sup>273</sup> Avaliação de Edmilson Sousa, dirigente da comunidade de Madeira, em Santana do Acaraú – CE. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.

sinal e eu percebi que tinham umas pessoas estranhas... Eu digo, hoje eu vou ser presa, eu fiz uma liturgia. Mudei totalmente o programa, eu tinha a liturgia da palavra toda: vamos agora, primeira leitura, olha a bíblia, não perdi a calma... E aí o pessoal percebeu tudo no campo. Quer dizer, foi mesmo que eu dizer: estou com um ditador, com um policial aqui que veio me prender. Então, eles sabiam, que eles tinham que estar com cuidado. A partir daquele momento, as principais lideranças, porque todo Movimento, tem o Movimento e tem aqueles dentro do Movimento, as lideranças, e essas pessoas mais esclarecidas, elas sabiam que elas poderiam ser presas também. Elas sabiam que podiam pagar caro pelo comprometimento delas, que a libertação passa também por um sacrifício de vida seu.<sup>274</sup>

Os participantes mais engajados no Movimento do Dia do Senhor eram também os mais visados pelos órgãos de repressão e pelos proprietários de terras. A orientadora Conceição revela o cuidado que tinha ao ler cartas que mencionavam conflitos de terras. Os próprios camponeses limitavam o assunto no rádio, debatendo-o nas reuniões, onde podiam falar mais livremente.

Tudo o que se passava nas comunidades era colocado nos programas. Agora, quem ia fazer o programa também, ele tinha o cuidado de até que ponto podia colocar, isso no início, porque a fiscalização, eles ficavam de olho também. Aí a gente tinha limite, não podia ler tudo também. Esses conflitos maiores eram colocados nas reuniões, no rádio não. No rádio era mais, eram coisas mais leves.<sup>275</sup>

Com a ditadura, o Movimento do Dia do Senhor sofre um revés em sua prática pedagógica, de autonomia pela fala, pois, de todos os relatos e entrevistas, o maior relevo é dado precisamente ao aprendizado da fala e de seu uso em público. No entanto, a censura e a repressão operam diretamente sobre os movimentos e experiências populares. Assim, a fala conquistada pode ser calada. No relato de Sebastião Alves, evidencia-se o peso da censura, com a interdição do uso de determinadas palavras no Programa de Rádio (libertação, salvação), culminando com invasão do estúdio e interrogatório de participantes, interrompendo a apresentação do Programa:

Dentro daquela censura militar no programa tinha as proibições. Recebemos logo ali o grifozinho que tinha essa proibição. Só podia ser no máximo duas pessoas e aquelas pessoas não podiam falar, naquele tempo, falar em libertação, falar em salvação, essas coisas todas... É tanto que pela primeira vez eu sofri um choque muito grande nisso aí. Foi até preso umas criaturas por aí, que estavam na rádio Educadora e eu foi um que sofri fazendo um programa, quando

---

<sup>274</sup> Maria Valnê Alves. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

<sup>275</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú – CE. Arquivo da autora.

cheguei lá dei fé entrou a censura por lá e tomaram até o microfone da boca e foram me interrogar. E ali parou a rádio e me interrogaram. Mas graças a Deus eu me saí muito bem, porque a gente falava sobre a bíblia, era baseado na bíblia. Algumas palavras mais grosseiras, mais pesadas que saía era da bíblia. Era anúncio e não palavra da gente, não ação da gente. Então a gente escapava mais ou menos por ali, assim, dessa vez.<sup>276</sup>

O programa *Encontro das Comunidades* sobreviveu à censura militar e à antipatia da direção da Rádio Educadora do Nordeste. Permaneceu no ar até o início da década de 1990, quando o Movimento do Dia do Senhor começava a perder força. Acredita-se que um dos motivos que contribuiu para o “*enfraquecimento*” do programa foi a redução da frequência de ondas da rádio Educadora do Nordeste. Na década de 1990, surgiram outras emissoras, ampliando a variedade de programas e dispersando a audiência da Rádio Educadora. O fato fez com que os camponeses, aos poucos, perdessem a motivação de escrever para o programa do Dia do Senhor.

A gente sentiu, já quase nos anos noventa, aí a gente já sentiu uma dificuldade do povo escrever né. Quer dizer, porque o programa de rádio ele não estava mais entrando nas comunidades, porque foram surgindo novas rádios né. E o pessoal não estava mais assistindo porque, vamos dizer, era a rádio Educadora do Nordeste, aí entrou uma rádio, eu acho que foi do Morrinhos, já aqui o povo da praia, não pegava a Educadora bem. Aí depois surgiu outra na Cruz. Eu sei que, chegou ao ponto, de a gente não pegar mais a rádio Educadora né.<sup>277</sup>

O Movimento também se enfraquece com a transferência, para o Maranhão, em 1984, de Dom Paulo Pontes, bispo de Itapipoca, incentivador do Dia do Senhor. A memória dos entrevistados recupera a afeição de Dom Paulo ao Movimento, facilitando em tudo o trabalho dos dirigentes e orientadoras, inclusive materialmente. A Diocese no tempo de Dom Paulo, era praticamente a casa do Movimento. Ali os camponeses ocupavam todos os seus espaços, era o ponto de revigoração da caminhada de libertação.

Porque nesse tempo, tinha um Bispo aqui, que apoiava muito a gente, o nosso Movimento e trabalhava em tudo, engajado. Dom Paulo. Dom Paulo apoiava muito a gente, inclusive, o que ele podia fazer, ele fazia, até financeiramente e tudo. Ele cedia todos os abrigos aqui da Diocese pra gente se reunir, a gente era praticamente

---

<sup>276</sup> Diocese de Sobral. Arquivo do Dia do Senhor. Sebastião Alves de Melo. História do Movimento do Dia do Senhor. 1988.

<sup>277</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú – CE. Arquivo da autora.

como que fosse de casa né. Aí ele foi nomeado Arcebispo em São Luís do Maranhão e veio outro Bispo veio pra cá...<sup>278</sup>

Assume a Diocese de Itapipoca, Dom Benedito Albuquerque. Sua ação pastoral se choca com o princípio de libertação do Movimento do Dia do Senhor, dificultando o trabalho das bases. Antônio Pires diz que o novo bispo, *“praticamente acabou o Movimento”*. Nesse período, a Diocese de Itapipoca disponibilizava uma casa para as reuniões e celebrações do *Evangelho e Vida*, que abrigava, também, a família de Antônio Pires. Numa tentativa de desarticular o Movimento, Dom Benedito, requer a propriedade, desencadeando um conflito com os dirigentes e orientadoras.

A luta pela *“casa do Movimento”* evidencia um momento de forte tensão entre os camponeses e a força da hierarquia. Dom Benedito chegou *“determinando os movimentos que ele quis criar dentro da Diocese dele”*, afirma Antônio Pires, enfatizando que o bispo não aceitou o Movimento do Dia do Senhor *“porque ele se dizia um movimento paralelo”*.<sup>279</sup> A disputa pela casa ganha contornos judiciais, sendo emitida uma liminar de despejo ao povo do Movimento, garantindo a posse da casa à Diocese.

Mesmo com muitos protestos e resistência dos camponeses, Dom Benedito foi fechando os espaços de atuação do Movimento, sufocando sua existência, o que ocasionou a desarticulação de suas lideranças e o enfraquecimento do Dia do Senhor, em Itapipoca.

Nesta conjuntura, pode-se afirmar que muitos participantes do Movimento do Dia do Senhor continuaram nos caminhos abertos pelas pastorais sociais, situando-se em experiências que lhes permitissem uma prática militante na peleja por justiça e igualdade de direitos. Alguns se encontraram nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, que partilhavam de sua proposta libertadora, outros se engajaram em sindicatos rurais, associações comunitárias e outros movimentos sociais.

A experiência do programa de rádio, para o Dia do Senhor, demonstra o compromisso dos camponeses num período marcado pela censura e repressão. As fontes analisadas demonstram o vigor desta experiência no

---

<sup>278</sup> Antônio Pires. Entrevista realizada em 18 de abril de 2008. Itapipoca – CE. Arquivo da autora.

<sup>279</sup> Idem.

campo da comunicação popular, tecendo uma vasta rede de relações que incluía gente que se torna gente e aprende a falar.

O programa de Rádio *Encontro das Comunidades*, sob o lema “*unidos seremos fortes e fortes venceremos*”, constituía uma experiência de comunicação que articulava, a um só tempo, a realização do Programa, a participação dos ouvintes, a audição do Programa nas comunidades e seu efeito de recepção, o envio de cartas e sua leitura em público e a articulação entre as comunidades. A partir do programa de rádio, muitos despertaram para o aprendizado de seu tempo e de sua vida, para a fala de sua vivência e de seu saber.

O rádio fortaleceu o Movimento, instigou os camponeses a pensar, falar, afirmar sua existência. Os programas davam vida ao Movimento, repercutindo a esperança de libertação e a luta cotidiana do povo, que falava em nome do coletivo, como expresso nas palavras-chave de seu lema: unidos, fortes, vencedores. A conquista da palavra se evidencia na experiência radiofônica, assim como, na escrita dos livrinhos da coleção popular, *Evangelho dos Lavradores*, examinada a seguir.

### **3.3. “Será que nós pobres vamos fazer que nem imbuar na areia quente?”**

Na experiência do Dia do Senhor, em sua pedagogia da autonomia, os cursos de formação, os *Encontrões*, as folhinhas *Evangelho e Vida*, as cartas comunitárias e programa de rádio podem ser entendidos como construção coletiva de um Movimento popular.

A fala e a escrita dos camponeses representaram o principal elemento de sua pedagogia. No contexto das experiências populares do período, a fala e a escrita resultavam da reflexão e ação vivenciada nos movimentos sociais. No Dia do Senhor, vários dirigentes e orientadoras sistematizavam sua compreensão de mundo, publicados em pequenos livretos, brochuras, onde compartilhavam com o “*povo do movimento*” sua visão de mundo, abordando temas recorrentes em sua vivência sociopolítica.

Os livrinhos fizeram parte de uma iniciativa dos agentes pastorais do Dia do Senhor, organizando e publicando reflexões dos camponeses, o que deu

origem à *Coleção Evangelho dos Lavradores*, uma prática de reflexão e escrita dos camponeses.

A Coleção se forma a partir de treze títulos: *Educação e Família no Processo de Libertação*, de Conceição Araújo; *História sobre Comunidade* (reflexões de um lavrador), de Abdias Marques; *Como a Comunidade Ver a Luta por Consciência Atravez da Esperiencia*, da Comunidade de Queimadas e *As Duas Painelas*, de Antônio Pires, este último com grande repercussão na prática de leitura coletiva no Movimento.

Alguns desses livrinhos não trazem a autoria na capa. Em vez do nome dos autores, encontra-se como subtítulo, a caracterização de quem escreve: “*por um camponês*” ou “*reflexões de um lavrador*”. Uma estratégia de difusão da leitura e escrita popular, com destaque para o lugar de origem da escrita, forjando uma identidade literária, enunciando, assim, o interesse coletivo pelo direito à palavra.

Esses livrinhos permitem aos camponeses, comunicar-se, reconhecer-se nas histórias contadas. Experimenta-se na leitura e escrita uma “*tomada de consciência partilhada*”, pela força das palavras e pela realidade expressa no texto e na vida.

Possivelmente, *As Duas Painelas* tenha sido o primeiro livrinho publicado<sup>280</sup>. Em duas partes: “*O voto*” e “*Como um camponês vê o sistema capitalista*”, dão o mote à palavra impressa de Antônio Pires, ao longo de sessenta páginas, escritas com a gramática do coração simples. É o mais extenso livrinho da Coleção.

Seu autor, Antônio Pires, conta que cursou até a sétima série ginásial e, ao entrar para o Dia do Senhor, sentiu-se instigado a escrever sobre o que observava. Lembra que escreveu *As Duas Painelas* nas madrugadas, ao longo de dois meses, “*engolindo a fumaça da lamparina*”. Trocava o único horário de descanso pelo prazer de escrever. O dia era do trabalho na roça, e a noite se via às voltas com lápis, papel e sentimento. Antônio Pires costuma dizer que o livrinho foi escrito com a alma. Escrito na primeira pessoa, é um

---

<sup>280</sup> Conceição Araújo acredita que o primeiro livrinho tenha partido de um dos três dirigentes que apresentavam uma visão mais crítica: Antônio Pires, Manuel Tiago ou Abdias Marques. No entanto, reconhece que, *As Duas Painelas* foi o livrinho que mais repercutiu no Movimento. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú – Acaraú – CE. Arquivo da Autora.

registro de seu nascimento como sujeito da palavra, escrevendo sobre o que sente e sofre:

Por ser eu um lavrador, trabalhador rural, nascido e criado no campo, trabalha em terra arrendada, pobre pai de família, e por ser pobre não alcancei as chances que existe para estudar e por isso não ter tempo de refletir bastante, nem tão pouco escrever, passei dois meses tentando fazer este trabalho. Não é um trabalho nascido de estudos ou pesquisas através de livros ou revistas, pois além de não ter tempo para isso só digo e escrevo coisas que sinto e sofro. Ou seja: coisas tiradas da realidade que vivemos.<sup>281</sup>

O ato de escrever muda a vida do trabalhador, do camponês que o experimenta. Sua escrita é uma forma de existir, lugar de justificação, de reivindicação do direito à palavra negada, à vida. Ao escrever, o camponês se faz escritor e se situa ao lado do outro com domínio da linguagem. Constitui prática de vida, um *“itinerário sem retorno”*, como relatam.

Passada a experiência do Dia do Senhor, Antônio Pires continuou escrevendo outros livrinhos. Mantém viva a necessidade da escrita desde o tempo do Movimento. *A Violência é o Brasil Hoje*, de 2000, e *A Seca do Nordeste – O flagelo da região: natural ou circunstancial*, de 2008, são seus escritos mais recentes. Antônio Pires salienta que estes livrinhos são mais *“intelectualizados”* que *As Duas Painelas*, sua primeira iniciativa de escrita.



Figura 24: Evangelho dos lavradores nº. 13. As Duas Painelas. De Antônio Pires. 1980. (Documento cedido por Pe. Albani Linhares).

<sup>281</sup> PIRES, Antônio. **As Duas Painelas**. Evangelho dos Lavradores, nº. 13, 1980. p. 7

Quando escreveu *As Duas Panelas* tinha “*trinta e poucos anos*”. Sua iniciativa abriu espaço para outros companheiros se sentirem à vontade para escrever. Muitos já escreviam cartas ou os folhetos do *Evangelho e Vida*. Pires recorda a empolgação do “*povo do Movimento*”, quando o livrinho foi publicado e relembra, com satisfação, o reconhecimento de sua escrita, no Dia do Senhor e em outros meios de educação popular. Equipe e camponeses acolheram seu trabalho como conquista coletiva. “*Ficou todo mundo abismado*”. Era “*um cabôco da roça*”, de dia no cabo da enxada e, nas madrugadas, aprendendo a pegar na caneta para escrever sobre as dores do mundo:

Na época foi muito importante. Deu uma repercussão total, assim, ficou todo mundo abismado né, principalmente, porque veio de um camponês né, de um cabôco da roça, um trabalhador que não sabe nem pegar numa caneta né. E isso se alastrou não só dentro do Movimento, mas, fora também, com outras pessoas. Outras pessoas que participavam de outros movimentos, assim movimentos de... movimentos de intelectual né, de colégios, essas coisas assim sabe? E dentro do Movimento foi perfeito né, todo mundo se interessou-se. E até abriu espaço e margem para que outras pessoas se interessassem em escrever outras coisas... Eu não estou dizendo que foi eu que incentivei ninguém, mas as pessoas liam o trabalho de *As Duas Panelas*, aí se interessavam em escrever também alguma coisa partindo dali, nascendo dali, sabe? Escrevendo suas idéias, do seu trabalho, das suas coisas. <sup>282</sup>

Antônio Pires rememora a época em que, no Movimento, escreviam de tudo: era folheto, era carta, livro de remédio caseiro, de tudo, “*mas, tudo só falando da realidade, da sua realidade, da sua vida, das suas experiências, do seu trabalho*”. <sup>283</sup> Escreviam a simplicidade de viver, sua maneira de falar e de ser. As palavras articulavam-se aos sentimentos, confessando suas necessidades, medos e ressentimentos com o mundo desigual. A sinceridade da escrita está na maneira de sentir o peso da “*vida severina*”, como em João Cabral.

Conceição Araújo, autora de *Educação e Família no Processo de Libertação*, reafirma o dito de Antônio Pires. Concorde que o livrinho *As Duas Panelas* estimulou outros escritos, “*abriu a mente do povo*”. A equipe motivava a escrita popular, publicando os livrinhos. Conceição lembra um tempo em que,

---

<sup>282</sup> Antônio Pires. Entrevista realizada em 18 de abril de 2008. Itapipoca – CE. Arquivo da autora.

<sup>283</sup> Idem.

todos os escritos eram recolhidos e levados a uma gráfica, em Sobral. A publicação de livrinhos se tornou constante no Movimento.

No momento que o Movimento tinha esse empolgamento nas comunidades, vamos dizer eu aqui, Manuel Tiago, aí aqui formava um grupo, a gente tinha um trabalho mais assíduo e o pessoal participava mais, como eles participavam mais, eles davam mais opiniões e quando eles escreviam, eles sabiam que a coisa deles era valorizada, porque a gente colocava no ar tudo quanto eles escreviam. Quer dizer, os livrinhos, a gente escrevia, sabia que o nosso livrinho ia ser imprimido. Porque? Porque tinha uma equipe na Diocese que aproveitava tudo e faziam tudo né, com pouco um livrinho. Aquela besteirinha que a gente tinha escrito estava feito um livrinho. Que isso a equipe, ela se empolgava muito pra fazer isso, pra nós mostrar nosso trabalho. Eu acho que isso empolgava muito o povo nas comunidades a escrever. Quer dizer, o povo não, não era todos que escreviam, eram só aqueles que tinham mais...<sup>284</sup>

Conceição rememora que, a pouca instrução não foi empecilho para desenvolver o gosto pela leitura e a prática da escrita. Lembra que orientava os que não sabiam ler “*a dar pra um filho ler, pra dar pra um vizinho ler... pedir a família pra ler pra eles*”, apropriando-se, assim, da função social da *Leitura Ouvida*, há muito, instituída na cultura dos trabalhadores<sup>285</sup>. O problema do analfabetismo, ou mesmo, da falta de hábito da leitura é atenuado com a prática da leitura em voz alta, leitura comentada, entre os interessados em aprender, em saber. Abdias Marques, dirigente da comunidade de Sítio Alegre, em Morrinhos, apresentava dificuldades de leitura e escrita e, nos anos 1980, era um dos que mais escrevia no Dia do Senhor, “*um verdadeiro escrivão*”. Foi autor de dois livrinhos: *História sobre Comunidade e Altos e Baixos Neste Terreno*.

Porque naquele tempo, era tão interessante, o Abdias, ele não sabia ler direito, nem escrever. Ele ia pra lousa e escrevia tudo errado e aí a gente consertava. Ninguém criticava nada, só a gente parece que tinha assim uma aula de português também tentando consertar né. E hoje, o Abdias é um verdadeiro escrivão. Até eu me admirava porque, quando o Movimento foi se acabando assim, aí já o Abdias escrevia muito bem, lia muito bem. Quer dizer, as pessoas, a gente motivava muito a ler em casa. A dar pra um filho ler, pra dar pra um vizinho ler, pra eles exigir, pedir a família pra ler pra eles. E nos nossos encontros também, a gente tinha paciência, porque, naquela época, não existia intelectual, existia só gente que, vamos dizer, gente simples, gente do povo, quase analfabeta. Eu acho que quem tinha mais assim era eu, que tinha a quinta série né. E era uma coisa muito

---

<sup>284</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú - CE. Arquivo da autora.

<sup>285</sup> Sobre a prática da *Leitura Ouvida* no mundo do trabalho, ver: GONÇALVES, Adelaide. Trabalhador lê? Revista de Ciências Sociais, v. 34, n. 1, 2003. pp. 59 a 72.

interessante porque as pessoas aprendiam, sei lá, era a força de vontade sabe?<sup>286</sup>

Pela vontade de saber, falar, existir, Antônio Pires, Manuel Tiago, Abdias Marques, Conceição Araújo e outros camponeses do Dia do Senhor, conhecidos como *“profetas do povo”*, encorajaram-se a escrever sobre suas vidas, anseios e sofrimentos. Juntando as palavras da lida na roça ao vocabulário da peleja contra os donos da terra, iam disseminando o *“verbo da utopia”*. Ao mesmo tempo em que permaneciam fiéis ao seu ofício, tornavam-se autores de suas histórias, apresentando sua comunidade, lugar social de sua escrita.

Nessa escritura, parecia se afirmar a missão profética e libertadora dos dirigentes e orientadoras. Na tarefa de *“conscientizar”* ou *“acordar os que dormem”*, buscavam os sentidos da libertação. Assumiam essa missão com gosto, por que não era *“mandada nem obrigada”*, era uma *“descoberta”*, *“uma necessidade dentro de nós mesmos”*.

Antônio Pires, logo nas primeiras linhas de *As Duas Painelas*, situa o motivo que o levou a refletir sobre *“a nossa dura realidade, a vida que vivemos e porque vivemos assim”*. Parte da conjuntura das eleições de 1980, porque *“foi exatamente este ano que acordei... e depois de acordar não pude ficar calado”*. Sua escrita ganha ares de desabafo, uma forma de extravasar sua leitura do mundo, em que os pobres são desvalorizados, vivendo *“a mesma realidade de injustiça e desprezo”*. Escreve para dialogar, para falar com o mundo, pois, *“não encontrei com quem desabafar e resolvi escrever”*.<sup>287</sup>

*As Duas Painelas* é analisado neste trabalho como resultado da reflexão coletiva. O autor expressa o desejo de que *“cada um que faz parte desta numerosa família de pobre”* pudesse ler o seu trabalho, refletisse e *“depois fizesse seu julgamento pessoal”*. Antônio Pires encoraja as pessoas *“a não ficar mais só escutando a mosca zuar”* e que, assim como ele, *“alguém*

---

<sup>286</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú - CE. Arquivo da autora.

<sup>287</sup> Pela consciência, Antônio Pires, experimenta uma sensação de “dilaceramento”, ao passo que apreende uma nova forma de pensar, diferenciando-se da comunidade, afastando-se do pensamento comum, prefere o ato solitário, mas prazeroso, da escrita. Compartilha o sentimento de que “o operário, o trabalhador, o povo, ao escrever, como todo escritor, porém, mais fortemente ou mais visivelmente, em razão da situação social que é a sua, se verão separados de uma comunidade a que pertencem e da qual o ato de escrever os afasta...”In: BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1988. p. 207.

*acordasse e sentisse a mesma preocupação*". Porque é sempre tempo de recomeçar, de transformar a realidade e lutar por uma sociedade unida numa só família, numa só panela. Com otimismo militante, Antônio Pires reforçava sua reflexão escrevendo, *"nunca é tarde para se acordar, eu já com tantos anos dentro dessa realidade, somente agora é que fui acordar. E acho muito cedo, e que dar tempo a muita coisa ainda"*.<sup>288</sup>

Principalmente, tempo de mudar a realidade de *As Duas Painelas*. A idéia-força da escrita de Antônio Pires é traduzida na metáfora que divide a sociedade em uma panela do rico e uma panela do pobre. Nesta panela está a classe trabalhadora, *"os agricultores, operários, pedreiros, carpinteiros, carroceiros, carreteiros, todo tipo de gente que trabalha para dar vida aos que não trabalham"*. *"Os que não trabalham"* formam a panela do rico, *"os latifundiários, industriais, altos comerciantes, deputados, senadores, coronéis, generais, enfim todo tipo de gente que tem toda a riqueza"*.<sup>289</sup>

Na linguagem metafórica do camponês, a panela do pobre é *"chupada, esmagada e comida pela panela do rico"*. Entre elas, muitas pessoas da panela do pobre que queriam alcançar a do rico e, ao ascender de posição social, passavam a explorar os pobres. Neste seu linguajar cheio de sons, imagens e vida, vai construindo sua análise de um mundo desigual.

Das três classes: rica, pobre, e camada média, essa que são os que pulam, é a mais sonhadora, porque já alcança o cheiro da panela do rico. Embora ela também se divida em degraus, porque dentro dela existe também mão-de-obra. Mas são pessoas que pularam de sua panela e não querem mais voltar. Decidiram ficar do lado da riqueza, lutando e defendendo a riqueza.<sup>290</sup>

Antônio Pires defendia que os pobres são esmagados pelos ricos por desconhecerem sua força e, inconscientes de sua potencialidade, se resignavam. Dizia que *"o passo mais importante e difícil é tomar consciência da própria inconsciência"*. Sua escrita ressalta os mecanismos de dominação e alienação. As leis trabalhistas e o sistema de seguridade social, as iniciativas governamentais em educação e saúde, são entendidos como *"anestésicos"*, que adormecem a consciência dos operários e camponeses.

---

<sup>288</sup> PIRES, Antônio. **As Duas Painelas**. Evangelho dos Lavradores, nº. 13, 1980. p. 7.

<sup>289</sup> Idem, p. 4

<sup>290</sup> Idem, p. 28.

O povo permanecia “dormente” diante da opressão, garantindo com seu trabalho, o poder e a riqueza da elite política e latifundiária do Brasil. No vocabulário do Movimento, as medidas governamentais: *“fundo de garantia, 13º salário, férias, aposentadorias, sindicatos, mobral, todas as coisas que o pobre se ilude, para viver trabalhando satisfeito com o salário que recebe”*<sup>291</sup>, são entendidas como *“chupetas e bombons”*, pois *“é somente para nestesiar os pobres para não sentir a dor do sofrimento da escravidão”*. Atenta para o sentido adquirido na vida do pobre que, *“recebe e acha que aquilo é libertação, é todos seus direitos. Não ver que é um bombom para comprar a consciência dele.”*<sup>292</sup>

No escrito, a situação dos operários é comparada a do mendigo, *“do esmoleu”*, pois, *“a esmola está comprando a sua consciência”*. No livrinho, o poder e a riqueza derivam da exploração do trabalho dos pobres, *“...porque a corrente do rico é tão forte que causou todos estes pobres que existe no mundo.”*<sup>293</sup>

Para Antônio Pires, o rico ensinou ao pobre a passividade, a acomodação e a resignação para tornar *“... mais fácil o rico dominar o pobre”*, para que os pobres não conheçam *“nem seu valor, nem sua força”*. Em sua escrita, Pires entende que *“a dominação é uma educação de herança”*, por isso, o pobre *“só sabe acreditar no que vem da panela do rico”*:

O pobre foi educado para se acomodar, diante da opressão, da escravidão da injustiça e de toda situação que vive, que os ricos criaram e estão criando. Tudo isto faz o pobre perder sua capacidade, sua inteligência, e sua força que não sabe nem se tem. Porque só acredita no que aprendeu ou só sabe acreditar no que vem da panela do rico, porque foi sua educação.<sup>294</sup>

O sistema de ensino, os meios de comunicação, a religião, as políticas públicas, de um modo geral, historicamente têm servido como reforço aos discursos legitimadores do sistema capitalista, privando as classes populares de sua capacidade criativa, transformadora e crítica. Assim, Antônio Pires acreditava que, num sistema de dominação, os pobres são convencidos de sua

---

<sup>291</sup> Idem, p. 14

<sup>292</sup> Idem, p. 14.

<sup>293</sup> Idem, p. 14

<sup>294</sup> PIRES, Antônio. As Duas Painelas. Evangelho dos Lavradores, nº. 13, 1980. p. 36

incapacidade histórica e escreve: *“deixamos de confiar na nossa inteligência, pensando que só pensamos coisas erradas”*, de modo que,

... o que eles planejaram, para nós ser sempre bestas e eles tomarem tudo. Tomarem até o direito de sermos gente. E nós viver sempre trabalhando para eles e confiando só neles. Eles ficam a vida toda governando, sendo os donos de tudo. E seu poder e riqueza só crescendo mais. Porque o sistema capitalista já foi criado assim por eles, para lhes guardar e proteger, e dentro deste processo do sistema, o pobre não pode mesmo assumir nada porque não lhe foi dado esse direito.<sup>295</sup>

Os trabalhadores estavam na mesma panela, vivendo toda sorte de privações: terra, trabalho, moradia, alimentação, estudo, saúde. Tais privações apareciam de forma diferenciada para os trabalhadores da cidade e do campo, mas, *“a realidade é a mesma”*. A realidade de exploração, de injustiça e de pobreza no campo e na cidade. Antônio Pires detalha a desigualdade que conhece de perto, ao contar a vida no campo: *“nós que trabalhamos na terra, vivemos a custa dela, mas não somos donos de nem uma terra, temos que pagar renda, aluguéis, parcerias autíssimas para poder viver da terra”*, sentenciando a injustiça do sistema quando *“no fim ficamos com o trabalho e o produto vai para seus donos”*.

No esforço de uma escrita de classe, inclui os *“operários que moram lá na cidade”*, em condições insalubres, *“nos bairros mais pobres, debaixo das fumaças das fábricas, da poluição e do mal cheiro. Nesses bairros esquecidos que só tem lama e buracos.”* Os trabalhadores, os produtores da riqueza do país, constroem as cidades, geram o desenvolvimento *“através da matéria prima, chamada mão de obra”*. E *“de tudo isto que ele faz nada pode possuir. Apenas usa o mais necessário em casa. O objeto mais caro que alguns pode ter é uma televisão e é fazendo das tripas coração. Porque seu ganho mal dar para escapar”*.<sup>296</sup>

Numa tipologia da exploração, Antônio Pires vai apresentando as formas de trabalho do pobre na cidade grande: *“É aquele homem que transporta na cabeça nossa produção para a cidade”*, *“é ele quem industrializa o nosso produto”*, *“é ele quem faz os asfaltos ligando o mundo todo”*. Na escrita, uma

---

<sup>295</sup> Idem, p. 13.

<sup>296</sup> Ibidem, p. 11

crítica aos trabalhadores que vibram com o desenvolvimento do país, “*sem saber que é tudo aquilo a causa de sua própria morte*”.<sup>297</sup>

Numa escrita direta, retirando a matéria da vida concreta, Antônio Pires fala da diferença de preços entre os produtos da safra e os produtos do mercado. Era preciso aprender a fazer as contas da exploração e da ganância do mercado: “*precisamos vender 7 litros de farinha para comprar um kilo de açúcar*”, e “*se em janeiro nós tivesse feijão, se compraria 2 kilos de açúcar com um litro de feijão*”.<sup>298</sup>

N'as *Duas Panelas*, a “*família do pobre*” é comparada ao “*alicerce de um edifício*”, que sustenta o prédio, “*e ninguém ver*”, assim, são os pobres, invisíveis, numa sociedade desigual. Essa compreensão perpassa toda a escrita de Antônio Pires, questionando as contradições do mundo - “*grande em riquezas*” - e a situação do pobre - “*tão esquecido, tão escondido*” -

Por isto é que eu comparo esta família de pobre com o alicerce de um edifício. O prédio está em pé, muito bonito, e importante, serve para muitas coisas, mas o alicerce que sustenta o prédio está enterrado e ninguém ver. Quem olha o prédio nem se lembra do alicerce. Assim é este mundão tão grande em riqueza, tantas coisas importantes que existe, mas é o pobre quem faz e sustenta tudo e é tão esquecido, tão escondido.<sup>299</sup>

Somente uma mudança no sistema, mudaria a situação dos pobres. Diz de uma luta coletiva, pois, “*precisa juntos e unidos; os explorados, lutarem por uma libertação, se desligando das raízes da exploração*”. Valorizando o poder do povo, seu saber e sua força, Para Antônio Pires, era preciso “*esquecer todos os ensinamentos do sistema, dos ricos*”.<sup>300</sup>

A libertação viria com a criação de um sistema do pobre, “*sem esperar nada de rico, nem de poder*”, rompendo com a estrutura do capitalismo, “*sem aproveitar nada do sistema*”. Para haver essa mudança, os pobres tinham que “*acordar*”, “*se unir e confiar uns nos outros*”. Seu texto escreve a esperança da transformação social, “*um dia acordando não vai ficar sustentando tudo isso, sabendo que é a maior força*”. A idéia de união dos pobres é o sinal de esperança coletiva na construção de uma sociedade mais justa:

---

<sup>297</sup> Ibidem, p. 11

<sup>298</sup> Id. Ibid, p. 16.

<sup>299</sup> PIRES, Antônio. *As Duas Panelas. Evangelho dos Lavradores*, Op. Cit. pp. 13-14.

<sup>300</sup> Idem, p. 27

Para haver essa mudança nós temos que acordar. Se unir e confiar uns nos outros, sem esperar nada de rico, nem de poder, sem aproveitar nada do sistema. Para uma mudança que viesse deixar todo mundo com os mesmos direitos e de participar de tudo o que é nosso, que o povo governasse mesmo através de seus representantes e escolhesse seu representante por conhecer e confiar nele, e tivesse direito de tirar e botar outro, quando aquele não representasse honestamente; eu confiei unicamente nas raízes da árvore, na panela do pobre, na família que sustenta a família do rico. Nos que estão com o peso do sistema nas costas, sendo obrigado sustentar. Só confiei nos pobres, porque é a maior força e está sofrendo. Além de confiar tenho esperança, porque a maior força, um dia acordando não vai ficar sustentando tudo isso, sabendo que é a maior força.<sup>301</sup>

*As Duas Painelas* pode ser compreendido como metáfora de Antônio Pires para escrever sobre a sociedade de classes. No livrinho, Antônio Pires enriquece sua narrativa a cada nova imagem apresentada. O sistema capitalista é *“uma árvore, que tem raiz, madeiro e galhos”*. A raiz são os pobres, *“que é quem sustenta tudo, raiz sustenta a árvore”* e o madeiro é o *“sistema capitalístico, que é quem mantém seguro, intocável... para sempre crescer a riqueza e o poder”*. Os galhos são a riqueza e o poder, *“os dois orgulhos do sistema”*.

Em sua leitura do mundo, reforçava a metáfora explicando que a raiz, para sustentar a árvore, fornecia-lhe dois alimentos: *“um é o nosso trabalho que sustenta o galho da riqueza. O outro é o nosso voto que sustenta o galho do poder”*. O poder nasce do capital, *“porque o sistema capitalista significa riqueza, o dinheiro acima de tudo. Daí nasce o poder”*.<sup>302</sup>

Em *As Duas Painelas* o autor recorre às imagens concretas para falar da realidade sociopolítica, daquilo que via no seu dia-a-dia de injustiça e desigualdade. Em linguagem simples, esboça seu entendimento do capitalismo como um *“veneno muito perigoso”*, inoculado na vida do povo *“através de bons bocados”*.

São muitas as passagens do livro de aberta crítica à classe média que, *“nas suas experiências de pessoas sabidas e intelectuais”*, não conseguem enxergar que são formados na ideologia dominante, *“através do estudo, que é um dos melhores bocados onde está a maior dose de veneno”*. Uma forma de indicar que, *“fazer uma mudança motivada por outra classe não adianta”*, pois, *“se estas pessoas pensam em ajudar o povo desta maneira, estão é*

---

<sup>301</sup> Id. Ibid., p. 34

<sup>302</sup> Id. Ibid., pp. 21-2.

*distribuindo veneno ao povo. Se não descobrem o veneno na sua própria formação, é evidente que estão envenenados.*”<sup>303</sup>

Para ele, as *“ajudas de fora não ajudam”*, a mudança tinha que partir da própria classe. Os trabalhadores deveriam *“acordar”* e reconhecer sua força de transformação da realidade social. Discursos e projetos exteriores à panela dos pobres não ajudariam no processo de libertação. Ao contrário, *“estas pessoas ajudam matar totalmente a conscientização que este povo venha despertar, para fazer sua própria luta”*.<sup>304</sup>

Uma forma de falar de emancipação e autonomia dos movimentos populares, como aprendizado possível em sua vivência no Movimento do Dia do Senhor. Sua escrita da autonomia entendia que, *“...é melhor que o povo erre e conserte sozinho; fazendo sua própria luta; pensando com suas próprias cabeças, do que não errar porque tem alguém da sua panela ensinando”*.<sup>305</sup>

Em tom profético, anunciava que *“não tardará mais haverá uma conscientização deste povo”*, nos sinais lidos na panela do pobre. Para ele, *“existindo um por cento sendo criado mesmo pela cabeça dos pobres, vale mais do que cem por cento enfiado na panela do pobre, de pessoas que não é desta panela”*. O ponto alto da escrita de *As Duas Painelas* é o conteúdo do sonho de união dos pobres, agindo e conquistando a libertação, constituindo nova forma de atuar no mundo:

O que interessa mesmo a nós da panela do pobre é acreditar na nossa força, nos nossos próprios pensamentos, e botar tudo isto para funcionar, para cortar pela raiz esta educação que enfiaram em nós. É confiar que somos capazes de fazer nossa própria libertação, sem precisar da panela do rico. Eu acho que apesar de não aparecer, já existe esses pensamentos na panela do pobre. Já existe idéias seguras dentro desta panela neste rumo, existindo um por cento sendo criado mesmo pela cabeça dos pobres, vale mais do que cem por cento enfiado na panela do pobre, de pessoas que não é desta panela.<sup>306</sup>

Mas eu confio muito nesta panela do pobre que não tardará mais haverá uma conscientização deste povo, que leve a despertar para esta realidade. Eu acredito muito na inteligência deste povo, e na capacidade sendo que não tenha ninguém da outra panela envenenando, abafando esta inteligência e capacidade do povo querendo resolver tudo.<sup>307</sup>

---

<sup>303</sup> Id. Ibid., pp. 55-6

<sup>304</sup> Id. Ibid., p. 54.

<sup>305</sup> Id. Ibid., pp. 57-8

<sup>306</sup> Id. Ibid., p. 53

<sup>307</sup> Id. Ibid., p. 54

O pensamento de Antônio Pires é embalado pela conjuntura eleitoral de 1980. Sua escrita põe em destaque as imagens que se repetem a cada eleição. Conhecedor do jogo político dos candidatos, interessados apenas no voto do povo diz *“é mais um ano que somos vistos, lembrados, procurados e abraçados”*. A importância do voto e a força do povo reforçam, na escrita, a convicção de que *“a panela do pobre podia criar seu sistema”*, evidenciando o sonho de mudança social. Antônio Pires acredita no poder, na inteligência e na capacidade do povo. Escreve a utopia de um governo popular, pois,

se a panela do pobre criasse sua educação, tomasse consciência de sua força e capacidade, descobrisse sua própria inteligência, este povo tinha capacidade de governar qualquer país, sendo que o sistema fosse criado pelo próprio povo, como era pra ser.<sup>308</sup>

À dominação e o controle impostos pelo capitalismo, *“que domina desde quando este país foi criado”*, Pires contrapõe o papel do pobre no despertar da consciência, *“através de sua vida, da sua realidade”*. Nesse sentido, somente com uma luta, no sentido de conscientização da panela do pobre, *“é que a mudança pode vir”*. Na escrita do livrinho, a força do sujeito coletivo, *“tudo depende de nós da panela do pobre”*.

... diante de um sistema capitalista, que domina desde quando este país foi criado, com todo este processo, com toda esta educação de herança que o pobre tem, é muito difícil uma transformação de pensamentos na cabeça destes pobres, casualmente que fizesse acreditar nas suas próprias idéias e na sua força ao chegar ao ponto de criar o seu sistema. Pode acontecer que um e outro vá despertando através de sua vida, da sua realidade. Mas precisa haver muito esforço por parte destes assim, para ir despertando outros até chegar a este ponto. Aí já não era mais casualmente. Já era uma luta. E só assim é que a mudança pode vir. Tudo depende de nós da panela do pobre.<sup>309</sup>

A confiança de Antônio Pires na força e união da classe trabalhadora constitui dimensões da escrita. O texto *As Duas Painelas* tocou o pensamento e o coração de muitos leitores. Neste ponto de sua escrita, quase no final do livro, o autor, à maneira do aprendizado em tantos encontros de Educação Popular, propõe aos leitores a partilha na leitura do mundo, propondo reflexões que seguramente, terão sido o estímulo para a escrita de tantos outros livrinhos no período. A receita parecia ser: ler para pensar e escrever tudo de novo.

---

<sup>308</sup> Id. Ibid., pp.47

<sup>309</sup> Id. Ibid., p. 48

- I- Reflita bem, sobre todo este trabalho.
- II- Reflita sobre toda situação que você ver, conhece e sabe. Sobre toda realidade que vivemos.
- III- Diga agora se adianta de tudo isto que você descobriu e viu, se há possibilidade do pobre tudo que tem direito e merece ou seja se libertar, por vontade da panela do rico um dia vai libertar este povo.

“Será que nós pobres vamos fazer que nem imbuar na areia quente?”, é a pergunta final do livrinho. Uma interpelação ao leitor, encorajando-o a lutar pelo sonho da libertação. Neste ponto, o desfecho da escrita é realizado na pergunta, como método. A pergunta exemplar dirigindo a reflexão do leitor. Uma forma de escrita que instiga, interpela, propõe e move o pensamento:

Agora diga como é que o pobre pode alcançar sua libertação? Ou é para nunca se libertar? Acho que todos os pobres sonha com a libertação. Com uma vida livre. Como é que vamos conseguir? Esperando que os poderosos nos liberte? Ou está tudo sem jeito? Será que nós pobres vamos fazer que nem imbuar na areia quente?<sup>310</sup>

A escrita d’*As Duas Painelas* se entrelaça com a escrita de outros dirigentes e orientadoras do Movimento do Dia do Senhor. Para Antônio Pires, tornou-se um divisor de águas em sua vida que, descobriu no universo das letras, uma forma de dizer por escrito, o sofrimento, as lutas e a esperança de sua gente. Ler e escrever passou a fazer parte do cotidiano de muitos camponeses no Dia do Senhor. Seus escritos estão impregnados de sentimentos e sonhos, recolhendo o tom na cultura camponesa e na oralidade.

Juntar letras, formar frases, entoar sentidos e tocar as consciências foram experiências partilhadas pela descoberta coletiva do saber e do conhecimento, da conquista da palavra e da força do povo, conforme expresso nos escritos dos demais “*profetas*” do Movimento.

### **3.4. “Para abrir os olhos e a mente das pessoas”.**

Pela força que a escrita adquiriu no Movimento, Conceição Araújo também se animou a escrever o livrinho *Educação e Família no Processo de Libertação*, impresso em 1980. Escrito aos dezessete anos, Conceição conta

---

<sup>310</sup> Id. Ibid., p 52.

que aprimorou o hábito da escrita nas práticas do Movimento. Em incontáveis reuniões e encontros escreveu relatórios, ajudou a produzir sínteses das reflexões em grupo, constituindo a experiência da escrita como modo de dizer da vida coletiva, da vida em Movimento. “*A gente escrevia demais*”, relembra um tempo em que a escrita pulsava em suas vidas.

A jovem trabalhadora Conceição, filha de Manoel Tiago, um dos dirigentes do Dia do Senhor, assim como o pai, se destacou no Movimento pelo compromisso no anúncio do Evangelho<sup>311</sup>, como palavra de libertação. Seu pai iniciou o trabalho pastoral em 1969, na paróquia de Acaraú e, ela, por volta dos quatorze anos, começou a acompanhá-lo nas visitas às comunidades. Quando se iniciou no Movimento era catequista, sendo, o Movimento, para ela “*uma experiência muito rica, porque eu não sei o que era de mim hoje se não fosse o Movimento do Dia do Senhor. Quer dizer, eu me conscientizei, me orientei, me formei, tudo dentro dele*”.<sup>312</sup>

De catequista à orientadora do Movimento, Conceição se animou a escrever sobre sua realidade. Ao escrever *Educação e Família no Processo de Libertação*, inova em relação aos temas apresentados, refletindo sobre o lugar da juventude desenraizada e suas perspectivas. A qualidade de seu escrito está em pensar sobre sua geração em relação ao núcleo familiar e, este, numa realidade feita de migração e seca, de separação dos jovens de suas famílias.

As impressões dos entrevistados, que conheceram Conceição, indicam que ela se diferenciava das demais jovens, se expressava muito bem e se sobressaía em atividades de liderança. Devido ao trabalho de orientadora, resistiu em casar-se jovem para não se desviar das atividades de pastoral popular e, mesmo casada, permaneceu no Movimento. Em entrevista, quando perguntada sobre a idéia de escrever o livrinho, com ar de riso, respondeu “*e eu é de me lembrar*”. Em seguida, num exercício de memória, volta no tempo para lembrar que aos dezessete anos:

---

<sup>311</sup> Em conversa com Antônio Pires, ele comentou que, dentro do Movimento, Conceição era muito respeitada e, quando falava, todos calavam para ouvi-la. Ressalta-se que houve um período deste Movimento em que foi criado um grupo de visitantes, responsáveis pelo acompanhamento das comunidades da Diocese de Sobral e Itapipoca. Este grupo era formado basicamente por Antônio Pires, Manuel Tiago, Abdias Marques e Conceição Araújo.

<sup>312</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Cauassú, município de Acaraú - CE. Arquivo da autora.

vendo os outros escrevendo livros e sentindo assim a necessidade da juventude, me olhando e olhando a juventude na comunidade, aí escrevi esse livro baseado na realidade da juventude né, daquela época. Falando sobre a família. O que eu achava da juventude e o que fazer para melhorar a situação da juventude daquela época.<sup>313</sup>

Os livrinhos representavam espaços de expressão das formas de ser e de viver do povo do Movimento. Implicava numa *“reivindicação existencial”*. Convictos da autenticidade e da vitalidade de sua escrita conquistavam formas de difusão da palavra popular, ao passo que *“nunca se escreve senão para viver”*.<sup>314</sup>

No pequeno livrinho de Conceição, o recurso modelar de escrita parece ser a Bíblia, pensada como um belo livro de História do passado e do presente. A escrita das histórias de vida dos camponeses e das comunidades é uma espécie de Bíblia de seu tempo. Nas lembranças de Conceição, os livros aparecem como registro para a posteridade *“surgiu a história de formar um livrinho porque ficava mais gravado o que a gente tinha feito”*, uma necessidade de preservação da história do povo, *“nossa história”*, *“porque colocar só no papel e deixar por lá podia ser que se acabasse e no livro era mais difícil”*.

Uma coisa que a gente botou na cabeça é que, vamos dizer, a Bíblia, a Bíblia conta a história do passado e do presente, a história da salvação do passado e a história do presente. Então, o objetivo da gente também era de fazer a nossa bíblia, a nossa história. E aí foi quando surgiu, acho que foi do grupo mesmo, surgiu a história de formar um livrinho porque ficava mais gravado o que a gente tinha feito né. Porque colocar só no papel e deixar por lá podia ser que se acabasse e no livro era mais difícil... O grupo da coordenação, grupo de visitantes, porque a gente se reunia sempre um grupo maior e a gente refletia muito o que estava se fazendo, avaliava e via o que podia se fazer pra melhor. É tanto que, essa história da bíblia do passado, a gente queria deixar uma história hoje que, quem sabe não seria a bíblia do passado novamente né.<sup>315</sup>

---

<sup>313</sup> Idem.

<sup>314</sup> BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1988. p. 201.

<sup>315</sup> Ibidem.

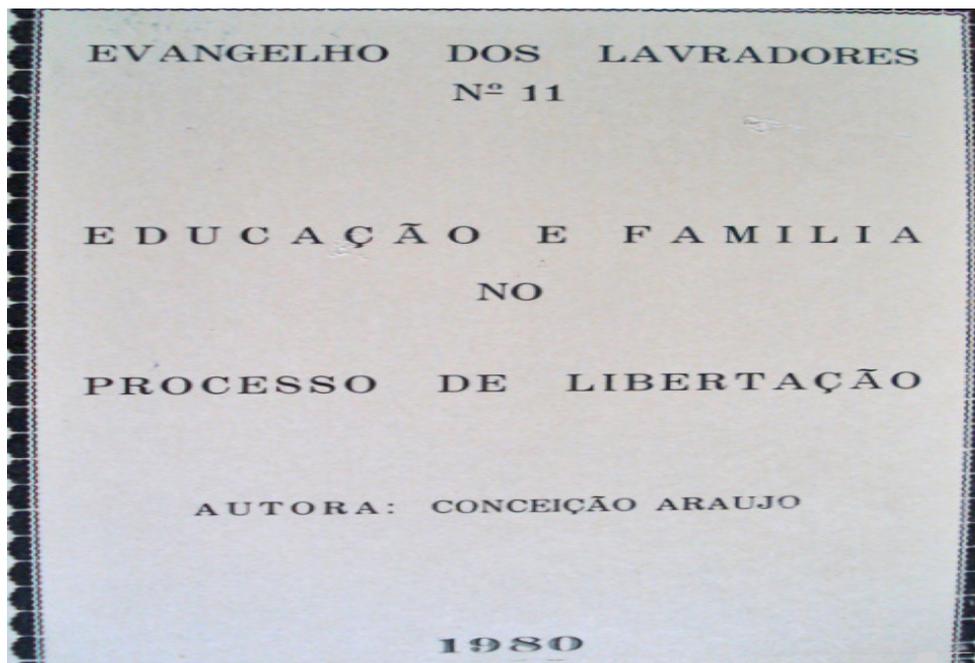


Figura 25. Evangelho dos Lavradores Nº. 11. Educação e Família no Processo de Libertação. De Conceição Araújo. 1980. (Documento cedido por Pe. Albani Linhares).

Seu livrinho compõe uma espécie de escrita *“para abrir os olhos e a mente das pessoas”*, abordando os problemas da juventude decorrentes da migração e da relação com os pais. No gênero dos escritos *“sobre a situação do pobre sofredor”*, Conceição inicia seu livrinho chamando atenção dos *“caros amigos”* para a diversidade de escritos no Movimento, *“que está caminhando firme”*, com a circulação de idéias *“refletidas em grupo, reuniões, celebrações”*, nos livrinhos, cartas, mensagens, relatórios, onde *“as pessoas que fazem o Movimento estão expondo seus pensamentos”*.

Diante de *“muitas reflexões sérias”* lançadas nos folhetos *Evangelho e Vida* e *Evangelho dos Lavradores*, *“tudo com o mesmo objetivo”*, Conceição diz: *“eu também me dispus a transmitir meu pensamento, minha reflexão a todos vocês sobre Educação e Família no Processo de Libertação”*<sup>316</sup>, escrevendo sobre o que viu e viveu.

Em sua escrita, Conceição incorpora elementos de sua ação como orientadora do Movimento, estabelecendo um diálogo afetivo com o leitor, propondo questões, a si mesma e ao coletivo. Esclarecendo a *“base”* de sua idéia, argumenta que *“muitos líderes do Movimento”* refletem sobre os caminhos de libertação *“de nossas injustiças e sofrimentos”*, no coletivo de

<sup>316</sup> ARAUJO, Conceição. **Educação e Família no Processo de Libertação**. Evangelho dos Lavradores nº. 11, 1980. p. 2. (Documento cedido por Pe. Albani Linhares).

*“grupinhos de pessoas”* que sentem e vivem a mesma opressão. Situando a idéia-força de sua escrita, logo na segunda página do livrinho, lança sua questão: *“Será que nós não estamos esquecendo dos nossos filhos, das nossas ou nossos esposos dentro deste objetivo?”*

Em seu sentido de Missão, o que impulsiona a escrita de Conceição é a orientação às famílias sobre as armadilhas da migração e ilusão da riqueza, problemas recorrentes da falta de trabalho no campo. Envoltas em suas interrogações, vai instigando a reflexão de seus leitores sobre os caminhos que os pais ensinam aos filhos, procurando conforto e melhorias de vida, *“para não sofrer o que estamos sofrendo”, “Para não passar necessidade que estamos por causa dos opressores que vivem a sugar nosso suor”*. Com os jovens migrando para a cidade, Conceição se preocupa com o futuro no campo: *“Quem vai plantar milho, feijão, arros, farinha futuramente para alimentação nossa?”*

Meus amigos as vezes eu fico me interrogando a mim mesmo. Ora se o nosso papel é concientizar nossos irmãos de suas situações de injustiça de escravidão, e procurar juntos o caminho da Libertação, será que nós em nossa casa com nosso grupo familiar estamos fazendo este papel? Está para chegar alcançar este objetivo? Ou estamos querendo que nossos filhos sigam outro caminho, outra vereda, para não sofrer o que estamos sofrendo? Para não passar necessidade que estamos por causa dos opressores que vivem a sugar nosso suor? Se estamos fazendo isso, quem vai plantar milho, feijão, arros, farinha futuramente para alimentação nossa? Será que agindo assim estamos agindo certo? <sup>317</sup>

Conceição escreve para alimentar o pensamento. Propõe questões, expõe suas dúvidas. Em sua escrita, reconhece que os trabalhadores *“sustenta a nação inteira e faz com que o rico fique mais rico”*. Instigava os pais e as mães a pensarem sobre o futuro de seus filhos, *“Qual será o certo? É procurar tirar os filhos da lavoura, da renda, do chapéu ou rede, ou mostrar para eles o valor do nosso trabalho...”*. O raciocínio de Conceição alcança à lógica do sistema capitalista e a vida concreta do trabalhador: *“E será que os produtos fabricados é barato como o feijão e farinha? O que o operário produz ele pode usar? Ou ele vai usar do pior? Porque o salário dele não dar para viver bem”*.<sup>318</sup>

---

<sup>317</sup> ARAUJO, Conceição. Educação e Família no Processo de Libertação. Evangelho dos Lavradores nº. 11, 1980. Op. Cit. pp. 2-3.

<sup>318</sup> Idem, p. 3.

Em sua reflexão, o problema central da desagregação dos núcleos familiares, no campo, residia no fato de que os pais *“conciente ou inconciente”* com o intuito de *“desviar o filho da lavoura”*, ajudavam a reproduzir a dinâmica do sistema capitalista. A escrita põe em destaque a exploração do trabalhador, no campo e na cidade, pois embora, os jovens abandonem o campo, fugindo da exploração na lavoura, na cidade o que *“acontece é que este filho vai trabalhar em fábrica, bares, restaurantes etc. Vai sofrer o mesmo sofrimento do lavrador ou pior, trabalha para dar lucros aos donos enquanto ele fica com um miserável salário”*.

Quando digo, colaboram com esta situação é me referindo aos pais que conciente ou inconciente mas vendo o seu sofrimento como pobre, mas com instinto de rico, na medida que pode subir o degrau uma coisinha, sobe para dominar os outros que ficaram lá embaixo. Então estes não vão querer que o filho sofra e procura desviar o filho da lavoura, e encaminhar para o sul para melhorar de situação dele e a sua. E o que acontece é que este filho vai trabalhar em fábrica, bares, restaurantes etc. Vai sofrer o mesmo sofrimento do lavrador ou pior, trabalha para dar lucros aos donos enquanto ele fica com um miserável salário.<sup>319</sup>

O tema da migração é o mote da escrita de Conceição. Fala das privações na grande cidade, Rio de Janeiro ou São Paulo, e alcança o problema da identidade camponesa, pois, os que se *“aventuravam”* na cidade, retornando ao lugar de origem, permaneceriam arraigados à sua cultura? O enredo do livrinho é recolhido nas comunidades, onde muitos rapazes e moças partiam para a cidade grande em busca de vida melhor. Duvida dos *“que contam vantagem”* na vida lá fora e suscita, na leitura, espécie de aconselhamento aos pais.

Exemplo em nossa comunidade mais de 20 jovens, motivados pelos pais já fizeram êxodo para Rio e S. Paulo. E como vivem lá não sei, quando vem a passeio contam vantagem. Uma certeza tenho, que deixaram de serem lavradores, e os pais continuam motivando os mais novos, acompanharem os outros e assim quem será os futuros lavradores?(...) Aonde vamos chegar? se o Movimento não tomar isso como uma linha de preocupação e conscientização para o processo de Libertação?<sup>320</sup>

Atenta à identidade dos jovens camponeses, Conceição vê na escola, outro lugar onde os jovens *“perde totalmente o contato com a lavoura”*, se afastam de seu mundo. O contato com a escola e com o saber institucional

---

<sup>319</sup> Idem, p.4.

<sup>320</sup> Ibidem, p. 5

poderia retirá-los do trabalho na terra. A jovem autora criticava a atitude dos pais, que estimulavam os filhos a escolherem um caminho que os desviasse de sua classe.

Os que não emigram a outros Estados os (pais) leva aos colégios, aonde perde totalmente o contato com a lavoura. Se alcança a formatura é mais um opressor de nossa classe, e se fica em ginásio parte para as cidades grandes em busca de empregos. O certo que saiu do campo, mais de um lavrador deixou sua classe (repito).<sup>321</sup>

Seu livrinho repete várias das fórmulas de escrita de seus contemporâneos: o mesmo tipo de crítica ao sistema, à educação formal, ao pensamento dominante. No entanto, a originalidade de sua escrita chama a atenção para sujeitos sociais pouco visíveis, mesmo na formação de movimentos populares: a juventude e as mulheres<sup>322</sup>.

Escrevendo sobre o que via e sentia “*neste sexo*”, dizia que as “*mocinhas do campo*” traçavam seu destino desde muito cedo, “*raramente alcança a idade de 18 e 20 anos*”. Vislumbrando o perfil das jovens, escreve sobre aquelas que permaneciam nas comunidades: casavam-se e viviam “*cheias de filhos, privadas da liberdade, e até infelizmente casadas*”. Por outro lado, daquelas que partiam em busca de empregos no Sul, dizia que se empregavam em casas de família, como cozinheiras, copeiras, babás, “*meu Deus passando pelas as maiores privações de escravidão e injustiça...*”.<sup>323</sup>

A vessa a vida na cidade, Conceição expressa sua preocupação com as escolhas das jovens do interior, “*soltas*” na cidade, deslumbradas com luxos que não podem ter. Reproduz, na escrita, as conversas que ouvia da boca dos que conheciam, de perto, a vida fora do campo: “*a maioria se entrega a prostituição para poder sobre-viver e adquirir luxos que não está a altura de*

---

<sup>321</sup> Ibidem, p. 5

<sup>322</sup> A mulher, como sujeito histórico, assumiu importante função dentro do Movimento, da comunidade e da família. Com o fazer-se do Dia do Senhor, a participação feminina foi ganhando espaço, o que redimensionou as linhas de discussão e de atuação desse Movimento. Nesse sentido, saliento o trabalho pastoral de Irmã Maria Alice McCABE com camponesas da Diocese de Itapipoca. Esta experiência impulsionou uma forte atuação dessas mulheres na luta por seus direitos e na conquista de sua autonomia, se organizando em cooperativas, descobrindo sua independência financeira e sexualidade. In: McCABE. Maria Alice. **História na Mão**. Algumas camponesas contam como se conscientizaram. (Uma História Oral). 1994. S/e.

<sup>323</sup> ARAUJO, Conceição. **Educação e Família no Processo de Libertação**. Evangelho dos Lavradores nº. 11, 1980. Op. Cit. p. 6

*seu ganho honesto ou desonesto que lhe pagam*".<sup>324</sup> Sua reflexão põe em xeque o apelo do consumo, como forma de "vencer na vida".

Como todos os livrinhos, Conceição estimula a reflexão de seus leitores sobre a situação da juventude com perguntas que fomentam debate nas reuniões e celebrações do *Evangelho e Vida*: "Qual a causa de tudo isto? Aonde está o erro?"<sup>325</sup>

Uma escrita coerente e original, ao final do livrinho reforça a base de sua argumentação, reafirmando a importância da família como lugar para pensar os problemas "financeira, social, amorosa", valorizando o diálogo e, invocando a compreensão, o entendimento e o respeito no grupo familiar. Criticava a dimensão autoritária da educação paterna, os pais como "donos dos filhos".

Para mim eu acho que o erro está na família, em que não existe Consciência, diálogo, compreensão, entendimento, aonde cada um só se coloca diante de sua idade, não respeitando a idade do outro, aonde os pais se colocam como donos dos filhos, aonde estes não se reúnem-se para discutir e debater os problemas da família, financeira, social, amorosa etc.<sup>326</sup>

Nos moldes da coleção *Evangelho dos Lavradores*, Conceição na última página, apresenta uma derradeira questão às comunidades: "E vocês como respondem as perguntas anteriores? Que conclusão tiram? Será que isto está em nossa linha de libertação?".<sup>327</sup>

No conjunto de escrituras do Dia do Senhor, o livrinho *História sobre Comunidade (reflexões de um lavrador)*, de Abdias Marques, camponês da comunidade Sítio Alegre, Morrinhos, trata da exploração dos trabalhadores rurais porque, "o povo não está consciente do valor que tem o seu trabalho de defender o seu direito", sendo o injusto sistema de produção, mais uma vez denunciado.

Espécie de ladainha, comum aos profetas do Movimento, Abdias escreve o lugar de sua fala - "É por isso que eu digo: ta todo mundo trabalhando, mas só melhora para uns e outros não. O pobre continua na exploração pelo rico. Sem liberdade, sem autonomia de dar preço no que é

---

<sup>324</sup> Idem, p. 6

<sup>325</sup> Idem, p. 6

<sup>326</sup> Idem, p.6.

<sup>327</sup> Idem, p. 7

seu”<sup>328</sup> – reforçando, assim, o discurso de união e a força do coletivo como motor de transformação social, cultivado na esperança de muitos.

Letras datilografadas dão forma e sentido às idéias de Abdias. O livrinho é organizado em cinco páginas e dividido em duas pequenas partes: *Quem é o autor e História sobre comunidade – trabalho sem um objetivo definido*, em que fala da esperança dos pobres, do trabalho coletivo, das injustiças do mundo e do papel do Movimento na vida do povo. A marca de sua escrita está na força da esperança e da fé, na crítica à contradição observada no plano de Deus e no plano dos homens.

Logo na primeira página, Abdias se apresenta, agradecendo a Deus o dom de escrever. Expressa sua satisfação com o compromisso assumido “*diante de Deus e do povo de se empenhar em trabalhar por um mundo melhor*”. Considerando-se uma pessoa “*pequenina*”, por não ter “*ciência nem sabedoria e nem até mesmo cultura e por isso mesmo é que sou pequenino*”, Abdias orgulha-se de seu compromisso social e valoriza seu aprendizado das experiências da luta coletiva, pois, “*a gente aprende é com nós mesmos*”.<sup>329</sup>

Para Abdias, o Movimento do Dia do Senhor agregava pessoas em torno de um ideal comum. Em sua escrita, as palavras vão formando o vocabulário de luta social do período: comunidade, grupo, povo, opressão e liberdade. Uma escrita esperançosa que, afirma “*muitas pessoas ... mais conscientes*”, refletindo e agindo sobre os problemas coletivos, sobre a vida em comunidade.

Já se encontra muitas pessoas no nosso meio mais conscientes com mais responsabilidade, pessoas que se preocupam com os problemas dos outros; pessoas que refletem sobre a vida da comunidade, do grupo, de um povo que sofre necessidade e problema na vida sobre liberdade e opressão.<sup>330</sup>

Sua escrita é simples como ele se vê. Partindo de sua experiência, põe como questão “*quem era eu antes do Movimento?*”. Com esta simplicidade delineia um marco social em sua história de vida. Um antes e um depois, mediado pela construção de um sujeito coletivo. Para ele, o sentido da mudança estava no fato de que “*aprendi a pensar, a falar e a escrever, embora*

---

<sup>328</sup> MARQUES, Abdias. **História sobre Comunidade** (reflexões de um lavrador). S/d. p. 1.

<sup>329</sup> Idem p. 1

<sup>330</sup> Idem. p. 4

*pouco, mas de tudo aprendi um pouquinho*". É de destaque o relevo dado à conquista da escrita e da fala, como evidência do "*quanto já mudei*".<sup>331</sup>

Abdias, em seu livrinho, duvida da máxima tão repetida e pouco praticada, "*todo poder vem do povo*", para dizer que "*o povo não sabe disto*" e, por não saber (falta de consciência), "*sempre vão na onda de quem tem dinheiro e quem tem poder e direito para mandar os outros*". Para ele, é preciso adquirir consciência da força popular para enfrentar "*quem cresce*", pois "*cresce a custa dos outros quer seja no poder, quer seja no lucro de capital*".<sup>332</sup>

Nas reflexões desse lavrador, afirma-se a crença na união dos trabalhadores, ponte para a transformação social, pois, "*a gente não muda sozinho*". A libertação é conquista coletiva, "*depende de todos*", com "*muita fé e coragem*" na luta por um mundo melhor.

Os sonhos ainda estão longe de se realizarem, pois a mudança não pode ser rápida. Depende de todos e precisa de todos, precisa de muita esperança e de muita fé e coragem de todos para enfrentarem as dificuldades que sempre são encontradas.<sup>333</sup>

O mundo, para Abdias é um buraco, "*escuro e inseguro*", resta às pessoas se empenharem no trabalho, "*que é uma tarefa de todos*" e cultivarem, dentro de si, a esperança, "*que vive no coração de cada um*". Privados das condições reais de sobrevivência, a mercê das injustiças de um mundo desumanizado, Abdias expressa o sentido de viver dos pobres, concluindo no dizer que emana da sabedoria popular: "*a gente vive na esperança. A vida passa e a esperança fica para a continuação da História*".

A escrita de Abdias é esforço prático na superação de sua dificuldade de leitura e escrita. Ao iniciar no Movimento, não sabia ler e escrever. *História sobre Comunidade e Altos e Baixos neste Terreno*, são alguns dos seus escritos, que ao conquistar a palavra, tomou gosto pelas letras e se destacou no Movimento escrevendo as folhinhas *Evangelho e Vida*, livrinhos e cartas.

---

<sup>331</sup> Idem, p. 2

<sup>332</sup> Idem, p. 3.

<sup>333</sup> Ibidem, p. 4

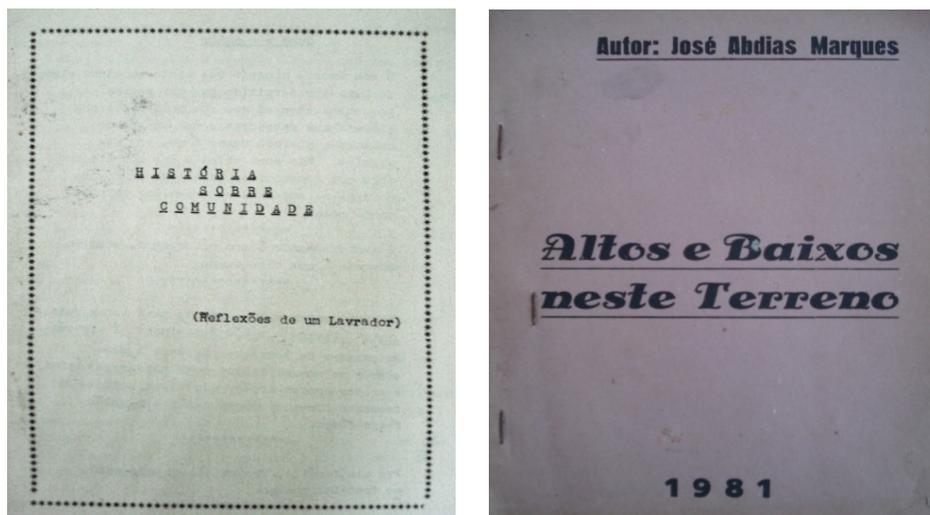


Figura 26 e 27: História sobre Comunidade. Reflexões de um lavrador e Altos e Baixos neste Terreno, de Abdias Marques. 1981. (Documento cedido por Conceição Araújo)

Como escrita coletiva, o livrinho *Como a Comunidade Ver a Luta por Conciencia Atravez da Esperiencia* reúne os relatos de experiências da comunidade de Queimadas, situada no distrito de Ubaúna, município de Coreaú, Ceará. Nesse livrinho, observa-se uma narrativa da organização do povo de Queimadas em defesa da terra, que nos anos 1980, transformou-se em alvo de disputa entre os camponeses que, moravam e trabalhavam na comunidade e o fazendeiro Luís Mariano de Aguiar, grileiro, que se dizia dono do terreno.

A história de Queimadas é referência de luta e de conquista popular no Movimento do Dia do Senhor. Francisca Lopes de Castro, Benedito Tonho, Judite Rodrigues da Silva e Argentino Rodrigues da Silva, autores do livrinho, enfatizam o trabalho comunitário e a prática de discussão dos problemas, falando sobre si, sujeitos dessa conquista que, enfrentou a sanha policial, cujo trágico desfecho é o assassinato de um camponês, Benedito Tonho, mais uma vítima da história secular de violência e impunidade, onde quem manda é a cerca. O livrinho *Como a Comunidade Ver a Luta por Conciencia Atravez da Esperiencia* pode ser entendido como o esforço coletivo de registro da experiência de luta.

Dezoito relatos compõem suas nove páginas. A forma como estão organizados, sugere que a escrita tenha sido orientada pela equipe do Movimento, estimulando-os a registrar suas experiências comunitárias. A palavra experiência ganha sentido concreto na vivência coletiva. Traduzindo o

amplo significado do termo para os movimentos populares do período, aparece como idéia-força de todos os relatos: “reuniões”, “celebrações Evangelho e Vida”, “roçado comunitário”, “caixa comunitária”, “salão comunitário”, “leilão comunitário”, “terra devoluta”, “madeira construção”, “estatuto da terra”, “como beber água do rio”, “aula sindical”, “construção de casa”.

Ponto comum ressaltado é a *“experiência de conseguir na caminhada”*, onde contam sua participação no Movimento e o significado para suas vidas. É uma escrita estimulada pela metodologia do Movimento do Dia do Senhor e tem seu mérito e singularidade na história da escrita do mundo pelos pobres. São pequenas histórias de vida militante.

No início do livrinho, Francisca Lopes conta a primeira experiência de Queimadas, *“foi o dirigente fazer uma reunião dentro de uma celebração com o relatório do Encontro”*. O relato, modelar do vocabulário camponês, traz a metáfora dos *chaleiras*, *“aquele que não apóia a reunião, preferia mais antes a celebração, porque não bulia muito com o problema dele com o patrão”*. A exploração do trabalho, a opressão dos patrões, a acomodação dos trabalhadores dão a tônica da reunião. A importância dessa experiência está na descoberta de *“todas as injusticia e escravidão” que o povo sofria “pelos patrão das terras e patrão dos comerciantes”*.

Seu relato recupera o processo de organização da comunidade, *“começaram a lutar forte contra as injusticia dos patrão”*. Em destaque a coragem dos trabalhadores e a esperança na libertação, *“dando seus bons izemplo aos outros”*. Francisca diz do *“despertar”* do povo, da ação coletiva contra a opressão, da luta de Queimadas *“para vencer os tubarão”*:

... E continuaram com novas experiências para vencer os tubarão. Quando vivia acomodado todo mundo era bons. Quando se começou se a se mecher contra as injusticia ninguém prestou mais. Prestando ou não estamos continuando por libertação.<sup>334</sup>

Cada relato constitui uma rica experiência de luta por direitos, justiça e libertação. Escritos por mãos calejadas, contam a estratégia de ação da comunidade, ao assumir a responsabilidade pastoral do Movimento do Dia do Senhor. Francisca Lopes lembra o grupinho de seis pessoas se reunindo *“para*

---

<sup>334</sup> Comunidade de Queimadas. **Como a Comunidade Ver a Luta por Conciencia Atravez da Esperiencia**. 1981.p. 1

*debater os problemas das injustiças, que todos sofria*". No trabalho de formação, criam um grupinho aberto *"para se conscientizar os que estão dentro e depois chamar os que estavam fora em caminhada lenta"*. A força do relato está na *conscientização* do povo, que *"só se ganha de pouco a pouco"*.

A estratégia do grupinho era a conquista de outros camponeses para as reuniões pegando a *"pista do movimento"*, formando um só povo para a caminhada de libertação, lutando coletivamente contra o poder, por que:

Se viu também que a maça tem também as suas experiências embora seja mal organizada porque já vinha mal orientado. Já vem de geração mais não que isso seja erança para sempre. Em o grupinho ter descoberto as experiências também da maça se começou a procurar a marcha das coisas que ela gosta porque a maça tem opinião diferente do movimento, ou é o grupinho que não está entendendo a maça, e se continuar a lutar para ver se junta numa só experiência e se formar um só povo, assim como Moisés para quebrar a estrutura do alto poder. Porque a maça sente necessidade mais não sente escravidão.<sup>335</sup>

Nas celebrações do *Evangelho e Vida*, o povo comparava *"como nós vivia e como viver daqui pra frente"*, discutindo os problemas da comunidade, *"até mesmo do povo que vive isolado do movimento"*, e se conscientizando de que *"todos tem um só valor"*. Em seu relato, Francisca considera que, a reflexão crítica e a leitura da realidade ajudavam as pessoas a reconhecer a escravidão na qual viviam, porque *"o movimento sem crítica não caminha porque se não, ninguém vai entender o que é libertação nem escravidão"*.

Nas reuniões foram descobrindo o sentido do termo libertação, diferenciando-o, criticamente, do senso comum de que libertação *"é fazer o que quer"*, e compreendendo que *"libertação é um bocado difícil porque a gente tem que entrar na caminhada primeiro para depois alguém encontrar um caminho já comido porque só se caminha quando tem princípio de caminho"*. Para ela, as reuniões ajudavam as pessoas a tirar a máscara e a encontrar o verdadeiro caminho porque,

... o in mascarado também só enche caminho quando apanha muito. Aí é que ele sente que está in mascarado. Aí ele trata de tirar a máscara. Através da reunião só pega caminho através das críticas porque as críticas é um dos verdadeiros caminhos que se quebra as

---

<sup>335</sup> Idem, p.1.

peia que está piado e derruba a canga que está no pescoço de cada um. Que se viu se muito positivo esta experiência de reunião.<sup>336</sup>

Francisca Lopes segue sua escrita, contando o primeiro contato com o Movimento, *“Eu segui na comunidade não foi ninguém que mandou eu seguir. Foi mesmo a minha vontade que eu tinha”*. No relato, percebe-se sua adesão militante, assumindo tarefas de celebração e formação de grupos jovens. A falta de engajamento do grupo é ressaltada como um problema em seu trabalho de orientadora. Conta que o *“presidente”* do grupinho se reunia com os jovens *“num sentido só de brincadeiras frias”*, de modo que não via *“plano de libertação”*.

Na peleja de avivar a organização da juventude, fala de seu empenho nas muitas reuniões, orientando, conclamando os jovens a participarem da caminhada de libertação. *“Eu pejei muito mais eles não quiseram”*, diz Francisca lamentando o insucesso da experiência de grupinhos que, depois de tanto esforço, *“morreu tudo”*. O mote de sua ação está no sonho de libertação, que lhe encorajava a lutar no Movimento. Continuou a caminhada com os mais velhos, se sentindo *“mais orientada”*, participando de reuniões, lutando em coletivo, dando vida ao Movimento: *“Depois que eu segui não houve nem uma trapalhação para eu dizistir”*.

Em destaque, no relato, a subjetividade de Francisca, ao expressar o sentimento que trazia referente à experiência com o grupo de jovens. Nas entrelinhas de seu coração, pode ser lido um misto de tristeza e incompreensão:

... Sempre eu fiquei a me perguntar a mim mesmo porque ninguém quis seguir o movimento que foi espicado que era caminhada de libertação. Que isso me serviu de experiência para mim entender melhor o movimento. Continuei mais encorajadamente. Fiquei lutando com o povo mais velho dentro do movimento participando de todas as reuniões e celebrações e ajudando sempre. Estou mais orientada. Depois que eu segui não houve nem uma trapalhação para eu dizistir.<sup>337</sup>

Outros relatos vão compondo a *“luta por consciência”*, da comunidade de Queimadas. Benedito Tonho ressalta: *“reunião de calzais”*, *“caixa comunitária”*, *“roçado comunitário”*, *“salão e leilão comunitários”*, como experiências que

<sup>336</sup> Ibidem, p.2

<sup>337</sup> Comunidade de Queimadas. **Como a Comunidade Ver a Luta por Consciência Atravez da Esperiência**. 1981.p. 2.

ajudaram a comunidade a construir espaços de solidariedade e de ajuda coletiva. Narrando a iniciativa da “caixa comunitária” para a construção da escolinha, Benedito Tonho, diz que *“não ajudou porque uns não podia contribuir com a importância”, “Uns dizia que já pagava o sindicato e para viver em comunidade precisava pagar”, “Outro se queixava que precisava dar de comer a família, que era melhor acabar com essa caixa que estava escravizando...”*, e assim, diz da dinâmica do trabalho comunitário, evidenciando diálogos e conflitos na formação de coletivos.

No *“leilão comunitário”*, conseguiram com esforço, levar adiante seu propósito coletivo, porém, afirma que, *“Nós fomos muito criticados pela masa emconsiente que diziam que nós fazia este leilão era negócio para melhor nós viver a custa dos outros.”*

O *“roçado comunitário”* e a construção do *“salão comunitário”* são experiências que incentivavam a reflexão e ação comunitárias, fortalecendo o povo na luta contra os *“trombas grandes”*, os grileiros que se diziam donos das terras de Queimadas. Com o roçado comunitário descobriram a força das ações coletivas, *“libertação não vem do céu”, “ela vem de nós mesmos aqui na terra”*.

Benedito Tonho diz que, o salão comunitário foi espaço onde se organizavam melhor e descobriam como trabalhar em mutirão, *“acabamos de descobrir que nós já vinha com muitos anos de nossas vidas perdidos só em reza e ilusão do povo que vivia no maldito sistema”*.

Foi fazer um salão comunitário para a gente se organizar melhor como descobrir como trabalhar em mutirão. Se viu-se dizinvulvimento no pequeno povinho com essa experiência. Se distribuiu ganho para o povinho que já vinha trabalhando em ação comunitária. Sim que não deu para socorrer a necessidade toda porque o dinheiro que se tinha era pouco. Aí acabamos de descobrir que nós já vinha com muitos anos de nossas vidas perdidos só em reza e ilusão do povo que vivia no maldito sistema. Assim mesmo com toda luta muitos ainda trabalha para destruir o poquinho da nossa bendita conciencia. Mais ninguém esmorece com as barreiras que existe contra nossa comunidade. Com tudo isso nós continua lutando contra os TROMBAS grandes que vive fazendo plano para destruir a nossa comunidade. E nós sempre firme contra eles que não querem lutar por conciencia que só busca a ponta que está lá no alto invez de pegar a sua que é a debaixo. Prefere pisar na debaixo para pegar na outra de cima. Aí nós ver mal mentalidade na maioria do povo que já

parece que está com a esperança de libertação quase perdida. Por isso que há muita dificuldade para o dizinvolvimento do povo.<sup>338</sup>

Rememora sua entrada no Movimento, *“não foi por ilusão de ninguém”*, foi decisão própria, observando das reuniões e celebrações. Aos poucos foi se engajando, *“entendendo de pouco a pouco, até entender mais alguma coisa”*. Com a migração, Benedito Tonho experimenta a vida sofrida do camponês na cidade grande. Essa vivência é o ponto alto de seu entendimento sobre o Movimento do Dia do Senhor, quando decide que *“a única coisa que devia fazer era deixar tudo aquilo pelo movimento porque só no movimento agente pode descobrir como pode viver melhor”*.

Retorna à comunidade, movido pela esperança da força coletiva, *“porque sozinho não podia encontrar vitória”*. Engajando-se na luta por libertação, compartilhada com os companheiros do Dia do Senhor.

Na escrita, percebe-se em processo a formação crítica e o espírito combativo de homens e mulheres da comunidade de Queimadas, diante da exploração dos donos de terras da região, e a dimensão do Movimento do Dia do Senhor em suas vidas. São relatos da articulação popular, evidenciando sua existência, denunciando as injustiças e dizendo da luta cotidiana contra o poder.

Judite Rodrigues da Silva faz menção ao conflito envolvendo sua comunidade e o fazendeiro Luís Mariano de Aguiar. Escrito em 1981, aponta as primeiras atitudes dos moradores de Queimadas no processo de conquista de terras devolutas, mobilizando-se com abaixo-assinados e produzindo um mapa da região, requerendo a intervenção do sindicato em defesa dos trabalhadores. Entendido como *“pelego”*, Judite escreve que *“se viu-se que o sindicato não tem nem tinha plano de libertação”, “só agrada os grandes”*. Do relato, percebem-se as tensões do período, com os fazendeiros agindo de má fé e ameaçando os trabalhadores:

Foi entrar sobre a terra devoluta para ver como se o sindicato dizia que lutava por libertação. Fizemos baixos assinados e um mapa da terra e entregamos ao sindicato para ver se era o que eles dizia essa experiência. Foi mesmo que bulir com a casa de maribondo. Aí apareceu muitos grileiros apresentando falsos documentos impedindo nós de trabalhar com muitas ameaças. E o sindicato atisando fogo

---

<sup>338</sup> Ibidem. p. 4.

em nós e sequer nem resuvia problema. E nós não estava doido também para acreditar nas palavras de políticos agrícolar. Se viu-se que o sindicato não tem nem tinha plano de libertação. É muito mais imbuído no maldito sistema. Segundo que nós encheramos que ele é pelego e é atrelado e só faz as coisas que agrada os grandes. Poucas coisas nós aproveitamos do sindicato, a maioria é negativo.<sup>339</sup>

Em face das constantes disputas judiciais, era preciso entender as leis da terra, embora, o sentimento geral, fosse da prevalência da impunidade. No livrinho, Judite relata o aprendizado de Queimadas, o entendimento do Estatuto da Terra e a função do sindicato, como agente coletivo de representação e combate às injustiças e aos desmandos dos donos da terra e do poder.

Ao estudarem o Estatuto da Terra, se deparavam com a contradição entre a lei e a realidade de exploração dos patrões. Judite conta que no Estatuto, conheceram outra forma de pagamento das rendas, *“porque antes só conhecia a lei di renda di quatro-uma”*, então com a lei a seu favor, a comunidade se organiza contra a exploração de dois patrões, *“da dor de bombom”*, e com a presença de um advogado do sindicato, move uma ação judicial contra os patrões.

A morosidade da justiça e a falta de resultados concretos em favor dos trabalhadores decepcionam a comunidade que nada via resolvido, *“só foi gasto o nosso dinheiro e o nosso tempo, virou tudo propaganda”*. Com espírito militante, a comunidade prefere *“mais antes viver pela causa do que pela lei”*.<sup>340</sup>

A *“experiência como beber água no rio”* é exemplar do modo de viver *“pela causa”*. Judite detalha o conflito entre a comunidade e um fazendeiro que cercou o rio, localizado dentro de sua propriedade, impedindo a retirada de água e o plantio da comunidade. Contra a ação desumana, a comunidade se reúne em defesa da sobrevivência, do direito de beber, de plantar, de colher. A organização da comunidade pedia urgência *“porque tinha muito plantio de pobre dentro dessa propriedade”*. A questão foi mediada pelo sindicato que, reunindo comunidade e proprietário, afirmam um acordo: *“o proprietário dar uma cancela e o sindicato dar o cadeado e uma chave para cada pessoa da comunidade. Assim foi rizovido”*.

---

<sup>339</sup> Como a Comunidade Ver a Luta por Conciencia Atravez da Esperiencia. Comunidade de Queimadas. 1981. p. 6.

<sup>340</sup> Idem, p. 6

Tentando desarticular a ação da comunidade e do sindicato, o proprietário *“ajunta vinte famílias-puxasacos contra dez famílias da comunidade e um político... jurando fazer um abaixo assinado contra a comunidade”*, o que não se efetivou. A justiça foi feita, o povo se comprometeu a zelar pela água e o proprietário, a contragosto, teve que respeitar o acordo. A luta e a conquista do direito de usar a água do rio evidenciam a força do coletivo de Queimadas, pois, *“todos que era ao lado do proprietário ficaram todos sabendo que nós tinha força de risover os problemas”*

Com o poder questionado e, desmoralizado, diante do povo, o filho do proprietário, *“com bastante ódio ao sair da diretoria do sindicato”*, se insurge contra o dirigente do Movimento, causando pronta-reação da comunidade, fazendo-o recuar, *“só ficou soltando os palavrões disconforme”*. Depois do acontecido, a comunidade decide processar o agressor. Mais uma decepção com a lei dos homens, pois Judite afirma: *“até o dia de hoje nada foi rizovido deste inquérito”*.<sup>341</sup>

É de se notar a opressão em que vivia a comunidade de Queimadas e a coragem desse povo, enfrentando a força do latifúndio, constituindo-se sujeitos da luta coletiva. Desafiando os patrões, reivindicando direitos, articulando-se com o sindicato, exigindo justiça, esse povo criava uma lei de vida e um vocabulário de luta.

Numa escrita marcada pela opressão, o livrinho traz relatos que libertam, contando a coragem, a esperança, a vida de um povo sofredor e lutador. As histórias, que tocam no coração do leitor, também denunciam o mundo dos pobres, injusto e desigual, lugar de onde fala a comunidade de Queimadas.

Exemplo de união e solidariedade entre os pobres é narrado na *“experiência construção de casa”*. O patrão havia proibido o trabalhador de construir sua casa, ameaçando derrubá-la se continuasse a construção. *“Um pequeno grupo de povo da comunidade meteu coragem no companheiro e se reuniram e construíram a casa”*. A afronta dos trabalhadores, pondo em xeque os desmandos do patrão, desmantela o poder do opressor, subverte a ordem.

Depois de construída, o patrão, ultrajado, valendo-se de seus moradores, manda derrubar a casa, surpreendendo-se com o boicote à sua

---

<sup>341</sup> Idem, pp. 6-7

autoridade, pois, em ato solidário ao trabalhador, os moradores mantiveram-se imóveis e *“responderam que hoje derrubava a casa de um amigo e amanhã o patrão fazia com eles a mesma coisa”*. Viventes de um mundo de exploração, descaso e desventuras, os trabalhadores se reconhecem numa mesma condição de oprimidos. Desobedecer ao mandado do patrão é ato de coragem e prova da força *“dos de baixo”*.

*“O patrão com essa resposta de seus moradores esmoreceu”*.<sup>342</sup> Mais uma vez, a vitória da comunidade, evidenciando a força popular e a união em torno de uma luta comum: a libertação.

Argentino Rodrigues, esposo de Judite, conta que *“conseguiu na caminhada do Movimento”*, por sua livre vontade, quando entendeu *“a luta através da libertação”*, *“uma luta só com liberdade na classe pobre pra ver uma melhor solução de vida melhor”*. No Movimento, Argentino *“encherrou”* as desigualdades do mundo e tomou conhecimento das leis, (ou da falta de cumprimento delas). Criticando a falta de justiça e direitos que vivem os pobres, diz que *“não devia ir nem por a lei do patrão, nem por a lei do governo porque se uma acaba, a outra é ainda pior”*.

Em destaque, o pensamento coletivo de luta social. A comunidade de Queimadas, agindo pelas *“causas da necessidade”*, decidia *“não seguir pela lei dos homens porque um injusto não vai trazer libertação pra ninguém”*, pois, *“outra classe não vai sentir os problemas nosso”*.<sup>343</sup> A ação comunitária dá o sentido de luta às experiências de Queimadas. Os relatos dizem da existência dos pobres no mundo, reivindicando direitos e agindo conforme a *“lei da marra”*, legitimada pela necessidade de sobrevivência.

O escrito de Argentino compõe o último relato do livrinho, em reforço à idéia central da escritura da comunidade de Queimadas: a força do coletivo, evidenciada, até mesmo, no esforço de escrita conjunta, diferenciando-se do modelo corrente na coleção *Evangelho dos Lavradores*. O objetivo da escrita salta aos olhos do leitor desde o título, na força de suas palavras-chave: comunidade, luta, consciência e experiência.

A comunidade de Queimadas é referência na luta por justiça e libertação. A história de coragem desse povo está marcada nas lembranças do

---

<sup>342</sup> Ibidem, p. 8

<sup>343</sup> Ibidem, p. 9

período. Em 1981, camponeses “atores e autores” de sua própria experiência, na escrita do livrinho *Como a Comunidade Ver a Luta por Conciencia Atravez da Esperiencia*, articulavam, na escrita, um vocabulário de luta social.

Outros escritos foram organizados em livrinhos. Manuel Tiago escreveu *De onde virá a Libertação?, Quente, Morno e Frio*, e *Provérbios e Mitos que atrapalham o Movimento no Processo de Libertação*. Abdias Marques escreveu *História sobre Comunidade e Altos e Baixos neste Terreno*. No Movimento, nomes como Manuel Pedrinho e João Patriolino se destacavam pelas historinhas que contavam nas folhinhas *Evangelho e Vida*.

A escrita para estes camponeses se tornou prática corrente, para dizer de sua realidade. É lícito afirmar que sentiam prazer em escrever, em registrar suas impressões do mundo, em contar suas histórias de vida coletiva. São livrinhos que dizem da conquista da palavra pelo povo, se descobrindo capaz de escrever e falar de suas necessidades e lutas, apontando o desabrochar de pessoas, movidas pelo sonho de libertação.

Escrever e falar, para o povo, constitui o registro de suas formas de existir no mundo, demarcando, desde o lugar social de onde escreve, com o diferencial da escrita popular, seu nascimento “*por escrito*”, sujeito da palavra. “*Permitamos ao povo tornar-se o objeto dos nossos livros; ou ainda, consintamos que ele sirva aos nossos livros*”.<sup>344</sup>

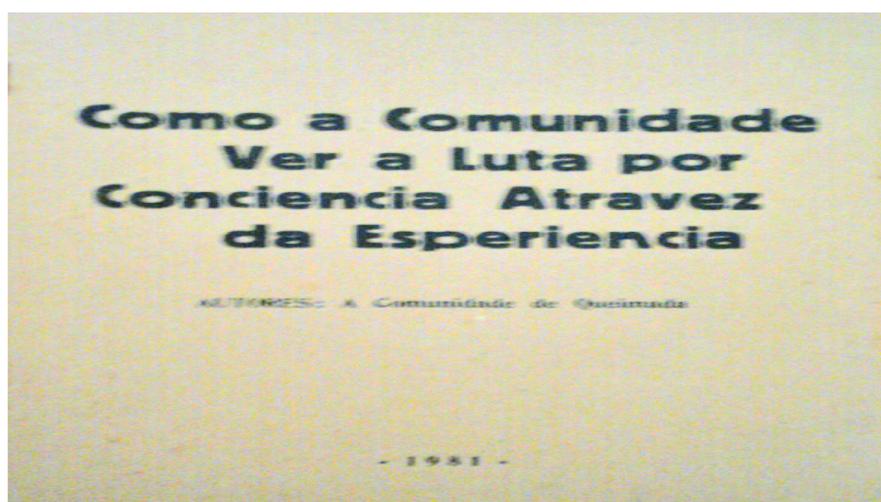


Figura 28: Comunidade de Queimadas. *Como a Comunidade Ver a Luta Por Conciencia Atravez da Esperiencia*. 1981. (Documento cedido por Pe. Albani Linhare)

<sup>344</sup> BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1988. p. 197.

## Considerações Finais

As experiências de alfabetização e evangelização de camponeses, na Diocese de Sobral, vivenciadas no MEB e no Movimento do Dia do Senhor, são aqui compreendidas como espaços de luta social, de afirmação do coletivo e de conquista da palavra, evidenciadas na trajetória dos Movimentos, na conjuntura do Concílio Vaticano II (1962-1965), da Igreja Católica.

O compromisso assumido nos princípios da Doutrina Social, a “*Opção Preferencial pelos Pobres*” na pauta das Conferências Episcopais de Medellín (1968), e de Puebla (1979), fortalece o projeto de setores da Igreja, que buscavam, naquele momento, o rosto dos pobres e deserdados do mundo. À Igreja comprometida com o povo e engajada nas lutas sociais, que “*lê os sinais dos tempos*”, se convencionou chamar de Progressista ou Popular.

Na Igreja Progressista, observou-se a quebra da hierarquia e a aproximação com as classes populares, fiéis e agentes de transformação social, sujeitos de história. Novos valores foram se constituindo nessa relação. Dignidade, justiça social e luta por direitos dão a tônica aos discursos de salvação e libertação integral do homem, em sua dimensão social, cultural e espiritual.

O MEB, criado em 1961, com o lema “*Educação, Evangelização e Promoção Humana*”, é entendido como parte desse projeto, assumindo uma proposta de desenvolvimento do meio rural, via educação básica e conhecimentos técnicos.

Na experiência do MEB/Sobral, se fortaleceu o sentido de união entre os camponeses. A organização comunitária, a formação crítica, a discussão e reivindicação de direitos, a constituição de um protagonismo popular, ao passo que camponeses se apropriam da palavra, escrevendo e falando coletivamente, são conquistas do período, afirmadas nas memórias daqueles, que viveram a história do MEB.

O Movimento sobreviveu às crises e à perseguição da ditadura militar, atuando, em Sobral, até o início da década de 1990. Um dos motivos de sua duração explica-se pela postura do Bispo de Sobral, Dom Walfrido Teixeira Vieira, acolhendo os movimentos populares e, tentando mediar os conflitos com o regime militar e com os setores tradicionais do Clero.

O Movimento do Dia do Senhor, também foi abraçado pelo bispo de Sobral. Formado em 1965, na linha da eclesiologia do Concílio Vaticano II, adota o lema: *“Salvar o homem do Nordeste é libertá-lo de sua escravidão”*. No Dia do Senhor, a exploração dos trabalhadores, o injusto sistema de produção e a percepção da sociedade dividida entre ricos e pobres, constituem idéia-força da escrita de livrinhos, nos quais os camponeses se fazem autores, assumindo um compromisso missionário com o desvelamento da realidade e com a *libertação* de seu povo.

Tal desvelamento, à luz do Evangelho, redimensionava a fé e a noção providencialista, *“o pobre é pobre porque Deus quis assim”*, partindo de uma formação crítica, conquistada na pedagogia do *“Evangelho e Vida”*, relacionando os fatos da Bíblia com a vida de sofrimentos e privações. Pela leitura do Evangelho, dirigentes e orientadoras do Dia do Senhor entendiam que o projeto de Deus se manifestava diferente do projeto dos homens. A partir dessa descoberta, falavam, escreviam e lutavam por justiça social e pelo direito de existir no mundo. A palavra conquistada pelo povo, reivindicava, questionava, trazia a força dos pobres, esperançosos de sua libertação.

Para alguns participantes, o Movimento do Dia do Senhor se constituiu um caminho de luta e de sonhos, com homens e mulheres dedicando suas vidas ao projeto coletivo. Gente simples se descobrindo sujeito de história, conscientes de seu lugar social, e agindo em comunidade, na busca por justiça e igualdade. A conquista da fala e da escrita dos camponeses é parte significativa desse processo, mais que conquista, significa uma tomada da palavra. Historicamente, é a linguagem *“o obstáculo que impede o outro de falar, de existir, de ser, o outro que designamos como povo...”*<sup>345</sup>, e com essa tomada, o povo fala o que vive.

O Movimento do Dia do Senhor sobreviveu ao rigor e ao arbítrio da ditadura, atuando na Diocese de Sobral e Itapipoca até a década de 1990, quando, pelas condições históricas e escolhas diversas dos participantes, foi desfazendo sua estrutura. Seus militantes mais engajados continuam sua vivência nos movimentos sociais, incorporando-se às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sindicatos, e outras organizações populares.

---

<sup>345</sup> BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1988. p. 220.

Durante trinta anos, camponeses, religiosos e agentes pastorais realizaram suas práticas no Dia do Senhor. Experiência que marcou profundamente a vida dessas pessoas. Os camponeses entrevistados rememoram com saudade, o tempo do Movimento, os laços de amizade, os bate-papos nos cursos e as visitas às casas uns dos outros. Dizem que o Movimento significou *“tudo”* em suas vidas. E continua sendo.

O Movimento do Dia do Senhor pra mim foi tudo. E continua sendo ainda. Continua sendo tudo porque, todos os momentos da minha vida, todos os dias eu estou me lembrando, estou me inspirando. Quando eu quero escrever uma coisa, quando eu quero pensar uma coisa, quando eu quero falar uma coisa, assim, conversar com alguém eu me inspiro nele. Então, pra mim ele foi tudo, tudo, sabe? Ter a visão que eu tenho hoje, tudo que eu sou.<sup>346</sup>

Antônio Pires fala do Movimento como um marco em sua vida, *“ter a visão que eu tenho hoje, tudo que eu sou”*, ponto comum, na fala de Sebastião Alves de Melo, Abdias Marques, que dizem do quanto aprenderam na vivência coletiva do Movimento, lugar de enunciação de sua palavra, luta e existência.

*“O movimento não morreu”, “o movimento se transformou”, “mudou de feições”*, são justificativas de quem acredita que o sonho continua, porque no coração dos participantes o Movimento está vivo: *“eu estou aqui em Itapipoca né conversando com você”*, argumenta Antônio Pires, apegando-se ao que ainda traz do Movimento para afirmar, numa confusão de idéias, em descompasso com a emoção que, *“O Movimento se alastrou mais, mudou de feição de outras coisas, que continua o mesmo Movimento, só que de formas diferentes”*.

Para Antônio Pires, o Movimento está na consciência e na ação daqueles que continuam engajados em sindicatos, associações e outras pastorais sociais, *“não é que o Movimento tenha morrido”*, mas, na mudança de conjunturas, *“mudou de feição... como muda tudo”*.

Porque não é que o Movimento tenha morrido. O Movimento se alastrou mais, mudou de feição de outras coisas, que continua o mesmo Movimento, só que de formas diferentes, de facções diferentes, trabalhos sindical, movimentos de associações, e assim por diante. Eu considero que o Movimento não morreu, não se acabou, apenas mudou como muda tudo. Foi isso que aconteceu, o

---

<sup>346</sup> Antônio Pires. Entrevista realizada em 18 de abril de 2008. Itapipoca - CE. Arquivo da autora.

Movimento está aí solto, eu estou aqui em Itapipoca né conversando com você. E tudo isso daqui nasceu do Movimento do Dia do Senhor... Então é um Movimento que se alastrou muito, ele viveu e continua vivendo.<sup>347</sup>

Conceição Araújo prefere dizer que o Movimento serviu de modelo para a criação de outras pastorais da Diocese. Comparando-o ao pai que gera filhos, como as CEBs, expressa sua subjetividade, desconsiderando a dinâmica dos processos e conjunturas históricas e concebendo o “seu” Movimento como modelar da pedagogia libertadora, *“Trabalhando de pé no chão, olhando a realidade do povo”*, Conceição fala com a voz do coração:

Eu não diria acabou o Movimento do Dia do Senhor, porque ele apenas, ele dissolveu-se a palavra Movimento do Dia do Senhor, porque o Movimento do Dia do Senhor é como um pai que gera filhos e ele gerou filhos como, vamos dizer, todas as outras pastorais que tem hoje, foi criado, pode-se dizer, dentro do Movimento do Dia do Senhor, porque só existia naquela época o movimento de catequese. E hoje, existe muitas pastorais e existe também as CEBs. Eu me lembro, quando as CEBs foi criada dentro do Movimento. As CEBs significa Comunidades Eclesiais de Base, mas as CEBs era só comunidades que existia, eclesial. E hoje não, hoje nós estamos fazendo um trabalho imitando, imitando não, é o mesmo trabalho do Movimento do Dia do Senhor né. Trabalhando de pé no chão, olhando a realidade do povo. É um trabalho muito parecido com o do Dia do Senhor, é um trabalho igual né.<sup>348</sup>

Ao longo deste trabalho, tentou-se dar visibilidade às experiências vivenciadas no interior do MEB e Dia do Senhor. Algumas questões, como a participação da mulher nos Movimentos, foi pouco explorada, compondo objeto de pesquisas futuras, porém, se compreende nesta dissertação, a fala, a escrita e a ação conquistadas, como experiências que redimensionaram a vida e a visão de mundo de camponeses, que ao se fazerem autores, escritores de suas histórias e da História do Movimento, aventuravam-se por *“um itinerário sem retorno”*, afirmando o registro de sua existência no mundo.

Foram experiências que situaram os trabalhadores na luta social, atuando desde os princípios coletivos de partilha e justiça, assumindo um compromisso militante na busca por direitos, pela posse da terra e conquista da palavra. Contar a História do MEB e Dia do Senhor sob a perspectiva do “povo do Movimento” é assumir uma escolha teórico-metodológica e, sobretudo,

---

<sup>347</sup> Idem.

<sup>348</sup> Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Comunidade de Cauassú – Acaraú – CE. Arquivo da autora.

política. Ao escolher estudar sobre os camponeses, aproximando-me de sua fala, por seus escritos, reafirmo meu compromisso com a História Social, lugar de minha formação historiográfica.

## Arquivos e Fontes

### 1. Arquivos

1. Arquivo do Movimento de Educação de Base – MEB Sobral. Diocese de Sobral – CE.
2. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral – CE.
3. Arquivo Público do Estado do Ceará / APEC – Fortaleza - CE
4. Sala Eclesiástica do Seminário da Prainha – Fortaleza/CE.
5. Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza/CE.
6. Biblioteca do DNOCS – Fortaleza/CE.

### 2. Fontes

#### 2.1. Periódicos:

Expresso do Norte, Sobral / 23 a 29 de outubro de 2004 / Ano III, n. 105.

O Nordeste, Fortaleza – CE. 02 de julho de 1964. p. 02.

O Nordeste. Fortaleza, 08 de julho de 1964, p. 02.

O Nordeste. Fortaleza 10 de julho de 1964, p. 03

O Nordeste, Fortaleza - CE. 12 de julho de 1964. p. 03.

Correio da Semana. Sobral, 18 de abril de 1965. Ano 48. Nº. 1.

Correio da Semana. Sobral, 24 de abril de 1965. Ano 48. Nº. 2.

Correio da Semana, 08 de abril de 1967 / ano 50, n. 08, p.01.

Correio da Semana, 20 de maio de 1967 / Ano 50, n. 08, p. 03.

Correio da Semana, 25 de maio de 1968.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1968 nº. 14.114.

O Estado. Fortaleza, 27 de novembro de 1968 nº.10.711.

Correio da Manhã, 29 de novembro de 1968.

“Nosso Jornal”. MEB/Sobral. Sobral Nº. 47. Ano V. Outubro de 1975.

“Nosso Jornal”. MEB/ Sobral. Sobral. Nº. 48. ANO V. Novembro/1975.

“Nosso Jornal”. MEB/ Sobral. Sobral. Nº. 59. ANO V. Novembro 1976.

“Nosso Jornal”. MEB/ Sobral. Sobral. Nº. 68. ANO VI. Nov/Dez. de 1977.

“Nosso Jornal”. MEB/ Sobral. Sobral. Nº. 69. ANO VI. Fevereiro de 1978.

“Nosso Jornal”. MEB/ Sobral. Sobral. Nº. 77. ANO VIII. Nov/dez. 1978.

## **2.2 Relatórios**

1. MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base 1978. Brasília – DF: SAN Artes Gráficas LTDA. 1978.
2. MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base 1979. Brasília – DF: SAN Artes Gráficas LTDA. 1979.  
Relatório Anual MEB/ Sobral. Ano 1978.
3. MEB/Sobral. Relatório Encontro Intercomunitário / outubro 1978.
4. MEB/Sobral. Encontros de Lideranças comunitárias 1976/ 1978/ 1980.
5. Relatório de Linguagem e Conhecimentos Gerais - 1ª Etapa (1º Grau), dezembro de 1969. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.
6. Relatório do Curso de Linguagem e Conhecimentos Gerais – 2ª. Etapa (1º Grau), fevereiro de 1970. Diocese de Sobral. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor.
7. Relatório dos Cursos de Linguagem e Conhecimentos Gerais - 3ª Etapa (1º Grau), agosto de 1970. Redações diárias. Diocese de Sobral. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor.
8. Relatório do Curso de Produção e Técnica Radiofônica, novembro de 1972. Diocese de Sobral. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor.
9. Relatório do Treinamento de Dinâmica de Grupo da Periferia Sede 1 e 2. Uruoca – Ce, 1972. Arquivo do Dia do Senhor. Diocese de Sobral
10. História do Movimento do Dia do Senhor da Diocese de Sobral. Sebastião Alves de Melo. 1988. Arquivo Movimento Dia do Senhor. Diocese de Sobral.
11. História do Movimento. Manuel Zenóbio Vasconcelos. Sem data. Arquivo Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral.
12. Plano de Ação Evangelizadora (1999-2001). Diocese de Sobral – CE.

## **2.3. Roteiros Radiofônicos**

- Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE. Roteiro “Encontro com o MEB”. Em 19 de agosto de 1977.
- Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE. Roteiro do programa “Encontro com o MEB”, de 20 de abril de 1977. Curso de grupalização.

Arquivo MEB. Diocese de Sobral – CE. Roteiro do programa “Encontro com o MEB”, de 14 de setembro de 1977. Curso Previdência Social.

#### **2.4. Correspondências Comunitárias (1981-1982)**

1. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE. Carta de Maria Laura Messias da Costa. Acaraú, 1981.
2. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE. Carta de Maria Assunção Cunha. Sítio Estevão. Pe. Linhares. Paróquia de Massapê, 1981.
3. Arquivo do MEB. Diocese de Sobral – CE. Carta de Maria Aparecida. Santo Izídio, Alcântaras. S/d.
4. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE. Comunidade de Santa Bárbara. Em 16 de abril de 1982.
5. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE. Carta de Maria Laura Messias Costa. Em 05 de junho de 1981.
6. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE. Carta de Manuel Duca Vasconcelos. Lagoa dos Monteiro – Cruz. Em 13 de junho de 1981.
7. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE. Comunidade de Bulandeira. Carta de Maria Angelina Batista. s/d.
8. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE. Comunidade de Dourado. José Pequeno, em 03 de maio de 1982.
9. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade de São João da Baixa Grande, município de Meruoca – CE. Carta de Delfino Lopes, em 1982.
10. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade de São João da Baixa Grande, município de Meruoca – CE. Carta de Delfino Lopes, em 1982.
11. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade Sítio pé da Serra, Município de Massapê. Carta de José Valdir Clarindo e Aduato, em 1981.
12. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade de Santo Izídio, Alcântaras. 06 de junho de 1981.
13. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade de Dourado, carta de José Odino Pequeno, em 07 de novembro de 1981.
14. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral – CE. Comunidade de Serra Verde, carta de Paulo Marques da Costa e Carlito Gonçalves da Silva, em 02 de julho de 1981.

15. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade de Santo Izídio, Alcântaras. 02 de maio de 1981.
16. Arquivo MEB/Sobral – Diocese de Sobral – CE. Carta de Raimundo Nonato dos Santos. Comunidade de Sítio Alegre, Meruoca. Em 10 de novembro de 1982.
17. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade de Equitós. Carta de Raimundo Bernardo dos Santos, dirigente da comunidade. Em 08 de agosto de 1981.
18. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade de Dourado. Carta de Maria do Socorro Teixeira. Em 29 de setembro de 1981.
19. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Carta de Antônio Adauto Clarindo e Luiz Ferreira de Souza. Município de Massapê, comunidade de Pé da Serra. Em 04 de julho de 1981.
20. Arquivo do MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Município Massapê, comunidade Pé da Serra. Carta de Luiz Ferreira de Sousa, em 15 de setembro de 1981.
21. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Carta de Luzia Miguel Marques. Comunidade de Floresta, município de Santana do Acaraú. Em 04 de maio de 1982.
22. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Comunidade de Águas Belas. Carta de Maria Suzete Lira, maio de 1982.
23. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Carta de Maria Aparecida Dinis. Comunidade de Santo Izídio, município de Alcântaras. s/d.
24. Arquivo MEB/Sobral. Diocese de Sobral. Município de Massapê, comunidade Pé da Serra, em 20 de outubro de 1981.
25. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral. Pasta 707. Carta de Mariinha Lopes Soares, da comunidade de Matriz, interior do município de Ibiapina, serra da Ibiapaba – CE. Em 10 de dezembro de 1971.
26. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral. Pasta: 711. Carta de Mário Lúcio, da comunidade de Meruoca, Município de Sobral – CE. Em 10 de abril de 1971.
27. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor. Diocese de Sobral Pasta 109. Carta de Maria Félix Sousa, da comunidade de Massapê das Carnaúbas, interior do município de Santa Quitéria – CE. Em 26 de maio de 1973.

## **2.5. Cartilhas**

1. Alfabetização de Adultos – Experiência com camponeses. Informações sobre o encaminhamento das aulas. Departamento MEB/Sobral – CE. 1987.
2. Cartilha de Educação Política. CNBB – Regional NE I. Fortaleza, Ceará. 1982.

## **2.6. Avaliações**

1. Avaliação de Nonato Silva, em 05 de janeiro de 1972. In: Curso de Linguagem e Conhecimentos Gerais – 2º Grau.
2. Avaliação de José de Sousa Braga. Meruoca, 18 de fevereiro de 1970. In: Cursos de Linguagem e Conhecimentos Gerais (1º Grau - 2º etapa).
3. Avaliação de Raimundo Nonato Silva, um dos participantes do Dia do Senhor. Meruoca, 15 de agosto de 1970. In: Cursos de Linguagem e Conhecimentos Gerais (1º Grau - 3º etapa).
4. Avaliação de Helena Ferreira de Lima. In: Cursos de Linguagem e Conhecimentos Gerais (1º Grau - 2º etapa). Realizado de 14 a 19 de fevereiro de 1970.
5. Avaliações sobre o Curso de Produção e Técnica Radiofônica - 1972. Diocese de Sobral. Arquivo do Movimento do Dia do Senhor.

## **2.7. Livros**

- PIRES, Pires, Antônio. As duas panelas. 1980.
- ARAUJO, Conceição. Educação e Família no Processo de Libertação. 1980. Comunidade de Queimadas. Como a Comunidade ver a Luta por Consciência através da Experiência. 1981.
- MARQUES, Abdias. História sobre Comunidade (reflexões de um lavrador). S/d.

## **2.8. Entrevistas**

1. Padre Albani Linhares. Entrevista realizada em 20 /09/ 03. Sobral – CE. Arquivo da autora.
2. Noberto Ferreira Filho (Seu Ferreirinha). Entrevista realizada em 08/ 11/ 03. Crateús – CE. Arquivo da autora.
3. Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 08 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.

4. Hermínia Liberato. Entrevista realizada em 25 de maio de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.
5. Vicente de Paula dos Santos. Entrevista realiza em 06/ 07/ 04. Sobral – CE. Arquivo da autora.
6. Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 26 de outubro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
7. Manuel Zenóbio Vasconcelos. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007. Arquivo da autora.
8. Germelina de Fátima Parente. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
9. Maria Valnê Alves. Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
10. Felisbela Parente Paiva, Belinha. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
11. Leunam Gomes. Entrevista realizada em 30 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
12. Leunam Gomes. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
13. João Batista do Espírito Santo Justo. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2004. Santana do Acaraú – CE. Arquivo da autora.
14. Manuel Linhares. Entrevista realizada em 04 de novembro de 2004. Sobral – CE. Arquivo da autora.
15. João Ribeiro Paiva. Entrevista realizada em 29 de março de 2006. Sobral – CE. Arquivo da autora.
16. Joaquim Severiano. Entrevista realizada em 28 de março de 2006. Alcântaras – CE. Arquivo da autora.
17. Celisvaldo Pereira Lima. Entrevista realizada em 04 de janeiro de 2007. Sobral – CE. Arquivo da autora.
18. Antônio Pires. Entrevista realizada em 18 de abril de 2008. Itapipoca – CE. Arquivo da autora.
19. Conceição Araújo. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Acaraú – CE.

## Bibliografia

- ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural: lutas, partidos, projetos**. Recife: Editora universitária da UFPE: Editora Oito de Março, 2005.
- ALVES, Francisco Artur Pinheiro. **O Projeto de Educação Popular e desenvolvimento comunitário da Arquidiocese de Fortaleza em Carqueija, município de Capistrano – 1965 – 1975**. Fortaleza: UFC, (Mestrado em Sociologia), 1993.
- ALVES, Maria Valnê. **Interferência de Educadores de Camada Média em Educação Popular: viabilidade teórico - prática da interferência de educadores de camada média em Educação Popular a partir de uma experiência na área rural do nordeste brasileiro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, (Mestrado em Educação), 1980.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. In: Projeto História, São Paulo, (15), 1997.
- BEOZZO, Pe. José Oscar. **A Igreja do Brasil – De João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.
- BOFF, Clodovis. A Influência Política das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). In: **Religião e Sociedade 4**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1988
- BORDIN, Luigi. **O Marxismo e a Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_ **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. Coleção Primeiros Passos.
- BRUNEAU, Thomas C. **O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História**. UNESP: São Paulo, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CARNEIRO, Maria de Fátima. **A luta pela posse da terra na comunidade de Queimadas – (Coreaú / CE) 1980-1990**. Sobral – CE. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, (Monografia de graduação), 2003.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, C.F. e VAINFAS, R. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 2001.

DUARTE, Laura Maria Schneider. **Isto não se aprende na escola: a educação do povo nas CEBs**. Petrópolis: Vozes, 1983

FAVARETO, Arilson. Agricultores, trabalhadores – os trinta anos do novo sindicalismo rural no Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** – Vol. 21. Nº. 62, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Et alli (Org.) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água., 2004.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Comunidade Operária, Migração Nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado), 2002.

FRAGOSO, Dom Antônio Batista. **O Rosto de uma Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GARCIA, Pedro. **O Dia do Senhor. Vozes & Movimento**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Tese de Doutorado. 1991.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Adelaide. Trabalhador lê? **Revista de Ciências Sociais**, v. 34, n. 1, 2003.

GUIMARÃES OFM, Almir Ribeiro. **Comunidades de Base no Brasil**, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HOBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

HOGGART, Richard. “NOS” e “ELES” In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (ORG.) **O Lúdico na Cultura Solidária**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

HOGGART, Richard. **Os usos da literatura**. Lisboa: Editorial Presença, 1957.

KOLLERITZ, Fernando. Testemunho, Juízo Político e História. In: **Produção e Divulgação de Saberes Históricos e Pedagógicos**. Revista Brasileira de História. N.48. vol. 24, ANPUH, 2004.

LYRA, Gustavo. **Agora o mundo não é só nosso lugar**. Cadernos de Educação Popular – 11. Petrópolis: Vozes. 1987.

MAIWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Formação Sindical no Brasil: história de uma prática cultural**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORAES, João Quartim e DEL ROIO, Marcos (ORGs.) **História do Marxismo no Brasil**. Vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

MOURA, Eliézio Almeida. **Sindicalismo Rural em Taparuaba: organização e luta pela terra – 1972 a 1988**. Sobral – CE: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Monografia de graduação), 2005.

NUNES, Sedas. **Princípios de Doutrina Social**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1961.

OCHOA, Maria Glória W. **As Origens do Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais no Ceará: 1954-1964**. Fortaleza, Universidade federal do Ceará / Stylus comunicações, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral deferente? In: **Projeto História**, São Paulo, (14), 1997.

PORTELLI, Hugues. **Os Socialismos no Discurso Social Católico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

PORTO, Márcio de Souza. **Dom Delgado na Igreja de seu Tempo (1963-1969)**. Fortaleza: UFC, 2007.

RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de educação de Base: discurso e prática – 1961-1967**. São Luís: UFMA/ Secretaria de educação, 1985.

SADER, Éder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SAMUEL, Raphael. **Historia popular e teoria Socialista** (Ed.) Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2001.

SILVA, Marcos (Org.) **Nélson Werneck Sodré na historiografia brasileira**. São Paulo: FAPESP, 2001.

SOARES, José Teodoro (Org.) **Vida e Ação Pastoral – Monsenhor Sabino Loyola**. Sobral – CE: Edições UVA, 1999.

SOUZA MARTINS, Heloísa Helena T de. **Igreja e Movimento Operário no ABC**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

SOUZA, Itamar de. **A luta da Igreja contra os Coronéis**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOUZA, L.A. G. **A JUC: os estudantes católicos e a política**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

TEIXEIRA, F. L. C. **A gênese das CEB's no Brasil – Elementos explicativos**. São Paulo: Edições Paulinas. 1988.

THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos..** Negro. NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Sérgio (Org.) Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_ **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad: Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991(2ª ed.).

WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000

# **ANEXOS**



## Igreja quer o Homem sujeito da História

O Bispo de Crateús, Dom Antônio Frágoso, falando ontem no fóro de debates promovido pelo Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e realizado no Teatro de Arena da Faculdade de Economia, na Praia Vermelha, disse que "a Igreja, hoje, ensina o homem a ser sujeito da História".

Abordando a realidade brasileira, afirmou que "a partir de 1964 foi montado um esquema de segurança contra as reivindicações mais justas, e ficou provado que num esquema desses o diálogo não é a solução".

### FORÇA DO ESTUDANTE

Dom Frágoso começou sua conferência situando a posição do estudante: "O estudante não fará a revolução social brasileira sozinho. Deverá ter a seu lado a liderança operário-camponesa, numa frente comum de ação com os intelectuais, religiosos e todos aqueles que optarem por um esquema coerente com seu nível de consciência.

Sobre sua posição pessoal, disse:

— Quero apenas ajudar o brasileiro a refletir no seu compromisso político e no instrumento que deverá utilizar, lá que compete a ele definir o tipo de governo que deseja.

— O Brasil — prosseguiu Dom Frágoso — é um País cheio de contrastes. Internamente, vemos o colonialismo entre o Norte e o Sul. A solução política que o governo apresenta é artificial e alienada quanto à sua realidade, com o setor agrícola completamente marginalizado. No meio desta realidade vejo o estu-

guerrilheiro colombiano), de último por solicitação de um estudante durante os debates. O Bispo de Crateús afirmou que na época de Moisés o povo era Ramés II e a luta de libertação daquele povo o Juízo de Ramés II, liderada por Moisés, era encarada com "ação de um anjo exterminador", mas que na linguagem atual "ele seria líder guerrilheiro e o povo treinado por ele".

Quando ao padre Camilo Torres, disse que ele tentou organizar o povo e esgotar os cursos pregando a luta armada, e para ser coerente, assumiu a liderança do movimento, "em nome de sua fé, consciência, para oferecer misericórdia e a oração de um pai líder".

— Quanto a mim — salientou o Bispo de Crateús — não há opção, apenas tomou um atitude concreta diante da realidade, pois quando se fabricamos uma política, a

Jornal Última Hora. São Paulo. Em 31 de Julho de 1968.

# O ESTADO

FORTALEZA QUARTA FEIRA 27 DE NOVEMBRO DE 1968 — N. 10.711

11-68  
Martins Rodrigues:

## Crime de Dom Fragoso E' ser esclarecido!

BRASILIA — O Deputado, Martins Rodrigues, secretário-geral do MDB, protestou ontem na Câmara contra "a tentativa da polícia de envolver nas sindicâncias realizadas a Sr. Carlos Marghela, o bispo de Crateús e D. Antônio Fragoso".

Resaltou que esta atitude policial está causando indignação em todo o Estado do Ceará, "por

que o povo já se cansou de ver tanta mesquinhez, tanta falta de grandeza daqueles a quem estão entregues os destinos do Brasil neste instante".

### RESPONSABILIDADE

Assinalou o Deputado que "nenhum cidadão merece de amoros pelo Sr. Carlos Marghela,

porque ele adota ideologia contrária à nossa" e que a polícia de São Paulo chegou a apurar "a responsabilidade de elementos de alta categoria militar que estariam envolvidos nos assaltos e atentados, mas não poderá ir além disso, porque a apuração atingiria pessoas que não devem ser comprometidas pelo meio oficialmente".

Criticando atuação do General Luís de França Oliveira, da polícia da Guanabara, o Sr. Martins Rodrigues declarou que o único crime do bispo de Crateús é o de promover, em sua diocese, "a linha de atuação eclesialmente cristã e pastoral, que é recomendada não só pelo Concílio Vaticano II, como por toda a tradição da Igreja."

Jornal O Estado, Fortaleza – CE. Em 27 de novembro de 1968, Nº. 10.711.

**Cratêus:**  
**uma cidade**  
**agitada**  
**com um**  
**bispo**  
**nuito calmo**

**CRATÊUS, CEARÁ** (De Luiz Carlos Sarmento, enviado especial) — A cidade conhecida em pé de guerra, com os camponeses igualmente a favor do bispo dom Ambrósio Fragaço, que em entrevista declarou: "Não tenho medo de nada, nem ninguém. Vamos continuar unidos, de estamos no começo. Não vamos pa- NÃO recuaremos. Os camponeses de- descobrir que são homens como os os. Devem libertar-se. Devem sair de os. Devem organizar-se em sindicatos. Devem organizar-se em sindicatos para que possam falar alto e agir justiça. Ninguém abafará a cora- dos camponeses. Dizem que nosso tra- é comunização. Quem diz isto está baseado na estranheza do camponês." Quanto isto, o prefeito de Cratêus, Armando Soares Resende (que é se- tabilitado e proprietário de mais de endas da região), afirma que "o Fran- é foi acusado de comunista mais de has. Ele tem idéias muito avança- é muito viajado." Mas se ele pre- continuar agitando e se a vonta- povo vir punição, nós mesmo cuida- disso de acordo com a lei".

**UM HOMEM TRANQUILO**  
de 48 anos de idade, nascido em na Paraíba, dom Fragaço é um tran- . Fala pausadamente e sa- adonar a população local. Para o Juízo-44, para outros. Um agri- batinas. Para um outro grupo, de um comunista safado. Para da Matriz da cidade, montenhor Loureiro Bonfim, ele está da social, enquanto eu sou de sal- é. Mas para a maioria da popu- é simplesmente o bispo Fragaço, mais bem e mais humilde que é conhecido. De varredor de ruas da de praça. Do "camponês" so todos têm em dom Fragaço como de Nordeste. Até mesmo na re- strito ele é conhecido, pois co- mada de Caridade (algumas es- que funcionam como assistên- das mulheres, dando-lhes não salões, mas agindo de maneira

— No dia em que eu parar de lutar pela sua libertação eu serei um traidor de minha consciência.

— Botões e botões de prisão não me botam para trás. Não ameaças, enfim. Continuarei trabalhando como sempre na pela politização dos camponeses, a fim de que eles se unam com os outros para sua libertação justa e total. Faço isto a favor de minha fé. Este trabalho é diretamente da Igreja. Os pobres são os primeiros no coração de Deus. Respeito a dignidade dos pobres. Um homem não recua. Não tem medo. Não tem medo de armas. Não tem medo de prisão. Espero que ninguém tenha medo das ondas de terrorismo que são feitas para abafar o esforço honesto dos camponeses.

Para novamente, e prometo:  
— Espero que as autoridades que têm armas, armas que não compraram com o dinheiro do povo, mas que são pagas com o dinheiro do povo, tenham bom senso. Usem as armas e o dinheiro para a justiça, em favor dos mais pobres.  
Ele toma um tom de crador e pro- segue:

— Não preciso de solidariedade. Quem precisa é o líder sindical de Fortaleza, que foi preso. Quem precisa de solidariedade são os padres expulsos do País. Quem precisa de solidariedade é o padre de Ocaso, que foi barbaramente espancado e tortu- rado na prisão. Quem precisa de solida- riedade são os líderes operários, campones- es e estudantes, que foram presos injusta- mente. O camponês deve descobrir que é um homem como outro qualquer. Deve se libertar. Deve sair da marginalização em que vive.

**EDUCAÇÃO DE BASE**

Ele agora fala sobre o seu trabalho em Cratêus:

— O trabalho de Educação de Base, realizado em dezenas de comunidades rurais no interior, é, substancialmente, o mesmo da UNESCO, do Acordo Oficial dos Bispos do Brasil e do Governo revolucio- nário brasileiro. Quem quiser pode con- checá-lo, pois não há em Cratêus nenhum tipo de trabalho clandestino. O que não aceitamos é o estímulo público, a delação anônima, e o julgamento ideológico sobre o nosso trabalho, sem nos escutar.

— Como a Legislação e nossa Con- stituição, o Estatuto da Terra reconhece o direito de os camponeses se organizarem em sindicatos e como o Brasil assinou há 20 anos a Declaração Universal dos Di- reitos do Homem, entre os quais se encon- tram os direitos e a livre autonomia da organização sindical, nós nos sentimos à vontade para o serviço de educação da consciência sindical dos camponeses de Cratêus. Nós fazemos também o apelo espiritual das Cartas Oficiais Mãe e Mãe- tra, de João XXIII; o Desenvolvimento dos Povos, de Paulo VI, e a Constituição, Ale- gria e Esperança, do Concílio, e as conclu- sões do Episcopado Latino-Americano, em Medellín.

— Acusar o trabalho de educação sin- dical e do Movimento de Educação de Base de Cratêus, de subversivo ou comunista, é sinal de ignorância elemental de que é subversão, do que é comunismo ou é sinal de sentir comprometido com as estruturas de opressão, que marginalizam o nosso povo. Eu me movimento com dificuldade dentro do processo histórico.

**UM HOMEM QUIETO**

**PADRES PLANEJAM A AÇÃO DA IGREJA PARA PRÓXIMO ANO**

A fim de fazer uma revisão do ano que finda, e planejar sua ação para o ano de 1969, estão reunidos desde terça-feira, os secretários executivos e parentes da Conferência dos Religiosos do Brasil. As atividades durante o ano em curso foram rea- lizadas com sucesso, faltando apenas maior coordena- ção entre a Executiva Nacional e as regionais, segundo disse padre Júlio Munaro, secretário executivo do S. Paulo.

Durante o ano de 1968, o ponto alto dos trabalhos da conferência foi o documen- to da 2ª assembleia, que trouxe as linhas gerais de renovação da vida religiosa no País.

Para o próximo ano, a conferência intensificará o trabalho de formação e conscientização das pessoas religiosas a fim de que as mesmas possam operar com maior conhecimento nas áreas subdesenvolvidas do País. Assim, terão as religio- sas cursos de atualização e trabalho prático em suas próprias regiões.

O padre Michel Marie Le- ven foi eleito, há seis horas da manhã de ontem, na ca- sa paróquia da Igreja do Bom Jesus, no bairro do

Itaboraí, quando ainda domo. Os acentos que o levaram depois de rigorosa bruce. quanto de sacerdote, pres- ranza também o jovem J. Geraldo da Cruz, trator, tendo-o para local ignora. A tarde, para protestar e tra a prisão do padre Mi- Marie Leven e de José, raldo da Cruz, uma con- são de senhoras e micas paróquia de Bom Jesus e cursos na Assembleia Le- lativa o deputado Mau- lém, que até à noite si- não havia conseguido a- rar onde estão detidos o- cordos e José Geraldo.

O padre Michel Marie Leven é professor do Inst- de Psicologia, que fun- anexo à Universidade C- lona do Minas Gerais.

**MONERAT ACUSA FRANCO DE DIFAMAR D. ANTONI**

Na sessão de ontem da As- sembleia Legislativa da Gua- nabara, o deputado Geraldo Monerat afirmou que o se- cretário de Segurança do Estado, general Luis Fran- ça, pela denúncia que for- tulou contra dom Antônio Fragaço, bispo de Cratêus, demonstrou estar mais inte- ressado numa campanha de desinformação do trabalho da Igreja do que no esta- recimento dos brimes que se

sucedem na Guan- Apoi afirmar que o con- tamento de dom Ar- Fragaço é o mesmo do t- ceno do clero brasile- ar. Geraldo Monerat- ção que, no mês de d- lro, durante a reuni- União Parlamentar- restada, vai revelar " ma diabólica que as autoridades da revolu- ção colocaram em p- para desacreditar a- Católica no País".



Jornal Correio da Manhã. Rio de Janeiro. Em 29 de novembro de 1968.

# Diário de Notícias

R. Riachuelo, 114 — Tel.: 42-2810

RIO, Terça-feira, 26-11 de 68 — Nº 14114

Fundador: ORLANDO DANTAS

## Dom Fragoso Poderá Desistir do "Habeas"

O Advogado Estanislau Fragoso rejeitou, ontem, o pedido de "habeas corpus" dirigido ao Superior Tribunal Militar em favor do Bispo de Crateús, por se tratar de matéria de competência da Justiça Comum, visto ser a autoridade coatora o Secretário de Segurança Pública, General Luis de França Oliveira.

Informou o defensor de Dom Antônio Fragoso que a medida legal já se encontra no Tribunal de Justiça em poder do Vice-Presidente, devendo ser distribuído a uma das Câmaras Criminais, acrescentando que, caso receba comunicação do prelado, autorizando a desistência do pedido,

ele o fará, uma vez que a Igreja assumiu a defesa.

### • GREGÓRIO SEM ABSOLVIÇÃO

O STM, contra os votos dos ministros Peri Beviláqua e Lima Torres, rejeitou os embargos oferecidos pelo Professor Sobral Pinto, contra a decisão daquela Corte de Justiça que condenou o dirigente comunista Gregório Lourenço Bezerra, a 10 anos de prisão.

### GENERAL DO TERROR

O Ministro Lima Torres informou que colocará na pauta para julgamento do STM, tão logo cheguem as informações esperadas, o pedido de prisão preventiva do General Paulo Trajano da Silva, apontado como o principal cabeça de um movimento terrorista em São Paulo. O pedido foi feito pelo General Luis Felipe Galvão Carneiro da Cunha, encarregado do IPM que apura o desvio de armas do QG da Força Pública de São Paulo.

### SUMÁRIO DE ESTUDANTE

Foi iniciado, na Primeira Auditoria da Primeira Região Militar, o sumário de culpa do estudante Paulo Gomes

Neto que se encontra preso no DOPS, sob acusação de ter distribuído panfletos subversivos, na Praia Vermelha.

### BISPO

### NEGA SER COMUNISTA

FORTALEZA, 26 (TRP) — "Não sou subversivo" — diz Dom Antônio Fragoso, Bispo de Crateús, ontem, chegando a esta capital, procedente de Recife, onde participou do "Curso de Atualização para Bispos".

Dom Fragoso viajou na madrugada de hoje, dirigindo seu próprio carro, com destino a Crateús, onde está programada uma manifestação de solidariedade do Clero e do povo.

O Departamento de Relações Públicas da Arquidiocese de Fortaleza divulgou nota, na qual declara que setores do Clero não acreditam que o Governo brasileiro acredite em "insinuações de grupos interessados em indispor a Igreja contra o atual Poder Civil" e que "qualquer ato contra Dom Fragoso originará no Brasil uma crise político-religiosa sem precedentes".

Jornal Diário de Notícias, Rio de Janeiro. Em 26 de novembro de 1968. Nº. 14.144.



Antônio Pires, dirigente do Movimento do Dia do Senhor. Autor de “As Duas Panelas”. Itapipoca – CE.



Conceição Araújo, orientadora do Movimento do Dia do Senhor. Autora de “Educação e Família no Processo de Libertação”. Cauassú – Acaraú - CE.